

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
MUSEU NACIONAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

BRUNO GUILHERMANO FERNANDES

**Entre casas, comércios e temporalidades:
uma etnografia de práticas econômicas nos entornos da Arena do Grêmio**

RIO DE JANEIRO

2023

BRUNO GUILHERMANO FERNANDES

**Entre casas, comércios e temporalidades:
uma etnografia de práticas econômicas nos entornos da Arena do Grêmio**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Antropologia Social.

Orientador (a): Federico Guillermo Neiburg

Rio de Janeiro

2023

CIP - Catalogação na Publicação

G898e Guilhermano Fernandes, Bruno
 Entre casas, comércios e temporalidades: uma
 etnografia de práticas econômicas nos entornos da
 Arena do Grêmio / Bruno Guilhermano Fernandes. --
 Rio de Janeiro, 2023.
 214 f.

 Orientador: Federico Guillermo Neiburg .
 Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do
 Rio de Janeiro, Museu Nacional, Programa de Pós
 Graduação em Antropologia Social, 2023.

 1. Práticas econômicas. 2. Casas. 3.
 Temporalidades. 4. Arena do Grêmio. 5. Bairro
 Farrapos. I. Guillermo Neiburg , Federico, orient.
 II. Título.

BRUNO GUILHERMANO FERNANDES

**Entre casas, comércios e temporalidades:
uma etnografia de práticas econômicas nos entornos da Arena do Grêmio**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Antropologia Social

Aprovado(a) em _____

Prof. Dr. Federico Neiburg (orientador, PPGAS/MN/UFRJ)

Prof. Dr. José Sérgio Leite Lopes (PPGAS/MN/UFRJ)

Profa. Dra. Eugênia Motta (IESP/UERJ)

Prof. Dr. Arlei Sander Damo (PPGAS/UFRGS)

Prof. Dr. John Comerford (PPGAS/MN/UFRJ, suplente interno)

Prof. Dr. Fernando Rabossi (PPGSA/IFCS/UFRJ, suplente externo)

AGRADECIMENTOS

A tarefa de agradecer, embora necessária, envolve reconhecimentos e, sem querer, esquecimentos. Difícil agradecer nomeando a todos e todas que participaram ou contribuíram, direta ou indiretamente, à elaboração desta dissertação.

Inicialmente, gostaria de agradecer aos meus familiares e amigos, que, de modo vital, me deram apoio emocional, afetivo e material.

A trajetória no mestrado foi marcada para além da relação com textos acadêmicos e de aulas remotas (cansativas, porém necessárias). Compartilhamos a experiência de ter passado por uma pandemia, que, infelizmente, gerou traumas e tragédias incalculáveis. A elaboração deste trabalho, evidentemente, foi atravessada por situações inéditas. Não foi muito simples lidar com as turbulências e desafios do período pandêmico, sobretudo quando o desânimo, cansaço e ansiedade faziam-se presentes. Fazer pesquisa e estudar foi uma forma vital de responder e lidar com as tensões e de reforçar a importância da antropologia no mundo imediatista e que insiste em desumanizar multidões. É preciso trabalhar contra as práticas de desumanização.

Positivamente, o trabalho demarcou algumas de minhas relações com o futebol e com o meu clube do coração. Neste sentido, sou grato aos “interlocutores” que participaram dessa pesquisa, moradores e comerciantes do bairro Farrapos, que lutam cotidianamente para sustentarem suas famílias. Foram vários os que me receberam em suas casas, narraram detalhes de suas vidas e comunicaram interesse na pesquisa. Muitos, me aproximaram de discussões sobre o Grêmio e compartilharam suas angústias diante do rebaixamento à série B - voltamos em 2023.

Como pesquisador em formação, quero também manifestar minha gratidão aos colegas e membros do Núcleo de Pesquisas em Cultura e Economia (NuCEC), que possibilitaram discussões densas e problematizações ricas sobre os temas abordados aqui. Além disso, sou grato aos demais colegas, professores e técnicos da secretaria do PPGAS/MN. A minha inserção no Museu foi mediada de forma genuína.

Agradeço aos professores membros da banca, José Sérgio Leite Lopes, Eugênia Motta, Arlei Damo, pela avaliação atenciosa e pelas contribuições. Ao John e Fernando, também deixo agradecimentos pelas aulas e reflexões. Todos possuem trabalhos que admiro e valorizo.

Por fim, registro um agradecimento especial ao meu orientador Federico Neiburg. Além de ter direcionado imensa atenção em minha formação teórica e na

prática da pesquisa, me mostrou como é possível “navegar nas incertezas” do mundo acadêmico, sem perder de vista os nossos objetivos de formação. Mesmo separados pela distância entre Rio e Porto Alegre, Federico de várias maneiras fez-se presente. Grato pelas conversas, aulas, reuniões, e-mails, áudios de WhatsApp, revisões de textos, preocupações e pelos demais apoios. Aprendi demais com a sua generosidade intelectual (e espero seguir aprendendo).

Ademais, agradeço à CAPES e à FAPERJ pelas bolsas concedidas durante a concretização do mestrado, no primeiro e segundo ano, respectivamente. Ter tido o apoio financeiro dessas instituições foi primordial.

“(...) Although much work remains to be done on these connections, houses are inevitably part of wider historical processes, linking domestic kinship with other political and economic structures”.

(CARSTEN, 2004, p. 50)

RESUMO

Esta dissertação estuda um conjunto de relações entre práticas econômicas, casas e temporalidades, nos entornos da Arena do Grêmio (estádio do Grêmio Football Porto-Alegrense), no bairro Farrapos em Porto Alegre/RS. Baseia-se em uma investigação etnográfica que analisa mudanças e transformações nas casas, convertidas em espaços comerciais, em um contexto urbano caracterizado pela presença de uma arena multiuso (ou estádio de futebol), além de outras infraestruturas. Deste modo, através do ponto de vista de moradores e comerciantes locais, analiso como se modulam práticas econômicas por meio da constituição e modificação das casas, nos espaços urbanos adjacentes à Arena. Descrevo, naquela localidade, a existência de um enclave comercial, os quais reportam às relações diárias de sustento e modos de obter dinheiro. As problemáticas de pesquisa giram em torno das seguintes questões: Como a arenização do futebol e as transformações urbanas relacionadas, no contexto do bairro Farrapos, modulam práticas econômicas, dinâmicas familiares e mudanças nos espaços e nas disposições das casas do contexto estudado? De que forma práticas econômicas, dinâmicas familiares e casas estão conectados com temporalidades e transformações urbanas de determinado território? Como, do ponto de vista dos moradores comerciantes, é possível ganhar a vida (e tornar o cotidiano habitável) a partir de empreendimentos feitos no bairro, sobretudo a Arena do Grêmio? Através da pesquisa etnográfica, ressalto como a imbricação e coprodução de casas e comércios, além de evidenciar perspectivas de negócio e de serem espacialmente definidas, nutrem ligações com temporalidades variadas, como a de eventos, edificações das casas e de dinâmicas familiares. Assim, o trabalho conecta estudos antropológicos de economia, casa, família e parentesco, tendo como recorte empírico modificações espaciais e temporais vivenciadas em um bairro periférico.

Palavras-chave: Práticas econômicas; Casas; Temporalidades; Arena do Grêmio; Bairro Farrapos.

ABSTRACT

This dissertation studies relations between economic practices, houses, and temporalities, in the surroundings of the Arena do Grêmio (Grêmio Foot-Ball Porto-Alegrense's stadium) in the Farrapos neighborhoods, Porto Alegre city. It is based on an ethnographic investigation that analyzes changes and transformations in houses converted into commercial spaces in an urban context characterized by a multipurpose arena (or football stadium) and other infrastructures. Through the point of view of residents and local traders, It analyzes how economic practices are modulated through the constitution and modification of houses in the urban spaces adjacent to the Arena. I describe, in that locality, the existence of a commercial enclave, which relates to daily relations of sustenance and ways of earning money. The research issues revolve around the following questions: How do the "arenization" process and related urban transformations, in the context of the Farrapos neighborhood, modulate economic practices, family dynamics, and changes in spaces and provisions of the houses in the studied context? How are economical practices, family dynamics, and houses connected with temporalities and urban transformations in a given territory? From the point of view of the merchant residents, how is it possible to make a living (and make everyday life habitable) by means of enterprises made in the neighborhood, especially the Arena do Grêmio? Through ethnographic research, I emphasize how the imbrication and co-production of houses and commerces, and also showing business perspectives and being spatially defined, nourish connections with varied temporalities, such as events, house constructions, and family dynamics. The work connects anthropological studies of economy, home, family, and kinship, having as empirical cut-offs spatial and temporal changes experienced in a peripheral neighborhood.

Keywords: Economic practices; Houses; Temporalities; Arena do Grêmio; Farrapos neighborhood.

SUMÁRIO

PREFÁCIO.....	12
INTRODUÇÃO.....	17
Sobre a formação de uma nova arena.....	22
Sobre o trabalho de campo e os caminhos da pesquisa.....	26
Sobre os capítulos.....	32
CAPÍTULO 1 - Memórias das transformações.....	36
O cenário de ocupações na década de 1990.....	41
As ocupações seguiram.....	47
Como era o bairro sem a Arena?.....	58
Vivendo em meio ao cenário de obras.....	68
Descrevendo transformações do bairro.....	73
CAPÍTULO 2. Casas e comércios.....	75
Mudança econômica e ativação de circuitos de trocas nas casas.....	85
Fazendo negócios, transformando casas.....	93
Motivações para abrir o próprio comércio.....	111
A imbricação entre casa e comércio.....	117
CAPÍTULO 3 - Comércios, temporalidades e manifestações torcedoras.....	122
Territorialidades consumidoras.....	125
O “dia de jogo”: descrevendo as temporalidades de um evento.....	131
Sem torcida e sem bar, mas com a família.....	139
Pandemia, reformas na casa e eleições gremistas.....	142
Um olhar comparativo às temporalidades pandêmicas.....	151
Como ganhar a vida na pandemia?.....	154
CAPÍTULO 4 - Formas de ganhar a vida e a mutabilidade das casas.....	162
Combinando formas de ganhar dinheiro.....	164
Casas e pessoas mutáveis em tempos de crise.....	171

Quando amigos ajudam a fazer casa.....	172
Quando amigos ajudam na reforma da casa.....	176
Caracterizando as casas com comércios.....	179
Combinando atividades em casas diferentes.....	182
Mudanças no Mercado imobiliário.....	185
As mudanças pós-Arena na percepção dos interlocutores.....	188
Relações entre clube e comunidade.....	191
Fazendo casas mutáveis.....	195
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	197
REFERÊNCIAS.....	207
ANEXOS.....	212

PREFÁCIO

O último Grenal¹ que havia acompanhado presencialmente na Arena do Grêmio foi no começo da pandemia de COVID-19 no Brasil, no dia 12 de março de 2020. Tratava-se do chamado “Grenal do fim do mundo”², jogo pela Copa Libertadores da América. Em campo, muitas brigas ocorreram, o jogo parou no mínimo 3 vezes, durante vários minutos. A arbitragem não conseguiu conter os conflitos. As cenas de pancadaria, socos, empurrões e discussões agitavam (de modo assustador) milhares nas arquibancadas. O êxtase, o duelo e as movimentações corporais compunham parte de uma estética da violência, masculinizada e dramatizada por jogadores profissionais de futebol. Enquanto lamentava junto a um amigo, outros aplaudiam e gritavam. No final, oito expulsões ocorreram em campo, sendo quatro para cada time (três jogadores titulares e um reserva para cada lado). Em boa parte do segundo tempo, o jogo prosseguiu com sete jogadores na linha e um goleiro, em cada equipe. Iniciava outro esporte no gramado. O jogo terminou empatado em 0 a 0.

Naquela noite, a última com jogos oficiais com torcida nos estádios - por conta das medidas de contenção da propagação do novo coronavírus -, mais de 53 mil pessoas acompanharam o evento. Bares e comércios nos entornos da Arena ficaram lotados. Antes do jogo, havia ido a um churrasco com amigos, em uma casa que não era apenas moradia. A casa estava fragmentada entre uma varanda com churrasqueiras e um bar improvisado em uma cozinha enorme. Nela, um casal e duas filhas adultas vendiam bebidas. As expressões do casal, visivelmente, eram de preocupação não apenas com o atendimento diante da fila de homens já alcoolizados, que buscavam comprar mais bebidas. Eles se preocupavam em conter e minimizar as interações desses homens com as mulheres da casa. Havia um balcão feito com mesas de madeira, que limitava aproximações. Ao lado, um banheiro, disputado pelos clientes. No mais, outras portas eram trancadas, para impedir a passagem de estranhos a outros cômodos.

¹ “Grenal” é a palavra derivada da junção dos nomes dos dois clubes que protagonizam esse duelo: Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense, de um lado, e Sport Club Internacional, do outro, ambos de Porto Alegre/RS. O clássico local é, também, considerado como um dos maiores do futebol brasileiro.

² Veículos de imprensa apelidaram o jogo como “Grenal do fim do mundo” para dar um tom extraordinário ao evento, já que foi o primeiro duelo dos dois times pela Copa Libertadores da América. Matéria disponível no Portal TNT Sports: <<https://tntsports.com.br/blogs/COVID-424-Gre-Nal-424-se-m-gols-oito-expulsos-20200312-0053.html>>.

Naquele local, um amigo locou uma parte da churrasqueira na varanda, em frente à rua, e avisou: “se quiser cerveja, tem que comprar aqui mesmo”. Rememoro que, mesmo com o clima de festa, havia o receio entre os presentes de contaminação possível com o novo coronavírus (com poucos casos registrados, até aquele momento). Alguns faziam piadas, já após ter bebido boa quantidade de cerveja: “hoje, o churrasco é coronado”; “se pegar isso, não dá nada, testa a imunidade”. O cenário cético veio a se somar com declarações inéditas: nos dias seguintes, o então presidente do Brasil realizou um pronunciamento, em canais de rádio e de televisão, retratando a COVID-19 como uma “gripezinha”³.

Dois anos após (e com um saldo destrutivo de quase um milhão de mortos no Brasil, por conta da “gripezinha”), presenciaria um novo Grenal com torcida na Arena, dessa vez, com a vacinação nacional avançada e a pandemia questionavelmente controlada. Era final de março de 2022, o outono iniciava em Porto Alegre e, junto a nova estação, era aguardada a segunda partida das semifinais do Campeonato Gaúcho de Futebol 2022. Não se tratava de um simples jogo eliminatório. Na primeira partida (segundo Grenal do ano), realizada no sábado 19 de março, o time do Grêmio surpreendeu e venceu fora de casa o seu rival Internacional por 3 a 0, no estádio Beira Rio. Surpreendeu porque, na ocasião, o colorado era visto como favorito, tendo em vista que o time gremista havia sido rebaixado à segunda divisão do Campeonato Brasileiro três meses antes, em 2021.

Ainda no final de fevereiro, no primeiro Grenal do Campeonato Gaúcho, os jogadores do Grêmio foram recebidos com pedradas e barras de ferro lançadas no ônibus, antes de entrar no estádio do rival. O jogo foi adiado naquela ocasião e o debate público sobre a violência nos estádios e fora deles aqueceu. No segundo Grenal - a primeira partida eliminatória das semifinais -, após a comemoração do terceiro gol, um jogador do clube gremista foi novamente atingido por um telefone celular que veio da arquibancada, na beira do campo (mais um que saiu do estádio sangrando e com pontos na face). Os atos de violência possuem enorme repercussão nas mídias e nos “bastidores da bola” - quebram a “normalidade do clássico”, uma rivalidade por vezes romantizada por torcedores, jogadores e pela imprensa⁴. Tudo

³ A declaração, com teor negacionista, de Jair Messias Bolsonaro sobre o novo coronavírus foi amplamente discutida e criticada no período: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-55107536>>.

⁴ “Grenal é Grenal e vice-versa”, afirmou, após um jogo, um jogador gremista, na década de 1990. Desde então, a frase ficou sendo usada para, ironicamente, traduzir uma especificidade do duelo: a rivalidade dentro e fora de campo é alimentada cotidianamente, quase como um “padrão de cultura”.

isso fez com que o Grenal na Arena, realizado na quarta pela noite, fosse visto como mais um “evento extraordinário” - certa tensão paira no clima de Porto Alegre, como de costume. No rádio e na televisão, noticiários locais reproduzem: “na semana Grenal, o clima na cidade fica diferente”.

Já na segunda-feira, meu destino é a zona norte da cidade, onde fica a Arena do Grêmio e sua bandeira tricolor (azul, preto e branco). Chego no bairro Farrapos perto das 14h. Na Avenida Padre Leopoldo Brentano, em frente à Arena, me surpreendo com a quantidade de lixo (plásticos, sacolas, copos, latas, papéis) espalhados nos entornos do estádio e na frente das casas. Alguns resíduos voavam pelas ruas com a força do vento e o trânsito era intenso na avenida. Após dialogar com uma moradora, sentada em frente a um bar, fui entender o motivo daquele cenário. Um dia antes, a Arena havia recebido um festival de música (chamado “Universo Alegria”), com cantores sertanejos, reconhecidos nacionalmente. Soube que cerca de 50 mil pessoas estiveram no evento - mesmo número estimado para o jogo da quarta-feira.

Antes, como resposta ao acúmulo de lixo e resíduos no espaço público, avistei dois ônibus com trabalhadores de uma cooperativa que serve ao Departamento Municipal de Limpeza Urbana (DMLU), varrendo as ruas. Esse grupo de trabalhadores, por seu uniforme laranja, é facilmente identificado. O trabalho ali era objetivo: recolher o acúmulo de um grande evento, seus restos, que atravessara a cotidianidade do bairro.

Na avenida Padre Leopoldo Brentano, o barulho e o trânsito de caminhões, carros e ônibus alteravam os sons e os fluxos naquele território. Sobretudo, caminhões com cargas enormes, que passam e seguem em direção a um viaduto, que corta a BR-290 (*Freeway*) e lhes dá acesso à BR-448 (a “rodovia do Parque”). A BR-448 é uma rodovia inaugurada no final de 2013, pela presidência de Dilma Rousseff. Na época, a obra era vista como uma das principais estradas de ligação de Porto Alegre com sua região metropolitana e interior. Mas, notadamente, a perturbação sonora dos fluxos provocados pela rodovia, acessada através do bairro Farrapos, modificavam quaisquer interações naquela localidade. Esse impacto ambiental contrastava com os fluxos e outros tipos de frequências sonoras percebidos em dia de jogos do Grêmio, já que Avenida Padre Leopoldo Brentano é fechada e o trânsito de caminhões e ônibus, em direção à BR-448, desviado para outras vias da cidade. Em dia de jogo, o barulho também é intenso: carros de sons, bandas,

torcedores falando e gritando, a tropa da cavalaria militar passando, os torcedores gritando no estádio... os sons são de outra natureza, mas seguem altos, frequentes e intensos. Certamente, muitos vizinhos se incomodam. Outros, lucram.

O pneu de um caminhão fura e o estouro gera a atenção dos passantes e de moradores - alguns vão até a frente de suas casas. Na Avenida Padre Leopoldo Brentano, o movimento de viaturas da Polícia Militar também era frequente. Isso porque, no lado da Arena, um posto de polícia foi instaurado e serve como sede da instituição policial - inaugurado em 2017 (dizem que no lugar de uma escola).

Além da limpeza sendo feita nas ruas, pessoas organizavam e faxinavam alguns estabelecimentos e comércios. Algumas portas e portões entreabertos davam sinais de que os ambientes estavam sendo preparados para um novo evento - certamente para o jogo de quarta. Poucos comércios estavam em funcionamento, abertos naquela tarde, mas com um movimento tímido. Outros, com janelas e grades fechadas.

Caminhando pelo local, me deparo com um estabelecimento novo, recente na região. Entrei no local e, junto a um adolescente, um homem me abordou. O homem, que se apresentou como Saldanha, me afirmou que estava preparando o bar para abri-lo no dia do Grenal. Seria a estreia do seu negócio, que inaugurava com esforços próprios e os de seu cunhado.

Conforme Saldanha, o local pertencia à família de seu cunhado. Antes de virar um bar, era uma peça com garagem, alugada como moradia. A metamorfose dos espaços acompanha práticas econômicas, atreladas às espacialidades e temporalidades do futebol. Saldanha, empolgado com a novidade do negócio, me disse que a ideia era “abrir apenas em dia de jogos”, “fazer um extra”, “sem compromisso de abrir todo o dia”. Mas, ele falava enquanto mexia em uma caixa de ferramentas, já me sinalizando que estava ocupado e, qualquer fato inesperado, poderia atrapalhá-lo. Deixei Saldanha e seu filho adolescente continuarem o trabalho, sem distrações. Ele me convidou para voltar.

Olhando para a chamada Esplanada da Arena, via homens e carros carregando ferros, materiais de palco e equipamentos de proteção do estádio - seguramente, desmontando as estruturas do show no dia anterior. Em outros momentos do trabalho de campo, observava os operários da Arena consumindo nos bares e lancherias locais durante o horário do almoço. Mas esse era um movimento menor em relação ao dos eventos.

O que iria notar, nas interlocuções de pesquisa, é que as práticas de obtenção de dinheiro nos negócios estavam organizadas pela frequência dos torcedores ao estádio e pelas temporalidades dos eventos, entrelaçadas com práticas cotidianas igualmente, nos entornos da Arena do Grêmio. Porém, nem todos se apropriam dos eventos da mesma maneira, gerando e exprimindo diferenças econômicas entre as casas. Essas diferenças comunicam que alguns abrem comércios em um ritmo e outros em outros ritmos, a partir das disposições de suas casas, disponibilidade de recursos e composição das famílias, dentre outros fatores influentes.

Afinal, no trabalho de confecção do cotidiano e de incorporação de grandes empreendimentos em um território, como são tecidas relações entre o ordinário e o extraordinário? Como relações são feitas e refeitas a partir do trabalho do tempo? De que maneira novas práticas econômicas são produzidas nas casas, convertidas, também, em espaços comerciais? Espero conseguir dar algumas pistas e caminhos a esses questionamentos com este trabalho.



Imagem 1: Esplanada da Arena do Grêmio, setor oeste. 9 de dezembro de 2021 (acervo do autor).

INTRODUÇÃO

“Achei muito boa a vinda da Arena para cá em 2012, porque sou gremista e porque iria movimentar o bairro. Querendo ou não, a Arena movimenta o bairro. Não sou só eu, mas tem vários comerciantes que trabalham em dia de jogo e que vivem da Arena, ou fazendo uma renda extra, vendendo pastel, água, estacionando carro. Sempre tem alguém ganhando alguma coisa. Não é todo mundo, mas quem ‘tá’ mais na volta ali, ganha. De uma maneira, ou de outra, ganha seu dinheiro, entendeu? Ou vive disso, ou é uma renda extra” (Entrevista com Oti, comerciante na Avenida AJ Renner, concedida em 21/03/2022).

As palavras enunciadas acima comunicam a existência de um contexto urbano recortado temporal e espacialmente por dinâmicas clubísticas, eventos esportivos, manifestações torcedoras e por práticas econômicas plurais e variadas. A avaliação do morador, sobre um megaempreendimento no seu bairro de moradia, relaciona-se diretamente com as suas atividades econômicas cotidianas.

O processo de planejamento, construção, adaptação, funcionamento e incorporação de um empreendimento a determinado território exige um trabalho não apenas de modificação espacial e material, mas também de organização e racionalização constante do tempo. Desaprovações coexistem junto às aceitações, na perspectiva de quem convive cotidianamente com as novas edificações.

No âmbito da construção da Arena do Grêmio, na zona norte de Porto Alegre/RS, não foi diferente. O cenário em transição, no ano de 2010, demarcava uma separação entre paisagens anteriores e novas, à época: canteiros de obras, caminhões, operários vindos do nordeste brasileiro, vigas de concreto, máquinas barulhentas, prédios sendo levantados em uma localidade com predominância de casas residenciais. As coisas mudaram no que seria a periferia da periferia: “aqui era o final da vila Farrapos”, comunicou um interlocutor, residente no bairro desde 1992, olhando e apontando o dedo indicador para a área modificada. A mudança foi intensa, temporal e espacialmente.

Em dois anos, milhares de trabalhadores da construção civil mobilizaram forças e recursos técnicos para viabilizar projetos com ampla visibilidade nas escalas local e nacional, tendo como mote a edificação da Arena Porto-Alegrense, ou, como se

chama popularmente, Arena do Grêmio⁵ – além de torres residenciais e de uma rodovia nova, nos anos seguintes, ambas vizinhas da primeira. Para fazer tudo isso e mais um pouco era preciso energia. Comércio foram ampliados e outros surgiram na localidade, para alimentar, nutrir, matar a sede, enunciar saudade e dar esperança aos que trabalhavam nas obras.

A Arena é um antigo sonho de gestores e torcedores gremistas, o qual materializa e efetua uma operação lógica de comparação entre “o velho Olímpico” (antigo estádio do clube) e “a nova casa do Grêmio”; entre os cenários do bairro da Azenha (“bairro do monumental”, canta a torcida gremista) e as moradias populares na “vila Farrapos”. Entre uma concepção industrial predominante na zona norte da cidade e o chamado 4º distrito - zona que aglutina bairros da região em torno de ideários de revitalização e gentrificação de resíduos industriais (MARX et al. 2021). Vila Farrapos, como comumente é chamada pelos seus moradores, reporta a ideia de “vila” como indicador local de pertencimento territorial e de classe, categoria de identificação espacial de seus residentes – traduzindo um conjunto de ocupações de moradia e de condomínios habitacionais destinados às famílias de baixa renda. Já o estádio Olímpico, situado no bairro Azenha, região central de Porto Alegre, ainda se encontra materialmente em ruínas, porém vivo nas memórias clubísticas, enquanto escrevo essas linhas.

Alguns trabalhos antropológicos sugeriram que megaempreendimentos atraem novas infraestruturas, que reúnem uma combinação de objetos, espaços, pessoas e práticas que produzem e reproduzem a vida urbana (SIMONE, 2004; GUPTA, 2018; CAMPOS, 2020). Uma aparência de solidez, durabilidade e rigidez remeteria a ideia de que essas infraestruturas seriam materialidades que conformariam um ideal de cidade, planejado por gestores, arquitetos, engenheiros e urbanistas. Por outro lado, existem processos sociais de apropriação não planejada que se conectam com as formas sociais pelas quais o espaço urbano é manejado pelas populações que nele fazem a vida. Em tese sobre “mobilidades, dinheiros e infraestruturas”, Campos (2020) demonstrou como existem práticas cotidianas compartilhadas por passageiros do sistema de transporte do Rio de Janeiro/RJ que não se coadunam com as ideias de planejamento e previsibilidade da locomoção, concebidas por atores estatais e privados.

⁵ Segundo o site do equipamento, representa o maior e mais moderno complexo multiuso da América Latina. Disponível em: < <https://arenapoa.com.br/sobre/>>.

Após a concretização do novo empreendimento, para quem “é de fora da vila”, como é meu caso, a aproximação territorial passou a ser, também, mediada por definições temporais associadas aos eventos, realizados na nova Arena. É na noção de pertencimento clubístico e em manifestações torcedoras variadas que, em geral, os “de fora” adentram no bairro, conhecem e se apropriam de um conjunto de atividades e práticas que dão sentidos cognitivos e emocionais ao torcer. Esses sentidos, também, são mediados pelas trocas econômicas e pelo consumo.

Com efeito, é possível notar como aquele recorte espacial possibilita zonas de sociabilidade singulares, dentro do contexto mais amplo de convívio na capital. Em outras palavras, o fato de torcer pelo Grêmio aproxima milhares de pessoas não apenas a um projeto moderno arquitetônico, que se desdobrou em arena multiuso, mas, também, a um território marcado por fluxos humanos e econômicos variados, em dias com e sem eventos no estádio - momentos rotinizados nas dinâmicas de vida de quem é residente no bairro.

Começo este trabalho demarcando a sua própria relevância ao reportar a um microcosmo social atrelado a um bairro urbano, atravessado por temporalidades do futebol, mas não apenas. Bairro que permite o morar numa cidade segregada entre centro e periferias, amarrado a escalas variadas.

Iniciei essa introdução com palavras enunciadas por um comerciante e morador da avenida AJ Renner. “Viver da Arena”, como sugerido pelo interlocutor, constitui-se como reflexo de um campo de ações que conecta casas, comércios, transações e relações variadas entre familiares, parentes, amigos, vizinhos, torcedores do clube Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense, além do público de outros eventos realizados na Arena do Grêmio.

O que acontece, afinal, com o bairro Farrapos em dias de jogos e demais eventos na Arena? Quais interações são produzidas durante os eventos e, considerando as relações entre fluxos ordinários e extraordinários, no cotidiano das casas e de algumas ruas nos entornos do estádio? Como é possível perceber o trabalho do tempo na confecção de processos e de eventos que traduzem práticas de moradia e econômicas, na relação com um empreendimento milionário e atrelado a escalas diversas? Quais camadas de tempo podem ser notadas e como elas se imiscuem na produção de casas, famílias e de transações econômicas? Como os espaços são usados de diversas maneiras?

São questões que pretendo perseguir, a partir do ponto de vista das pessoas que residem e comercializam nos entornos da Arena, sem necessariamente modelar um discurso totalizante, que enquadra e simplifica as vidas aqui retratadas. Desejo produzir um olhar etnográfico que evita “narrativas congeladas”, tal como sugeriu Veena Das (2020 *apud* VIANNA, 2021), isto é, sem pretensões de dar um lugar definitivo às palavras e ao que elas podem representar.

Privilegio, deste modo, as perspectivas de moradores comerciantes, para os quais essa grande obra e suas materialidades, produtoras de fluxos sazonais de pessoas, representou a abertura de um campo de possibilidades econômicas e vitais até então inexistentes.

Dito de outro modo, nesta dissertação busco desdobrar percepções atreladas a uma investigação etnográfica que valoriza fluxos ordinários e extraordinários em um bairro situado, dinamizado pela presença de um estádio de futebol, ou melhor, de uma arena privada multiuso destinada a eventos esportivos, artísticos e festivos. Na dissertação enfatizo os efeitos de práticas clubísticas associadas ao futebol às casas e às suas práticas econômicas, analisando o ponto de vista das famílias que possuem negócios e múltiplas experiências de comércio, nos entornos da Arena do Grêmio.

Como elaboração inicial, as problemáticas de pesquisa giram em torno das seguintes questões: a) Como a arenização do futebol e as transformações urbanas relacionadas, no contexto do bairro Farrapos em Porto Alegre/RS, modulam práticas econômicas, dinâmicas familiares e mudanças nos espaços e nas disposições das casas? b) De que forma práticas econômicas, parentesco e casas estão conectados com temporalidades e modificações urbanas de determinado território? c) Como, do ponto de vista dos moradores comerciantes, é possível ganhar a vida (e tornar o cotidiano habitável) a partir de empreendimentos feitos no bairro, sobretudo a Arena do Grêmio?

Neste sentido, retenho como objetivo geral identificar perspectivas locais e analisar práticas econômicas nos entornos da Arena Porto-Alegrense (estádio do clube Grêmio Futebol Porto-Alegrense), situada no bairro Farrapos, zona norte de Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul. O foco nos entornos, espaços urbanos adjacentes à Arena do Grêmio, constitui-se como recorte empírico de pesquisa, por concentrar um conjunto de comércios, os quais reportam às relações diárias de sustento de moradores e comerciantes, residentes ou não do bairro.

Desta forma, o estudo busca mapear transformações econômicas e a mutabilidade das casas, geridas por famílias e afins, edificações que promovem ganhos econômicos com os eventos e são dinamizadas por fluxos humanos variados, simultaneamente. Penso a mutabilidade das casas como equivalente às transformações que passam ao longo do tempo, em suas disposições, espacialidades e sentidos atribuídos. A análise está focada, desta maneira, em práticas econômicas e nos fluxos temporais que modulam casas e comércios e, como se pode destacar, produzem laços familiares e vínculos sociais outros, igualmente. As famílias estudadas, assim, não são retratadas como vivendo numa ordem necessariamente harmoniosa, simbolicamente coesa, mas sim uma rede de relações dinâmicas, negociadas e, até mesmo, disruptivas produzidas a partir da casa, do comércio, de práticas econômicas e de cooperações singulares.

De forma complementar, alguns objetivos específicos serão perseguidos: a) analisar transformações geradas no bairro e nas casas, após a concretização do megaempreendimento da Arena do Grêmio. Para tanto, almejo reconstituir historicidades e memórias em torno das mudanças e transformações urbanas ocorridas, a partir da Arena e, também, de outras obras de infraestruturas – desde o ponto de vista de moradores do bairro; b) descrever como determinadas casas foram convertidas em espaços comerciais e quando, seus modos de funcionamento, produtos comercializados, disposições e públicos atendidos (neste aspecto, cabe ressaltar que o olhar aos públicos frequentadores dos comércios revela diferenças constitutivas entre e nesses espaços); c) apresentar relações entre os eventos e o cotidiano de moradores para mostrar como práticas econômicas são moduladas naquela localidade, como o cotidiano é tecido e invadido pelos fluxos dos eventos, mas também como eventos são incorporados ao cotidiano; d) Identificar diferentes temporalidades que atravessam esses espaços comerciais, comunicadas pelos sujeitos envolvidos, nas suas relações cotidianas; e) Examinar, ainda, como a pandemia de COVID-19 e a crise técnica do time de futebol afetou de formas diferentes os comércios investigados, ampliando ou restringindo possibilidades (sobretudo de março de 2020 até dezembro de 2021).

A abordagem de efeitos da pandemia de COVID-19 no contexto estudado reflete, igualmente, temporalidades da pesquisa, que iniciou ainda no final de 2021 e se estendeu até o final de 2022.

Sobre a formação de uma nova arena

Mesmo não se tratando de um trabalho de antropologia do esporte - e sim inserido na interface da antropologia da casa, da economia e urbana - o presente texto considera algumas contribuições de estudos sobre estádios de futebol e práticas clubísticas – um campo em expansão na antropologia brasileira e de outros países⁶.

Diariamente veículos de comunicação regionais (na televisão, rádio e internet/mídias digitais) reportam informações e práticas sobre os clubes de futebol, no estado do Rio Grande do Sul e em outros estados do Brasil. Sobretudo, destacam-se dois clubes no Sul: Grêmio e Internacional. A rivalidade da dupla Grenal faz parte do cotidiano gaúcho e já rendeu uma série de trabalhos acadêmicos, tratada como uma dualidade constitutiva de pertencimentos clubísticos e regionais (DAMO, 1998; 2002; 2005; CELI, 2011; ALVES, 2014).

Porém, retenho outro foco à análise. Trabalhos especializados apontam ao processo de “arenização” de estádios de futebol como uma mudança radical nas práticas clubísticas e nas formas de gestão do futebol e de torcer, em diferentes regiões do mundo (CRUZ, 2010; SILVA, 2018).

No caso de Porto Alegre/RS, a Arena Porto-Alegrense, ou Arena do Grêmio⁷, começou a ser construída em 2010 e foi inaugurada em 8 dezembro de 2012⁸, pela construtora OAS e outros parceiros, para sediar o novo estádio do Grêmio Football Porto-Alegrense. Anteriormente, o clube tinha sua sede situada no Estádio Olímpico, bairro Azenha, zona de comércio e moradia populares na capital gaúcha. Por problemas estruturais do antigo Olímpico (chamado de “Monumental” por seus frequentadores), a Arena do Grêmio foi inaugurada e está localizada cerca de 12 km de distância⁹. Além disso, a tendência de arenização nos estádios brasileiros foi priorizada pelos gestores gremistas, considerando tendências da Copa do Mundo

⁶ Recentemente, em 2021, a Associação Brasileira de Antropologia editou e lançou o livro “Vinte anos de diálogos: os esportes na antropologia brasileira”, o qual expõe uma coletânea de artigos e textos de pesquisadores consagrados sobre vários temas que se interconectam aos estudos dos esportes com predominância do futebol.

⁷ Mais informações sobre a Arena do Grêmio em: <<https://arenapoa.com.br/>>.

⁸ O marco de início das obras foi em 20 de setembro de 2010, data de comemoração da chamada “Revolução Farroupilha” - feriado estadual. Detalhes sobre o início da obra estão disponíveis em: <<http://ge.globo.com/rs/futebol/times/gremio/noticia/2012/10/arena-do-gremio-origem-quando-nova-casa-coube-numa-mochila.html>> .

⁹ Um “passeio aéreo” entre ambos os estádios e a reação de torcedores gremistas, em 2012, pode ser visto em vídeo, disponibilizado em: <https://www.youtube.com/watch?v=3aMzqE8_sRM>.

FIFA 2014 no Brasil e mudanças no estádio do rival, Beira-Rio – um dos estádios sede (OLIVEIRA, 2010; CRUZ, 2010; SCHERER, 2017).

Em outra cidade brasileira, por exemplo, o trabalho de Fábio da Silva (2018) demonstra como as mudanças e reformas no novo Maracanã, previamente à Copa, modificaram as relações e pertencimentos de torcedores com o novo empreendimento, com novos padrões de funcionamento que implicam em um processo de domesticação e civilização de seus frequentadores e de suas buscas por excitabilidade (SILVA, 2018; ELIAS & DUNNING, 1992).

Por outro lado, etnografias precedentes, como a de Antônio Cruz (2010), produziram um olhar multifacetado sobre como as relações entre torcedores e estádio são continuamente solidificadas não apenas por identificações afetivas e emocionais, mas também por práticas de consumo e lazer que não se concentram apenas no interior desses equipamentos. Destacam-se, também, as conexões territoriais, acessibilidades e possibilidades de integração do estádio com seus arredores – sua “conexão com o tecido urbano” (CRUZ, 2010) -, sugerindo que apropriações são feitas pelos torcedores e pelas populações que residem em determinada localidade, atingidas pelas dinâmicas e fluxos dos eventos esportivos.

Em 2022, a Arena do Grêmio fará 10 anos de existência. Com capacidade para 60 mil pessoas (cerca de 55,6 mil lugares liberados), ao longo desses anos de funcionamento, um número significativo de torcedores compareceu ao estádio e outra parcela se concentrou nos seus arredores¹⁰. Dados de 2019, antes da pandemia de COVID-19 (que alterou a rotina dos jogos e dos seus frequentadores), apontam que a média de público da Arena do Grêmio foi cerca de 21,5 mil torcedores por jogo - cerca de 40% da sua ocupação total. Em jogos de competições internacionais, a média de público chegou a cerca de 37 mil pessoas¹¹.

Mas, afinal, o que ocorre fora da nova arena? Como esse grande empreendimento, que altera fluxo da cidade, está relacionado espacial e temporalmente com seu entorno? Quais efeitos e dinâmicas para as comunidades e

¹⁰ Em incursões etnográficas prévias, foi possível notar uma parcela de torcedores concentrados nas ruas e nos comércios, em casas e estabelecimentos nos entornos da Arena, durante as partidas. Para alguns deles, olhar o jogo fora do estádio é uma forma de se reunir com seus semelhantes, consumir nos estabelecimentos com preços mais acessíveis do que na Arena e de evitar os custos dos ingressos (para alguns, os valores são elevados e caros). Uma hipótese inicial de investigação é que esse fato traduz relações distintas com o estádio de futebol e de pertencimentos clubísticos. Em outros termos, todos podem torcer; mas só uma parte pode torcer dentro do estádio.

¹¹ Os dados dos públicos em estádios brasileiros, em 2019, estão divulgados no portal Globo Esporte (GE): <<http://app.globoesporte.globo.com/futebol/publico-no-brasil/2019/time/gremio/index.html>>.

casas são identificados, a partir da instalação e funcionamento da Arena multiuso, destinada a eventos esportivos, artísticos, culturais e sociais variados?

Assim, essa dissertação contribui para compreender relações, fluxos e dinâmicas na Arena e nos seus espaços adjacentes, envolvendo a comunidade do bairro Farrapos. Ali, situa-se uma rede de casas com comércios (além de vendedores ambulantes e de barracas nas ruas adjacentes), que nutrem ligações com as temporalidades do estádio e dos jogos. Efetivamente, à luz de Antônio Cruz (2010), retenho que a capacidade do equipamento de gerar mudanças (benefícios e prejuízos) à população vinculada e aos usuários do estádio é um caminho possível para se estudar as práticas econômicas locais, dinâmicas familiares e transformações nas casas (além de temporalidades, memórias e modos de lidar com incertezas).

Neste caso, destacam-se populações que lidam com eventos e fenômenos que ultrapassam a esfera temporal do futebol. Outras temporalidades estiveram presentes ao longo da pesquisa, tal como visto no cenário pandêmico, no qual a suspensão da presença do público no estádio foi uma forma de evitar possíveis aglomerações. Para efeitos etnográficos, evidentemente, é relevante trabalhar na elaboração de como o momento de crise foi vivenciado. Na pandemia, a suspensão dos jogos afetou os comércios locais e as dinâmicas econômicas familiares, acarretando incertezas e alterando projeções de futuro.

Em diferentes incursões em dias de jogos do Grêmio, iniciei uma contagem do número de casas com comércios, em ruas determinadas nos entornos da Arena. Em média, cerca de 75 casas comerciais (ou negócios) funcionando foram contabilizados no ano de 2021 e 2022, não sendo contados os ambulantes e demais comerciantes nômades. Essa contabilidade, ainda que limitada pela percepção única e situada do pesquisador, foi realizada durante uma vez em 2021 (no último jogo da temporada e do Campeonato Brasileiro série A) e três vezes em 2022 (na primeira contagem, na final do campeonato gaúcho, foram 81 casas; na segunda, no primeiro turno da série B do campeonato brasileiro, foram 72 casas; no último jogo do mesmo campeonato, 75 casas). Os nomes dos comércios foram registrados em diário de campo, sistematicamente. As casas estão situadas principalmente em quatro vias basilares que dão acesso ao estádio: Avenida Padre Leopoldo Brentano; Avenida AJ Renner; Rua Voluntários da Pátria e paralelas; Rua Frederico Mentz. Além disso, outras casas estavam distribuídas em ruas e vias ligadas às referidas, compondo uma espécie de

“enclave comercial”, ou seja, uma distribuição espacial de comércio caracterizada pela sua concentração nas principais vias de ligação do bairro com a Arena.

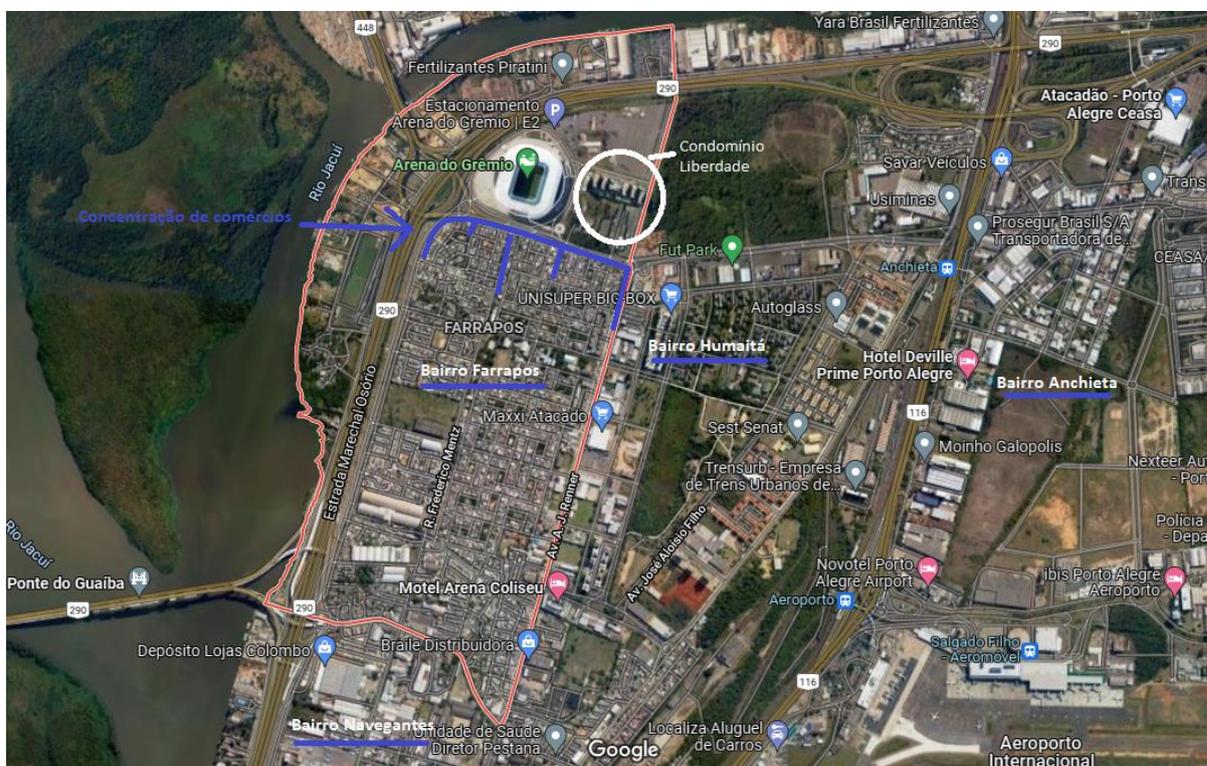


Imagem 2: A região sublinhada em cor azul registra a concentração espacial de comércio nos entornos da Arena do Grêmio. A região marcada pela cor vermelha representa os limites do bairro Farrapos. Fonte: Google maps (retirado em março de 2022).

Os comércio servem diretamente torcedores e moradores do bairro, usuários ou não do estádio: bares, lancherias, restaurantes, mercearias, espaços para confraternização das torcidas e coletivos organizados e para realização de churrascos (um marco na sociabilidade local), compõem um cenário singular naquele território. Como destacou Daiane Martins (2019), em dissertação sobre manifestações torcedoras nos entornos da Arena do Grêmio, em muitos locais os estabelecimentos foram abertos nos quintais, ou nas garagens das casas, produzindo uma configuração peculiar do espaço para fins socioeconômicos. Em algumas áreas públicas, ambulantes instalam varais com produtos identificados (convertendo paradas de ônibus e canteiros em vitrines para camisetas e produtos gremistas). Em outras edificações, espaços das casas deram lugar a comércio, gerando mutações significativas na paisagem local. Lugares assim são facilmente reconhecidos, pois costumam ter um apelo estético definido pelas cores gremistas (preto, branco e

sobretudo o azul celeste), além de placas de identificação com marcas de bebida e comida.

Observa-se então redes de casas mutáveis, geridas por famílias (parentes e afins), que engendram práticas econômicas diretamente atreladas aos ganhos e fluxos dos eventos esportivos e de outros tipos, como shows e festas, feitos na Arena.



Imagem 3: A manhã seguinte, após a final da Libertadores da América 2017, em uma Lancheria ao lado da Arena. Foto de Maia Rubim, Portal Sul 21 (publicada em 23/11/2017)¹².

Sobre o trabalho de campo e os caminhos da pesquisa

No final de novembro de 2017, Porto Alegre encontrava-se tomada pelas euforias e comemorações da torcida gremista: pela terceira vez, o Grêmio foi campeão da Copa Libertadores da América – o torneio mais prestigiado do continente Sul-Americano. Era mais um momento de glória do clube e de ampliação do seu quadro de sócios, muitos passando a frequentar a Arena com mais assiduidade¹³. Como título

¹² Reportagem do portal Sul 21, em 2017, demonstra como catadores e coletores de resíduos auxiliam na limpeza do bairro, no dia seguinte à realização de um jogo. Disponível em: <<https://sul21.com.br/ultimas-noticias-geral-areazero-2/2017/11/na-manha-seguite-a-final-da-libertadores-moradores-do-entorno-da-arena-catam-lixo-e-contam-lucro/>>.

¹³ Matéria “Grêmio ganha 500 sócios por dia desde a classificação à final da Libertadores” chamou a atenção ao volume de associações no período de novembro de 2017, totalizando quase 89 mil sócios

da Recopa Sul-Americana de 2018, outro torneio internacional, a média de público do estádio aumentou e, com isso, mais pessoas passaram a trabalhar no seu interior, sobretudo na organização e execução das partidas.

Neste momento, tal como uma parcela significativa da torcida, desejava me aproximar do time e dos jogos, porém indo ao estádio, observando a boa fase da equipe. Como efeito direto da arenização os valores dos ingressos também subiram, mas a demanda era alta. Em geral, em jogos decisivos, os sócios ocupavam os lugares do estádio e deixavam poucas vagas disponíveis aos demais torcedores. Interessado em me aproximar desse campo de pesquisa e vislumbrando uma solução a essa barreira financeira, resolvi me inscrever no site da Arena, de modo a trabalhar como “orientador de torcida” - função denominada pela palavra, em inglês, “steward” em outros contextos.

O “steward”, ou “orientador”, tem uma função objetivamente definida: auxiliar na organização dos jogos e na orientação de torcedores, no seu acesso ou durante e depois das partidas. Além disso, nas arquibancadas, tem como função contribuir com a segurança do local, não deixando com que os frequentadores descumpram regras e prejudiquem aos demais. Mas sua atuação não se confunde com o de um segurança privada. Atua, sobretudo, através do diálogo com os torcedores. Em outros termos, enquanto dispositivo e agente de governo dos espaços arenizados, o “steward” opera a partir de mecanismos de vigilância, vigiando e sendo vigiado constantemente. Opera, a meu ver, como um mecanismo disciplinar com fins civilizatórios, que enquadra os frequentadores e demais trabalhadores das arenas em espaços previamente definidos e delimitados por quem gerencia os eventos. E revela, também, que gerir o público é um objeto de preocupação a quem gerencia os processos sociais e econômicos dos eventos.

Em 2018, iniciei a trabalhar como “orientador” na Arena do Grêmio, posição fundamental para a observação dos modos de funcionamento e organização interna dos jogos e eventos. Foi nesse período que minha aproximação ao estádio foi intensificada, já que, em períodos anteriores, a minha frequência não era constante e sim muito pontual em alguns jogos. Acompanhei vários jogos naquele ano, como trabalhador e torcedor, também numa posição privilegiada de observação. Conheci e

(um dos maiores quadros de associados dos clubes de futebol no país). Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/esportes/gremio/noticia/2017/11/gremio-ganha-500-socios-por-dia-desde-classificacao-a-final-da-libertadores-cj9pufbao0ifh01czjp3o8n5.html>>.

tive acesso aos espaços mais prestigiados do estádio: tribunas, camarotes, zonas de imprensa, vestiários, auditórios, além das arquibancadas e corredores. Havia câmeras em todas as dependências e uma central de comando, acentuando a autovigilância dos trabalhadores e nos torcedores.

Ao longo de 2018, passei a frequentar, também, os comércios nos entornos da Arena, sobretudo antes dos jogos, para me alimentar. A quantidade de pessoas trabalhando no bairro chamava a atenção. Era uma observação inicial do que depois veio a ser desdobrado no campo de pesquisa aqui apresentado. No final daquele ano, recordo de um jogo que marcou emocionalmente a torcida gremista: depois de começar ganhando e estar classificado novamente à final da Libertadores, o Grêmio tomou a virada do River Plate, que ganhou após fazer 2 a 1 no placar. Estava no estádio com mais de 53 mil pessoas, incrédulas com o que ocorrera - já que foram constatados erros de arbitragem que alteraram o resultado (a “mão de Deus” do atacante do River não foi notada, no gol de empate). Polêmicas, reclamações, tristezas, chuvas intensas ao final da partida. Mesmo assim, nos entornos da Arena, após o jogo, milhares de torcedores seguiam consumindo e lamentando o ocorrido, que deixou o Grêmio fora de uma final contra o Boca Juniors.

Em 2019, após conseguir outra ocupação (como docente formado), me associei ao Grêmio. Neste momento, deixei de ser trabalhador da Arena e me converti em torcedor associado – instaurando novas relações com o estádio e os territórios e casas do bairro Farrapos. Acompanhado ou não, estive em vários jogos do Grêmio. Durante muitas oportunidades, frequentei bares e comércios das adjacências do estádio. Era o momento de encontrar os amigos de forma descontraída, relaxar, torcer, falar de futebol e comemorar - uma temporalidade que sinalizava uma mudança de ânimo aos presentes. A excitação começava antes dos eventos, já na sociabilidade produzida nas ruas e espaços comerciais da “vila”. Muitas coisas aconteciam ali, muitas pessoas circulavam e, desta forma, aquele era um território privilegiado de observação. Me dei conta de que era a hora trabalhar com uma nova pesquisa: dessa vez, com os aportes etnográficos. Os fios que tecem essa dissertação se entrelaçam em fios da trajetória pessoal do pesquisador, portanto.

Do ponto de vista metodológico, essa investigação está sustentada na etnografia: inicialmente, como evoco em algumas cenas do trabalho, valorizo vivências pessoais como torcedor, sócio e trabalhador, presente no que viria a ser campo de pesquisa no momento seguinte; a partir de 2021, entretanto, comecei a

sistematização do projeto de pesquisa, realizando a etnografia a partir da observação participante no bairro, em dias com ou sem eventos na Arena. A pesquisa de campo teve duração de, aproximadamente, um ano, sendo intensificado no período de abril a novembro de 2022 por conta do Campeonato Brasileiro da série B, jogado pelo Grêmio.

O trabalho de campo privilegiou capturar momentos de interação do pesquisador com comerciantes do bairro. Os registros foram sistematizados em diários de campo, feitos após cada incursão etnográfica. Também, conforme os vínculos foram sendo tecidos nas relações de pesquisa, ocorreu a realização de entrevistas semiestruturadas (no total, dez entrevistas, sendo oito gravadas) com um roteiro previamente estabelecido, mas aberto a novas questões que surgissem na interação. No roteiro previsto, as questões abordavam aspectos e históricos dos negócios, das trajetórias familiares e residenciais, detalhes sobre a economia das casas e o orçamento doméstico – considerando as temporalidades pandêmicas -, relações dos interlocutores com o bairro e a Arena e suas perspectivas de futuro. A escolha dos interlocutores ocorreu tendo em conta as suas disponibilidades, memórias do bairro, relações territoriais e trajetórias residenciais. Assim, os entrevistados residem no bairro a mais de 20 anos, minimamente, e possuem comércios que abrem diariamente, ou apenas em dias de eventos na Arena.

Outra tarefa de pesquisa foi a elaboração de um acervo fotográfico. As imagens demonstram recortes de paisagens, bem como consolidam registros históricos, tal como se nota em fotos de ocupações e de casas antes da construção da Arena. As imagens serão mobilizadas ao longo do texto, não apenas como suporte à narrativa, mas, também, como parte da própria descrição etnográfica. O uso de imagens foi central para a recomposição de aspectos observados em campo, além de ser uma ferramenta complementar à produção de diários de campo. Existem disposições estéticas e estruturais nas edificações e nos territórios observados que podem ser salientados através desses registros, bem como diferenças significativas entre eles.

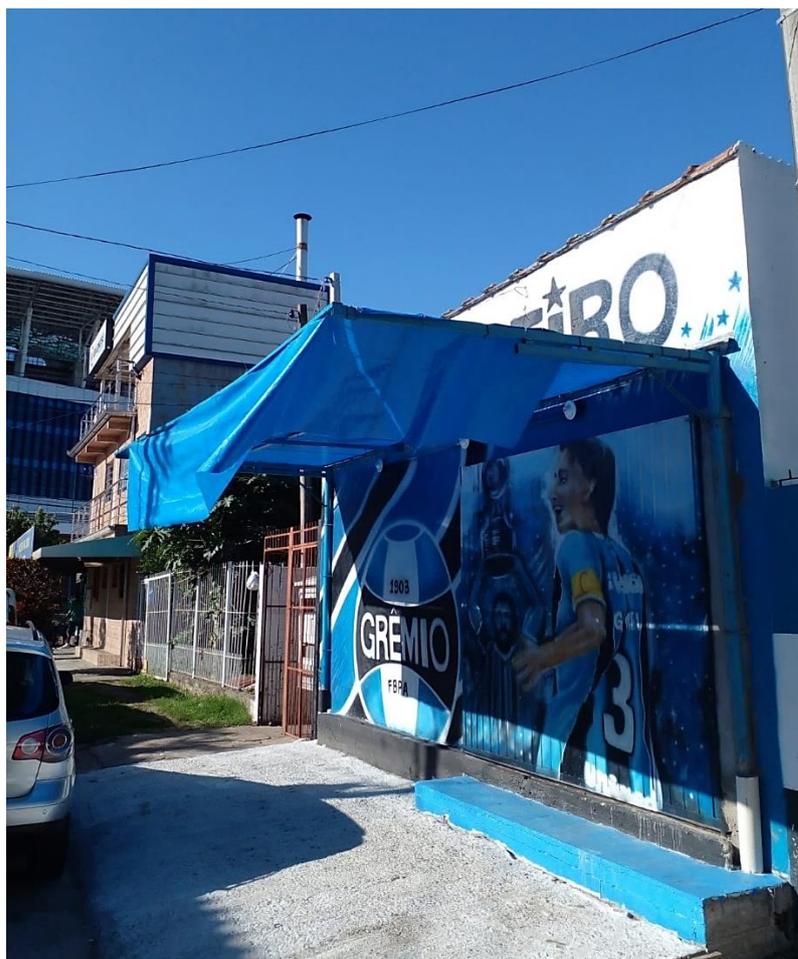


Imagem 4: Bar na rua Luiz Carlos Pinheiro Cabral, aberto em março de 2022. Foto de 20 de abril de 2022 (acervo do autor).

A pesquisa documental em portais e periódicos virtuais contribuiu à elucidação de fatos e à obtenção de registros oficiais, que versam sobre a construção e o andamento de obras nos entornos da Arena, além das transformações do espaço urbano. Outro enfoque relevante, convém mencionar, é o das ocupações pretéritas que foram realizadas no Farrapos e que foram notadas por fontes jornalísticas, assim como a declaração de comerciantes sobre o estádio e a pandemia.

Por fim, inspirado no trabalho emblemático de Larissa Lomnitz em bairros “deserdados/marginalizados” na cidade do México (1973), busquei conciliar técnicas de pesquisa de índole mais quantitativa. Deste modo, realizei um *survey* com comerciantes, tentando identificar aspectos atrelados às suas trajetórias pessoais, profissionais, familiares, residenciais e as percepções sobre as mudanças no bairro, ao longo de seus tempos de ocupação e moradia (questionário disponível no Anexo

l)¹⁴. Como preconizou Lomnitz (1973), a combinação de técnicas quantitativas com qualitativas amplia o leque de opções do(a) pesquisador(a), sobretudo na forma como se descreve e interpreta os dados do trabalho de campo. Em seu caso, a pesquisa etnográfica foi mediada, também, pela pesquisa censitária, em região periférica da Cidade do México, salientando a produtividade heurística dessa combinação – apropriada, em outros termos, neste estudo.

A presente investigação etnográfica está, também, temporalmente marcada. O preâmbulo reconstituiu uma cena datada, ainda do ano de 2020. Porém, os demais investimentos etnográficos, no espaço-tempo privilegiado para estudo, estão concentrados no período de novembro de 2021 até novembro de 2022. Fazer pesquisa ao longo de uma pandemia, convém apontar exigiu, para além de observar e identificar as respostas às incertezas dos meus interlocutores, exigiu lidar com as próprias incertezas da pesquisa e contar com a sorte de avanço da vacinação ao longo de 2022. A escala da ciência global, efetivamente, potencializou o trabalho local, o fazer situado.

Além das temporalidades pandêmicas, coexistiram temporalidades outras, marcadas também por processos sociais amplos: 2022 foi ano eleitoral no Brasil e na eleição do novo Conselho de Gestão e Presidência gremista – tempos da política que agitaram e efervesceram o bairro, comunicados no olhar etnográfico (marcadores temporais que serão analisados em um dos capítulos). Complementarmente, 2022 foi um ano de Copa do Mundo, agendada para novembro e dezembro. Essa mudança condensou o calendário de jogos do Grêmio em poucos meses e, com efeito, antecipou términos de campeonatos nacionais, alterando a rotina de quem ganha a vida a partir de eventos na Arena do Grêmio.

A preparação e organização dos comércios não se resumem a poucas horas de dedicação, diante da concorrência na vizinhança. Trata-se de um investimento cotidiano, diante de temporalidades que são aprendidas e engendradas conforme o calendário de eventos na Arena. Norbert Elias (1998, p. 10) já chamou a atenção para a forma como a racionalização do tempo no mundo ocidental implicou em um longo processo de aprendizagem, sendo o calendário uma espécie de quadro de referências, que proporciona sentidos a uma sequência ordenada de acontecimentos. Destaco que o calendário de eventos é valorizado diante de expectativas e

¹⁴ O instrumento foi produzido com base em projetos e diálogos, desenvolvidos no âmbito do Núcleo de Pesquisas em Cultura e Economia (NuCEC / Museu Nacional).

planejamentos financeiros das famílias com comércios em suas casas, nas imediações da Arena. Mesmo não se restringindo aos eventos, o mesmo calendário também foi levado em conta nas incursões etnográficas possibilitadas pela pesquisa.

A possibilidade de frequentar o bairro como torcedor e pesquisador, desta maneira, coexistiram neste trabalho. Aqui, desnudo o encantamento ilusório de objetividade científica descorporificada, como sugeriu Donna Haraway (1995), para admitir que meu olhar esteve marcado por identificações prévias ao trabalho científico. Porém, foi justamente o fato de torcer, manifestar, circular e ter vínculos anteriores com os locais de estudo, que me abriu janelas absolutamente constitutivas à pesquisa.

Importante salientar que para preservar a identidade dos interlocutores da pesquisa, os seus nomes verídicos foram alterados por nomes fictícios. O conteúdo de suas declarações foi preservado e evocado a partir do emprego de aspas duplas.

Do ponto de vista teórico, diferentes aportes foram mobilizados. Posso destacar, inicialmente, que me vali de autores e autoras, principalmente, no âmbito da antropologia da economia, da casa e das temporalidades. Além de autores que tecem discussões sobre o espaço urbano, os significados sociais do dinheiro e do esporte. O conjunto de autores mobilizados, como se verá, é amplo. Mas, primordialmente, valorizo o diálogo com as reflexões sobre casas, economias cotidianas, eventos e processos urbanos¹⁵.

Sobre os capítulos

A dissertação inicia apresentando transformações geradas em uma parte do bairro Farrapos e nas casas após a inauguração da Arena e de empreendimentos adjacentes. Para tanto, no *capítulo 1*, reconstituo e analiso historicidades e memórias em torno do bairro ressaltando, também, como o processo de ocupação residencial, anterior à construção do estádio, foi central para a modulação de práticas econômicas observadas atualmente. Em diálogo com o ponto de vista dos comerciantes residentes, desdubro narrativas de como os espaços dos entornos da Arena foram

¹⁵ Para a fundamentação teórica da pesquisa, dois cursos foram centrais, realizados no ano de 2021 no PPGAS/MN/UFRJ: “Antropologia dos processos de transformação – Fazendo a vida em tempos de pandemia” e “Críticas da Antropologia: vidas, incertezas e temporalidades”. Os dois cursos foram ministrados por docentes e pesquisadores do Núcleo de Pesquisas em Cultura e Economia (NuCEC). As iniciativas de docência compartilhada, vistas em ambos, trouxeram inspirações únicas à pesquisa.

ocupados, manejados e planejados para se converter, ao longo do tempo, em moradia e, após, em comércio.

Para tanto, valorizo a memória de determinados interlocutores, jornais e trabalhos acadêmicos, bem como registros visuais (fotos) das casas e espaços comerciais (em dia com ou sem eventos na Arena) – de modo a confrontar narrativas e historicidades. A partir de biografias específicas, descrevo como o bairro foi formado nas últimas décadas como resultado de conjuntos habitacionais populares e de ocupações de áreas públicas por diferentes atores.

A discussão de fundo baseia-se na seguinte problemática: o que representa a construção da Arena no bairro Farrapos, na perspectiva de moradores do bairro? Outro aspecto é refletir sobre como os comerciantes se relacionam com empreendimentos públicos e privados atrelados ao complexo Arena.

No *capítulo 2*, descrevo mudanças nas disposições e nos usos dos espaços das casas, que deixaram de ser apenas residenciais e foram convertidas em espaços também comerciais. Um achado etnográfico, que destaco inicialmente, é o de que, dependendo do contexto familiar, dois modelos de negócio podem ser identificados: um primeiro, no qual o comércio passou a ser a principal fonte de renda de uma família (sendo aberto rotineiramente, ou apenas em dias de jogos); um segundo, no qual o comércio é uma espécie de fonte de renda suplementar, ou fonte de renda extra (funcionando apenas em dias de eventos).

Casos foram apresentados para exemplificar modelos de funcionamento dos comércios, negociações de espaços e alterações nas casas, a partir das temporalidades das transações. De forma complementar, com os dados obtidos no *survey*, uma caracterização mais ampla dos comércios será comunicada, de modo a aprofundar a perspectiva etnográfica situada. Um tema comunicado é quais produtos são vendidos nas casas comerciais e como eles se relacionam com manifestações torcedoras. Convém salientar que as casas comerciais, grosso modo bares e restaurantes, coexistem com outras modalidades de comércio nos entornos da Arena.

Empregando a noção de “enclave comercial” retratei um agrupamento espacial de atividades socioeconômicas, que se relaciona com a ativação de um circuito comercial, nas adjacências da Arena. De modo geral, mostro como a caracterização dos comércios evidenciou a imbricação entre residência e comércio como aspecto central do contexto de estudo.

No *capítulo 3*, analiso como noções de tempo perpassam e se entrelaçam às práticas econômicas. Conexões entre o passado, presente e futuro foram evidenciadas, enfatizando as temporalidades das mudanças urbanas e comerciais. Diante do enclave estudado, discuto como se articulam temporalidades e como permitem destacar que as casas estão atravessadas por vetores de força externos.

Neste capítulo são desdobradas diferentes marcações temporais apreendidas ao longo do processo de pesquisa - objetivamente, a partir de uma perspectiva parcial, temporalizada e situada de investigação. Além das temporalidades pandêmicas - que, como demonstrarei, foram vivenciadas de formas distintas e desiguais pelos interlocutores -, exponho outros marcadores cronológicos que incidem sobre as casas e nas práticas econômicas visualizadas nos comércios analisados.

Demarco algumas temporalidades, apreendidas ao longo do processo de pesquisa: as temporalidades de cada negócio, conforme a configuração familiar relacionada, e de sua organização prévia aos eventos; o funcionamento dos comércios em dias de jogos (pré, durante e pós-jogo); as temporalidades das intervenções urbanas e estatais (regulamentação, fiscalização e monitoramento das ruas e avenidas e de serviços públicos); temporalidades de transformações nas casas (reformas e disposições dos espaços); o tempo das crises desportivas (a queda para a segunda divisão pelo Grêmio; as expectativas de retorno à série A); temporalidades dos ganhos econômicos e de endividamentos, em alguns casos; marcadores climáticos (influência do frio, inverno, na frequência de público); tempo da política partidária e da política institucional; temporalidades da pandemia e da pesquisa.

No *capítulo 4* ressalto como interlocutores desdobraram e combinaram diferentes práticas econômicas para obter sustento e ganhos de dinheiro. Após, demonstro como as relações entre comerciantes e torcedores não se resumem apenas ao consumo e às trocas financeiras. Existem desdobramentos que interferem diretamente nas modificações das casas, nas relações de parentesco e nas maneiras de operar diante de momentos de crise econômica e sanitária, como foi possível perceber durante a pandemia de COVID-19.

Em seguida, busco trazer descrições etnográficas para demonstrar como a construção da Arena modificou não apenas a paisagem comercial do bairro, mas também a valorização financeira e imobiliária das casas. Após, destaco nuances da relação institucional entre Grêmio e os comerciantes no Farrapos.

Por fim, apresento *Considerações*, retomando as principais evidências dos capítulos precedentes, dissertando sobre como as relações múltiplas entre casas e práticas econômicas apresentam entradas para refletir sobre diferentes dimensões sociais, entrelaçando economias, casas, família, parentesco e transformações urbanas.

CAPÍTULO 1 - Memórias das transformações

“Ter um bar e funcionar nos dias de jogo não é uma tarefa fácil”¹⁶, dizia Oti, dono de um dos comércios mais procurados nos entornos da Arena do Grêmio, em Porto Alegre/RS. Seu Oti, 52 anos, nem sempre trabalhou como comerciante. Antes da construção da referida arena, entre 2010 e 2012, cerca de 400 metros de sua casa, ele trabalhava como gerente de uma empresa no ramo alimentício e, além disso, por 21 anos, havia sido bancário. Durante toda a sua trajetória de vida residiu no bairro Farrapos, sendo conhecedor de algumas das suas modificações e localidades.

Ao realizar trabalho de campo no comércio de seu Oti, em diferentes ocasiões, pude fazer questionamentos direcionados a respeito de sua história no bairro, da construção de sua casa e do seu próprio negócio. Após casar-se com Lourdes, em 1997, Oti construiu e reformou sua moradia, situada na Avenida A.J. Renner, hoje um dos principais acessos ao estádio do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense. Com a ajuda do sogro, edificou uma casa ampla, concentrando quartos, sala, cozinha e banheiro no primeiro pavimento, naquela época. Mas a construção de uma escada, que dava acesso a um segundo pavimento a ser construído, foi central em modificações que ocorreram a partir de 2012. Suas palavras são explicativas: “Eu sempre tive minha casa aqui embaixo, antes de 2012 era minha residência e não um bar. Começamos pequenininho, fui aumentando peça, quebrando, hoje temos os dois pisos”. Os cômodos da residência, em 2022, estão concentrados no segundo pavimento. O bar, o banheiro e cozinha comerciais, no primeiro.

Juntamente com Lourdes, seu Oti criou as duas filhas naquele lugar. Ao conhecer a história dessa família, me atento para a forma como a noção de casa pode ser concebida nos termos de Janet Carsten e Stephen Hugh-Jones (1995). Para os autores, os entrelaçamentos entre pessoas, casas e parentesco ultrapassam a esfera arquitetônica da moradia. Nessa visão, a ideia de que as casas estão presentes em nós, assim como nós estamos presentes nelas, torna-se um caminho absolutamente fértil para se estudar as inter-relações entre edificações, pessoas e seus universos sociais. Ao atribuir uma dimensão dinâmica aos processos de constituição de pessoas e casas, é possível entender que a “casa surge como uma extensão da pessoa” e as pessoas das casas (CARSTEN & HUGH-JONES, 1995, p. 2), um vínculo íntimo e

¹⁶ Entrevista concedida no dia 21 de março de 2022, na residência e comércio do interlocutor.

indissociável, por vezes. A vinculação íntima entre a qualidade corpórea das casas e os corpos que nelas habitam se relacionam com circunstâncias mutáveis: hoje, já adultas e casadas, as filhas de Oti e Lourdes residem com os respectivos maridos em outra casa adquirida pelos pais, mas no mesmo bairro (“é uma casa pra dentro da vila, uma mora em cima e a outra no piso de baixo, as duas tem maridos e filhos”, detalhou Oti).

A escada, ou a visão de futuro do sogro, também possibilitou a ampliação arquitetônica da casa, dos negócios e da família. Além disso, as entradas e circulação de dinheiro a partir da inauguração da arena vizinha foram determinantes – muitas reformas foram feitas a partir dos ganhos trabalhistas de Oti e do lucro obtido em seu comércio. Há um elemento extra fundamental nessa biografia familiar, atribuído a uma escala futebolística: o desempenho esportivo exitoso do Grêmio nos primeiros anos de Arena, atraía a frequência do público naquele comércio, recheado de manifestações torcedoras em dias de jogos (MARTINS, 2019). Aborda-se um território onde o torcer e o socializar assumem diversas formas, a partir de dimensões estéticas, políticas e econômicas materializadas e temporalizadas no espaço em questão.

Mudanças gigantescas ocorreram na vida de seu Oti e de sua família nos anos seguintes à inauguração da Arena do Grêmio. O que era um meio de complementar a renda familiar – podendo ser aproximado a noção de “dinheiro especial”¹⁷, proposta por Viviana Zelizer (1989) - converteu-se em principal objeto de trabalho e de ganho econômico do casal: “Na época em 2012, eu trabalhava numa indústria de fermento e alimentos. Eu tinha um emprego razoável. Mas fiquei pilhado em abrir o bar e tentar um extra. Não imaginava que daria esse ‘up’ e eu poderia viver só dele. Hoje, eu e minha esposa, a gente consegue viver do bar”. A mudança foi experimentada com otimismo, mas com cautela. A abertura do bar foi em uma peça de garagem inicialmente, em frente ao seu pátio de casa. Mas o seu próprio negócio tomou proporções inesperadas. Isso porque, por uma demanda de um grupo de torcedores gremistas e por articulações de seu proprietário, o bar passou a ser constantemente

¹⁷ Na visão de Zelizer (1989), o dinheiro não é algo homogêneo, axiologicamente neutro, ou apenas algo quantitativo. Os seus sentidos são variados. Os dinheiros, na perspectiva em questão, estão preenchidos de significados e de usos distintos, contextualmente definidos. A autora articula exemplos a demonstrar como, nas sociedades ocidentais também os dinheiros são classificados em tipos especiais, conforme os usos e as relacionalidades envolvidas (dinheiro do trabalho, dinheiro da casa - muitas vezes, confundido com o dinheiro das mulheres. Assim, me inspiro em Zelizer para pensar o dinheiro extra e o da aposentadoria, vistos no texto etnográfico, como “especiais”, marcados por usos e significados extraeconômicos.

procurado por torcidas organizadas e suas aliadas. Ao tentar reconstituir, junto a esse interlocutor, algumas memórias de construção da casa, constituição da família e de seu negócio, fui direcionado a olhar para algo que transcendia as paredes da casa: a ocupação habitacional pretérita daquele recorte do bairro. Com efeito, é a partir da casa de Oti que retomo uma história anterior à Arena.

Neste capítulo, descrevo transformações ocorridas no bairro Farrapos e em casas situadas nos entornos da Arena, antes e depois desse empreendimento e de outras obras de infraestrutura urbana. Para tanto, valorizo historicidades narradas por determinados interlocutores de pesquisa, fontes em jornais e trabalhos acadêmicos, bem como aponto registros fotográficos de casas e espaços comerciais (em dia com ou sem eventos na Arena). Convém reconstituir como o bairro foi formado ao longo do tempo, desdobrado como resultado de conjuntos habitacionais populares e de ocupações de áreas públicas por diferentes atores. Em seguida, retomando acontecimentos narrados sobre o início das obras em 2010 e a inauguração do estádio em 8 de dezembro de 2012, demonstrarei como essa iniciativa alterou dinâmicas e fluxos espaciais, sociais e econômicos do bairro mencionado, a partir de perspectivas de moradores comerciantes sobre as mudanças.

A discussão de fundo, nesse capítulo, baseia-se na seguinte problemática: considerando o ponto de vista de moradores comerciantes, o que representa a construção da Arena do Grêmio no bairro Farrapos e como isso se relaciona com trajetórias habitacionais de comerciantes? É possível tratar a questão pensando nessa nova delimitação do espaço urbano, naquele recorte da cidade, como promotora de transformações sociais, econômicas e infraestruturais. Além disso, identifico um novo regime de comercialização, circulação e consumo de bens/produtos e serviços (configurando mercados formais e informais)¹⁸, viabilizado a partir da conversão dinâmica de casas e ruas em espaços comerciais, além de serem fonte de moradia - salientando a multifuncionalidade de territórios urbanos, em termos econômicos (MARTINS, 2019). Essa análise inicial permitirá destacar como as casas estão atravessadas, além de relações mutáveis de parentesco e substância, por vetores de

¹⁸ A configuração de um mercado de venda e consumo de bebidas alcoólicas, por exemplo, pode ser analisado como estratégico nos diferentes negócios aqui estudados. Notadamente, a proibição da venda de bebidas alcoólicas no interior dos estádios de futebol, prevista pela lei estadual 12.916 de 2008, influencia diretamente nas movimentações econômicas e consumo no lado externo dos estádios. Não dei uma atenção maior a esse tema no trabalho, porém o assunto é retomado, de tempos em tempos, em discussões públicas e na mídia local, sendo objeto de polêmica entre legisladores. Legislação disponível em: < <http://www.al.rs.gov.br/filerepository/repLegis/arquivos/12.916.pdf>>.

força externos, como sugere Janet Carsten (2004), a partir de processos diacrônicos variados.

A partir de relações com alguns amigos e conhecidos, o “bar do Oti” ficou sendo visto como a referência para a autodenominada “maior torcida organizada do sul do Brasil”: a Geral do Grêmio. Uma referência: o espaço comercial de Oti passou a ser usado para a concentração de torcedores no pré-jogo e no pós-jogo, bem como à comemoração de títulos. Em entrevista realizada no dia 20 de março de 2022, ele relatou como desdobrou a aproximação inicial com o coletivo de torcedores: “A torcida veio e comprou a ideia. Uns amigos meus indicaram o bar e a torcida começou a vir. Vieram os cabeças, vieram conversando, aos poucos”. Ao longo do tempo, a relação com essa organizada e seus pertencimentos clubísticos se tornaram central em seu negócio: “O bar é meu e não tem nada a ver com a torcida. Nós temos uma parceria, que ficou boa. Eu vendo minha cerveja e eles tem um local, uma referência”.



Imagem 5: Torcedores confraternizam em frente ao “Bar do Oti”, na Avenida A.J Renner. A presença de ambulantes também foi constatada. Foto retirada duas horas antes do jogo entre Grêmio e Chapecoense, série B do Campeonato Brasileiro, realizado às 18h30min, no dia 15/04/2022.

Evidentemente, as reciprocidades entre torcedores e o comerciante não são apenas materializadas nas trocas econômicas. Trabalho e festividade estão imbricados em múltiplos locais nos entornos da Arena, tal como nesse caso. Esteticamente, sua casa e o seu bar estão coloridos com símbolos e cores gremistas (azul, preto e branco). Arquitetonicamente, é notável como o espaço interno comercial foi alterado para ser adaptado a um “bar” (com freezers, banheiros, churrasqueiras e balcões) e o espaço externo e público, em frente, é apropriado pelo grupo de torcedores em dia de jogo.

O fato marcante é que a Avenida A.J. Renner, nas afirmações de alguns interlocutores que nela residem, é vista como uma via não duplicada e que cede parte do seu terreno a uma calçada e estacionamento provisório de carros. Nessa calçada, com mais de 10 metros de largura, os frequentadores dos bares e demais ambulantes ficam aglomerados em dias de jogos, consumindo bebidas e alimentos, tecendo encontros e ecoando cânticos com uma banda instrumental. Aqui, a não execução de um projeto de infraestrutura urbana (a duplicação da avenida citada), previsto com a construção da Arena, resultou em um espaço de convivência, apropriado pelos torcedores gremistas em dias de jogo.

O diálogo com Oti, sem dúvidas, me fez olhar para a historicidade desse lugar, sobretudo ao lote próximo à avenida Padre Leopoldo Brentano, que dá acesso à Arena. Embora nem todos os moradores da localidade tenham investido em comércio locais é notável a semelhança do padrão de ocupação habitacional naquele recorte. Foi a partir dos fios tecidos na relação com a casa de Oti, em diferentes visitas e diálogos, que pude acessar outra casa na vizinhança: a de Jardel, antigo presidente e líder comunitário da Associação Castelo Branco. Efetivamente, a casa de Jardel arquiva memórias e registros de processos de ocupação, construção e modificação urbana naquela área.

A partir de sua pesquisa etnográfica sobre o fenômeno de consolidação das favelas no Rio de Janeiro, Mariana Cavalcanti indicou a relevância de se compreender os sentidos e os trajetos de transformações sociais e históricas que transcendem as comunidades em si. Por outro lado, destacou como é necessário, nessa abordagem analítica, se atentar às narrativas e memórias locais. Como demonstra o trabalho da antropóloga, o estudo das condições habitacionais constitui uma importante fonte de conhecimento sobre a vida social, algo que procuro reter não apenas neste capítulo.

De momento, focarei em articular as memórias e registros locais encontrados na casa de Jardel, para comunicar como trajetórias habitacionais e experiências vividas se entrelaçam às temporalidades e espacialidades do presente e à percepção da casa como processo (CAVALCANTI, 2009).

O cenário de ocupações na década de 1990

Julho de 1993. A Companhia de Habitação do Estado do Rio Grande do Sul (COHAB-RS) registra e apresenta um projeto de planta básica às casas destinadas aos moradores da Associação Comunitária Castelo Branco. Segundo Jardel, liderança comunitária na época, o terreno localizado na Avenida A.J. Renner já havia sido terraplanado e modificado, a partir de articulações e custeios coletivos dos seus próprios ocupantes. Dois meses antes da formalização do acordo e entrega da planta, inicia-se a ocupação do terreno, por iniciativa de um grupo de pessoas que pagavam aluguéis e já residiam na região. Na época, Jardel trabalhava como oficial da OAB e, em seu relato, soube da disponibilidade daquela área pública após entregar uma documentação a uma empresa vizinha. Ele me recebeu em sua casa e, prontamente, fez questão de revelar suas memórias sobre a área conquistada pela associação.

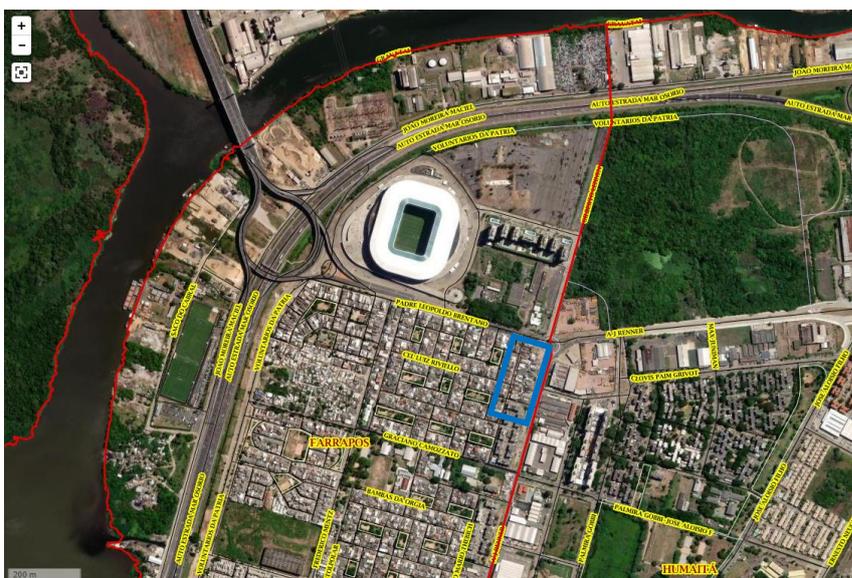


Imagem 6: Representação de uma parte do bairro Farrapos. O quadrado de cor azul, próximo ao centro da figura, ilustra a área destinada à Associação Comunitária Castelo Branco, terreno situado no cruzamento entre a av. AJ Renner e a av. Padre Leopoldo Brentano. Disponível em: Procempa/POA¹⁹.

¹⁹ Mapa oficial digital de Porto Alegre, disponibilizado pela Companhia de Processamento de Dados de Porto Alegre. Disponível em: <http://mapas.procempa.com.br/mapaoficial/>.

Jardel tem hoje 74 anos. Ele conta que criou seus três filhos naquela casa, junto à esposa, Lúcia. Originário de Rio Grande, sul do estado, comunicou que sua vinda à capital foi a trabalho, quando tinha 24 anos. Seu desejo de conquistar uma casa própria e apoiar outros amigos foi imperativo para a criação da associação mencionada: “faço questão de elucidar e falar que nós não ganhamos, nós pagamos tudo. No final, fiz uma casa até grande demais”. A sua casa, atualmente, conta com dois pisos em um terreno de, aproximadamente 160 metros quadrados (5,75 metros de largura x 28 metros de profundidade, delineou).

Em 1993, após ter ciência de que o terreno era de domínio da antiga COHAB, desfeita nos anos seguintes, Jardel começou a empreitada e as negociações com a Companhia para que a área fosse destinada à habitação social. Inicialmente, mais de 500 moradores manifestaram interesse naquela ocupação. No entanto, o número foi reduzindo, logo que as negociações foram dando seguimento. Suas palavras são precisas: “A maioria não acreditava e eu não podia dizer pra eles que iria dar. Porque se eu digo que daria certo, de 500 viriam mil. Eu dizia que estava bem encaminhado e que quem tiver comigo, se eu ganhar, também seria beneficiado”. Na prática, a ideia não era necessariamente ‘ganhar’. Como ele fez questão de elucidar, reiteradamente, os terrenos foram financiados e as casas construídas com os esforços de cada família.

Êxito nas primeiras tratativas. Após o aval do governo estadual, o terreno - antes considerado pelos seus ocupantes um pequeno “banhado” com matagal e sem nenhuma condição de habitação - passou a ser cuidado e alterado pelos seus futuros moradores. Ao evocar cenas da época, Jardel, também, informou como noções de futuro e o ideário da casa própria, da casa autônoma de cada família, guiaram o pleito coletivo em torno da glorificação planejada.

Felizmente (para alegria desse pesquisador, igualmente) o processo de ocupação inicial foi registrado por um fotógrafo profissional e arquivado por Jardel. Ele relembrou da situação precária do terreno e, emocionado, disse, apontando para as fotos em preto e branco: “Olha aqui: aterro, água, banhado. Nós tivemos que aterrar tudo. Tudo aqui na A.J. Renner. Nós que terraplanos e aterramos. Pagamos a máquina e o funcionário”. O governo estadual²⁰, assim, apesar da concessão, pouco

²⁰ Na época, o estado do Rio Grande do Sul era gerido por Alceu Collares, governador eleito pelo Partido Democrático Trabalhista (PDT), mandato de 1991 a 1994. A pasta da comunicação social e habitação era exercida pelo senhor Dilamar Machado. Segundo Jardel, Dilamar foi um mediador central nas negociações do terreno ocupado pela administração estadual. Informações disponíveis em: <<https://memorial.camarapoa.rs.gov.br/galeriadospresidentes/dilamar-machado/>>.

viabilizou naquele primeiro momento, segundo o interlocutor: “Contratamos trator e a manutenção do nosso bolso. A maioria pagou almoço para o rapaz que veio trabalhar”.



Imagem 7: Terreno destinado à Associação Castelo Branco. Ao fundo, área da Escola Técnica Santo Inácio, após paradas de ônibus na avenida Padre Leopoldo Brentano. Reprodução da foto retirada em 1993. Fotógrafo Vilmar da Rosa. Fonte: Associação de Moradores Castelo Branco.



Imagem 8: Terreno antes da ocupação, destaque às áreas alagadiças. Reprodução da foto retirada em 1993. Fotógrafo Vilmar da Rosa. Fonte: Associação de Moradores Castelo Branco.



Imagem 9: Terraplanagem do terreno. Reprodução da foto retirada em 1993. Fotógrafo Vilmar da Rosa. Fonte: Associação de Moradores Castelo Branco.



Imagem 10: Barracas ocupando o terreno, após a terraplanagem. Reprodução da foto retirada em 1993. Fotógrafo Vilmar da Rosa. Fonte: Associação de Moradores Castelo Branco.

Por outro lado, a promessa de permanência foi central e permitiu -lhes investir na ocupação e, posteriormente, na construção das casas. Após a terraplanagem do

terreno, em maio de 1993, os primeiros ocupantes instalaram barracas na área e realizaram o seu cercamento. A instalação da placa demarcava que o lote deixava de ser apenas um espaço ocioso do ponto de vista habitacional.

O contexto favorecia, no que pude notar, para a existência de narrativas que questionavam o domínio coletivo da área, principalmente de vizinhos não beneficiados, desconfiados daquela situação: “Muitas pessoas de fora diziam: ‘ali vocês invadiram’. E eu dizia: ‘não, nós ocupamos uma área e vamos negociar’. A minha foi quitada na COHAB”. A lógica da economia dos olhares e dos julgamentos morais sobre a presença na área poderia prevalecer. Mas, com a organização e diálogo constante com o estado, o projeto coletivo se estabeleceu. Com o fim da Companhia, em janeiro de 1995 – também por conta de dívidas acumuladas -, o cenário foi ainda mais benéfico aos novos moradores da AJ Renner: “Depois a COHAB estava em liquidação, o governo fez uma proposta pra quem ainda devia o financiamento: quem pagar tanto liquida. Deixou a bola quicando e eu paguei de vez, foi bem mais barato”. Outros moradores, segundo Jardel, também o fizeram.

Ao todo, 68 famílias foram beneficiadas com a ocupação ensejada pela Associação. Na av. A.J. Renner e proximidades, 50 famílias foram contempladas. Outras 18 famílias, segundo o informante, foram instaladas nas proximidades da chamada “Casa de Bombas” da Vila Farrapos, perto da rua Frederico Mentz. Eram movimentos de habitação social se apropriando de espaços ainda com uma urbanização precária e pouca infraestrutura pública, a qual foi intensificada nos anos seguintes – ainda antes do planejamento da Arena do Grêmio na região.

Um fator para a arquitetura das residências e aval da COHAB foi determinante, ao interlocutor: a concessão e formalização de uma planta básica, inspirada em modelos que já haviam sido executados pela Companhia no próprio bairro. Na parte inferior da casa, projetava-se a sala de estar, cozinha, banheiro e varanda. No piso superior, os quartos, acessados pela escada. Essa definição de dois pavimentos, no que pude associar a partir das observações feitas, também foi determinante no caso de Oti, o qual, na atualidade, utiliza o térreo da casa para o seu bar e, na parte superior, à sua moradia. Esse modelo de divisão entre casa e comércio é visto, também, em outras casas na vizinhança. Mas, naquele recorte espacial, nem todos os moradores se converteram em comerciantes, existindo fatores como disponibilidade de tempo, espaço, mobilização de recursos e de pessoal para tanto, dentre outros aspectos (os quais tratarei nos capítulos seguintes).



Imagem 11: Casas sendo construídas. Reprodução da foto retirada em 1993. Fotógrafo Vilmar da Rosa. Fonte: Associação de Moradores Castelo Branco.

Jardel contou outros detalhes sobre o processo político de concepção das casas: “Na COHAB me diziam: ‘não temos como construir’. E eu dizia: ‘não, não quero’. Nós é que vamos construir. A maioria do pessoal pagava aluguel e com esse dinheiro a gente poderia construir”. O desejo da liderança era outro: “Só queria que vocês me fornecessem uma planta básica, um modelo e nós desenvolvemos em cima dele”. Como se pode apreender, mesmo não direcionando recursos estatais para as casas, no caso detalhado, a COHAB tem um papel central na territorialização e moralização de conjuntos habitacionais no bairro Farrapos. Após o seu desaparecimento como ente público, esse espaço de intervenção política passou a ser preconizado pelo chamado Departamento Municipal de Habitação de Porto Alegre (DEMHAB), deslocando um maior nível de controle para a esfera municipal naquele âmbito territorial. O caso seguinte ilustra tal afirmação.



Imagem 12: Moradores cercando o terreno. Ao fundo, a avenida Padre Leopoldo Brentano e Escola Técnica Santo Inácio. Reprodução da foto retirada em 1993. Fotógrafo Vilmar da Rosa. Fonte: Associação de Moradores Castelo Branco.

As ocupações seguiram

Após a destinação do terreno à Associação Comunitária Castelo Branco, ainda em 1993, novos atores surgiram na região, desdobrando outras ocupações e processos de negociação de áreas públicas ociosas na arena estatal. Em torno de 300 metros do terreno referido, na avenida A.J. Renner, um novo movimento foi desdobrado e, mais recentemente, vai se destacar por ter gerado relações de vizinhança à Arena do Grêmio.

Conheci Adilson ainda em 2018. Antes de acompanhar um jogo do Grêmio na Copa Libertadores de América, um amigo me convidou a ir em um comércio para comer, em suas palavras, um “pastel diferenciado”. Era na casa de Adilson, localizada na esquina da avenida Padre Leopoldo Brentano com a rua Voluntários da Pátria, atual rua contabilista Jorge Luiz Machado. Na varanda da casa, na parte da frente, cadeiras e mesas de plástico estavam dispostas, sugerindo que era ali que os clientes deveriam ficar, naqueles momentos prévios ao jogo. Algumas cadeiras eram colocadas na calçada da rua, assim como churrasqueiras de alumínio (chamadas de “latão”). O fato é que não pude deixar de notar o atendimento atencioso do

comerciante. Ademais, havia uma divisão de gênero presente naquele espaço comercial: ele recebia os pagamentos, entregava as bebidas solicitadas e encaminhava pedidos para a cozinha, gerida por sua esposa e filha.

Naquele episódio, fiquei lhe devendo uma quantia pelo pastel e uma bebida, já que não aceitava cartão de débito e crédito - o que mudou nos meses seguintes. Ele me afirmou que poderia pagar “outro dia”, sem grandes problemas. Aparentemente, os ganhos esperados e projetados, àquele dia, já haviam sido garantidos (pude imaginar isso, diante do seu desprendimento). Na ocasião do jogo seguinte, acertei o valor e notei que aquela era mesmo a sua maneira personalizada de tratar os clientes e nem lembrara do que lhe devia. Após, passei a ir com frequência em seu comércio.

Em 2022, após o retorno dos jogos com torcida diante do período pandêmico, voltei à casa de Adilson e, por coincidência, descobri que ele havia sido uma importante liderança comunitária, ainda na década de 1990. Seus esforços, junto a outros protagonistas, resultaram em uma espécie de assentamento na região da av. Padre Leopoldo Brentano e de uma parcela da rua Voluntários da Pátria, desdobrada na materialização de 114 lotes/terrenos, de acordo com o que me relatou em algumas ocasiões. A imagem a seguir, ilustra aproximadamente pelos quadrados em cor azul, a área referida:

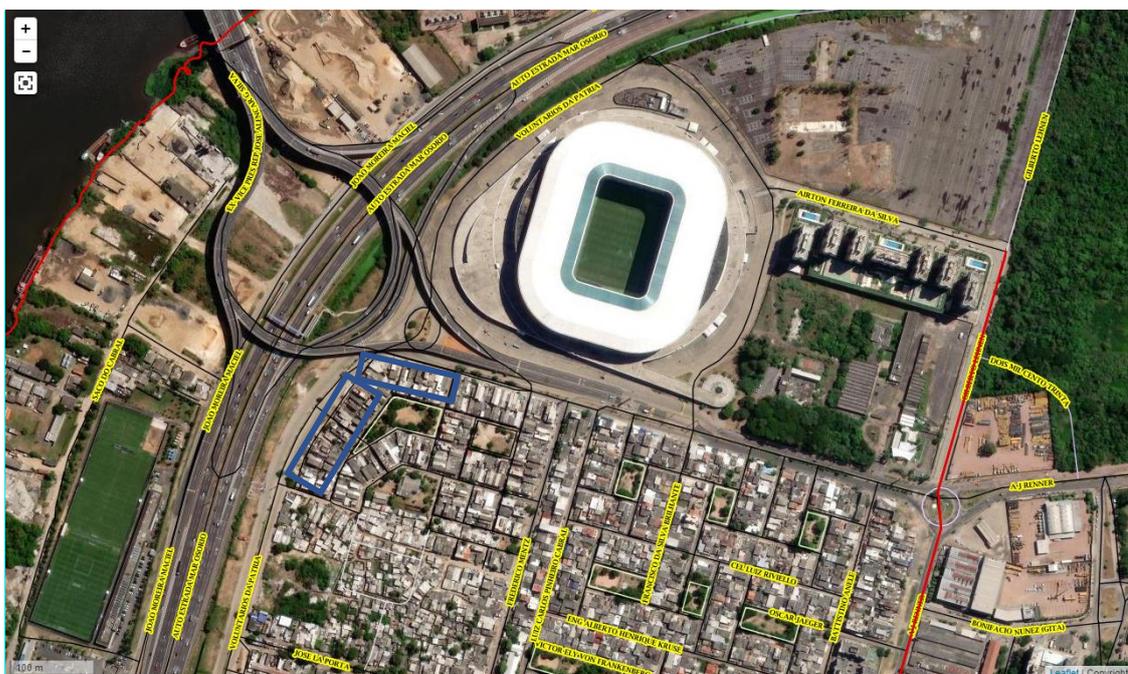


Imagem 13: Nos quadrados em cor azul, tem-se a representação aproximada da área, onde houve assentamento de moradores da Associação A.J. Renner, segundo Adilson. Como ocorreram mudanças e vendas nos terrenos, além da urbanização no entorno, apresento apenas uma ilustração sem definições topográficas precisas. Imagem disponível em: Mapa oficial de Porto Alegre - Procempa/POA.

Em 1995, a região não era muito habitada, apenas existiam poucas casas de madeira e barracão: “Aqui era um banhado e eles passaram uma máquina, mas eu negocieei com eles. Aqui não tinha nada, nem água, nem luz. Era bem abaixo do nível do rio, 3 metros para baixo”. O rio aludido, na realidade, é um afluente do Lago Guaíba (ali, quase em uma área de encontro com outro dos cinco afluentes do Lago). Adilson completou: “Aqui, a gente foi aterrando aos poucos. A primeira estrada pra entrar foi nós, moradores, que fizemos”. A estrada citada é uma complementação da avenida Padre Leopoldo Brentano, em seu término.

Mas, a história de conquista de terrenos para a habitação social, não começou exatamente nessa área. O primeiro local ocupado, revelou Adilson, foi na A.J. Renner, em 1995 - pouco mais de um ano após a ocupação Castelo Branco. Sua narrativa é demonstrativa de como o “dinheiro do aluguel” atravessa os orçamentos domésticos de muitas famílias de classes populares: “Passando ali, vi aquela área e pensei em ter um terreno ali. Chegava dia 10 eu não dormia mais a noite, depois de pagar o aluguel dia 5. Eu pensava, como vai ser?”. Na época, Adilson trabalhava vendendo produtos alimentícios industrializados, transitando em vários bairros da cidade, utilizando-se de uma “kombi”, veículo comercial com mais espaço para transporte do que outros carros populares. Porém, o automóvel apresentava problemas mecânicos e, em sua perspectiva, logo iria “lhe deixar na mão”, prejudicando a sua maneira de “ganhar a vida”²¹. Afinal, sem a garantia de deslocamento diário, o dinheiro da casa também não estava assegurado.

Natural de São Luiz Gonzaga, interior do Rio Grande do Sul, Adilson conta que, ao chegar no bairro, passou a pagar um aluguel alto. Passava diariamente na frente do terreno pleiteado e, observando os demais movimentos de ocupação no bairro, começou a imaginar: “Pensei: podia tentar um terreno aí, mas eu não entendia muito negócio de ocupação, porque eu vim do interior, mas sabia que existia isso”.

A ideia de Adilson foi a de prezar por um terreno na região próxima a um importante mercado atacadista no bairro Farrapos e de outras ocupações já em andamento. Em entrevista, relatou que a área era, também, de domínio da COHAB-

²¹ Em sua análise sobre as economias urbanas “marginalizadas” na Cidade do México, na década de 1970, Larissa Lomnitz (1973) chama a atenção para a ideia de que nem sempre o mais importante é a quantidade de dinheiro que as pessoas irão receber, mas sim a certeza ou incerteza de que o dinheiro será devidamente recebido. No caso de Adilson, a dependência do veículo para trabalhar e transportar produtos comercializados em várias regiões de Porto Alegre gerava enormes incertezas, já que qualquer problema mecânico poderia “lhe deixar na mão”, isto é, prejudicar os seus ganhos diários e mensais.

RS, mas estava sem nenhum uso, pois a companhia apresentava estado de endividamento e poucos recursos para seguir com seus projetos habitacionais. Efetivamente, em janeiro de 1995, o governador Antônio Brito Filho autorizou a extinção da COHAB-RS, após 30 anos de serviços públicos²².

À luz de alguns estudos geográficos sobre a região, efetivamente, tornou-se possível constatar que a década de 1990 é um período com um elevado número de ocupações nos bairros Farrapos e Humaitá, além de um alto número de ocupações irregulares de imóveis existentes na região (MARTINS, 2010, p. 50; NORMANN, 2020, p. 61). Trata-se de um período marcado por demandas de moradia, por movimentos comunitários em torno de habitação e por melhores condições de vida.

Em sua narrativa sobre o processo de ocupação do terreno na avenida AJ Renner (na fronteira entre os bairros supracitados), Adilson situou que, atualmente, a área é destinada a uma garagem de ônibus. Ele detalhou acontecimentos iniciais de tomada da posse do terreno, a “primeira vez que participava de uma ocupação”: “Vieram três perguntar o que eu ia fazer ali. Eu disse que comprei umas terras e iria demarcar”. A estratégia de ocupação atraiu críticos e curiosos, alguns dos quais passaram a fazer parte da “luta” que se estabeleceu: “Deus me indicou pra pegar e eu vou garantir um lugar pra minha família, posso até não ficar, mas daqui eu vou conseguir um lugar”, ele afirmou a um vizinho interessado, pastor na comunidade. A referência religiosa, objetivamente, teve um efeito teleológico, valorizando noções como perseverança e organização. Depois de alguns dias, já contava mais de cem barracas instaladas na área, detalhou.

Inicialmente, algumas relações com membros da Associação Castelo Branco lhe deram maior capacidade de articulação e edificação de outra associação: “Do pai do Oti, pegamos a luz e numa outra casa puxamos uma torneira, para ter água no barracão da associação. Peguei duas famílias que eram papeleiros e não tinham casa, fiquei com eles sábado e domingo, mal ia em casa”. Após os primeiros dias, um aviso formal foi elaborado pelos membros da associação: “Segunda-feira fui à COHAB com

²² A COHAB-RS havia sido instituída em 1964, de modo a ser planejadora e executora de planos e projetos habitacionais do governo do estado do Rio Grande do Sul. Considerado o maior agente político de habitação popular da ditadura militar brasileira, as COHAB's estiveram presentes em vários estados brasileiros, de modo a fomentar a expansão do processo de industrialização do país e o “assentamento” da classe trabalhadora, diante de mudanças e crescimentos das populações urbanas (CASTILHO, 2015).

um documento, uma carta dizendo que tinha tomado posse numa área deles e que queria comprar a área”.

Além de sua iniciativa pessoal e do apoio de outras pessoas interessadas na comunidade, as articulações políticas não partidárias de Adilson foram fundamentais para o êxito da empreitada: “Meu sobrinho era assessor do Mendes Ribeiro, que era, na época, secretário estadual de habitação. Foi ele quem colocou a COHAB em liquidação”. Efetivamente, o contato tratava-se de uma relação que estreitou o diálogo entre a liderança e o secretário da época. Mesmo assim, como era de se esperar, o pedido de reintegração de posse ocorreu e a liminar foi obtida, fazendo com que as famílias tivessem que desfazer a ocupação – o processo opôs estado e a Associação Beneficente Comunitária A.J. Renner. As memórias das negociações, reportadas por Adilson, são, no mínimo, curiosas:

“O oficial de justiça foi ali, já tinham me ligado que iam nos tirar, nos próximos dias. Comentou que não adiantaria a gente ficar ali. Meu sobrinho ligou e passou o telefone pro Mendes, pro secretário, e ele disse assim pra mim: ‘tu me consegues dois mil votos na tua região?’. Eu disse que não podia garantir isso. Ele me disse assim: ‘Se tu me dissesse de cara que iria garantir, eu ia pedir pra seguirem o despejo. Mas como tu me disse algo sério, nós vamos nos sentar e conversar’. Quando eu voltei para a ocupação, já tinha passado o oficial de justiça e disse que na manhã seguinte iria nos tirar” (Entrevista concedida em 17 de outubro de 2022).

O jogo moral, presente no campo político, flerta com posicionamentos de aceitação e recusa a clientelismos. Evidentemente, as moralidades implicadas nos processos políticos, por vezes, influenciam as decisões e agenciamentos dos sujeitos, nas arenas públicas e privadas. Não se trata aqui de avaliar o teor dos fatos, se os desdobramentos revelam atitudes certas ou erradas, ao regime jurídico previsto na época. Mas sim de reconstituir as cenas costuradas pela memória dos interlocutores, no bojo das hierarquias institucionais e das táticas de sustentação de objetivos comunitários. Há aqui, como parte do processo de luta política por melhores condições de vida, a existência de vínculos de lealdade e de desconfiança, no âmbito das diversas moralidades, que estavam em jogo no espaço formal.

Em artigo sobre a desocupação do Pinheirinho, amplo terreno localizado em São José dos Campos/SP, Inácio Dias de Andrade destacou como o termo “luta” aparece associado a uma amplitude de sentidos, definidos contextualmente. Porém,

no que se refere às ocupações urbanas, o autor reflete como a ideia de luta costuma ser associada ao processo de “conquista da casa” (ANDRADE, 2013, p. 51). Em uma conversa cotidiana, a “luta” sempre emerge para se referir à participação e à entrada dos sujeitos no movimento, ou para fornecer um suporte terminológico para narrar a cronologia de acontecimentos vivenciados como dramas coletivos e sociais.

A reflexão de Andrade alude à necessidade de contextualizar a fluidez do uso da categoria “luta” nas mobilizações sociais, mas traduz, igualmente alguns usos recorrentes. Dessa forma, o termo “refere-se à agência possível da parte da população que está inferiorizada hierarquicamente e que precisa estar em constante atrito com outros setores da sociedade que lhe são desfavoráveis” (ANDRADE, 2013, p. 52). Nessa linha, é possível retomar a concepção constatada por Teresa Caldeira (1984) sobre a visão de mundo das classes populares, que opõe a sociedade brasileira em duas metades: “o nós, pobre” e o “eles, ricos”. O termo “luta”, notadamente, traduz a relação possível (dialógica, combativa, conflitiva ou de negociação) entre esses dois mundos, a partir das perspectivas dos mais desfavorecidos.

Após algumas negociações com o secretário estadual de habitação, naquele período, Adilson descreveu como a possibilidade de reintegração de posse do terreno foi vivido como drama na comunidade e, de fato, quase foi efetivada: “No outro dia de manhã, encostaram 11 carros com o oficial de justiça, mas sem polícia. Estavam esperando o oficial que era o chefe deles e tinham mandado. Era pra executar o mandado, mas estavam reforçados, porque era grande a invasão”. A situação mudou quando um advogado, enviado pelo secretário de habitação, chegou ao local para reverter o cumprimento de mandado e evitar o despejo. A “luta”, a partir dali, ganhava outros contornos.

As negociações resultaram na presença e na constituição das casas, nos anos posteriores, na localidade que é hoje uma parte significativa dos entornos da Arena: “Fomos numa reunião no Centro Administrativo. Começaram as negociações. E na primeira vez, ele [secretário] ofereceu essa área aqui, mas não conhecia esse lado. Aqui mesmo, nem dava para entrar nessa época. Só tinha uma vilinha aqui do lado”.

Como apontou Tássia Normann em dissertação no curso de Geografia, o local de realização de novos empreendimentos, incluindo a Arena do Grêmio, no bairro Farrapos é próximo aos rios Jacuí e Gravataí (afluentes do Lago Guaíba), de forma que, em termos naturais, são terrenos verdes de “várzea alagadiça”. Neste sentido,

muitas são as áreas de banhado na região e algumas foram aterradas para ocupação. Por conseguinte, um “sistema de bombas hidráulicas é usado no bairro, para bombear a água e evitar alagamentos nas vias e imóveis” (NORMANN, 2020, p. 75). Não obstante, tal mecanismo é insuficiente e não evita que enchentes e inundações ocorram em muitas ruas - várias foram as reclamações de moradores sobre isso, durante a realização do trabalho de campo.

No caso em questão, a área destinada pela Secretaria Estadual de Habitação, antiga COHAB, para a Associação Beneficente Comunitária A.J. Renner era efetivamente inabitável, já que os campos alagadiços e banhados eram predominantes no local. Na reunião com o secretário de habitação, em 1995, Adilson relata que uma moradora, colega de associação, negou a oferta de terrenos naquele território, gerando desavenças, mas evidenciando que as relações de força deixavam os potenciais moradores hierarquicamente desfavoráveis. A “escolha da noiva” não poderia ser feita, ela já estava escolhida, algo evidente na performance de quem a escolhera, como explicou Adilson: “O pessoal que conhecia essa área, tinha uma senhora que conhecia, disse que não queríamos. O Mendes levantou da cadeira e pegou o casaco dele na hora: ‘pera aí um pouquinho, eu quero fazer um casamento com vocês, mas vocês querem escolher a noiva? Então vamos desfazer e mandar seguir o despejo’.” Adilson se atravessou e acabou aceitando por necessidade, em nome da associação, o terreno destinado. “Era o que ele disse que tinha disponível”, mas “ele iria passar uma máquina lá, já que não tinha nem água e nem luz no local”.

Uma janta na sede da associação, ainda na AJ Renner, ritualizou a entrega da documentação. Agora, era hora de celebrar e, em seguida, seguir com a empreitada. Ao todo, 114 lotes foram destinados aos moradores da associação, todos com tamanho padrão²³. Porém, apenas 69 puderam ser ocupados, naquele primeiro momento. Com o passar dos anos, os demais foram sendo definidos e povoados em localidades próximas do bairro. No entanto, com a chamada “liquidação” da COHAB, as responsabilidades de pagamento dos terrenos foram repassadas diretamente à Caixa Econômica Federal.

A ideia, de acordo com Adilson, era que a concessão dos terrenos às famílias permitisse construir e realizar os investimentos necessários à habitação. Assim como no caso da Associação Castelo Branco, os esforços financeiros para efetivar o

²³ O interlocutor não especificou as medidas exatas do lote inicial. Apenas citou que, em seu caso, construiu cerca de 80 metros quadrados até 2022.

conjunto de moradias vieram dos próprios ocupantes: “Não tem um tijolo do estado aqui. Nem os aterros da rua eles pagaram, nós que pagamos um senhor pra fazer”. A circunscrição das áreas, como é possível apreender, foi mediada e legitimada pelos órgãos estatais, empoderados com instrumentos de habitação popular, ainda herdados de investimentos do período de ditadura militar. No entanto, as mobilizações coletivas e as negociações políticas baseadas em valores morais e monetários foram determinantes para a consolidação de novos assentamentos – feitos, no plano material, com recursos dos próprios trabalhadores.

Assim, o processo de financeirização na economia imobiliária²⁴, observado no bairro atualmente, contrasta com lógicas comunitárias e estatais de produção de moradias populares, ainda na década de 1990 (NORMANN, 2020). O que era “área de banhado”, tal como definido por muitos interlocutores residentes na avenida Padre Leopoldo Brentano, hoje virou “área residencial valorizada”, impulsionando a financeirização de terrenos e a especulação imobiliária, resultado direto de novas concepções e materialidades advindas dos megaempreendimentos no local.

Além da presença de moradias populares mediadas pela esfera estadual de governo, a localidade também apresenta casas concebidas por projetos do Departamento Municipal de Habitação. Adilson exemplifica como esses investimentos refletiram no território: “Eles já tinham construído uns blocos aqui atrás, mas era do município ali. São casinhas padrão, que o município tomou conta da área ali. Mas ali ninguém tem documento, nem o DEMHAB é dono da área”.

A polêmica da regularização fundiária, como se nota, é realmente existente – e um aspecto para ser aprofundado na pesquisa etnográfica e documental. Como pude observar em várias ocasiões e diálogos, os rumores da presença irregular de muitas casas fazem parte do cotidiano dos moradores, que nutrem avaliações da situação fundiária de seus vizinhos com frequência, mas sem saber com exatidão como é o status formal de cada área. Existem narrativas comunicadas nas redes de troca locais,

²⁴ Em sua dissertação, Tássia Normann explica que o processo de financeirização da economia imobiliária (a produção de espaços em ativos financeiros) está relacionado com mudanças nos padrões de consumo de imóveis, para uso e como modo de investimento. Essas mudanças foram ocasionadas, também, pelos aumentos da oferta de crédito e da contratação de financiamentos habitacionais, a partir de um conjunto de atores e engrenagens que convertem bens imobiliários em ativos financeiros. Esse processo está representado pela abertura de capital das grandes construtoras e incorporadoras, emissão de papéis financeiros e cotas de fundos de investimentos imobiliários. Em outros termos, a propriedade urbana deixa de ser um imóvel para fins variados e passa a ser incorporada como produto no sistema financeiro, tornando-se líquida e móvel nos fluxos financeiros. Com efeito, o mercado da construção civil e o setor imobiliário passam a influenciar cada vez mais as mudanças dos espaços urbanos através de sua mercantilização e financeirização (NORMANN, 2020, p. 85).

que não necessariamente são as mesmas que foram formalizadas pelos órgãos estatais, no que pude apreender ao pesquisar trabalhos acadêmicos especializados (MARTINS, 2010; NORMANN, 2020).

Em 1996, Adilson, familiares e outros membros da associação já se encontravam instalados nas proximidades da avenida Padre Leopoldo Brentano. Ao visitar outras casas na vizinhança, entre 2021 e 2022, identifiquei familiares de Adilson manejando e dando funcionamento a outros comércios (irmãos, sobrinhos, primos). As mudanças na paisagem urbana foram significativas: “Aqui antes era um bar, aos poucos fui fazendo a casa. Aqui, antes, tinha tiroteio noite e dia. Não foi fácil”. Na rua Voluntários da Pátria, nas proximidades dos lotes conquistados, algumas casas de madeira e “barracos” faziam as vezes de uma outra “vila”, segundo o interlocutor. O cenário de violência urbana e tráfico de drogas foi, igualmente, suscitado por outras pessoas, durante o trabalho de campo.

Um exemplo vizinho de área ocupada, sem regularização fundiária, é encontrado na chamada “Vila Liberdade”, que foi sendo constituída em área pertencente à antiga COHAB (NORMANN, 2020). Dois incêndios marcaram a trajetória coletiva dessa comunidade, situada nas proximidades da Arena do Grêmio: o primeiro, em 2013; outro, em 2019. As tragédias foram efetivas na destruição de casas e deixaram moradores feridos - alguns ainda aguardando indenizações ou ações de órgãos habitacionais²⁵.

Por outro lado, movimentos sociais e mídias independentes denunciaram a possibilidade dos incêndios estarem associados aos novos padrões de especulação imobiliária no bairro, baseados na construção de novos conjuntos habitacionais com a verticalização arquitetônica da região e distanciamento das “vilas” operárias não regularizadas²⁶. Busquei salientar, como sugere Mariana Cavalcanti (2009), como órgãos estatais de habitação - estadual e municipal - foram participativos no processo de destinação de áreas para a consolidação de moradias populares, resultantes da

²⁵ Os incêndios foram amplamente noticiados, enfatizando os dramas de moradores que perderam as suas casas. Após o primeiro incêndio, o estado e o município tomaram providências para a regularização fundiária da Vila Liberdade, no interior do bairro. No entanto, o terreno destinado havia sido invadido por terceiros, o que gerou novo processo judicial. Informações no portal G1: <<https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2019/08/17/incendio-atinge-casas-na-vila-liberdade-zona-norte-de-porto-alegre.ghtml>>.

²⁶ O vídeo feito pelo “coletivo Catarse” sobre o incêndio de 2013 é sugestivo a esse aspecto. No entanto, nenhuma evidência concreta foi descoberta nas causas do episódio, que foram atribuídas a acidentes domésticos e conflitos familiares. Algumas famílias, até hoje, aguardam reparações. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=qRKGkbf0Lm4>>.

conversão de ocupações em áreas de assentamento para habitação social, configurando a passagem do “barraco à casa”.

Rumores, reminiscências de ocupações, memórias sobre processos coletivos e individuais que resultaram na constituição de casas e formas de morar fazem parte do cotidiano de quem “luta” para ganhar a vida, nas adjacências da Arena do Grêmio. Como é possível depreender, a construção da nova arena - protegida pelo imaginário clubístico e pelo clamor popular atribuído ao futebol – foi central para que um novo regime de financeirização do espaço urbano fosse consolidado no bairro Farrapos. Analiticamente, no trabalho de Tássia Normann (2020), encontramos o emprego da categoria de “tolerância exacerbada” de atores públicos e privados no cenário de concepção e construção da Arena do Grêmio e na exploração imobiliária da região.



Imagem 14: Rua contabilista Jorge Luiz Machado, próximo a av. Padre Leopoldo Brentano. Ao fundo, viaduto que dá acesso à BR-448 e, atrás, a Arena do Grêmio.

Durante o trabalho de campo, Adilson, ex-liderança comunitária, descreveu como, antes de 2012, o grupo OAS realizou sucessivas investidas na vizinhança da avenida Padre Leopoldo Brentano, para viabilizar obras de alargamento das vias. Durante uma de nossas entrevistas, ele elucidou algumas percepções sobre o assunto: “Depois que a OAS construiu a Arena e o viaduto, tinha a intenção de tirar

essa parte aqui, com a desculpa de ampliar a rua. Na verdade, eles queriam construir um hotel na esquina, algo assim, tem um projeto ali. Eles queriam tirar 16 casas daqui”. Desde 1996, Adilson recorria aos órgãos de habitação, com fins de regularizar os terrenos e evitar retiradas de pessoas do local.

Além da iniciativa privada, ele relatou como representantes do DEMHAB realizaram contatos com moradores do bairro para a retirada das casas. Sua narrativa é explicativa: “O DEMHAB que veio com a intenção de ceder pra OAS. E eles convidaram para uma reunião no DEMHAB. E eles não conheciam a documentação que eu tinha assinado”. Após exaltar a documentação da década de 1990, ele seguiu: “Eles nem sabiam, porque eu apresentei o documento e eles não conheciam. Daí chamaram uma pessoa que trabalhava a muito tempo pelo DEMHAB e sabia dessa situação aqui com a COHAB e dos outros lotes do DEMHAB”.

Antes da inauguração da Arena, a intenção do grupo OAS era indenizar os moradores de um dos lotes, que incluía a casa de Adilson e de mais 15 famílias. Inicialmente, a empresa ofertou 17 mil reais como indenização, sem ter conhecimento das garantias formais por parte dos moradores. A liderança prontamente negou a oferta, mobilizando o acordo formal que existia entre a comunidade e a Prefeitura. Uma segunda oferta veio em seguida: 150 mil reais foram para cada uma das 16 famílias. Adilson informou que os envolvidos não concordaram e, após, contratou um profissional de agrimensura para fazer um levantamento em sua casa. Segundo ele, o imóvel valeria mais de 300 mil reais com o terreno.

Relatando como, antes de 2012, a empresa OAS chegou a fotografar o local (a parte externa das casas e as ruas), fazer propostas e sondagens através de órgãos municipais, Adilson reiterou como o fato foi relevante para que muitos moradores ficassem preocupados e atentos aos movimentos de regularização dos terrenos. Ele detalhou: “Depois disso, entrei e fiz o levantamento e constitui um advogado, para regularizar a área. Por enquanto não temos documento da área. A regularização fundiária a gente está pagando. A gente tinha direito até de usucapião da área, mesmo na área que era da COHAB”. Atualmente, o processo tramita na justiça e o pedido de regularização segue pendente.

Como é possível notar, existiram processos de intervenção do capital privado mediados por uma postura condescendente do poder público diante dos novos investimentos mobilizados para esses territórios. Contudo, gostaria de sugerir uma

perspectiva etnográfica para compreender como tais processos foram absorvidos e vivenciados no âmbito das casas e famílias residentes no bairro.

Novos problemas foram experimentados pelos “vizinhos da Arena”, mas, também, novas socialidades passaram a ser vivenciadas no bojo da execução de um megaempreendimento que mudou as rotinas e, fundamentalmente, as formas de morar e ganhar a vida na região. Tais dimensões puderam ser capturadas a partir de um “olhar de perto e de dentro” possibilitado pela experimentação etnográfica urbana (MAGNANI, 2002).

Mas, antes da Arena do Grêmio ser Arena do Grêmio, qual era o cenário encontrado na localidade, nas memórias de alguns interlocutores de campo?

Como era o bairro sem a Arena?

Ao longo do trabalho de campo e das entrevistas realizadas, procurei questionar sobre o que existia no território onde foi construída a Arena do Grêmio. Notei que uma narrativa tem sido recorrente entre os moradores da avenida Padre Leopoldo Brentano.

Seu Carlos Miguel é residente desde 1994 na localidade (data que coincide com o período dos assentamentos relatados anteriormente). Mesmo aposentado, ele ainda é trabalhador do setor industrial e, sendo torcedor do Internacional, não se sente representado pelo estádio gremista, em termos clubísticos. Em nossas interações, ele expôs, também, que optou por não abrir comércio na sua residência já que possui ocupações cotidianas na indústria e os seus ganhos são suficientes para sustentar a casa e a sua família (que conta, também, com receitas oriundas de suas filhas e genro). Porém, faz usos singulares e que demarcam as multifuncionalidades dos espaços, associadas às temporalidades dos eventos: em dias sem jogos na Arena, usa a sua área adjacente para lazer e realização de caminhadas; em dias de jogos, consegue manejar um aluguel da área em frente à sua casa para os bares vizinhos, que aproveitam para espalhar mesas, cadeiras e churrasqueiras portáteis no local. Refere-se a uma forma inventiva de monetizar a partir das práticas comerciais contidas na vizinhança - e que, na prática, alteram circulações na parte da frente de sua casa. Neste sentido, ter grades, portões e janelas para a vigilância do terreno é central.

Entretanto, gostaria de destacar outro ponto, salientado pela filha de Carlos Miguel, contido nas memórias sobre o que existia no “lugar da Arena”. Dois locais foram destacados: a presença de “um CTG” (Centro de Tradições Gaúchas) e “uma escola ao lado” (com parte de seu prédio convertido em base a um posto de polícia, atualmente). As mudanças na área, efetivamente, se relacionam com a edificação de empreendimentos que poderiam ter um custo elevado, caso fossem feitos em terrenos com alto valor imobiliário. A estratégia é central, no bojo das dinâmicas do mercado imobiliário: construir grandes empreendimentos em terrenos de baixo custo (MARTINS, 2010).

Como é possível apreender, essa lógica encontra-se presente na formação do chamado “Complexo Multiuso Arena do Grêmio/Bairro Liberdade” (NORMANN, 2020). A ideia de bairro planejado, com o seu projeto concretizado parcialmente e com adaptações, foi atrelada à revitalização prometida pelo estádio e a uma ideia de futuro planejado. Aqui, para fins de contextualização, é preciso retomar alguns fatos. Atualmente, o chamado “Complexo Multiuso Arena do Grêmio/Bairro Liberdade” compreende o advento de novas infraestruturas: além da Arena (de suas áreas externas, como a esplanada, ruas adjacentes e estacionamento externo), 7 novas torres foram construídas ao lado, configurando o chamado “Condomínio Liberdade” e instaurando a lógica de verticalização condominial no bairro. Ademais, o complexo abarca estruturas de mobilidade, como viadutos e acesso à rodovia BR-448²⁷.

Convém apontar, complementarmente, que até o ano de 2016, a Arena do Grêmio situou-se no bairro Humaitá. As palavras críticas de Jardel sobre o tema, merecem ser destacadas: “Quiseram elitizar mais o bairro, mudaram o nome pra Humaitá. Tiraram o nome da Vila, ficou bairro Humaitá. Imagina construir apartamento na vila Farrapos? Humaitá é diferente”. Contudo, por mudanças no Plano Diretor de Porto Alegre, o estádio passou a fazer parte do “novo” bairro Farrapos (antes Vila Farrapos) saindo do domínio do bairro vizinho, o Humaitá (MARTINS, 2019).

²⁷ O Complexo Multiuso da Arena do Grêmio/Bairro Liberdade, segundo Normann (2020, p. 108) previa a criação de outros empreendimentos que não foram viabilizados. O projeto inicial contemplava a construção de um hotel, centro comercial, centro de eventos e shopping center. A dissertação referida realiza a análise da distribuição espacial dos empreendimentos, incluindo os que não foram concretizados até 2020. Salienta como os espaços ainda podem ser modificados. Assim, a área residencial assentada no bairro Liberdade seria complementada com um complexo empresarial e comercial. Na prática, a área desse último tornou-se estacionamento. A consolidação do Complexo, como um todo, passaria por ideais de autossuficiência e autonomia em relação às suas adjacências, abdicando das interações com o contexto social diversificado do bairro Farrapos, conforme a autora.



Imagem 15: Foto aérea do bairro Farrapos e do bairro Humaitá em maio de 2012, durante a construção da Arena do Grêmio. Fotografia de Lauro Alves / Agência RBS. Disponível na matéria “Arena do Grêmio promete dar outra cara ao Humaitá e a outros bairros da zona norte de Porto Alegre”, publicada por Erik Farina, em 30 maio de 2012.

O bairro Farrapos se situa na zona norte de Porto Alegre, em torno de 6 km do Centro da cidade e a 2 km do Aeroporto Salgado Filho, limitando-se ao sul com o bairro de Navegantes, ao leste com o bairro Humaitá, ao oeste com os rios Jacuí e Gravataí e ao norte com o município de Canoas. Como parte da literatura geográfica indica, o território sofreu alguns de seus primeiros movimentos de ocupação nas décadas de 1950 e 1960, a partir de zonas residenciais para atender o crescimento populacional atrelado ao êxodo rural e ao processo de industrialização da capital (MARTINS, 2010; NORMANN, 2020). A COHAB-RS projetou e construiu os primeiros conjuntos habitacionais no bairro, ainda nos anos 1960.

Residente na avenida Padre Leopoldo Brentano e proprietário de um bar, aberto ainda em 2012, Nildo, 62 anos, relatou suas lembranças sobre o bairro, no qual reside a 36 anos: “Quando vim pra cá, na Leopoldo, não tinha essa avenida aqui. Era tudo grama. Aparamos tudo aqui. Meu irmão, que não morava aqui e gostava de acampar, ele levantava a barraca dele aqui na frente”. Em sua narrativa, destaca-se a forma como novas infraestruturas foram alterando fluxos e a reprodução da vida social urbana naquele território: “Aqui mudou muito, bem antes da Arena. Depois com a Arena mudou mais e depois veio a 448, a BR, veio em cima”.

Suas lembranças coincidem com as de outros interlocutores. Ele detalhou sobre o que havia na região antes da Arena: “Tinham uns campos de futebol aqui antes. No lugar da Arena, tinha um CTG e uma escola estadual. Aqui na frente, tinha uma escola técnica. Eram duas escolas”. Curiosamente, Jardel já havia me descrito o mesmo cenário no local: a escola técnica com plantações e campos de futebol, o CTG e mais uma escola estadual. Equipamentos comunitários que, após os novos empreendimentos, foram “negociados com a OAS”. A sigla OAS, nesse caso, reporta ao Grupo OAS (atual Grupo Metha), um conglomerado de empresas no ramo da engenharia civil e que foi responsável pela construção da Arena do Grêmio, juntamente a outros investidores (NORMANN, 2020).

Nildo não ocultou, nas interações, um certo saudosismo ao que existia antes da Arena: “Tinha uma pequena plantação, hortas, vinculadas à escola. A gente ia na frente e eles faziam feira”. Apesar de ter ganhos econômicos com o comércio acoplado à sua casa, Nildo revelou que seu projeto de futuro é adquirir uma casa em um “sítio no interior”, em busca de “uma vida mais pacata e segura”, já que se aposentou ainda em 2012 (sendo representante comercial).

Além dos prédios, para conectar a avenida Padre Leopoldo Brentano com a BR-448, novos viadutos foram edificadas no interstício do estádio com as casas do bairro. Nas observações realizadas foi possível notar como a inauguração da BR-448, que liga a capital com a região metropolitana, ainda em 2013, foi impactante para os moradores, sobretudo por aumentar o trânsito na região, o barulho e a emissão de poeiras e outros poluentes (sonoros e ambientais)²⁸. Nildo foi objetivo, nesse aspecto: “O que mudou o trânsito aqui foi a 448, esse pó que vem diariamente pra cá e o barulho. Tem que limpar sempre”. Em suas palavras, afirmou que existem vizinhos que costumam sair do bairro em dias de jogo, já que o movimento de torcedores e o trânsito também aumentam, significativamente.

²⁸ Nas várias vezes que estive no bairro fui também afetado pela poluição ambiental e sonora da avenida que dá acesso à rodovia mencionada. Frequentemente, ao retornar do trabalho de campo, notava minhas roupas sujas e meu corpo empoeirado. Abordo uma maneira de ser marcado bastante particular e, igualmente, prejudicial à saúde - reveladora de algumas condições de moradia dos residentes naquele recorte socioespacial estudado e de impactos das obras de infraestrutura à população local. Além disso, a maioria das entrevistas gravadas registraram barulhos de automóveis e caminhões, ao fundo. Alguns moradores reclamavam de tais condições, outros diziam-se “acostumados”.



Imagem 16: A Arena do Grêmio. No lado esquerdo da foto, casas e comércios da Vila Farrapos. Ao lado direito, torres do Condomínio Liberdade. Na parte superior, elevados que dão acesso à BR-448, que desponta ao fundo da tela, cortando o município de Canoas. Foto: Luciano Lanes/ Arquivo PMPA²⁹.

O barulho e o trânsito de caminhões, carros e ônibus alteram os sons e as relações naquele território. Sobretudo, caminhões com cargas enormes, que passam e seguem em direção a um viaduto, que corta a BR-290 (*Freeway*) e dá acesso à BR-448 (a “rodovia do Parque”), inaugurada no final de 2013. Na época, a obra era vista como uma das principais estradas de ligação de Porto Alegre com sua região metropolitana e interior. Mas, notadamente, a perturbação sonora que advém da rodovia, acessada através do bairro Farrapos, modifica quaisquer interações naquela localidade. Esse impacto ambiental contrastava com os fluxos e outros tipos de frequências sonoras percebidos em dia de jogos do Grêmio, já que Avenida Padre Leopoldo Brentano era fechada e o trânsito de caminhões e ônibus, em direção à BR-448, desviado para outras estradas da cidade. Em dia de jogo, o barulho também é intenso, mas com vibrações distintas: carros de sons, bandas, torcedores falando e gritando, a tropa da cavalaria militar passando...porém, seguem altos e frequentes.

²⁹ Matéria “Finalizado acordo para retomada das obras nos entornos da Arena do Grêmio”, publicada em 09 de abril de 2021, a qual refere às contrapartidas de infraestrutura à comunidade vizinha, que devem ser feitas após a construção do estádio - obras ainda inacabadas. Reportagem do portal G1: <<https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2021/04/09/finalizado-acordo-para-retomada-das-obras-do-entorno-da-arena-do-gremio-em-porto-alegre.ghtml>>.

Certamente, muitos vizinhos se incomodam; alguns produzem sociabilidade; um terceiro grupo, igualmente, lucra.

Antes da concepção das infraestruturas citadas, o local apresentava outra configuração socioespacial, como apontam os interlocutores e documentam trabalhos acadêmicos sobre os bairros.

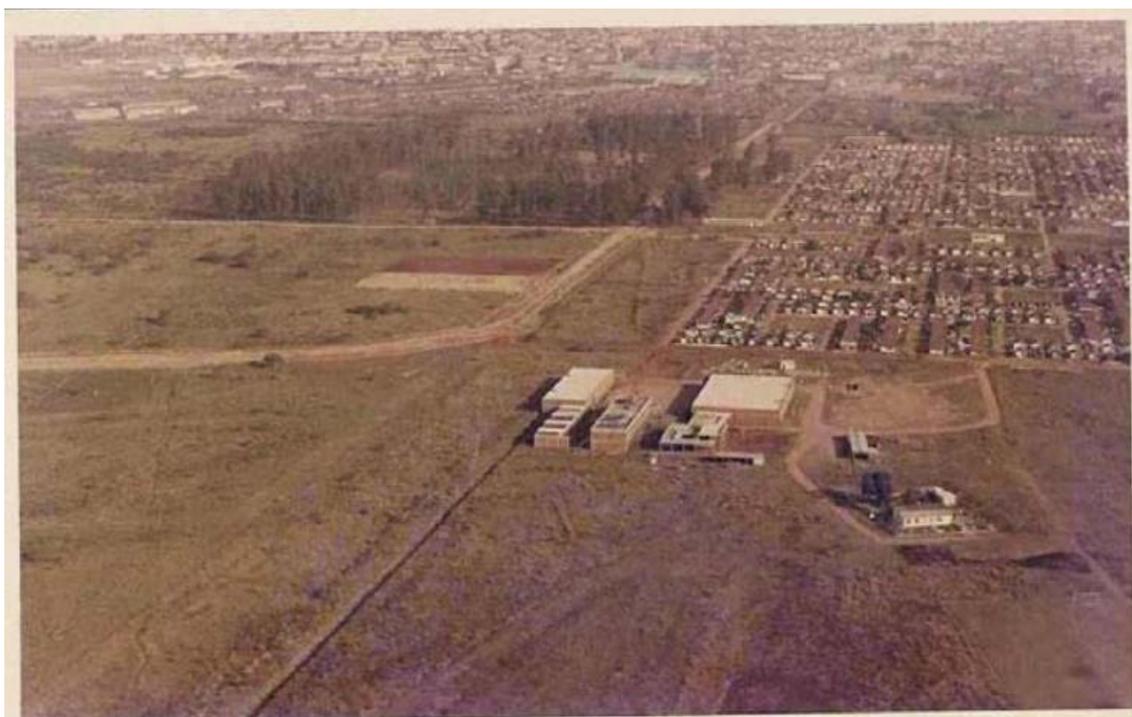


Imagem 17: vista aérea da Escola Santo Inácio, atual local da Arena do Grêmio e Condomínio Liberdade, em foto retirada na década de 1970. Ao lado esquerdo, o bairro Humaitá com áreas ainda pouco povoadas, predominando campos e terrenos alagadiços (algumas plantações de arroz, lembradas por alguns interlocutores). Ao lado direito, o bairro Farrapos, já sendo parcialmente povoado com moradias populares. Fonte: Martins, 2010, p. 47 (retirado dos arquivos da Escola Santo Inácio).

A paisagem era composta por equipamentos atrelados à Escola Técnica Santo Inácio, importante referência para aprimorar a urbanização do Humaitá e da vila Farrapos (MARTINS, 2010). Sendo instalada na área em 1972, ofertando cursos técnicos e o antigo 2º grau, a escola foi uma das primeiras edificações da região, mesmo sendo feita em frente a uma estrada de chão (atual avenida Padre Leopoldo Brentano). Outras edificações de porte semelhante eram indústrias instaladas no sul, próximas à avenida Farrapos. Ademais, como demonstra Martins, o acesso ao local era dificultado, já que existiam poucas linhas de transporte público.

A mudança da escola para outro bairro de Porto Alegre, em Belém Novo, foi motivo de polêmica em jornais da época, por denúncias de irregularidades no contrato

entre o governo estadual, empreiteira e clube³⁰. A escola que em 2019 poderia atender cerca de 2 mil alunos estava atendendo menos de cem, conforme matéria do jornal *Extra Classe*. A área permutada para a construção da Arena é de 38 hectares, afirma a reportagem. O terreno teria sido doado pelo governo estadual à Federação dos Círculos Operários do Rio Grande do Sul (FCORS), para a instalação de uma escola técnica de nível secundário. A reportagem relembra o que moradores descreveram durante o trabalho de campo, ao serem questionados sobre o que existia no terreno antes da Arena do Grêmio: “Descrito como um banhado, o local sediou a escola técnica Santo Inácio e um parque popular mantido pela FCORS, com oito campos de futebol de várzea e um clube tradicionalista” (*Extra classe*, 19/06/2019). Além disso, o periódico expõe alguns bastidores da época, como o corte de convênios do governo estadual com a escola - que fragilizou a sua manutenção - e a participação de um ex-presidente gremista na gestão de Yeda Crusius, governadora entre 2007 e 2011³¹. Ainda em 2008, a administração estadual doou outro terreno para a FCORS, o qual viabilizou a mudança da escola e liberação do terreno no que era, na época, no bairro Humaitá.

Outra edificação encontrada no local, segundo alguns interlocutores, era a Escola Estadual Oswaldo Vergara, vizinha da escola técnica. Tal presença foi suscitada por antigos moradores do bairro e por parte da literatura especializada (MARTINS, 2010), que lembram como as duas escolas eram procuradas pelos familiares e vizinhos. Em matéria do Jornal *Zero Hora*, ainda de 2010, registrou-se que a OAS havia iniciado a edificação de um novo prédio para a escola, em outra avenida do bairro, de modo a liberar a área para a realização da Arena. A expectativa, à época, era a de que o prédio novo ficasse pronto e autorizado para uso ainda em 2011. Além disso, outras duas escolas do bairro receberam reformas por parte da

³⁰ A matéria publicada no portal *Extraclasse*, em 12 de junho de 2019, faz menção ao ocorrido e detalhe as áreas permutadas. Disponível em: < <https://www.extraclasse.org.br/educacao/2019/06/santo-inacio-da-fraude-da-oas-aos-atrasos-de-salarios/> >.

³¹ Uma divulgação no portal do governo estadual do Rio Grande do Sul noticiou: “Yeda anuncia Paulo Odone como secretário extraordinário da Copa de 2014”, ainda em 2009. A participação de Odone na cúpula diretiva do governo estadual é central para as páginas seguintes à construção da Arena e na organização de Porto Alegre como cidade-sede da Copa do Mundo de 2014. Paulo Odone foi presidente do Grêmio em 5 mandatos, nos períodos seguintes: 1987-1991 / 2005-2009 / 2011-2013. Disponível em: < <https://estado.rs.gov.br/yeda-anuncia-paulo-odone-como-secretario-extraordinario-da-copa-2014> >.

construtora³². Retomo a mesma imagem anterior, indicando locais transformados, sobremaneira, a partir da década de 1990:



Imagem ilustrativa 18: Transformações da década de 1970 até a década de 2010. A linha na cor azul representa a avenida Padre Leopoldo Brentano. A em cor laranja representa a avenida A.J. Renner. Fonte: Martins, 2010, p. 47 (retirado dos arquivos da Escola Santo Inácio)³³.

Apesar das ocupações datarem das décadas de 1950 e 1960, tanto o Farrapos, como o seu vizinho Humaitá, tiveram suas criações oficializadas apenas no ano de 1988³⁴. Como destacou Martins (2010), no período de 1996 a 2005 ocorre um grande crescimento populacional no Humaitá, repercutindo no seu vizinho. O bairro passa a ser objeto de especulação e de investimentos imobiliários, além do estabelecimento de novas vilas populares (MARTINS, 2010, p. 51). Já no período de 2006 a 2009, uma retórica emergente passa a ser mobilizada pelo setor imobiliária: a concepção do chamado “Novo Humaitá”, associado à construção da Arena do Grêmio, fundamentalmente.

³² Atento-me para o fato de que, na reportagem, o presidente do Grêmio, Paulo Odone, naquela ocasião, afirmou que a obra da Arena representaria o “resgate do bairro Humaitá”, valorizando o novo empreendimento e atenuando as críticas de retiradas das escolas da região. O prédio escolar está no bairro Farrapos, hoje. Matéria disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2010/11/oas-da-inicio-as-obras-da-escola-oswaldo-vergara-3097080.html> .

³³ Evidentemente, as indicações não estão baseadas em contornos topográficos precisos. Não é o objetivo da reprodução feita. Exponho apenas uma indicação imagética, que serve para ilustrar algumas, não todas, transformações urbanas nos bairros Humaitá e Farrapos.

³⁴ Os bairros Farrapos e Humaitá foram criados pela Lei municipal nº 6.218 de 17/11/1988.

Acompanhando as audiências públicas em 2010, Danielle Martins destacou como o projeto viria acompanhado por impactos urbanos e ambientais, sobretudo aumentando a poluição da região e o trânsito. O plano previa que o complexo da Arena do Grêmio tivesse construções destinadas ao esporte, lazer, comércio, residências e de serviços. A ideia, como suscita a autora, era a de construção de um hotel, shopping, centro de convenções, edifícios residenciais, torres empresariais, estacionamentos e o estádio/arena (MARTINS, 2010, p. 89).

Até 2022, no entanto, apenas a Arena do Grêmio, estacionamentos e o Condomínio Liberdade com sete torres, além de viadutos com ligação à BR-448, foram materializados. O desdobramento da “Operação Lava-Jato”³⁵ e o envolvimento de dirigentes do Grupo OAS em escândalos de corrupção alteraram a capacidade de investimento do conglomerado, que, ainda no início de 2015, solicitou recuperação judicial para poder quitar dívidas com credores (realizando a venda de empresas do Grupo e bloqueando a possibilidade do Grêmio adquirir a Arena como proprietário definitivo, naquele período)³⁶.

Algo semelhante ocorreu no Rio de Janeiro, no mesmo período, como destacaram Julia O’Donnell, Lilian de Sampaio e Mariana Cavalcanti (2020), em artigo sobre concepções de passado e de futuro envolvendo a região da “Barra-Olímpica”, um recorte na zona oeste da cidade. Como elucidam as autoras, o contexto prévio de efervescência do setor imobiliário (impulsionado pela Copa do Mundo FIFA 2014 e pelas Olimpíadas de 2016) começa a se dissipar principalmente em 2015, quando uma nova recessão econômica se intensifica no Brasil, somada à instabilidade política e ao envolvimento de empreiteiras em escândalos de corrupção, desdobrados pela “Operação Lava-Jato”. A inversão de expectativas do mercado imobiliário não apenas ocorre na cidade do Rio de Janeiro³⁷. Ocorre, também, em Porto Alegre, o que fica

³⁵ Em depoimento à Polícia Federal, Alberto Youssef, um dos doleiros participantes de esquemas de lavagem de dinheiro envolvendo políticos, a Petrobrás e empreiteiras, afirmou que a construtora OAS se utilizou de um escritório no interior da Arena do Grêmio, para receber dinheiro de “caixa 2” em espécie, mas sem envolver os dirigentes e profissionais do clube gremista. A matéria está disponível no portal G1: <<http://g1.globo.com/politica/operacao-lava-jato/noticia/2015/02/oas-recebeu-dinheiro-de-caixa-2-dentro-da-arena-do-gremio-diz-doleiro.html>>

³⁶ Detalhes na matéria do Jornal ZH: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/economia/noticia/2015/03/sem-incluir-a-arena-do-gremio-oas-pede-recuperacao-judicial-4730228.html>>.

³⁷ No dia 21 de maio de 2022, estive na região de Jacarepaguá, zona oeste do Rio de Janeiro. Naquela ocasião, pude conhecer externamente as torres do condomínio “Ilha Pura”, um bairro planejado e utilizado no contexto das Olimpíadas de 2016. No entanto, chama a atenção a falta de ocupação dos prédios, sendo categorizado, por moradores vizinhos, como uma espécie de “condomínio fantasma”. A situação foi analisada por Julia O’Donnell, Lilian de Sampaio e Mariana Cavalcanti (2020), que evidenciam a derrocada da ideia inicial do empreendimento como símbolo e projeto de futuro da “Barra-

visível no caso das obras que foram projetadas no “Complexo Multiuso da Arena do Grêmio / Bairro Liberdade”. A ideia do “Condomínio Liberdade”, midiaticizada como um bairro planejado dentro do chamado 4º distrito da cidade, fica em suspeição.



Imagem 19: Torres do Condomínio Liberdade. Julho de 2022 (acervo do autor).

Como tentei demonstrar, inicialmente, a ocupação espacial dessa localidade retrata, em parte, o crescimento populacional da cidade. Algo importante a salientar, no entanto, é que a zona norte de Porto Alegre (que reúne bairros como Farrapos, Humaitá, Navegantes, São Geraldo e Floresta) é historicamente denominada de 4º distrito, região na qual, ao longo dos séculos XIX e XX, diversas indústrias e fábricas foram instaladas, impulsionando a economia da capital gaúcha (MARX et al., 2021). O 4º distrito era o grande centro industrial da cidade. Após um longo processo de desindustrialização, a região ficou habitada por vilas operárias, conjuntos habitacionais e foi ampliada por ocupações irregulares.

Um traço significativo na zona norte de Porto Alegre, por conta desse processo histórico, é a presença de poucos prédios e edifícios, sendo a paisagem preenchida

Olimpica”. Na incursão realizada, foi possível observar como empresas imobiliárias estavam fazendo esforços para reposicionar o condomínio, suas 31 torres e o “estilo de vida” prometido, no mercado. Algo semelhante ocorreu no Condomínio Liberdade que, por conta da situação judicial da empreiteira e de imbróglis judiciais, não pôde ser habitado, após a sua inauguração. Muitos proprietários ganharam o direito de habitá-lo na justiça. Nos anos seguintes, o Liberdade foi relançado para vendas com uma nova estratégia de marketing.

por galpões industriais, casas e condomínios de baixa estatura. Mais recentemente, porém, alguns conjuntos habitacionais populares foram construídos, como se nota nos bairros Humaitá, Navegantes e Anchieta. Com efeito, a construção do chamado “bairro” ou “condomínio Liberdade” nos entornos da Arena do Grêmio é um marco da verticalização arquitetônica na região, como se vê nas imagens anteriores. Junto a isso, uma promessa de futuro está associada à ideia de recuperação do 4º distrito, ocasionando, para estudiosos, riscos de gentrificação e de maior segregação na região (MARX et al., 2021).



Imagem 20: Placa anunciando a venda de apartamento no Condomínio Liberdade. Julho de 2022 (acervo do autor).

Vivendo em meio ao cenário de obras

Diante das historicidades suscitadas com a construção da Arena do Grêmio no período de 2010 a 2012, como as obras foram vividas pelos moradores e pelos operários, no bairro Farrapos? Como novas formas de vida são produzidas em meio à produção de infraestruturas materiais?

As transformações no bairro Farrapos, desde o ano 2009, foram imensas. Os recursos alocados pela construtora OAS, investidores parceiros e Grêmio foram volumosos, de modo a mobilizar forças de trabalho e novos fluxos humanos jamais

esperados pelos moradores do bairro. Sendo um conglomerado oriundo do estado da Bahia, as empresas do grupo OAS efetivaram a contratação de milhares de operários do Nordeste brasileiro, que já trabalhavam no ramo da construção civil, “bichos-de-obra”.

O antropólogo Gustavo Lins Ribeiro (1992) apresenta a noção de “bichos-de-obra” para se referir aos trabalhadores que participam do circuito migratório de grandes projetos (financiados, em alguns casos, pelo capital estrangeiro), estudados na sua etnografia da construção da usina hidrelétrica binacional Yacyretá, na fronteira da Argentina com o Paraguai. Os “bichos-de-obra” passam por processos de fragmentação e reconstrução de suas identidades, a partir do estabelecimento de relações trabalhistas de controle excessivo de sua força de trabalho.

Como demonstra, a vida no acampamento de um grande empreendimento é atravessada, em todas as suas dimensões, pelos interesses e necessidades da obra, estando os “bichos-de-obra” monitorados por uma administração central, sujeitos a vigilância frequente e dependem dos salários para ter mínimas condições de moradia, alimentação e sobrevivência. A presença de suas famílias, como sugere Lins Ribeiro, é praticamente impossível, pois só há a possibilidade de ocupar alojamentos coletivos destinados a solteiros (algo que difere quando os trabalhadores são altamente especializados, como engenheiros, e recebem “regalias” concedidas com o intuito de mantê-los vinculados aos interesses da construtora). Esse cenário foi vivenciado de modo muito semelhante no caso da Arena do Grêmio.

Em março de 2022, conheci Jonas, um comerciante de 36 anos, que sempre residiu no bairro Farrapos. Atentamente, no dia 16 de outubro do mesmo ano, durante o jogo do Grêmio contra o Bahia, registrei uma das nossas interações em diário de campo. Na ocasião, ele me disse que queria expandir o espaço do seu bar e comprar a casa ao lado da sua. Porém, afirmou ter receio de fazer este investimento, porque a moradia ao lado estaria muito degradada, ou “acabada”. Relatou que, durante as obras da Arena, operários alugavam essa casa vizinha. Cerca de 10 a 12 pessoas dividiam a casa e cômodos apertados. Reportou: “os baianos viviam na mesma casa, tudo junto, uma anarquia, sem espaço adequado para todos”. As suas palavras me fizeram refletir sobre as experiências daqueles operários.

As condições de trabalho e alojamento, ofertadas pelos responsáveis das obras, foram objeto de polêmica e tiveram repercussões midiáticas, na época. As atividades, iniciadas em setembro de 2010, foram paralisadas ainda no início de 2011,

de acordo com reportagem do *Portal UOL*³⁸. Em fevereiro daquele ano, uma primeira paralisação havia ocorrido e decretado o embargo da construção, no âmbito da Justiça do Trabalho. A situação foi revertida nos dias seguintes, com a realização de um acordo entre empresa construtora (Grêmio empreendimentos – ligada ao grupo OAS), o sindicato e os operários. Entretanto, com descumprimentos do acordo, outras paralisações ocorreram em 2011 e 2012³⁹.

A matéria do *Portal UOL* descreve o drama vivido por mais de 400 operários, registrou que recebiam cerca de 900 reais por mês e que queriam reajuste para 1.100 reais (aproximadamente, dois salários-mínimos em 2011). Reivindicavam, também, melhores condições nos alojamentos, considerados com ambientes frios diante do inverno gaúcho rigoroso, além de roupas com equipamentos de proteção adequados para trabalhar na obra e ampliação da equipe técnica de segurança do trabalho.



Imagem 21: Operários da Arena paralisam obras por tempo indeterminado. Crédito: Pedro Revillion (30/06/2011). Blog “Porto Imagem”, via *Jornal Correio do Povo*⁴⁰.

³⁸ A matéria “Operários paralisam obras da Arena do Grêmio por falta de condições de trabalho” foi publicada no dia 30/06/2011. Visualizada no dia 12 de dezembro de 2022. Disponível no Portal UOL: <<https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2011/06/30/operarios-paralisam-obra-da-arena-do-gremio-por-melhores-condicoes-de-trabalho.htm>>.

³⁹ “Protesto de Operários interrompe trabalhos na Arena do Grêmio”. Visualizada no dia 12 de dezembro de 2022. Disponível no Portal G1 (por Gabriel Cardoso): <<https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2012/10/protesto-de-operarios-interrompe-trabalho-na-arena-do-gremio.html>>.

⁴⁰ Disponível no portal “Porto Imagem”: <<https://portoimagem.wordpress.com/2011/06/30/operarios-da-arena-do-gremio-paralisam-obras/>>.

Os alojamentos, pelo que foi constatado na pesquisa etnográfica, ficavam situados nos entornos das obras, em terrenos do bairro Humaitá e no bairro Farrapos. Outras casas foram alugadas na região, principalmente após as reclamações continuarem e o desdobramento de um evento crítico. A morte de um operário de 40 anos, de José Elias Machado, ao ser atropelado em outubro de 2011 na BR-290. A matéria do Portal GE (Globo Esporte)⁴¹ registrou que o caso foi vivenciado como um trauma pelos seus colegas. Com isso, trabalhadores se reuniram e atearam fogo em um dos alojamentos, após uma onda de protestos. O local servia de residência para cerca de 500 pessoas, mas ficou inutilizável após os incêndios. A nota do Grupo OAS foi publicada pela matéria jornalística, a qual afirmou que os operários foram realocados em “hotéis” e num “ginásio” de escola, na região. O luto do episódio durou apenas uma manhã. O mercado de aluguéis foi rapidamente aquecido nos bairros Farrapos e Humaitá, devido a inutilização dos antigos alojamentos.

Nesse mesmo período, como demonstro no capítulo a seguir, muitos comércios passam a surgir no bairro, para suprir a demanda por alimentação, festividade e lazer dos trabalhadores oriundos de outros estados. Para muitas pessoas, foi “quando a gente mais ganhou dinheiro”, como fez questão de situar Anastácia, moradora e comerciante de 53 anos. Natural de Rio Pardo, interior do Rio Grande do Sul, Anastácia foi morar na capital ainda com 21 anos. Ela contou que quando chegou em Porto Alegre ficou na casa de seu tio, que já morava no bairro Farrapos. Na década de 1990, após casar-se, passa a residir com o primeiro marido, na casa que vive até os dias atuais, localizada na avenida Padre Leopoldo Brentano.

Nos anos 2000, o casal decide abrir um bar no que seria a garagem da casa – cenário habitual de quem, aos dias atuais, abre comércio nos entornos da Arena. Após a separação, Anastácia ficou residindo na mesma casa e o seu ex-marido se muda, deixando uma filha sob seus cuidados e os encargos do bar, que quase fechou diante do rompimento matrimonial. Além disso, ela busca ter ganhos realizando “faxina pra fora”. Aqui, visualizamos como, para além da perspectiva de subordinação feminina, ao contrário, o caso de Anastácia demonstra como as mulheres são agentes protagonistas na gestão da casa, dos cuidados e das trocas cotidianas. Anastácia,

⁴¹ A matéria “Funcionário da Arena morre. Operários incendeiam alojamento” foi publicada no portal GE, ainda em 02/10/2011. A nota do Grupo OAS foi reproduzida, na íntegra. Disponível em: <<https://ge.globo.com/rs/futebol/times/gremio/noticia/2011/10/funcionario-da-arena-morre-operarios-incendeiam-alojamento.html>>.

como descreverei a seguir, está no centro de trocas e práticas cotidianas que constituem circuitos econômicos locais, reacendidos com os fluxos humanos ligados à Arena do Grêmio.

Ainda no início de 2010, Anastácia decide mudar o perfil do seu comércio e inicia a trabalhar servindo refeições e marmitas, aos trabalhadores das obras. A circulação de pessoas em sua casa e comércio aumentou significativamente: “durante as obras, na construção, foi quando eu mais vendia marmita”. Motta demonstrou a importância das refeições, no processo de análise das configurações de casa e nas economias cotidianas. De fato, a observação em torno das formas pelas quais as refeições são organizadas e preparadas e da circulação de objetos em torno delas traduz a forma como as casas se relacionam de diferentes formas entre si (MOTTA, 2014). No caso de Anastácia, contudo, o planejamento, a produção e a comercialização de refeições, a partir da cozinha de sua casa, tinha ligações diretas com a demanda criada pelos “bichos-de-obras”, suscitando a percepção de que os fluxos humanos despertados por grandes empreendimentos possuíam um papel na estratégia de obtenção do dinheiro da casa e na reprodução da vida familiar (afinal, sua filha e irmão lhe ajudavam, na venda de marmitas).

Mas os acontecimentos, recordados com empolgação, revelam uma outra dimensão das relações entre casa, comércio e família: “a Arena me deu muita coisa, novas amizades, um novo casamento e um filho”, relatou. Para ela, a “Arena melhorou o bairro”, pois “deu trabalho e emprego pra muita gente”. Neste caso, não apenas famílias criam negócios. Mas, é possível analisar como negócios e práticas econômicas também modulam novas relações familiares, a partir de fluxos ordinários (“ele vinha sempre pegar marmita, ou comer aqui”, contou Anastácia sobre o atual marido) e de trocas cotidianas variadas, não apenas mediadas por refeições, mas por relações de afeto, cuidado e parentesco.

João, 40 anos, veio da Paraíba, para trabalhar nas obras da Arena e dos seus entornos. Após o término das obras, aproximadamente em 2013, ele tomou uma decisão, não individualmente, que mudou a sua vida: casou-se, ficou morando com Anastácia e, atualmente, ambos possuem um filho. Assim, além do casal, mais dois filhos compartilham a mesma casa, que ainda preserva um espaço para o bar, na sua parte da frente. O comércio funciona em dias de jogos da Arena do Grêmio. Quando encontrei com João, em uma tarde de setembro de 2022, ele confirmou que, ao vir para o bairro, residiu em alojamentos, quitinetes junto com outros amigos. Conhecer

Anastácia alterou a sua trajetória de vida. Hoje, ele “trabalha fora”, mas “sempre ajuda em dias de jogos”.

Descrevendo transformações do bairro

Neste capítulo descrevi transformações no bairro Farrapos e, por consequência, em seu vizinho Humaitá, nas casas localizadas nos entornos da Arena do Grêmio. Com o material etnográfico produzido a partir do trabalho de campo e de pesquisa documental (em portais jornalísticos e registros fotográficos), objetivei valorizar o domínio das historicidades narradas por residentes no bairro, contrastando e complementando com achados de outros trabalhos acadêmicos. Ao evocar memórias sobre as transformações concentrei nas perspectivas das pessoas que vivenciam, cotidianamente, a história dessas mudanças.

Pude desdobrar informações sobre as formas pelas quais determinadas casas foram produzidas e as lógicas de ocupação espacial presentes naquele recorte da cidade – embora, é claro, não necessariamente de todo o conjunto de casas do bairro. O advento do chamado “Complexo Multiuso da Arena do Grêmio/ Bairro Liberdade” constitui-se como um evento emblemático para os interlocutores, também por possibilitar a instituição de uma nova lógica de ocupação urbana, baseada no ideário condominial e na financeirização do solo urbano, transformando a moradia em objeto de mercado. Antes das obras da Arena, outros modos de produção de moradia, mediados por instituições estatais e lutas sociais específicas, foram identificados.

Não almejei traçar uma história completa das ocupações e da produção de obras e moradias na região. O recorte temporal de transformações é relativamente recente: sobretudo, destaquei modificações a partir da década de 1990. Desta forma, tal como sugere Mariana Cavalcanti (2009), desejei modular uma perspectiva processual da constituição de moradias, ressaltando como a cidade e as casas são constituídas como processos sociais que envolvem investimentos cotidianos e de longo prazo, subjetivos e econômicos, com desdobramentos que tensionam lógicas mercantis nos territórios. Significa dizer, em outros termos, que além de vetores externos atuarem constantemente na modulação de casas, outros processos e fluxos definem valores e expectativas associados à construção social dos espaços e às pessoas na territorialização de moradias.

Deste modo, múltiplas temporalidades - associadas a memórias, eventos críticos, mas, também, à imaginação de futuros -, produzem uma tensão constitutiva de territórios, casas e comércios. É a partir do momento que moradores do bairro Farrapos se estabelecem em suas moradias e com os terrenos formalizados pelo poder público, que a casa passa a ser objeto de investimento, modificado em espaço de comércio – esforços intensificados a partir das obras da Arena. Ficar na casa, sair do barraco da ocupação e convertê-lo em casa de alvenaria abriu portas ao futuro, que foi, evidentemente, atravessado por escalas mais amplas, as quais sustentam o clubismo e o capital imobiliário.

No próximo capítulo, focarei em demonstrar como as casas, nos entornos da Arena, foram constituídas e são, constantemente, alteradas para a concepção e o funcionamento de espaços comerciais, atrelados às temporalidades dos eventos e das economias ordinárias.

CAPÍTULO 2. Casas e comércio

Durante algumas ocasiões, caminhando de um ponto a outro do bairro, encontrei com Sandro, sentado em uma cadeira de plástico, em frente à sua loja de roupas. O comércio que possui contrasta com os demais encontrados naquela localidade: em geral, são bares, lancherias, restaurantes e mercados.

No início de 2013, Sandro, de 36 anos, abriu uma lancheria na parte da frente de sua casa, com saída para a avenida Padre Leopoldo Brentano. A loja, hoje, está situada nos fundos, com acesso pela rua Doraci Theobaldi. Trata-se de uma casa em terreno de esquina, com cerca de cinco metros de largura por 22 metros de comprimento. O terreno foi conquistado ainda por seu avô na década de 1990, que participou de uma associação de moradores, coordenada por um vizinho e dono de um bar ali perto. O terreno foi projetado, na época, pelo Departamento Municipal de Habitação (DemHab), que assentou outros moradores na região. Destaquei, no capítulo precedente, como esses assentamentos urbanos, mediados por órgãos públicos municipal e estadual, foram determinantes no processo de ocupação do bairro Farrapos.

Ainda no ano de 2020, durante o advento da pandemia de COVID-19, Sandro decidiu alterar o rumo do seu negócio e modificou uma parte do térreo da casa para dar conta de abrir a “lojinha”. A lancheria, que funcionou por sete anos, era aberta justamente na garagem da casa, muitas vezes sendo “fiscalizada pela SMIC e pela polícia”⁴², “que incomodavam os comerciantes”.

Na atualidade, com o retorno dos jogos com público na Arena, no final de 2021, após períodos de contenção da propagação do novo coronavírus, a garagem referida passou a ser alugada a um grupo de torcedores, os quais frequentam o local em dias de jogos, para confraternização com bebidas e churrasco. O comerciante, ao ser questionado, considerou que o melhor período de ganhos e fluxos de dinheiro nos

⁴² A SMIC é a sigla para a Secretaria Municipal de Indústria e Comércio, que tem como atribuição, dentre outras, organizar e fiscalizar as atividades comerciais na cidade de Porto Alegre. De modo complementar, presença policial faz parte do cotidiano do território estudado. Em outro caso, não muito longe da casa de Sandro, soube de uma senhora que decidiu fechar o bar “improvisado” (em suas palavras) na garagem de casa, aberto apenas em dias de jogos, depois que a polícia invadiu a residência em busca de um homem, que supostamente teria furtado nos entornos da Arena. A casa foi revirada e os residentes ficaram assustados com a violência da abordagem policial. O suspeito não foi encontrado e, tampouco, estava abrigado no local. O evento condicionou o fechamento do bar e o trauma é retomado nas narrativas cotidianas sobre a casa e a relação com a Arena do Grêmio, por parte da interlocutora mencionada.

comércios locais foi, diretamente, o momento de construção dos empreendimentos na última década, como a própria Arena, o Condomínio Liberdade, elevados e trechos da BR-448. A demanda gerada pelos operários das obras foi significativa: “os trabalhadores viravam a noite bebendo e comendo”, afirmou. Curiosamente, durante a pesquisa de campo, foi possível escutar relatos semelhantes de outros comerciantes, sobretudo de quem já tinha algum tipo de comércio no período de setembro de 2010 até o final de 2013 - quando as obras estavam a pleno vapor.

Na casa de Sandro, moram com ele sua esposa e mais duas crianças, seus filhos. Antes de 2020 a lancheria era a principal fonte de renda da família. Agora passou a ser a loja de roupas e o aluguel da garagem é uma maneira de “ganhar um extra”. Na interlocução com ele uma frase foi emblemática e me fez olhar para os entornos da Arena com outros olhos: “aqui, se observar bem, toda garagem vira um bar”. Sua afirmação é, de fato, facilmente evidenciada, já que muitas casas se transformaram e converteram seus espaços para a abertura de comércios, após os novos empreendimentos no bairro.



Imagem 22: bar e lancheria feitos em uma garagem, na av. Padre Leopoldo Brentano. Intervalo de Grêmio x Cruzeiro. 21 de agosto de 2022 (acervo do autor).

Muitas garagens, espaços destinados para a proteção e cobertura de automóveis, passaram a ter não apenas uma funcionalidade. Em algumas casas, são usadas como pátios, ou extensões da área interna da sala de estar, ou cozinha. Em outras, passaram a abrigar os comércios ou áreas de confraternização para moradores e torcedores gremistas. Porém, não apenas nas garagens se concentraram e foram organizados ambientes comerciais. Em casas variadas, o espaço comercial transcendeu a área de garagem e do pátio. Mas, objetivamente, o fato de poder fazer uso de um espaço projetado a outros fins, que seria ocupado por um veículo, é central em muitos casos. É possível notar como o planejamento tecnocrático é, artesanalmente, reconfigurado no cotidiano. No âmbito das casas estudadas, o planejamento habitacional, que incorporou no projeto residencial a possibilidade de aquisição de veículos por família de camadas populares, foi central para a concepção e metamorfose dos espaços a partir do momento em que megaempreendimentos se avizinharam naquele bairro de moradia.

A conversão, ainda que marcada pelas temporalidades dos eventos na Arena, da garagem em comércio é algo que se associa às estratégias de ganhos de dinheiro de muitas famílias na região, algo que procurarei demonstrar neste capítulo. No caso de Sandro, atualmente, os ganhos com a loja de roupas são suficientes para o sustento familiar, sobretudo após a impossibilidade de abertura de sua lancheira, em 2020. No entanto, ele possui outras formas de complementação de renda. Aqui, outro tema fundamental aparece: a valorização financeira e imobiliária das casas no bairro Farrapos. Na mesma rua de sua loja, Sandro aluga uma casa a outra família, o que lhe rende ganhos mensais fixos. Essa casa pertencia às pessoas de sua família, que lhe cederam o imóvel. Antes da Arena, como me detalhou, “uma casa padrão poderia ser alugada por 300, 400 reais na vila”. Não me explicou, todavia, o que entende por “casa padrão”, mas deduzo que seja uma moradia destinada a uma ideia de família nuclear (direcionada a 3 ou 4 residentes). Após 2012, houve um acréscimo, para além do índice inflacionário. Hoje, o valor pode ser dobrado, ou triplicado. Deste modo, um dos objetivos de Sandro é a aquisição e compra de outras casas no interior do bairro, de modo a buscar ter novos ganhos com aluguéis mensais e a ter garantias de moradia, diante de boatos que assolam a vizinhança.

Segundo ele, ainda existem rumores de remoção de casas na Avenida Padre Leopoldo Brentano, diante das reformas urbanas previstas fruto de contrapartidas da construção do complexo da Arena do Grêmio. Aqui, um achado etnográfico, que

interfere diretamente na relação das pessoas com as casas: conforme o comerciante, alguns vizinhos possuem “medo das remoções”, por isso, “não reformam as casas por receio de perder o que foi investido”. Outros, “para ganhar dinheiro”, investem em modificações das casas, tendo em vista a concepção de espaços comerciais acoplados a elas e aos seus pátios (no interior do terreno, ou nas ruas). Os rumores de remoção acabam interferindo nos planos e nas perspectivas de futuro, para alguns moradores. Para outros, vale o risco de realizar investimentos contínuos diante da rentabilidade dos comércios em dias de eventos na Arena. E tal dimensão, como veremos, não é algo apenas do tempo presente. A afirmação de que “aqui, se observar bem, toda garagem vira um bar”, enunciada por Sandro, é alusiva ao que pretendo abordar nesta parte da dissertação.

No presente capítulo, objetivo descrever mudanças nas disposições e nos usos dos espaços das casas, que deixaram de ser apenas residenciais e foram convertidas também em espaços comerciais. Um achado etnográfico destaco inicialmente: dependendo do contexto familiar, dois modelos de negócio podem ser identificados. Um primeiro, no qual o comércio passou a ser a principal fonte de renda de uma família (sendo aberto rotineiramente, ou apenas em dias de jogos); um segundo, no qual o comércio é uma espécie de fonte de renda complementar, ou fonte de renda extra (funcionando apenas em dias de eventos).

Aciono o caso de um comércio específico para apresentar formas de funcionamento de negócios, transformações nas casas e conexões com as economias ordinárias das famílias envolvidas. Um aspecto a ser salientado é quais produtos são vendidos nas casas com espaços comerciais e quem são as pessoas que nelas trabalham. Além disso, busco desdobrar a ideia de que estamos nos referindo a uma espécie de “enclave comercial”, um desdobramento do conceito de “enclave” outrora trabalhado pela antropologia urbana brasileira (CORTADO, 2020). A presença de um condomínio, ao lado da Arena, também faz referência a ideia de “enclave fortificado”, como cunhado por Teresa Caldeira (2003). Mas, como era de esperar, a estética da segurança também invade e é presenciada nas casas aqui analisadas (em alguns casos, câmeras de vigilância são encontradas juntamente a alarmes, grades, portões

de ferro e muros). Algumas noções de negócio, a serem destacadas, estão imbricadas com disposições estéticas e infraestruturas das casas.

Basicamente, duas questões abrangentes guiam a elaboração desse capítulo:

1) A partir do momento em que novos empreendimentos alteraram fluxos e dinâmicas econômicas do bairro, como as casas são alteradas e dispostas para incorporarem espaços comerciais? 2) Quais são os aspectos que podem ser destacados dos comércios estudados e que se conectam às práticas econômicas ordinárias de famílias donas de comércios nos entornos da Arena? Podemos considerar que os eventos são rotinizados dentro da organização e funcionamento desses espaços comerciais e, ainda da cidade de Porto Alegre/RS (MARTINS & KNUTH, 2020).

Contudo, à luz da discussão das relações entre eventos e cotidiano, notamos como apenas alguns eventos esportivos e culturais ultrapassam a assimilação ordinária e são projetados e vivenciados a partir de expectativas ritualizadas. Eventos como Grenais (clássico regional entre Grêmio e Internacional), jogos eliminatórios de competições internacionais e nacionais (sobretudo, Libertadores da América e Copa do Brasil), decisões e comemorações de títulos esportivos e a realização de festivais de música, ultrapassam a esfera rotinizada e incorporada pelos comércios nos bairros e são vivenciados como eventos que suscitam a movimentação de volumes consideráveis de dinheiro, no âmbito espacial e temporal das casas e de suas zonas de intimidade.

Nas palavras de um comerciante: “a gente ganha bem em jogos grandes, eliminatórios, quando a Arena enche”. Esses eventos costumam ser categorizados pelos comerciantes como “bons”, por isso também possuem um caráter extraordinário, já que exigem maior preparação das famílias, as quais esperam e prospectam obter ganhos acima da média, diante da enorme circulação monetária nas adjacências do estádio. Além disso, as manifestações torcedoras se alastram nas casas e nas ruas do bairro, ritualizando as expectativas e os seus pertencimentos clubísticos - numa esfera que envolve afetos, biografias, casas e dinheiros. Como sugeriu um morador, dono de um bar: “se o Grêmio vai bem nos campeonatos, nós também vamos bem”.

Nas observações realizadas em alguns locais, notei que a presença e o protagonismo de mulheres sugerem como a atividade comercial não é exclusivamente masculina, sobretudo porque está atrelada ao espaço doméstico, gerido, na maioria dos casos, por elas também. As mulheres também participam, mas nem sempre lidando diretamente com os públicos de torcedores formado, em sua maioria, por

homens, compartilhando valores masculinizados e evidenciados nos territórios do torcer (DAMO, 2021).

Ampliando as formas de produção da pesquisa etnográfica, recorro a dados produzidos a partir de um *survey* que contemplou a interlocução com representantes de casas com comércios. A investigação possibilitou desdobrar melhor quem é são os proprietários dos estabelecimentos e como os ganhos circulam pelas suas redes familiares e configurações de casa.

O instrumento, em formato de questionário, foi aplicado em 51 casas com comércios, nos entornos da Arena, no período de 3 de outubro a 3 de novembro de 2022. Em média, a pesquisa de campo permitiu contabilizar 75 casas com comércios, em dias de jogos do Grêmio (sem considerar ambulantes, barracas nas ruas, trailers na esplanada e outros atores comerciais). Significa que aproximadamente 70% do universo de casas pesquisadas foi contatado. O número total de comércios, no entanto, representa uma estimativa volátil, já que existem comércios que abriram e fecharam ao longo do ano mencionado. Além disso, ocorreram casos em que os comerciantes se negaram a contribuir com a pesquisa, no total de sete casos que não estão contados nos 51 que participaram da amostra (o que totalizaria 58 participantes, cerca de 80% das casas com comércios estimadas, no universo de pesquisa).

Como elucidou Earl Babbie, o *survey* se refere a um tipo de pesquisa social empírica, que pode incluir censos, pesquisas de opinião e de mercado, levantamentos e estudos diagnósticos. Vários desenhos de investigação podem ser incluídos no termo, existindo várias razões para que seja realizado. Mas, nas palavras do autor, “*surveys* são frequentemente realizados para produzir enunciados descritivos sobre populações” (BABBIE, 2001, p. 96), descortinando certos aspectos e atributos para um estudo. Operam como meio para que questões básicas possam ser desdobradas e aprofundadas.

O *survey*, para Babbie, operacionaliza descrições e notas assertivas sobre uma população, ou um grupo. Neste sentido, procurei considerar o grupo de comerciantes como “participantes” e como pertencentes a uma amostra do conjunto sazonal de moradores com comércio, no bairro de estudo. Ademais, o *survey* serviu como forma de aprofundar observações e interlocuções da pesquisa etnográfica, durante o período de coleta e construção de dados.

Durante a aplicação dos questionários (Anexo I) do *survey*, como um dos caminhos metodológicos de pesquisa, quatro unidades de análise foram

interconectadas e guiaram a realização do instrumento de coleta: trajetórias (biografias das pessoas e casas), aspectos e distribuição espacial das casas e comércios e as diferentes temporalidades.

Para selecionar o/a “participante do estudo”, durante as interlocuções, solicitei para que o/a responsável pelo comércio pudesse responder o questionário, de modo a obter informações mais precisas sobre o local e a família encarregada. Em alguns momentos, casais participaram conjuntamente, mas apenas uma pessoa da dupla se colocou como “responsável” pelo comércio.

A seguir, apresento algumas evidências da pesquisa *survey*. Outras serão apresentadas ao longo dos próximos capítulos.

No que se refere às pessoas interrogadas no *survey*, é possível destacar que cerca de 13 comerciantes possuem menos de 40 anos de idade (na faixa etária de 26 até 39 anos). Apenas quatro possuem idade na faixa etária dos 40 até 50 anos. Após, 13 comerciantes possuem idade na faixa etária de 51 até 59 anos. Os demais, ao todo 17, possuem idade superior aos 60 anos. Essa parcela sugere que a maioria dos proprietários (cerca de 60%) possui outras experiências profissionais, anteriores à data de abertura da Arena do Grêmio (em 2012). Quatro optaram por não declarar a idade. No quesito identidade de gênero (autodeclarada), 31 homens e 20 mulheres participaram da pesquisa (não sendo evidenciadas identidades trans).

Na correlação idade x gênero, chama a atenção o predomínio de homens nos comércios com a faixa etária de 26 até 49 anos (12 dos 17 casos). Na faixa etária acima (dos 50 até 87 anos), 17 comércios foram representados por homens e 13 comércios por mulheres.

Uma boa parcela dos participantes nasceu em Porto Alegre (21 ocorrências) e eles possuem idades variadas. A maioria (30 casos), porém, provém do interior do Rio Grande do Sul, sobretudo da chamada região das missões e do sul do estado (municípios que não são tão populosos). Dois participantes apenas indicaram que vieram do interior do estado do Rio Grande do Sul e outros dois não quiseram declarar sua origem. Nenhum dos entrevistados declarou ser ou possuir família em outro estado - chama a atenção a migração desse contingente, pode ter vindo à capital em busca de trabalho e moradia.

No quesito matrimônio, a maioria dos participantes declarou ter alguma relação afim, ou que estão “morando juntos” com algum(a) parceiro(a).

Estado civil/situação matrimonial	
Casado(a) / morando juntos	35 casos
Solteiro(a)	9 casos
Divorciado(a)	2 casos
Viúvo(a)	5 casos

Em relação ao número de filhos, a questão não fazia parte do questionário, mas na interação com o entrevistador algumas pessoas relataram a quantidade de descendentes diretos. A tabela abaixo registra uma estimativa, conforme as declarações.

Quantidade de filhos (declarada pelos participantes):	
Sem filhos	5 casos
1 filho	9 casos
2 filhos	12 casos
3 filhos	5 casos
4 filhos	1 caso
7 filhos	1 caso
Não declarou	18 casos

Apesar dos 18 entrevistados não declararem, ou não terem sido questionados sobre, fica evidente como a maioria dos comerciantes estão inseridos em redes familiares com filhos e laços matrimoniais.

A localização espacial dos comércios também foi identificada (nos 51 casos que participaram da pesquisa). A ideia de uma concentração espacial de atividades socioeconômicas relacionadas aos eventos na Arena do Grêmio pode ser afirmada na seguinte informação: de modo significativo, os comércios estão situados nas principais ruas e avenidas que dão acesso ao estádio – e foram abarcadas pela pesquisa. O mapa a seguir ilustra a concentração mencionada, a partir das cores que diferenciam as localidades. São elas:

- Avenida Padre Leopoldo Brentano (marcada em azul): 33 casos;
- Avenida AJ Renner (marcada em amarelo): 7 casos;
- Rua Contabilista Jorge Luiz Machado/ Av. Voluntários da Pátria (marcada em laranja): 5 casos;
- Outras ruas (marcadas em verde): 8 casos. São eles: Rua Padre Jacob Emílio Schneider (2 casos); Rua Luiz Carlos Pinheiro Cabral (2 casos); Rua Padre Inácio Valle (2 casos); Rua Frederico Mentz (1 caso); Rua Battistino Anele (1 caso).

Importante dizer, para interpretação da imagem, que as cores escolhidas apenas servem para indicar as localizações das ruas percorridas ao longo do *survey*.



Imagem 23: localidades da pesquisa, imagem de satélite - Fonte: *Google Maps*.

Mas, como esses espaços são denominados pelas pessoas? Quais suas diferenças internas? A tabela a seguir demonstra como existe um predomínio de comércios como bares, restaurantes, lancherias, mercados e sedes de consulados da torcida gremista⁴³, dentre outros. Algumas casas ocupadas por membros de consulados, alugadas e com comércios direcionados aos grupos envolvidos, não

⁴³ Os consulados são agremiações de torcedores, reconhecidas pelo próprio clube, espalhados pelo território nacional e internacional. O departamento consular do Grêmio é o setor responsável pelo reconhecimento dos coletivos, que possuem como objetivos difundir ações clubistas, realizar eventos e prospectar novos sócios em diferentes localidades. Nos entornos da Arena do Grêmio, muitos espaços são locados por representantes institucionais dos consulados, para que os seus membros tenham uma referência espacial e áreas de convivência durante os dias de jogos. Mais informações em: <gremio.net/consulados>.

foram acessadas pela pesquisa, mas somam um número representativo na paisagem do bairro. Nesses espaços, como foi possível notar, o comércio de bebidas é restrito aos membros dos grupos, não sendo facilmente acessados⁴⁴.

Pude classificar, na tabela a seguir, como os comerciantes qualificam seus estabelecimentos, priorizando o registro dos nomes enunciados. Para proteger a identidade dos interlocutores e dos espaços comerciais, foram anotados apenas os tipos de estabelecimentos e o número de casos relacionados a cada seguimento.

Importante mencionar que, mesmo com diferentes denominações que identificam os espaços comerciais, existem mercadorias que são mãos comumente comercializadas, principalmente bebidas alcóolicas e lanches de fácil preparação.

Nome do comércio (Você tem um... bar/restaurante/boteco/barraca)?	
Bar/ boteco	26 casos (14 nomes fazem menção a categorias clubistas e ao estádio; 8 ao nome do proprietário; 4 são nomes diversos);
Restaurante/Lancheria	6 casos (4 fazem menção ao nome do proprietário);
Mercados	3 casos (mercado e bar; minimercado; bazar);
Venda de alimentos e bebidas	3 casos (churrasquinho e pasteis);
Sede de Consulado (com comércio de bebidas)	3 casos (*existem mais sedes, mas que não participaram da pesquisa);
Barraca / Tenda / Food-truck	2 casos (cervejaria e venda de lanches);
Casas com comércios sem identificação	4 casos (garagens para estacionamento de carros); 1 caso (sede eleitoral e de movimento político); 2 casos (sem identificação);
Lojas de roupas	1 caso (com aluguel de área para torcedores)

⁴⁴ Sobre coletividades e associações clubistas sugiro a consulta no trabalho de Vinicius Teixeira Pinto (2022), que foca no caso do Sport Club Internacional. A sua tese analisa as lógicas de constituição de coletivos mediante sociabilidades torcedoras, relacionadas ao futebol brasileiro. No caso dos consulados, essas coletividades estão previstas nos estatutos da dupla Grenal, mas o autor identifica a carência de trabalhos acadêmicos sobre essas associações, algo distinto das torcidas organizadas.

Mudança econômica e ativação de circuitos de trocas nas casas

Em artigo exemplar sobre a organização e realização de feiras livres, realizadas em municípios da Zona da Mata de Pernambuco, Palmeira (2014 [1971]) destacou como a produtividade da etnografia de mercados (ou em locais de mercado) reside na sua capacidade de traduzir e remeter a amplos processos de transformação social, ou de mudança econômica. Retratando uma espécie de crescimento econômico sensível, através das feiras novos fluxos monetários e de produtos foram observados pelo autor, os quais permitiram a ativação de circuitos de trocas de bens de subsistência e se tornaram fontes de emprego aos trabalhadores “expulsos” dos engenhos, após a decadência do setor a partir de meados da década de 1940. Desta forma, muitos trabalhadores rurais saíram do campo para trabalhar no comércio e nas feiras, ou buscaram outras ocupações nas áreas urbanas.

De modo similar, gostaria de pensar a ativação dos circuitos comerciais nos entornos da Arena, não atrelada diretamente às mudanças em contextos rurais, mas sim considerando que muitos comerciantes deixaram de trabalhar em ocupações industriais ou comerciais, que exigiam pouca escolaridade, e, também, mediante situações de aposentadoria. Em outros, a partir de demissões e aumento do cenário de desemprego.

Mais precisamente, nos dois casos (nas localidades da Zona da Mata, ou nas do bairro Farrapos), a ativação de circuitos de trocas de bens e produtos é mediada por temporalidades e pelo funcionamento de eventos que, do ponto de vista da mudança econômica, fornecem ganhos aos trabalhadores comerciantes e, como pontua Moacir Palmeira, solidificam a noção do tempo como central para a redistribuição de riquezas, ou de ganhos, dentro de determinados setores da população (PALMEIRA, 2014, p. 326).

No caso das feiras, convém salientar, configuram-se novos centros de distribuição da produção rural, o que não é o caso no contexto do bairro Farrapos. Por outro lado, a transformação do trabalhador rural em comerciante urbano se entrelaça com a formação de consumidores urbanos e, com as trocas promovidas, há uma maior autonomia dos trabalhadores em gerir, por conta própria, seus meios de subsistência, antes garantidos pelas usinas e engenhos, na lógica dos “barracões” – sistema interno das propriedades ao provisionamento de alimentos e bens à população dependente. No bairro Farrapos, por sua vez, os comerciantes passam a ter a possibilidade de

deixar de depender plenamente dos ganhos e rendimentos de suas ocupações de origem (formais ou informais) e passam a ter maior autonomia sobre decisões econômicas, que incidem sobre a casa e as relações familiares⁴⁵.

O que busco reter, a partir da reflexão de Moacir Palmeira, é a forma como os mercados locais inauguram, ativam, ou ampliam, circuitos de trocas de produtos, marcados por temporalidades e espacialidades dinamizadas pelos eventos. É sugestivo, deste modo, não ignorar as relacionalidades em jogo, seguindo o que o autor abordou nos casos das feiras, “sob pena de excluir ao conhecimento um mecanismo social que parece ter tido papel decisivo nas mudanças ocorridas” em determinada área (PALMEIRA 2014, p. 328). As feiras em Pernambuco, como mecanismo social de proletarização, ou os comércios no bairro Farrapos, incorporam lógicas de funcionamento que instauram novos procedimentos de compra e venda, processos de formação de preços e estratégias de fidelização que efetuam a composição de consumidores locais. Ademais, existe uma mudança na forma como as pessoas comunicam suas ocupações, tal como pude notar no bairro Farrapos.

Dos 51 entrevistados no *survey*, com comércios nos entornos da Arena do Grêmio, 15 declararam já serem aposentadas (cerca de 30% do universo pesquisado), enquanto outros 36 ainda não. O número quebra uma percepção inicial da pesquisa, que apontava para a possibilidade de predominância de estabelecimentos com comerciantes já aposentados em outras ocupações. Em relação às ocupações declaradas, foram mapeadas as seguintes:

Ocupação atual dos interlocutores (autodeclarada)	
Profissão	N° de casos/pessoas
Comerciante/ vendedor(a)	30
Motorista	4
Costureira	2
Do lar/ Dona de casa	2
Operador mecânico	2
Gráfico	1
Segurança privado	1

⁴⁵ É possível pensar como essa mudança econômica é experimentada no contexto de neoliberalização da vida, sobretudo no Brasil do século XXI, diante da crítica foucaultiana dos efeitos do empreendedorismo e do *self-management*, mas isso escapa ao foco deste texto.

Operador de maquinário/guincho	1
Funcionária pública	1
Agente comunitária de saúde	1
Chefe de depósito comercial	1
Auxiliar de cozinha	1
Pescador artesanal	1
Pedreiro / construção civil	1
Advogado	1
Oficial da OAB / Administrativo	1
Trabalha com carteira assinada	1

Como é possível apreender, cerca de 60% dos entrevistados declararam-se como “comerciante”, ou “vendedor”, “trabalhadores de comércio” (30 casos), na atualidade. Após, a ocupação de “motorista” aparece com mais frequência, reunindo motoristas comerciais e de aplicativos, além de taxistas. Nos demais casos, a heterogeneidade das ocupações é uma marca. A maioria delas, porém, não exige formação de nível superior, exceto nas profissões de “advogado” e, eventualmente, na de “funcionária pública” (não especificada pela interlocutora).

Os achados atuais podem contrastar com as mudanças experimentadas no bairro. Ao serem questionados sobre suas experiências profissionais anteriores à construção da Arena, os interlocutores declararam ocupações prévias ou concomitantes às atividades comerciais que exercem:

Identificação	Experiências prévias	Atuais
1	Comércio de rua / bancário no interior	Comerciante (A)
2	Do lar/ Dona de Casa	Do lar / Dona de Casa
3	Comerciante	Comerciante
4	Comerciante / vendedora	Comerciante
5	Segurança	Segurança
6	Gráfico	Comerciante (A)
7	Secretária doméstica	Comerciante
8	Representante comercial / adm.	Comerciante

9	Comerciante	Comerciante
10	Operador mecânico	Aposentado (A)
11	Cuidadora de idosos	Comerciante/vendedora
12	Operador de maquinário/guincho	Operador de maquinário
13	Comerciante	Comerciante
14	Gráfico / motorista de aplicativo	Comerciante
15	Comerciante (venda de alimentos)	Comerciante
16	Motorista	Motorista
17	Caminhoneiro	Comerciante
18	Secretária doméstica	Comerciante
19	Copeira, serviços em restaurante	Comerciante (A)
20	Não declarou	Comerciante (A)
21	Comerciante	Comerciante
22	Funcionária pública	Funcionária pública (A)
23	Agente comunitária de saúde	Agente com. de saúde
24	Comerciante	Comerciante
25	Comerciante	Comerciante
26	Comerciante	Comerciante
27	Chefe de depósito comercial	Comerciante (A)
28	Vidraceiro, operador de maquinário	Comerciante (A)
29	Motorista	Motorista (A)
30	Vendedor e comerciante	Comerciante
31	Costureira	Costureira (A)
32	Auxiliar de Cozinha	Aposentado (A)
33	Pescador artesanal	Aposentado (A)
34	Mecânico / Técnico em refrigeração	Operador Mecânico
35	Vendedora	Comerciante
36	Não declarada	Aposentado (A)
37	Atendente em cafeteria/comércio	Comerciante
38	Pedreiro / construção civil	Comerciante
39	Oficial administrativo da OAB	Aposentado (A)
40	Advogado	Comerciante
41	Gráfico	Comerciante

42	Comerciante	Comerciante
43	Taxista / motorista	Comerciante
44	Motorista	Motorista
45	Açougueiro	Comerciante
46	Advogado	Comerciante
47	Bancário, motorista	Comerciante
48	Vendedor, representante comercial	Comerciante (A)
49	Costureira	Costureira
50	Secretária doméstica	Comerciante
51	Segurança privado, motorista	Comerciante

* A letra (A) ao lado de ocupações atuais comunica que o interlocutor em questão já está aposentado.

É possível notar como muitas pessoas acabaram assumindo a identidade de “comerciante” na atualidade, sugerindo uma mudança na forma de sua identificação profissional (e, como se evidencia, essa mudança está atrelada com mudanças econômicas experimentadas em cada casa). Em muitos casos, o histórico no comércio advém com a presença da Arena no bairro, que incentivou a abertura de novos negócios.

Dos 15 que se declararam aposentados (A) e seguem trabalhando, 7 se manifestam como comerciantes, ainda em atividade. É possível questionar se o retorno ao trabalho no comércio está relacionado, ou não, com o fato dos ganhos previdenciários serem suficientes ou insuficientes para seu sustento, ou de suas famílias⁴⁶.

As mudanças nas formas de identificação ocupacional retratam modificações nas formas econômicas, que incidem sobre as localidades comerciais do bairro. Com efeito, é possível destacar como essas formas econômicas se associam à formação de um circuito de trocas que comunicam categorias e entendimentos sobre a economia, ou sobre as “economias reais”, isto é, circuitos que reportam às

⁴⁶ Em texto sobre os “pequenos estabelecimentos comerciais”, Luiz Antônio Machado da Silva (2018, p. 47-49) notou como “aposentados” ou “encostados” também se dedicam a negociar e a conciliar os ganhos da assistência previdenciária com os de atividade autônoma ou independente. Assim, “botar um comércio” é uma prática agregada à condição de assegurado, implicando (além de um capital inicial) na utilização do tempo liberado pela cobertura previdenciária. Diante do que pude observar na pesquisa, nesses casos de aposentadoria, o comércio deixa de ser subordinado ou complementar ao trabalho assalariado regular (já inativo) e pode ser, dependendo dos fluxos econômicos obtidos, a principal fonte de renda de muitas famílias.

“modulações contemporâneas de pensar, agir e falar atreladas às categorias econômicas” (NEIBURG, 2010, p. 226).

Como destacou Neiburg (2010), o interesse contemporâneo da antropologia pela economia emerge a partir da confluência de dois processos, a saber: um conjunto de modificações na vida coletiva de ordem “econômica” e a abrangência e papel do dinheiro neste sentido; e a aquisição de reconhecimento público da linguagem e da práxis de “profissionais da economia” (economistas, jornalistas, operadores de mercado, comerciantes, dentre outros).

O que me parece interessante, no texto mencionado, é a capacidade de oferecer balizas à abordagem da economia pela antropologia e demais disciplinas sociais. Em sua perspectiva, a antropologia da economia tenta compreender “os sentidos que o campo semântico que se desenha em torno da economia possui nas interações de agentes com características e escalas diferentes, como pessoas, grupos ou nações” (NEIBURG, 2010. p. 227). Não se trata de definir teoricamente, *a priori*, o que é econômico e o que não é, mas sim de pensar como determinadas formas sociais remetem à economia, como campo semântico e de práxis individual e coletiva. Essa peculiaridade é satisfeita, também, a partir do trabalho etnográfico, além do exame de documentos e fontes escritas variadas, não negligenciando os aportes quantitativos produzidos por outros estudos.

Neste sentido, questionar quais são os sentidos desse campo semântico aos agentes estudados é fundamental. No contexto etnográfico aqui mobilizado, podemos interrogar “o que significa declarar-se comerciante?”; quero reter, mobilizando a contribuição de Neiburg, que os sentidos para essa questão traduzem modos específicos de compreender e atuar no mundo econômico, de compor práticas econômicas ordinárias, a partir de mudanças inéditas experimentadas no bairro. Essas práticas econômicas ordinárias sugerem mudanças na forma como as pessoas se relacionam, na maneira como organizam e modificam suas vidas, sobretudo nas suas casas e no bairro, como busco expor a seguir. Ao mesmo tempo, a noção de como economia, casa e parentesco estão interligadas, no contexto empírico de estudo, está alicerçada em modulações teóricas de Janet Carsten (2004).

Ensejando reflexões sobre a casa e os laços de parentesco, no clássico *After Kinship*, Carsten (2004) propõe analisar as formas de produção de “relacionalidades”, reportando às redes de relações mútuas que constituem pessoas e casas. A partir da noção *relatedness*, a autora enfatiza diferentes dimensões cotidianas que incidem

sobre a produção de laços de parentesco. No capítulo *Houses of memory and kinship*, ela sugere que uma atenção aos processos da casa, em contextos específicos, traduz um olhar alusivo para práticas concretas e relações de substância nas dinâmicas relacionais do parentesco - entrelaçadas direta ou indiretamente às transações econômicas. Como lidar com outros aspectos que constituem o parentesco, como relações com e nos espaços domésticos, tais como as que são vistas nas práticas econômicas familiares? Para além de laços sanguíneos, entendo que práticas domésticas e econômicas também constituem relações familiares e a definição situada e mutável de quem é parente e quem não é.

Adoto, desta maneira, a perspectiva de Carsten de que uma atenção às casas e sua mutabilidade ao longo do tempo permite a identificação de conexões entre diferentes domínios vinculados ao parentesco e, como é possível pensar, à economia ordinária: processos de alimentação e nutrição (comensalidade); relações entre parentes emocionalmente constituídas (afetividades e emocionalidades); práticas corporais de incorporação de normas sociais (domesticidade e normatividade); relações entre gêneros e divisões do trabalho, dentre outros. Deste modo, busco ampliar esse leque de conexões entrelaçando casa e parentesco a processos econômicos e políticos mais amplos. Logo, a partir da autora citada, retenho que as casas se modificam pelas formas como as pessoas se relacionam nelas e são modificadas por vetores de força externos, que atuam de fora para dentro delas, os quais serão salientados nas linhas seguintes.

A explicação de Carsten, no entanto, merece ser detalhada. A ênfase dada pela autora ao poder evocativo das memórias⁴⁷ das casas se articula, também, com representações intersubjetivas de que as casas são lugares simbólicos de estabilidade, mas não apenas. Casas carregam consigo um “significado político mais amplo”, permitindo a percepção de deslocamentos da história e de mudanças nas vidas das pessoas (CARSTEN, 2004, p. 34). Tempo, memória e domínios sociais estão justapostos em processos vividos na esfera doméstica, que não pode ser pensada como algo materialmente isolado, mas sim relacionalmente produzido. Nos termos da autora: “a casa reúne representações espaciais, vivências cotidianas, refeições, culinária e compartilhamento de recursos com as relações muitas vezes íntimas de quem habita esse espaço compartilhado” (CARSTEN, 2004, p. 35)⁴⁸. O

⁴⁷ Um olhar complementar para as relações entre memória e casas é lido em Mary Douglas (1991).

⁴⁸ Tradução própria, sem revisões técnicas especializadas.

compartilhamento de espaço, comida, cuidado, trocas econômicas, afetividades e moralidades introduz uma densa sobreposição de diferentes dimensões existenciais da convivência nas casas, dimensões salientadas continuamente nesse texto⁴⁹.

Além dessas dimensões, existem processos espaciais e temporais que são transpostos aos processos domésticos, fluxos externos que se imiscuem na vida cotidiana da casa (CARSTEN, 2004). Partindo de considerações sobre etnografias de casas em diferentes regiões do mundo - Portugal, Inglaterra, Argélia, Sudão, Egito e outras -, Carsten inspira algumas indagações: O que é ser e ter uma casa em determinado local? Quais são os entendimentos compartilhados pelas pessoas através das convivências cotidianas nas casas, nos seus territórios e no compartilhamento de substâncias? Como as casas mudam ao longo do tempo e qual o papel da memória na comunicação dessas mudanças? O que significa dizer que uma casa apresenta uma mutabilidade vinculada aos seus processos internos e aos processos históricos externos? São questões que podem ser desdobradas, também, etnograficamente⁵⁰.

Notadamente, as casas fazem parte de processos históricos, que conectam o parentesco doméstico com outras estruturas econômicas. Um exemplo pertinente, evocado pela antropóloga citada, pode ser visualizado em países colonizados, nos quais as casas e as famílias são diretamente afetadas por forças do Estado colonial e por suas políticas econômicas, territoriais, de habitação, dentre outras. Deste modo, existem fluxos de relações nas casas que são influenciados, instaurados, interrompidos e alterados por forças externas de Estado e de outros agentes políticos

⁴⁹ De modo complementar, destaco o trabalho etnográfico de Eugênia Motta (2014) em comunidades do Rio de Janeiro/RJ para refletir sobre como a noção e prática da casa está articulada com diferentes domínios sociais, no contexto contemporâneo brasileiro. Ao estudar a circulação de dinheiro, coisas, pessoas e cuidados em casas, em uma favela carioca, Motta desdobrou inspirações etnográficas para pesquisar a noção de casa associada a um complexo arranjo de pessoas, objetos e espaços construídos e que se produz em relação a outras residências e que são constitutivas de uma “economia cotidiana” (formando uma rede, ou “configurações de casas” nas favelas, como cunhou Louis HERN Marcelin (1996; 1999)).

⁵⁰ Os antropólogos João Biehl e Federico Neiburg (2021) abordam o conceito de “house-ing” para designar o processo de coprodução entre casas e pessoas, no qual a casa é tratada como uma entidade maleável e imprevisível, humana e não-humana, modulada por fluxos, tensões, instabilidades e estabilidades. Do ponto de vista etnográfico, a casa aparece como um agente material e moral, com nexos instáveis e mutáveis, no qual processos macro-políticos e econômicos e eventos críticos se fazem presentes no cotidiano das vidas, enredadas em temporalidades múltiplas: passados instáveis, futuros incertos e narrativas singulares sobre os eventos críticos e acontecimentos cotidianos (BIEHL & NEIBURG, 2021). Diante disso, é possível compreender, também, como formas contemporâneas de habitação se articulam com sentidos em escalas variadas, fornecidos aos tempos e aos espaços habitados pelas pessoas e seus arranjos familiares. Essa perspectiva também é válida para se refletir como a casa é atravessada por influências internas e externas.

e comerciais. Carsten, concretamente, exemplifica como em contextos coloniais, a habitação é forjada, projetada e monitorada por agentes e instituições estatais, como modo eficaz de gerir populações subalternizadas⁵¹.

Deslocando essa percepção ao contexto empírico exposto neste trabalho, posso questionar: como a cotidianidade e as relacionalidades das casas são influenciadas por fluxos forjados por grandes empreendimentos? Como o contexto estudado foi e é alterado por projetos imobiliários, os quais geraram alterações nas casas vizinhas e nas infraestruturas das localidades em que foram forjados?

Com efeito, é viável ressaltar que as casas não são investidas simplesmente de uma fonte de estabilidade, tampouco devem ser vistas como um espaço autocontido e impermeável, mas são, para a autora, carregadas por significados e materialidades mutáveis, enredados em processos históricos, políticos e econômicos mais amplos (CARSTEN, 2004). Se os processos que produzem a vida na casa, separada ou conjuntamente, articulam a constituição de relacionalidades e de parentesco, envolvem, também, processos e fluxos que ultrapassam os limites da casa.

Mas, afinal, como isso ocorreu no bairro Farrapos a partir da construção da Arena do Grêmio? A partir das reflexões de Palmeira (2014), Neiburg (2010) e Carsten (2004) desdobro achados etnográficos costurando relações mais amplas com dados quali-quantitativos.

Fazendo negócios, transformando casas

A demanda por comida gerada por um contingente de trabalhadores impulsionou fluxos econômicos jamais imaginados nas localidades adjacentes à Arena do Grêmio. No dia 20 setembro de 2010 (feriado estadual, celebração do Dia do Gaúcho), as obras iniciam no bairro Farrapos e, junto com elas, novas expectativas de quem já tinha comércios no local, ou observava as movimentações com seus potenciais econômicos.

⁵¹ A leitura da obra de Pierre Bourdieu (2006) sobre os efeitos da colonização para as casas Kabyle certamente contribui para imaginar e exemplificar essa inferência, além de destacar as disjunções, ou os descompassos, entre as estruturas econômicas e temporais impostas pelo Estado colonial e as das formas tradicionais de existência. Outra referência significativa para refletir sobre as relações entre casas, moradia e colonialismo é a obra de Timothy Mitchell, intitulada *Colonising Egypt* (Stanford: University of California Press, 1988).

No *survey* um dos questionamentos referiu-se ao ano de abertura dos comércios. Mais da metade dos entrevistados indicou o início de seu negócio a partir de 2012 e 2013, período de inauguração da Arena e de aumento dos fluxos de torcedores no bairro. Antes disso, a movimentação de trabalhadores da construção civil, sobretudo entre 2010 e 2013, também foi um marco na instauração desse novo circuito comercial. Apenas 10% dos entrevistados (7 casos) afirmaram ter iniciado o comércio antes de 2010. Segue a relação:

Quando seu comércio foi aberto? Em que ano?	
Ano	N° de casos
1996	1
2000	1
2003	2
2004	1
2010 (início das obras)	1
2011 (durante a obra)	1
2012/2013 (inauguração da Arena)	30
2016	2
2018	1
2019	3
2020	1
2021	1
2022	4
Não declarou	1

Outro ponto que os dados evidenciam é o tempo de moradia no bairro. Surpreende que, em apenas seis casos, os comerciantes passaram a residir após o ano de inauguração da Arena. No geral, 45 comerciantes já residiam no bairro antes de 2012. A maioria reside a mais de 20 anos, no total de 40 casos (muitos participaram das ocupações e assentamentos mediados pelo poder público, como destacado no capítulo anterior).

Quanto ao local de moradia, a imensa maioria, 47 casos, reside na mesma casa em que se localiza o seu negócio. Poucos casos residem em locais próximos ao

comércio (na vizinhança). Como a pergunta foi sobre qual era o seu bairro de moradia, eles representaram o mesmo grupo: 47 casos. Apenas quatro comerciantes declararam residir em outros bairros e municípios próximos (dois em Porto Alegre, no bairro Sarandi e Rio Branco; um em Viamão, no bairro Augusta; e um em Canoas, no bairro Fátima)⁵².

É o caso de Nildo, que reside a 36 anos na mesma casa do bairro, na Avenida Padre Leopoldo Brentano⁵³. Suas percepções, destacadas nas declarações seguintes, entrelaçam os acontecimentos no bairro com mudanças em sua biografia profissional e pessoal:

“Quando a Arena começou, eu sabia que ia dar alguma coisa. Me aposentei no mesmo ano que a Arena veio pra cá. Eu tinha a garagem do meu carro e virou bar. Durante a semana, quando não tem jogo, vem e vai ver meu carro aqui. Depois fiz dois banheiros aqui pros clientes e fui modificando aqui aos poucos” (Entrevista com Nildo, concedida em 20/04/2022).

Nildo tem 62 anos, nasceu em Cachoeira do Sul/RS e, durante a sua vida profissional, sempre trabalhou em comércios e na área de vendas. Formado no ensino médio (antigo segundo grau), ele sempre trabalhou como vendedor em lojas de eletrodomésticos e foi representante comercial em cervejarias. Casado, o aposentado possui duas filhas, que cursaram ensino superior na área de Enfermagem. Uma, até o final de 2022, ainda residia com ele e a outra já morava em outra casa com o marido e os seus dois filhos, no município de Canoas/RS, ao lado da capital.

Sua bagagem profissional, como ele mesmo identificou, interferiu na sua motivação para abrir um comércio “na garagem de casa” em dias de jogos do Grêmio, revelando como as transformações e usos dos espaços guardam vínculos com as temporalidades de cada evento e de cálculos estimados dos rendimentos econômicos.

⁵² Nas incursões etnográficas durante os dias de jogos, igualmente, pude notar que muitos ambulantes, vendedores que se instalam nas ruas, calçadas e canteiros, também possuem locais de moradia próximos ou no próprio bairro – o que alarga a abrangência dos efeitos econômicos dos eventos. Contudo, o público ambulante não foi priorizado no *survey* e sim o público com comércios fixos. A pesquisa envolvendo os comerciantes ambulantes poderá ser desdobrada em trabalhos futuros. Em parte, a dissertação de Danielle Martins (2019) cita alguns aspectos desse grupo e de como se relaciona com manifestações de torcedoras naquele território.

⁵³ Em uma das ocasiões em que estive em sua casa, um amigo de Nildo, de forma jocosa, revelou que o morador era torcedor do Internacional, mas que fazia questão de “esconder” sua torcida, já que trabalhava com torcedores gremistas. Nildo disse que “não fazia mais questão de torcer”, que “se afastou do Inter” por conta do seu negócio. De fato, em muitas casas, encontrei comerciantes que diziam torcer abertamente ao Sport Clube Internacional, já que sabiam “separar o lado torcedor do lado comercial”.

Como se nota em suas afirmações, em entrevista concedida sob o barulho constante de carros e caminhões passando na frente da sua casa, Nildo está aposentado, assim como a sua esposa (que, mesmo sendo dona de casa, contribuía com a previdência para ter o direito de aposentadoria efetivado). Assim, em dias de jogos, o núcleo familiar (Nildo, sua esposa e sua filha) trabalha vendendo pastéis e bebidas (cervejas, refrigerantes e água) aos torcedores. Além da família, mais algumas pessoas de confiança fazem parte das atividades na garagem, geralmente, mais dois ou três vizinhos e amigos da família (chamados para “ganhar um extra”).

Não à toa, o seu comércio foi nomeado como “Garagem Sports Bar”, já que a conversão do espaço destinado aos veículos em área comercial, já na área interna do seu terreno doméstico, foi central em sua estratégia de negócio. Como se orgulha em relatar: “No primeiro jogo da Arena, na inauguração, eu já estava abrindo o bar. Não era assim como hoje, modifiquei. Mas na inauguração eu já abri algo aqui”.

Nas vezes em que estive na sua casa, Nildo nunca escondeu que seu maior objetivo é juntar dinheiro para, justamente, adquirir um sítio no interior e se mudar do bairro, para conquistar, em suas palavras, “mais qualidade de vida”. Assim, o dinheiro adquirido nos eventos, além de auxiliar a pagar as despesas básicas da casa e da família, garante que uma outra quantia de recursos seja remanejada a uma poupança, principalmente os ganhos previdenciários do casal (o que garante que eles possam esperar um novo projeto de vida no sítio, ou fora dali). Assim, em 2022, sua ideia era a de vender a casa no bairro Farrapos. Até o início de 2023, contudo, o plano ainda não havia sido efetivado e o comércio seguia funcionando⁵⁴.

Esse projeto de futuro, segundo Nildo, está relacionado às mudanças vivenciadas no bairro. Sobretudo, ele destacou um enorme incômodo com a construção e funcionamento da BR-448, acessada pela avenida que passa em frente à sua casa (e parcialmente fechada em dias de jogos e eventos na Arena). Afora o barulho de carros e caminhões, a sujeira adentra o espaço doméstico e, além de gerar trabalho constante de limpeza, prejudica a saúde dos residentes. Ele detalhou: “Antes, a gente não tinha isso, era bem calmo aqui. O que mudou foi a 448. Sujeira, muito pó. Esse pó vem diariamente pra cá, pode olhar ali [dedo apontando à porta de casa], se

⁵⁴ Em 2023, o comércio de Nildo esteve aberto durante a partida da final da Recopa Gaúcha, entre Grêmio e São Luiz de Ijuí-RS. A Arena recebeu um público de cerca de 50 mil pessoas, motivadas não tanto pela final e pelo primeiro jogo da temporada, mas, principalmente, pela estreia do atacante uruguaio Luis Alberto Suárez (considerada, por dirigentes do clube, a maior contratação da história do Grêmio).

passar o dedo vê que tem pó acumulado”. E completou: “Eu tinha uma porta ali para a rua e fechei, pra ver se diminui esse pó dentro de casa. Antes entrava no portão e já acessava a porta, mas fechei ali. E agora só entra por aqui [na garagem]”. Como Nildo faz refletir, as mudanças nas casas não apenas passam por interesses econômicos dos seus residentes. Estão atreladas, também, aos impactos de transformações mais amplas, como a concepção de uma rodovia em um lugar que, em pouco mais de uma década, era uma rua considerada pacata.



Imagem 24: Início de acesso à BR-448 após a av. Padre Leopoldo Brentano. O ano de 1903 faz referência ao surgimento do Grêmio. Ao fundo, casas do bairro Farrapos com casas e comércios. A via começava a ser fechada, horas antes do jogo. 9 de dezembro de 2021 (acervo do autor).

Como está “sempre na função em dia de jogo”, Nildo não reclamou de movimentações e barulhos gerados pelos torcedores. Mas percorreu sobre dois vizinhos que foram afetados pelos transtornos produzidos pelo aumento de fluxos humanos em localidades comerciais do bairro e nos entornos da Arena. De acordo com ele, “muitas pessoas foram embora do bairro por conta disso”, incomodados com os barulhos de torcedores, que ocupam casas e ruas em dias de jogos e eventos na

Arena. O comerciante detalhou: “Tem um amigo que todo dia de jogo vai pro apartamento da filha dele, junto com a esposa, ali no Humaitá. Aqui na frente da casa dele tem um espaço de torcida. Ele não suporta. Eles só voltam depois que encerram o jogo”. Outro conhecido de Nildo, por sua vez, vendeu a sua casa e foi morar no interior de Sapucaia do Sul, município da região metropolitana de Porto Alegre, em uma casa com mais espaço (“10 vezes maior que a daqui”).

Na vizinhança do “Garagem Sports Bar”, em uma rua próxima, uma praça foi objeto de cuidado e controle dos moradores, trazendo à tona que a negociação e a ocupação dos espaços, por parte de torcedores, incidem diretamente nas relações territoriais de moradores locais. Juntamente com vizinhos, dentre eles aposentados da Polícia Militar, Nildo salientou como fluxos de torcedores podem ser regulamentados pela iniciativa de um grupo de vizinhos: “Nós nos juntamos e botamos ordem nessa praça aqui. Nas outras, a torcida faz anarquia e churrasco, mas essa aqui atrás, ninguém fica. Os moradores cuidam, pintam e limpam a praça, eles que cuidam”. De fato, em muitos praças e canteiros do bairro, principalmente após o término das partidas de futebol, uma cena comum é a visualização de resíduos nessas áreas, muitas vezes deixados por torcedores gremistas, dificultando que sejam frequentados por moradores até que os serviços de limpeza urbana apareçam para “acabar com a sujeira”.

Mas a atividade comercial faz Nildo ter um olhar tolerante quanto à presença de torcedores e clientes gremistas no bairro. O bar, instalado no espaço da garagem, garante que os clientes sejam atendidos na calçada e não entrem na área interna da casa, protegida por grades e muros. Assim, o portão, quando manejado, vira uma espécie de balcão e permite que as trocas de produtos sejam efetuadas sem o acesso do cliente à parte interna da garagem. A calçada reúne, também, algumas mesas e cadeiras de plástico. Na hora do jogo, a ocupação da área pública é central para que as transações ocorram, para além do espaço interno da casa.

Nildo valorizou a estética e arquitetura do seu bar, que se diferencia dos demais nos entornos: “Eu reformei aqui, era bem diferente. Tinha um muro mais alto com grade e portão. Modifiquei tudo. Desde o início da Arena, a gente ficava dentro da garagem. Teve um PM, da Brigada Militar, ele veio e perguntou se eu era o dono e disse que eu era o único certo, que já tinha andado em vários bares aqui”. E complementou: “Ele disse que a gente estava protegido aqui dentro e as torcidas ficam fora, porque se der uma briga estamos protegidos aqui”. A fala de Nildo é reveladora

de como as arquiteturas das casas podem estar alicerçadas em noções de segurança, produtoras de uma “estética” (CALDEIRA, 2003), atreladas a uma percepção da “cultura do medo” (ECKERT, 2002).

Em pesquisa etnográfica e documental específica sobre a denominada “cultura do medo”, Cornélia Eckert (2002) privilegiou a análise de tensões em torno da vida urbana expressadas pelos chamados “velhos habitantes” de segmentos médios residentes em Porto Alegre⁵⁵. Partindo de narrativas baseadas em experiências de trajetórias de vida, a partir do trabalho de reconstituição da memória, a autora examinou como se dá a configuração dessa “cultura do medo”, isto é, de uma “certa estrutura simbólica de articulação entre representações” nas quais o medo aparece com feições e sentidos variados (ECKERT, 2002). Sugere-se buscar reconhecer como a formação de repertórios simbólicos pelos “velhos habitantes” da “cidade violenta” impacta em suas vidas e na própria cidade. Mas, além disso, as tensões de viver numa capital como Porto Alegre, marcada por segregações espaciais e econômicas, também se materializa e influencia as mutabilidades das casas, que são pensadas para dar proteção aos seus habitantes.

A percepção da necessidade de segurança e de “buscar fugir do tumulto”, que pode emergir diante da presença massiva de torcedores nas ruas em frente à sua casa, é articulada por Nildo, quando questionado sobre a configuração arquitetônica da sua residência. Em sua memória como antigo morador daquela parte da cidade, relembrou como torcedores já protagonizaram brigas e conflitos na avenida ao lado (“já vi briga com garrafa de vidro voando, por isso não deixo lixeira aqui na frente”, pontuou). Neste aspecto, o trabalho de Thomas Cortado (2020) expõe como o desejo de cercar e fortificar casas não apenas está presente na rotina de condomínios fechados vistos como “enclaves fortificados” (CALDEIRA, 2011), isto é, espaços residenciais configurados pela sobreposição de práticas e técnicas de segurança privada e pública. A pesquisa de Cortado evidencia como a proliferação de “processos

⁵⁵ Para Eckert (2002), os segmentos médios se caracterizam por serem agrupamentos com “diferenciações internas complexas de pertencimento a redes de interesse e grupos morais diversos, cuja imagem mais generalizadora pode definir sua inserção na classe média “baixa”, “média” ou “alta” conforme a renda salarial capaz de sustentar uma qualidade de vida que permita a execução de projetos familiares de modernização e de ascensão sociocultural bem delineados”, os quais vão desde a educação básica formal até a capacidade de financiar hábitos de consumo para além da cesta básica, diferenciando-se, assim, dos segmentos de baixa renda. Para a autora, tal diferença “não se vislumbra apenas na renda, mas também nos papéis sociais de autoridade, influência e poder, em geral conquistados a partir de um capital cultural” (ECKERT, 2002, pág. 76).

de enclausuramento” também é vista em loteamentos residenciais periféricos no Rio de Janeiro/RJ, além de outros grandes centros urbanos do Brasil.

À luz dessa percepção, o autor desdobra as formas pelas quais a “lógica securitária da enclavização urbana” está atrelada a um tipo de linguagem, “através do qual pessoas de todas as classes comunicam medo, insegurança e necessidade de proteção, mas também mobilidade social, distinção e gosto” (CORTADO, 2020, p. 666). Essa linguagem, seguindo as reflexões de Caldeira, foi batizada de “estética da segurança”. Dessa forma, os riscos da violência urbana, em muitos contextos, se relacionam com a plasticidade das casas, que passam a ser concebidas como “fortalezas”, cercadas de muros altos, grades nas janelas e varandas, além de equipamentos eletrônicos de vigilância. A transformação da arquitetura externa, diante da lógica securitária referida, também se associa com melhorias e ampliações da casa no seu interior. Convém apontar, no entanto, que isso não significa definir a casa como espaço fechado e autocontido, enclausurado por um grupo sem conexões com o território externo e seus fluxos.



Imagem 25: Casas com grades e portões, na av. Padre Leopoldo Brentano. 7 de julho de 2022 (acervo do autor).

Mas, para Cortado (2020, p. 668) os muros e grades denegam a presença da sociabilidade pública na organização da vida privada, e reciprocamente. Mais do que enclausurar, o que está em jogo na fortificação das casas é a complexa construção

da privacidade, além da oferta de proteção. De fato, os muros modulam e possibilitam relações entre as pessoas na mesma casa ou em sua vizinhança, além da produção de proteção, incidindo sobre o olhar de quem vê de fora e de quem vê de dentro.

No contexto do “Garagem Sports Bar”, ressaltando que, em caso de brigas, ou de furtos, seus colaboradores “sabem o que fazer” (fechar as grades e trancas da garagem e se resguardar na sua parte interna), Nildo revela tensões e conflitos que, inesperadamente, podem eclodir durante os eventos e, até mesmo, na rotina do bairro. De modo mais amplo, a casa de Nildo é mais um caso, dentre outros observados nesse estudo, de que a proteção psicológica e física de familiares, a produção de intimidades, a circulação de fluxos de dinheiro são fatores atrelados à estética da segurança, que permeia as casas com comércios nos entornos da Arena do Grêmio.

Em muitos casos, como o trabalho de campo me fez perceber, mesmo que fiquem na mesma edificação, os comércios são separados das partes residenciais das casas através de portas, muros, grades e escadas, ou até caixas de cerveja empilhadas que substituem paredes, evocando uma distinção entre o que é acessível ao público (a parte comercial) e o que é privado (a parte residencial) dentro da mesma casa.

Neste sentido, a dimensão cromática clubista, que é incorporada em muitas casas (paredes, portões, portas e afins com as cores azul, preto e branco, em muitos casos) está articulada com as materialidades (grades, cadeados, cachorros, câmeras, dentre outros elementos) que intuem garantir proteção das casas e de seus patrimônios comerciais (equipamentos, espaços, mobília, veículos), além de resguardar a produção de vínculos entre os seus residentes e vizinhos desejados⁵⁶.

⁵⁶ Em outro comércio da avenida Padre Leopoldo Brentano, conversei com uma proprietária que narrou uma situação de furto de sua lancheria, ainda em 2020, durante a pandemia. Além de produtos da loja, outros bens da garagem e cozinha, como eletrodomésticos e mobílias, foram levados. Após o episódio, a interlocutora confidenciou que providenciou a instalação de câmeras, alarme e contratou o serviço de ronda de uma empresa de segurança privada, para evitar novos prejuízos. Para reconstituir o patrimônio e equipamentos de sua lancheria, afirmou que, ainda em 2020, teve que vender a sua caminhoneta, carro que usava para fazer entregas e para fins pessoais. Lamentou, em diferentes momentos, que episódios de roubo e furto estejam ocorrendo no bairro.



Imagem 26: Casa com portões, grades e cercas. Espaço com churrasqueiras e áreas de convivência. 14 de maio de 2022 (acervo do autor).

A casa de Nildo, para quem a observa externamente, é permeada por grades, muros e portões de ferro. Na parte interna, após a entrada pela garagem/bar com dois banheiros, uma cozinha dá acesso à sala de estar, dois quartos e um banheiro. Aos fundos, uma área de lavanderia e uma sala ao lado, com um depósito. Na parte superior, sendo acessada por uma escada de ferro, uma área com churrasqueira. No segundo piso, encontra-se, ainda, a casa do irmão de Nildo, que “pouco para ali”, já que também possui outra residência no litoral gaúcho.

A presença de uma área com churrasqueira no segundo piso da casa é parte de uma estratégia de fidelização de clientes manejada por Nildo, mas, igualmente, encontrada em outros comércios locais. Em geral, mediante o trabalho etnográfico, pude notar que as casas e comércios com esse tipo de área atraem um contingente grande de torcedores gremistas, que, via de regra, se organizam em grupos e coletivos para confraternizar antes dos jogos (grupos de amigos, coletivos políticos,

consulados, agremiações diversas, que nutrem relações torcedoras e políticas com o Grêmio).

Na churrasqueira situada no segundo piso da casa de Nildo, batizada por seus frequentadores de “laje tricolor”, um “grupo de amigos” costuma se reunir e, como forma de compensação do uso exclusivo do espaço, consomem bebidas apenas do “Garagem Sports Bar”, fato que comunica a maneira pela qual os espaços da casa estão articulados com o perfil de cada negócio e com suas transações possíveis, as quais articulam conexões entre dinheiros, substâncias, afinidades/laços de amizade, clubismo, dentre outras reciprocidades. Dimensões que podem ser pinçadas na fala de Nildo: “Tem um cliente que vem, nos jogos grandes, compra 20 latões e me dá um. Sobe pra churrasqueira com 19 latões e o que fica eu não tomo, porque estou trabalhando, coloco a vender de novo. Às vezes, deixam carne também e já deixaram espeto e carne embalada”. Além do consumo que o grupo de torcedores gremistas realiza no bar (“eles vêm em 10, às vezes, 20, 30 pessoas”), após usufruírem do espaço, costumam deixar um “dinheiro para a limpeza”, que é costumeiramente feita por Nildo, ou familiares. Para suprir a demanda de bebidas, o comerciante também vende pacotes de gelo, aos seus frequentadores mais assíduos.



Imagem 27: bar de Nildo na av. Padre Leopoldo Brentano. 21 de agosto de 2022 (acervo do autor).

Outra estratégia mobilizada, em muitos comércios no bairro, é a cessão de churrasqueiras em toneis de alumínio, que são distribuídas nas calçadas, ou até mesmo nas vias de ruas do bairro. Já que “a vizinhança estava fazendo” (revelando como uma “economia do olhar” molda e incide sobre decisões e estratégias de comercialização), Nildo expôs que, igualmente, passou a ceder churrasqueiras portáteis de alumínio aos clientes interessados (os famosos “latões”).

De fato, em dias de jogos do Grêmio, muitas ruas, praças e calçadas do bairro são tomadas por churrasqueiras portáteis de alumínio, ou improvisadas em tijolos, os quais, após a feitura do alimento (a partir de técnicas e ritos de cada assador), costumam ficar manchados com carvão e com restos de alimentos. Uma cena comum, que observei em diferentes ocasiões, é a de trabalhadores e catadores de materiais recicláveis residentes no bairro receberem pedaços e sobras das comidas preparadas, além das latas de alumínio das cervejas que foram consumidas.

Tais situações despontam para a percepção de como a desigualdade socioeconômica pode invadir os festejos e se concentrar entre universos sociais distintos que frequentam o mesmo território, durante a temporalidade específica prévia ou posterior a cada evento de futebol. Muitos comerciantes tentam combinar, ou controlar a circulação de pedintes, ou de trabalhadores ou de catadores de materiais recicláveis, promovendo combinações para que eles passem após o início de cada partida, momento de esvaziamento das casas, já que a maior parte do público torcedor irá acessar ao estádio.

Efetivamente, por tentar controlar a extensão do seu comércio na parte residencial da casa, Nildo explora as possibilidades de uso da calçada pública. Em uma das visitas que fiz a ele, no dia 7 de setembro de 2022, o comerciante discorreu sobre como os espaços comerciais ganham amplitude para fora dos domínios arquitetônicos da sua residência: “Nesse último jogo, coloquei quatro churrasqueiras aqui na frente, me dão 20, 30 pila pra limpar e botar os tonéis aqui e eles pegam a bebida comigo. Só peço pra trazerem espeto e faca. Nunca tinha botado, coloquei umas lonas lá de cima até aqui na calçada”. As lonas azuis, como pude visualizar naquela ocasião (o Grêmio jogaria contra o Cruzeiro, pela série B, no dia 21 de agosto), desciam do segundo piso e iam até o meio fio da calçada, protegendo os clientes da exposição solar. Era um jogo decisivo à pontuação do campeonato e,

naquela tarde, mais de 51 mil pessoas estiveram presentes na Arena e muitas outras (me incluindo) acompanharam o jogo nos seus entornos.

Embora muitos locais ofereçam churrasqueiras fixas ou portáteis para clientes, raramente, carnes, alimentos e produtos para churrasco são vendidos. O foco está na bebida e em alimentos de fácil preparação, como lanches e salgados. No *survey* realizado, essa situação pode ser constatada. No questionamento sobre “quais produtos são vendidos”, em cada local foi possível identificar um padrão de oferta e consumo, com o predomínio da comercialização de bebidas alcólicas (cervejas e destilados) e não alcólicas (água e refrigerantes) como mote fundamental de negócio.



Imagem 28: Churrasqueiras de alumínio dispostas na rua, próxima à av. P. Leopoldo Brentano. A prática é comum nos bares da região, que cedem e alugam churrasqueiras aos torcedores, antes e durante o horário do jogo. 9 de dezembro de 2021 (acervo do autor).



Imagem 29: Bar e churrasqueiras de alumínio dispostas na rua Frederico Mentz, ao lado da Arena. 9 de dezembro de 2021 (acervo do autor).

Evidentemente, o aspecto lúdico do futebol é potencializado pela consumação massiva de bebidas alcólicas, influenciando psicologicamente a relação dos torcedores com as práticas clubísticas. Em outras palavras, torcedores consomem substâncias líquidas como parte do processo de excitabilidade presente antes, durante e após as partidas de futebol. A venda de cervejas é central nos espaços comerciais, diante das demandas torcedoras.

Quais produtos você vende em seu comércio?	
Produtos	N° de casos
Bebidas somente (cervejas, refrigerantes e afins)	7
Bebidas e pastel	13
Bebidas, pastel e salgadinhos industrializados	2
Bebidas e churrasquinho/espetinho	3
Bebidas, pastel e churrasquinho/espetinho	4
Bebidas e lanches (xis, cachorro-quente, salgados, etc.)	8
Bebidas, “parrilla” e churrasco	1

Bebidas e hambúrgueres	1
Bebidas, pastel, lanches, comidas / aluguel de churrasqueiras portáteis	2
Bebidas, alimentos, lanches e produtos de mercado e bazar	2
Bebidas e aluguel de espaço com churrasqueira	3
Bebidas, aluga churrasqueiras portáteis e estaciona carros	3
Aluga espaço da garagem para barraca de lanches	1
Roupas e acessórios (atacado e varejo)	1

Outro aspecto relevante, que também comunica sobre a forma pela qual as casas são modificadas para as atividades comerciais, é no quesito armazenamento dos produtos. Na interlocução, foi indagado como, geralmente, eles são estocados.

Como os produtos são armazenados em sua casa?	
Forma	Nº de casos
Tem local próprio / espaço de estoque	14
Sem local específico/repõe antes de cada evento (jogo a jogo);	31
Não declarou	6

Assim, a maioria dos comerciantes (31 deles) repõe os bens comercializáveis a partir de um planejamento com base no calendário de eventos e, para evitar uma reposição desnecessária, ou gasto excessivo com fornecedores, vai adquirindo os produtos dias antes de cada jogo, ou evento.

A relação com fornecedores de bebidas alcóolicas, sobretudo com marcas de cerveja, é um traço marcante nas relações comerciais analisadas. Os fornecedores costumam abastecer os negócios semanalmente e é comum observar carros e caminhões com bebidas sendo transportadas nas ruas do bairro. Além disso, muitas casas convertidas em bar/restaurante/lancheria e afins ganharam placas com o nome

comercial do local, envolvidas em marcas de cerveja e do fornecedor. É um aspecto estético marcante na paisagem aqui representada.

No bar de Nildo, a título de exemplo, a relação com fornecedores nem sempre é estável, ou constante. Em alguns eventos, o comerciante menciona “ir buscar cerveja no mercado”, para aproveitar possíveis descontos e promoções – que deixam o produto mais barato em relação ao que é ofertado por fornecedores de cervejarias ou distribuidoras de bebidas. Mas, como modo de atrair clientes comerciantes, as distribuidoras de bebidas costumam oferecer “brindes”, ou vantagens para a adesão ao seu fornecimento. Outro aspecto, que incide diretamente nas casas, é a confecção de placas de identificação dos comércios, distribuídas pelos fornecedores e distribuidores. Nildo detalhou: “Uma vez aqui eu coloquei a placa de uma marca de cerveja. Eles me deram 120 latões pra isso. Sem compromisso, então pode botar”. Após a iniciativa chamar a atenção, uma nova situação foi notada: “Depois veio a concorrente e ofereceu mais cervejas também, para botar uma placa de outra marca de cerveja, duzentas unidades de cerveja, isso foi antes da pandemia. Eles tiraram a placa anterior da concorrência e botaram uma nova”. Desta forma, uma marca costuma ficar exposta por um período determinado, nas placas com as identificações de cada comércio, sobrepostas nas fachadas das casas.



Imagem 30: Placas, bares e torcedores na av. Padre Leopoldo Brentano. Grêmio x Bahia, 22 de outubro de 2022 (acervo do autor).

Os acordos para a manutenção das placas com propagandas são feitos entre os comerciantes e distribuidores, não gerando, necessariamente, uma relação de exclusividade comercial entre ambos. Em muitas casas, ao longo da pesquisa, observei placas sendo constantemente trocadas nas fachadas das casas, por conta da relação comercial de fornecimento de bebidas. Cada placa trocada, aos olhos da vizinhança, denota uma mudança na organização e nos produtos de cada comércio. Assim, se um local troca de placa, é bem possível que os comerciantes vizinhos tentem identificar os termos para tanto, já que pode ser uma possibilidade de beneficiar seu comércio, na relação de fidelização comercial engendrada por fornecedores. Não ter o mesmo fornecedor sempre, mudar as placas e buscar as melhores relações comerciais é um aspecto que incide diretamente sobre a estética das casas e no funcionamento dos comércios.

A placa no comércio de Nildo, motivo de disputas comerciais entre empresas de distribuição de bebidas que trabalham no bairro, como seu relato anuncia, é usada como uma materialidade que pode, evidentemente, moldar transações de compra e venda. Após cumprir com o acordo com um dos fornecedores e manter a propaganda de uma marca de cerveja de 2020 até a metade de 2022, Nildo contratou um pintor para refazer os letreiros do objeto e destacar o nome do seu bar, que passou a ser sobreposto a marca de cerveja. Segundo ele, “dias depois, vieram com um carro da distribuidora tirar foto”, um mapeamento que é constantemente desdobrado nos comércios estudados.

A estratégia de maximização de vantagens comerciais é evidente, ao comerciante: “Eu só mudo de novo se ganhar o produto, traz e mudo aqui a placa”. Isso se justifica, do ponto de vista comercial e moral, a partir da seguinte afirmação: “Eu não trabalho só com um produto, vejo o que o cliente quer”. As transações e reposições de estoque de produtos também são moldadas por experiências de consumo e venda, que podem ser personalizadas conforme a demanda de cada cliente. A autonomia comercial de Nildo, denotada em sempre poder escolher com qual produto se trabalha, faz com que as relações sejam continuamente negociadas, numa cadeia de transações que envolve fornecedores, clientes, comerciantes e casas. Evidentemente, o fato dele ter trabalhado em uma empresa de bebidas por cerca de 20 anos amplia seus repertórios práticos de ação e lhe favorece nas

negociações com os fornecedores (ganhando bebidas que poderão ser comercializadas, sem custo, por exemplo).

Outro ponto, no abastecimento e reposição de produtos nos comércios locais, é a otimização de mercados atacadistas para a compra de bebidas e alimentos. Assim, os comerciantes revendem o que compram em atacado, colocando uma margem de lucro considerável (em geral, cervejas são vendidas pelo dobro do valor adquirido inicialmente – logo, se compram uma lata por 4 reais no “atacadão”, revendem por 8 reais, ou valor semelhante, em dia de jogo). No caso de Nildo, dois são os motivos elencados para que o preço gere, no mínimo, 100 % de lucro sobre o custo do produto: em um primeiro lugar, busca não ter prejuízos e quitar os pagamentos de colaboradores, que trabalham no bar em cada jogo; em segundo lugar, comunicou que o preço “não tão barato” é uma forma de atrair determinados públicos com maior poder aquisitivo: “Se você vende barato, traz o que? Se vende mais caro, vem outro público”.

Poucos são os locais com estoques maiores de produtos reservados. Esses costumam ser onde que funcionam diariamente e precisam ter estoque para atender a demanda rotinizada – como é o caso de um mercado no bairro, aberto todos os dias, que acumula engradados de cerveja em uma casa vizinha. Nesse caso, metade da edificação serve como espaço para estoque e a outra metade é usada para confraternização de grupos torcedores em dias de jogos. Esse mesmo local, além do mercado, abastece mais dois pontos de comércio, minimamente (sugerindo como as configurações de casas, nesse contexto, estão entrelaçadas diretamente a práticas econômicas atreladas aos eventos).

Na “Garagem Sports Bar”, o proprietário possui uma gestão minuciosa da entrada e da saída de produtos. Nildo conta com um caderno, o qual fez questão de me mostrar, em detalhes. Ali, anota os produtos a serem comercializados e os que foram vendidos, por unidade e por evento. Em outra página, na relação oferta e venda, consegue registrar os custos e o seus lucros por tipo de bebida ou alimento vendido, compondo uma espécie de balanço contábil dos ganhos e saídas de produtos. Esse balanço, no entanto, nem sempre é visto nos demais comércios da vizinhança.

Em alguns casos, observei comerciantes fazendo cálculos com base em experiências pretéritas e numa avaliação tácita das expectativas de venda em torno do público esperado para cada evento, sem uma sistematização e um registro detalhado das movimentações de produtos, custos, lucros e do estoque existente.

Dependendo de outros fatores, que irei apontar no capítulo três, as expectativas de venda podem não ser alcançadas, gerando prejuízos, muitas vezes comunicados pela expressão de que “o movimento do jogo foi fraco”.

Motivações para abrir o próprio comércio

Uma das questões abertas do questionário no *survey* realizado foi: “Como você decidiu abrir o seu próprio negócio no bairro?”. As respostas foram variadas, mas, para facilitar a compreensão, puderam ser agrupadas conforme as referências objetivamente comunicadas (se por motivação econômica, familiar, pela geografia da casa, ou outro motivo). Do ponto de vista analítico, porém, essas referências auxiliam a explicar as motivações apenas parcialmente, visto que podem ser múltiplas e baseadas em relações variadas, não unívocas. O instrumento capturou a motivação principal, do ponto de vista de quem resolveu abrir o seu próprio negócio.

Apesar de estarem na terceira pessoa, os registros das respostas preservaram as estruturas semânticas comunicadas pelos participantes da pesquisa, sem alterações que mudam o sentido. Antes de cada contestação, tem-se o número de recorrência das respostas. Por exemplo, se alguma resposta contiver o (2), significa que ela foi reproduzida em duas ocasiões na interação.

Por motivações econômicas:

- (1) Abriu o bar por necessidade econômica/necessidade de ganhar a vida; já tinha um bar/mercearia antes da Arena.
- (2) Já trabalhava vendendo lanches, principalmente no antigo Estádio Olímpico e no estádio Beira Rio.
- (1) Quis empreender e ganhar a vida vendendo lanches.
- (1) Já trabalhava vendendo lanches antes da Arena.
- (1) Necessidade econômica. O bar pertencia à sua mãe. Faz um ano e meio que é seu.
- (1) Antes de virar mercado, o comércio era uma ferragem. Conforme foram ampliando, foram mudando o perfil do negócio.

(1) O ponto foi parte de uma estratégia de divulgação da marca de cerveja e de ampliação dos seus locais de venda. Otimizou uma relação comercial com a gestão da Arena.

(2) Desejo de ter o próprio negócio e necessidade de ter uma fonte de renda.

(1) Busca ganhar um extra, já que não ganha suficiente como pintor.

(1) Valor recebido de aposentadoria era insuficiente e decidiu ganhar um extra.

(1) Após se mudar à casa, realizou reformas e abriu o bar na parte da garagem para obter um extra.

(2) Buscou ganhar uma renda extra.

Por motivações familiares:

(1) Precisou cuidar da filha e da casa, por isso, decidiu abrir negócio próprio na parte de baixo de sua residência.

(1) Resolveu apoiar a esposa e a cunhada, que vendiam pratos aos operários da obra da Arena, e deu sequência ao negócio.

(1) Ex-marido comprou a casa e ponto. Após a separação, a proprietária resolveu dar sequência no bar.

(1) Assumiu o negócio após sair do trabalho CLT. Ajudou o pai a dar continuidade, já que ele está com problemas de saúde.

(1) Abriu a loja de roupas durante a pandemia, apoiados por um tio que trabalha com produtos e roupas no Centro da cidade.

(1) Com o adoecimento da esposa, resolveu abrir o próprio negócio, de modo a ter mais tempo para cuidá-la.

(1) Tio e tia da esposa já tinham o bar e deu continuidade.

(1) Esposa faleceu e pediu para que o comércio ficasse aberto. Hoje, abre o estabelecimento com o apoio do filho.

(1) O neto realiza o serviço de guardador de carro, disponibilizando churrasqueiras também aos torcedores interessados, após falecimento de seu marido.

(1) O marido estava sem trabalho na época e a interlocutora também. Com a construção da Arena, pegou dinheiro emprestado do seu pai para vender bebidas e espetinhos, abrindo o próprio negócio.

(1) Estava desempregado e a esposa também, durante a pandemia de COVID-19. Abriu o comércio no terreno que é da sua sogra.

(1) Reunido a alguns familiares, o interlocutor tinha planos de abrir um local “diferenciado” na região. O design do local é peculiar, oferecendo produtos “gourmet”.

Novas oportunidades diante de movimentos de torcedores no bairro:

(7) Buscou aproveitar o movimento de torcedores no bairro e a oportunidade de comercializar.

(1) Na época eleitoral gremista, a representante foi procurada por membros de uma das chapas eleitorais à presidência do Grêmio.

(1) Observou o movimento crescer, começando como estacionamento. Após, expandiu e transformou a sua garagem em bar.

(1) Recebeu apoio dos familiares e de um amigo torcedor, que financiou a reforma da casa e do comércio.

(1) Buscou aproveitar a oportunidade e a diversão dos eventos.

(1) Antes de 2011, o local era uma padaria. Após a construção da Arena, virou bar.

(1) Aproveitou a oportunidade. Começou vendendo bebidas com caixa de isopor.

(1) Iniciaram como estacionamento de carros e motos, realizando churrasquinho para operários da obra. O restaurante veio em 2012 com a inauguração da Arena.

(1) Saiu do antigo emprego e quis aproveitar movimento de torcedores.

(1) Fez amizade com um movimento de torcedor e gerencia a sede de um consulado e o bar do local, em dias de jogos.

Pela localização da casa:

(1) Aproveitou a localização da casa.

(1) Buscaram aproveitar o espaço da garagem, que foi alugada a torcedores.

(1) Outros vizinhos seus exploravam o ponto. Decidiu guardar carro por conta própria.

(1) Aproveitou o espaço da garagem de casa e sua localização.

Não declarou as suas motivações: 4 casos.

Atrelada à questão anterior, foi possível a identificação de finalidades de cada negócio para a questão econômica dos interlocutores. Do ponto de vista etnográfico,

uma dualidade constitutiva foi, com frequência, comunicada pelos interlocutores de pesquisa: a de que existem comércios que servem como principal fonte de renda às famílias envolvidas; e, os demais, realizam atividades para a obtenção de renda extra, ou complementar ao dinheiro que circula em cada casa. Indagando se o negócio é sua principal fonte de renda, ou uma renda extra/complementar, as respostas totalizaram:

Finalidade de negócio	Casos
Obter principal fonte de renda	15 (30%)
Obter renda extra	36 (70%)

Assim, ao menos em 36 comércios, seus representantes possuem outras ocupações profissionais, ou formas de ganhar a vida. Mas, convém apontar, em alguns casos nos quais o comércio é visto como principal fonte de renda, outras atividades também podem ser realizadas pelos comerciantes, fora daquele âmbito. Nas observações etnográficas, fica evidente como esse número pode variar também de acordo com o “momento” do clube gremista (que pode disputar várias competições nacionais e internacionais e aumentar os fluxos de dinheiro nas casas). A disputa de uma competição internacional, por exemplo, pode render ganhos consideráveis aos comerciantes e, com isso, desmotivar a sua dedicação a outras atividades econômicas – fazendo com que priorizem o comércio, exclusivamente (a sazonalidade dos ganhos está articulada com temporalidades que serão desdobradas no capítulo seguinte).

Em 2022, contudo, o “momento” do Grêmio na série B do Campeonato Brasileiro foi de instabilidade nos resultados esportivos, o que diminuiu o fluxo de torcedores nos jogos, acarretando uma redução de ganhos dos comerciantes em relação a anos prévios à pandemia de COVID-19 (que reduziu drasticamente a rentabilidade dos comércios) – fazendo com que muitos combinassem outras atividades com a função comercial dos eventos, ou tivesse que lançar mão de outras formas de obtenção de dinheiro, como aposentadorias, ajuda de familiares, venda de bens, dentre outras.

Outro tópico foi especificamente direcionado aos declaradamente “aposentados”. Com a pergunta “Caso seja aposentado, como você escolheu abrir o comércio e voltar a trabalhar?” tornou-se viável analisar o seguinte cenário:

- Do total, 15 entrevistados manifestaram ser aposentados.
- Em cinco casos, declarou-se que “os ganhos com aposentadoria são insuficientes para o sustento familiar / recebe menos que o salário como trabalhador ativo” e isso motiva a abertura do comércio.
- Em seis casos, afirmou-se que o negócio é lucrativo e funciona como modo de ter um rendimento extra, além dos ganhos previdenciários.
- Em quatro casos, as motivações não foram declaradas, por opção dos entrevistados.

A quantidade de pessoas empregadas, ou que trabalham (formal e informalmente) nos comércios também foi tematizada.

A tabela a seguir expõe números de pessoas envolvidas nas atividades, salientando variações nessa quantidade em conformidade com o tipo de evento (ou jogo) que ocorrerá na Arena. Em jogos considerados “grandes”, isto é, com público superior a 40 mil pessoas (aborda-se uma estimativa local, com base nos públicos médios), o número de pessoas envolvidas nos comércios aumenta, demonstrando uma interconexão entre empregabilidade e desempenho esportivo do time de futebol.

Quantas pessoas trabalham em seu negócio?	
Quantidade de pessoas	Nº de comércios
1	9
1 (em jogos grandes com mais duas)	1
2	3
3	13
3 (em jogos grandes com mais duas)	2
3 (em jogos grandes com mais três)	2
4	8
4 (em jogos grandes com mais três)	1
5	7
6	2
Não declarou	3

Diante dessa tabela, é possível estimar que aproximadamente 166 pessoas trabalham em 48 comércios. Considerando a média, no mínimo 3 pessoas trabalham

em cada comércio em dias de eventos na Arena. Abrangendo o número estimado de 75 espaços comerciais nas adjacências, podemos reter que, no mínimo, 225 pessoas trabalham nesses lugares durante os jogos (um número altamente questionável, já que os comércios são múltiplos e os fluxos de torcedores/clientes variam, igualmente). Além disso, existem outras atividades econômicas fora das casas (ambulantes variados, guardadores de carro, cambistas, motoristas, seguranças e outras), o que aumenta o número de pessoas trabalhando, nas localidades, durante um evento.

Outro aspecto explorado foi o vínculo daqueles que trabalham nos comércios com os interlocutores da pesquisa (a maioria, situado/a como proprietário/a). Efetivamente, uma parte considerável envolve redes familiares e laços de parentesco, sobretudo os que residem na mesma casa.

Quem são as pessoas que trabalham em seu comércio?	
Grupo	N° de casos
Familiares	34
Amigos apenas	0
Familiares e amigos	10
Vizinhos	0
Funcionários contratados	1
Apenas o proprietário trabalha	6

Notadamente, a pesquisa se refere a comércios altamente inseridos em dinâmicas e nas transações familiares, tendo relação com o fato de muitos residirem na mesma casa em que se formou o espaço comercial e, com efeito, envolverem laços de parentesco nas atividades econômicas aqui salientadas (construído, em vários casos, nas garagens das casas, ou em seus pátios, como se verá em tópicos seguintes).

Isso faz com que outro aspecto seja salientado: a relação entre dinheiro e intimidade, reflexão sugerida por Viviana Zelizer (2011). A intimidade, para a autora, está fundamentada numa relação duradoura de confiança. Diante dessa perspectiva é possível analisar como a intimidade fomenta a conectividade entre habitantes da mesma casa. A circulação de dinheiro não necessariamente deteriora esses laços, mas, ao contrário, pode coabitar o espaço da casa regularmente com a intimidade e

até mesmo sustentá-la. Por outro lado, os sujeitos empreendem esforços para separar zonas de intimidades e relações comerciais, a partir da natureza de suas relações de parentesco e pessoais e para evitar ou manejar conflitos nos laços produzidos (que podem ser dinamizados e alterados ao longo do tempo). As zonas de intimidade das casas, neste sentido, permitem que relações familiares sejam tecidas, efetivamente, a partir da circulação de dinheiro e de transações de outras materialidades, que entrecruzam moralidades, afetividades e práticas econômicas, além de outras dimensões - evidenciando que, as diversas esferas da vida humana, não estão separadas em “mundos hostis” (ZELIZER, 2011).

No contexto deste estudo, em diferentes casas, identifiquei comerciantes que optavam por trabalhar e remunerar parentes, vistos como “pessoas de confiança”. As observações etnográficas demonstraram como em muitos comércios famílias inteiras estão envolvidas, sobretudo casais, filhos, pais e mães dos proprietários. Também, revelam a presença de irmãos, irmãs, cunhados e cunhadas, além de primos e afilhados – sendo identificadas várias nomenclaturas nativas de parentesco (“meu guri”, “minha enteada”, “meu velho” (pai), “mano”, ou até mesmo a noção de “primo” para se referir a um amigo próximo). Em alguns casos, a circulação de dinheiro entre pais, mães e filhos é emblemática, configurando fluxos econômicos de proximidade que se complementam, se sustentam e criam movimentos de manutenção dos negócios e dos diferentes projetos de vida (voltamos ao exemplo de Nildo, que pagou a faculdade de enfermagem a sua filha com a renda do comércio, do qual ela também participa e auxilia durante os eventos, “ganhando um extra”).

Em apenas no caso de uma cervejaria, que tem um dos seus pontos de venda nos entornos da Arena, se identificou a contratação formal de funcionários, que já fazem parte da rotina da empresa e de sua sede principal, localizada fora do bairro. Ademais, a ideia de “gente de confiança” faz-se presente, como modo de escolher pessoas afins que podem trabalhar sem gerar problemas laborais, diante do caráter informal das atividades, ou por acordos verbais realizados.

A imbricação entre casa e comércio

Neste capítulo, procurei analisar aspectos relacionados aos comércios estudados nos entornos da Arena do Grêmio, mobilizando interrelações entre achados

etnográficos oriundos da observação participante com as evidências geradas pelo *survey*.

Inicialmente, apresentei o caso de Sandro, retratando mudanças nas disposições e nas apropriações dos espaços das casas, que deixaram de ser apenas residenciais e foram convertidas em espaços comerciais, igualmente. Sandro, na atualidade, possui uma loja de roupa, aluga uma garagem e loca mais uma casa em rua próxima a sua residência. A sua afirmação de que “toda garagem vira um bar” é ilustrativa de como as disposições das edificações favorecem para que transações comerciais e financeiras ocorram nos espaços da casa, envolvendo seus residentes e afins.

Após, identifiquei que dois modelos de negócio podem ser analisados no “enclave comercial” estudado: um primeiro, no qual o comércio passou a ser a principal fonte de renda de uma família, ou pessoa; um segundo, no qual o comércio é uma espécie de fonte de renda suplementar, ou fonte de renda extra. Os dois modos são mediados pelas temporalidades dos eventos e, em alguns casos, do cotidiano do bairro (para quem decide abrir seu comércio diariamente).

Os comerciantes que participaram do *survey* foram qualificados em termos de idade, gênero, origem e situação matrimonial (revelando dados de suas trajetórias biográficas). A localização dos estabelecimentos foi destacada, igualmente, para que a noção de “enclave comercial” pudesse retratar um agrupamento espacial de atividades socioeconômicas aqui analisadas, compondo um gradiente financeiro no qual a concentração de comerciantes próximos ao estádio tende a mobilizar mais dinheiro do que em relação aos que ficam mais afastados, no interior do bairro.

A ativação deste circuito comercial, nas adjacências da Arena, está relacionada também com mudanças na forma como as pessoas categorizam as suas identificações ocupacionais (muitos, apesar de terem tido outras ocupações no passado, hoje se reconhecem como comerciantes), revelando como práticas econômicas são moduladas não apenas pela circulação do dinheiro, como também pelas formas de agir e pensar as transações e ofícios relacionados.

A partir da contribuição de Carsten (2004), pude problematizar o que significa ter uma casa em determinado local e como as casas e laços de parentesco são influenciadas por dinâmicas internas e por processos históricos externos. Nas casas analisadas, muitas passaram a ter espaços para comércio a partir da inauguração da Arena, em 2012. É o exemplo de Nildo, que abriu um bar em sua garagem como forma

de adquirir uma renda extra. Ao longo do tempo, essa renda extra passou a ser vital em seus planos de futuro e a ser combinada com ganhos previdenciários. Nildo foi participativo concedendo entrevistas, informando percepções sobre as casas e a localidade de estudo (além de ser mediador de outros contatos).

Com o *survey*, ainda, reportei quais são os principais produtos comercializados e como eles são armazenados. Isso influencia diretamente a estética das casas, que são afetadas pela disponibilidade de placas de fornecedores de produtos, bem como incorporam noções cromáticas e símbolos, nas suas paredes pintadas, que fazem referência ao Grêmio.

As motivações constatadas, para que os negócios sejam abertos, foram variadas, porém evidenciando como o megaempreendimento futebolístico consagrou novos campos de possibilidades, práticas e maneiras de agir até então inexistentes e absolutamente vitais à obtenção de dinheiro, para muitas famílias. De fato, em muitos comércios, famílias inteiras são mobilizadas no trabalho durante os eventos.

Objetivei analisar como as casas são alteradas e dispostas para incorporarem espaços comerciais, a partir do momento em que novos empreendimentos alteraram fluxos e dinâmicas econômicas do bairro. Além disso, busquei comunicar aspectos no âmbito dos comércios estudados e que se conectam às práticas econômicas ordinárias de famílias.

Por fim, cabe reiterar a maneira como as casas estão imbricadas com comércios, desestabilizando noções e definições que separam ou opõem os espaços domésticos com espaços de mercado. Essa imbricação casa-comércio, como procurei examinar, é um aspecto fundamental na modulação das práticas econômicas, nos entornos da Arena do Grêmio.

Nesta direção, retenho a reflexão de Stephen Gudeman e Alberto Rivera (1990), que focam na economia da casa (“economy of the house”) como base da vida material de comunidades camponesas no interior da Colômbia. Em outra obra, Gudeman (2016) propõe reconstruir um discurso no qual a economia não fosse centrada no mercado e sim na casa (house), onde certa energia vital e recursos circulam, produzindo pessoas e universos (justapondo interesses e reciprocidades). Ainda assim, para esse autor, existiria uma outra economia, que foca nas transações e cálculos de mercado, que pode ser, para muitos, apenas uma abstração. A dualidade, no pensamento de Gudeman (2016, p. 2), permanece e o autor opõe a economia de mercado (“developed market economies”), ligada aos sistemas

financeiros, com a economia de pequena escala (“small-scale economies”), vista em comunidades pequenas e grupos locais. Para o autor, dois lados interligados, porém pouco conectados, sugerindo a necessidade de uma perspectiva na qual antropólogos, economistas e visões cotidianas pudessem ser costuradas e contempladas.

Para Gudeman (2015), as economias começam em esferas que englobam a vida material nas casas e se expandem em âmbitos cada vez mais amplos, comerciais, financeiros e metafinanceiros dos mercados. No que pude notar nos comércios estudados, o processo de imbricação promove, ao contrário, a colonização de mercados locais pelas casas, sem que a viabilidade da vida doméstica seja minada, ou congelada. Ao contrário, existe uma interdependência entre os mercados locais (e os bens comercializados), os ganhos resultantes e a qualificação das casas (materialmente) e das economias domésticas.

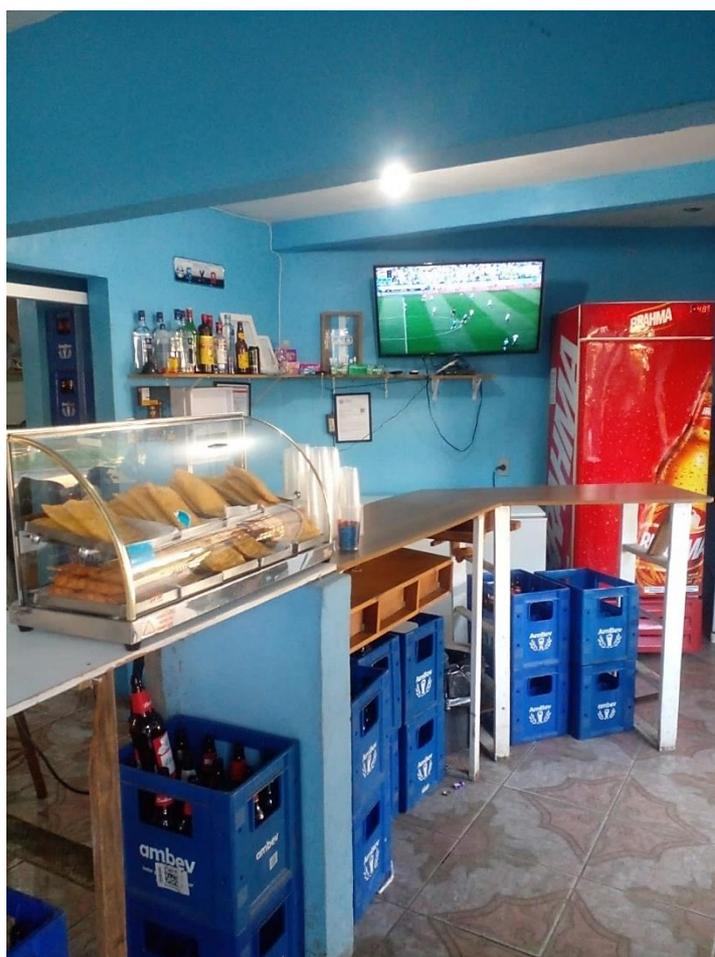


Imagem 31: Bar instalado na antiga sala e na garagem de uma casa. A porta dá acesso à cozinha. No local, mesas, cadeiras e banheiros para clientes eram disponibilizados. No lado oposto, uma escada conecta o comércio ao segundo andar residencial. 21 de agosto de 2022 (acervo do autor).

Assim, a interrelação esfera doméstica e mercado, ou a imbricação entre casa e espaço comercial, é vital para que as economias das casas funcionem e para que os mercados de bens consumíveis (principalmente, de bebidas e lanches, dentre outros) também possam funcionar e modular práticas econômicas locais, nos entornos da Arena.

A identificação dos comércios, ensejada nesse capítulo, evidenciou como, funcionando na mesma edificação, residência e comércio podem coexistir. Tal situação produz alterações arquitetônicas, estéticas e nos sentidos atribuídos aos espaços, permeados por zonas de intimidade, por transações de dinheiro e por redes familiares e de vizinhança (além de relações clubísticas e por práticas comerciais).

CAPÍTULO 3 - Comércios, temporalidades e manifestações torcedoras

O tempo, como procuro demonstrar nas análises que seguem, é um aspecto central na organização dos comércios no bairro pesquisado. Não como algo uniforme, abstrato, ou necessariamente contínuo. Enfatizar a forma como os interlocutores analisam e vivenciam o tempo, seus horizontes temporais e a convivência com outras temporalidades extraordinárias e ordinárias, é um caminho para analisar certos fluxos e transações econômicas que caracterizam as práticas comerciais.

Neste capítulo pretendo abordar diferentes temporalidades capturadas pela pesquisa etnográfica, principalmente no período de sua realização (de 2021 até 2022). Além das temporalidades pandêmicas que, como demonstrarei, foram vivenciadas de formas distintas e desiguais pelos interlocutores, exporei outros marcadores cronológicos que incidem sobre as casas e nas práticas econômicas visualizadas nos comércios analisados.

Deste modo, articulo a exposição de horizontes temporais que envolvem o dia de jogo e a sua preparação; relações políticas partidárias e clubistas; reformas e construções de casas; períodos da circulação do dinheiro oriundo de práticas de consumo de torcedores e de confiança, atreladas à laços de amizade e de fidelização de clientes.

Inicialmente, utilizo dados do *survey* realizado, enfatizando como os eventos estão atrelados ao funcionamento e organização dos espaços comerciais no bairro Farrapos. Após, demonstro como o território pesquisado já foi objeto de outra investigação, feita por Martins (2019), que abordou, mas não de modo específico, diferentes horizontes temporais, vivenciados e perspectivados pelos sujeitos comerciantes e moradores do bairro. Junto a isso, demonstro como o “dia de jogo” pode ser capturado pelo olhar etnográfico, atravessado por diferentes acontecimentos no território.

Posteriormente, focalizo em como, no cenário da pandemia de COVID-19, a suspensão da presença do público no estádio foi uma forma de evitar possíveis aglomerações, mas não apenas alcançou esse resultado. Interessa trabalhar na elaboração de como esse momento de restrições foi vivenciado em comércios locais, alterando práticas econômicas familiares e gerando incertezas em suas projeções e expectativas de futuro. Também, demonstro como o retorno dos fluxos de torcedores foram experimentados pelos comerciantes e, notadamente, desejado.

Situarei a análise em dois casos (o de Oti e o do casal Pedro e Amélia), que permitem refletir sobre as consequências econômicas e sanitárias da pandemia, vividas indissociavelmente, bem como ilustram diferenças e semelhanças. Em um contexto estruturado em múltiplas escalas, demonstro como as temporalidades pandêmicas atravessaram casas, experiências e expectativas de moradores comerciantes.

Relações entre os espaços comerciais investigados e as temporalidades dos eventos (principalmente, jogos do Grêmio) foram examinadas, também, pelo *survey* realizado, ao longo dessa pesquisa. Uma das questões objetivou levantar o período de funcionamento de cada comércio.

Quando o seu comércio abre?	
Período	N° de casos
Somente dias de jogos do Grêmio	27
Em dias de jogos e shows na Arena ("shows grandes").	14
Diariamente	10

Como se depreende da tabela anterior, alguns comerciantes responderam que também abrem o negócio em shows com um grande público, semelhante à de um dia de jogo (que lota parte considerável do estádio). Na interação, pude registrar que muitos também se referem aos shows de bandas de rock como sendo os "melhores", pois os seus clientes costumam se reunir, principalmente, para a consumação de bebidas alcóolicas, antes dos espetáculos musicais.

Os comércios com funcionamento diário, com efeito, também trabalham em dias de jogos. Diariamente, alguns costumam realizar a entrega de comidas, ou funcionam como espaço de sociabilidade de moradores do bairro - configurando uma relação distinta com o território estudado e de perfil comercial, em relação aos que apenas abrem em dias de jogos (servindo almoços ou sendo espaço de encontro noturno de moradores, por exemplo).

Em relação ao funcionamento dos estabelecimentos, chama a atenção a indefinição de horários exatos de trabalho em dias de jogos, ainda que os comércios possuam um horário de abertura e fechamento rotinizados.

Muitos comerciantes, que abrem seus negócios apenas em dias de jogos, conseguem ter uma ideia do horário de funcionamento (definido com base nas relações previamente constituídas com grupos de torcedores e com base na história de suas transações econômicas), mas dificilmente conseguem precisar o horário de fechar, já que dependem dos fluxos de torcedores e do tipo de jogo que é realizado (se com grande, médio, ou baixo número de frequentadores). Assim, há uma conexão direta entre temporalidades econômicas e fluxos humanos provocados pelos eventos arenizados.

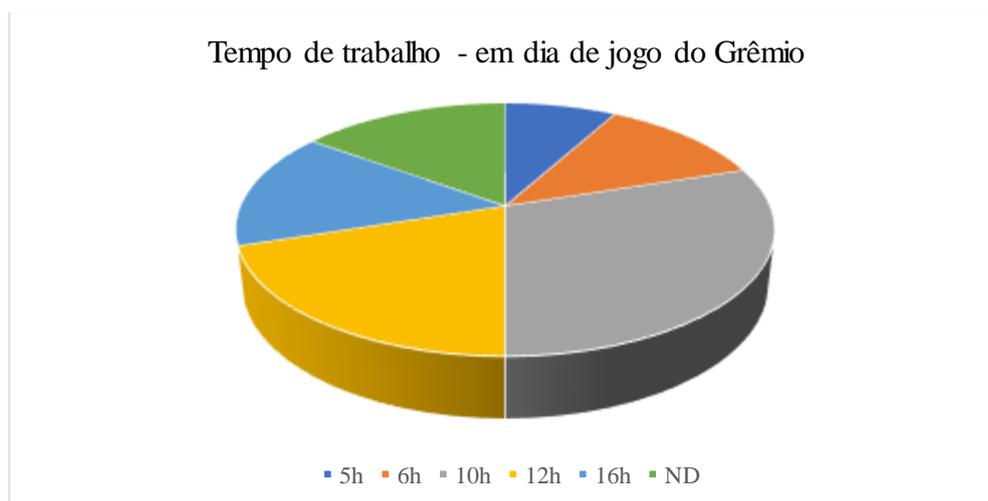
No caso dos que afirmam um horário matutino de abertura, em geral, a referência é o jogo marcado para as 16 horas, durante sábado, domingo ou em feriados. Jogos marcados para dias da semana costumam ser a noite, o que modifica o planejamento em muitos locais. Em alguns casos, os interlocutores ofereceram uma média de tempo de abertura e fechamento tendo como base o horário dos jogos.

Qual o horário de funcionamento?	
Período de funcionamento	Nº de casos
1h, 2h antes até 1h, 2h após o evento;	4
3h antes até 1h após o evento;	6
5h a 6h antes até 1h, 2h após o evento;	15
7h, 8h da manhã até findar o movimento;	10
8, 9h - 24h (em dia de jogo)	4
Manhã, tarde, noite (diariamente)	4
Não declarou / Não soube precisar	8

Um outro aspecto questionado foi em relação à média de horas trabalhadas, em cada comércio, em dias de eventos na Arena do Grêmio. A metade dos estabelecimentos costumam funcionar entre nove e doze horas, em dias de jogos, o que revela uma jornada de ocupação de vários turnos de trabalho.

Média de horas trabalhadas em dia de jogo (somando as 2 horas de jogo)		
Média de tempo (em horas)	Nº de casos	Percentual médio
5	4	8%
6	6	12%
9 a 10	15	30%
12	10	20%
16	8	15%
Não declarou	8	15%

Gráfico da tabela anterior:



Territorialidades consumidoras: como comercializar nos entornos do estádio?

Destacando a diversidade e a quantidade de estádios de futebol no Brasil, Arlei Damo (2021) expõe as principais mudanças na função e nos significados desses “emaranhados” nos contextos urbanos brasileiros, principalmente ao longo dos séculos XX e XXI⁵⁷. Emaranhados, no sentido proposto por Tim Ingold (2012), como coisas que integram e conectam sujeitos e objetos, refletindo dinâmicas e relações.

⁵⁷ Na perspectiva antropológica proposta por Damo (2021), uma análise diacrônica sobre “quatro gerações de estádios brasileiros” é apresentada, sublinhando como esses equipamentos sociotécnicos podem ser vistos como “territórios do encontro entre o jogar e o torcer”, além de estarem articulados com noções de patrimônio e clubismo. Num primeiro momento, os estádios no Brasil surgem como *grounds*, nas primeiras décadas do século XX, notados pela separação entre arquibancadas e o *field* (campo); no segundo momento, surgem estádios com arquibancadas amplas ao estilo tobogã, com

Em sua reflexão, Damo pontua que a definição de estádio precisa exceder a noção de que se resume a uma infraestrutura material de cimento e concreto (ou o equivalente a um constructo sociotécnico). É preciso levar em conta, além da edificação, o público e o jogo; é caso, pois, de examinar uma “entidade que articula um conjunto extenso de relações estéticas e políticas, com variações de época e de propósitos” (DAMO, 2021, p. 214). Gostaria, analiticamente, de sugerir que as comunidades de casas nos entornos de um estádio também fazem parte desses emaranhados e do que nele pode ser vivenciado.

Neste sentido, os estádios podem ser vistos como monumentos das cidades contemporâneas, reportando a um território, sob o qual são produzidas, irradiadas e consumidas formas de emoções coletivas e manifestações torcedoras e esportivas variadas. Há uma função sagrada atribuída aos estádios, operando como templos, ou como local de uma transcendência circunstancial. Na comparação com locais de teatralidade, os estádios também suscitam “um ambiente de ficcionalidade, de colossalidade, de excitabilidade, de transe” (DAMO, 2021, p. 215). Possuem uma força performativa, que converte indivíduos em torcedores, modificando relações que moldam pessoas e trajetórias e, vale afirmar, configuram casas, negócios e famílias.



Imagem 32: Grenal pelo Campeonato Brasileiro de Futebol, 3 de novembro de 2019 (acervo do autor).

influências de modelos arquitetônicos de hipódromos e uma concepção multiuso, que anuncia a presença estatal na conformação e na massificação desses equipamentos; Após, a colossalidade materializada pelo modelo do Maracanã, um marco na terceira geração, visto como uma espécie de “estádio nacional” (LEITE LOPES, 1998), materializando concepções de grandiosidade e “integração” de massas no imaginário social brasileiro. Por fim, a conformação de arenas marca a quarta geração de estádios, cuja atualização ocorre a partir das últimas três décadas, sob influência de noções mercadológicas e do marketing, e tendo o Brasil como sede da Copa do Mundo FIFA 2014.

Processo semelhante foi visto no caso de Grêmio e Internacional, no Rio Grande do Sul. A arenização tomou formas únicas nos estádios de ambos, sem deixar de ressaltar o acoplamento identitário dos dois clubes ao gauchismo/regionalismo - que impacta as formas de torcer e suas expressões estéticas e políticas. Ademais, noto como no caso do Grêmio, no bairro Farrapos, essas formas de torcer possuem dimensões econômicas singulares. Há, evidentemente, um deslocamento e “reposicionamento” desses equipamentos, a partir de formas de gestão que priorizam agenciamentos mercadológicos - convertendo o futebol em mercadoria e os torcedores em potenciais consumidores (DAMO, 2021; GIULLIANOTTI, 2005).

Com efeito, os espaços arenizados passaram a ser vistos a partir de uma dupla funcionalidade: a de um espaço de produção do espetáculo; e como um local de consumo (do jogo, de produtos relacionados ao evento e de uma experiência espetacularizada). Nesta lógica, as novas arenas deveriam atender aos anseios do novo tipo de torcedor-consumidor, ou modelar este tipo de sujeito, a partir de um processo civilizacional que envolve, dentre outras técnicas, vigilância e exigências monetárias consideráveis. Ao que pude notar no trabalho de campo, essas noções de consumo são mobilizadas, também, no conjunto de comércios presentes nos entornos da Arena do Grêmio.

Por este ponto de vista, gerir os torcedores assemelha-se à gestão de territórios, diante do fato que de conflagrações e conflitos permanentes podem eclodir, a qualquer tempo, diante da natureza antagonista espetacularizada por dois clubes, que protagonizam um jogo futebolístico. Entretanto, no decorrer da profissionalização e espetacularização do futebol, uma divisão mais acentuada entre o jogar e o torcer foi sendo promovida - gerando mudanças nas técnicas, tecnologias e estruturas dos estádios. De outro modo, “os estádios implicam algo mais do que regular os acessos; é preciso gerir o público, tarefa tanto mais complexa quanto maior ele for” (DAMO, 2021, p. 226).

Embora aborde, virtuosamente, as mudanças em concepção e materialidades dos estádios, ao longo da história do futebol brasileiro, o trabalho de Damo (2021) não tem como objeto a compreensão das ligações dos estádios com os fluxos e processos urbanos nos seus entornos. Mas a ênfase elisiana nas mudanças diacrônicas revelam como o tempo é um fator fundamental na conformação desses emaranhados e de sua colossalidade, assim como o é para as comunidades interligadas.

Por outro lado, a dissertação de Daiane Martins (2019) na área de Educação Física é uma das poucas referências sobre as práticas torcedoras e seus efeitos no território e nos entornos da Arena do Grêmio. O trabalho, fruto de uma rigorosa sistematização de dados oriundos de trabalho de campo, captura fluxos e alterações nos bairros Farrapos e Humaitá em dias de jogos, sobretudo no ano de 2018. Priorizando a abordagem sobre os significados sociais do esporte, a autora demonstra que as manifestações torcedoras não se restringem apenas às áreas internas de estádios de futebol, algo valioso para pensar como cidades e territórios são modificados pelos eventos esportivos.

Desta maneira, a dissertação evidencia como as relações de apropriação do espaço das imediações da Arena fazem parte das manifestações torcedoras e compõem a vida de sujeitos moradores do bairro, no bojo de uma discussão que prioriza as imbricações entre eventos e territorialidades, ou melhor, que considera a “indissociabilidade do espaço-tempo vivido” (MARTINS, 2019). O território de dentro e fora do estádio, neste sentido, é o cenário das manifestações torcedoras, articuladas à busca por excitabilidade (ELIAS & DUNNING, 1992)⁵⁸. É possível destacar, à luz da dissertação referida, que na espacialidade em questão a territorialidade das manifestações torcedoras traduz territorialidades consumidoras, diante das exigências econômicas de torcer dentro e fora do estádio.

Na pesquisa de Martins fica evidente como os acontecimentos antes e após os jogos de futebol entrelaçam trabalho e festividade, através da sociabilidade no espaço urbano e de relações comerciais. Ao dialogar com trabalhos precedentes de Damo (1998; 2006), a pesquisadora mobiliza a noção de sentimento de pertencimento clubístico, vivenciada entre torcedores gremistas, que atribuem símbolos, linguagens e sentidos peculiares às suas identidades⁵⁹. Torcer, nessa direção, traduz engajamento emocional e ligações afetivas dos sujeitos com o clube, podendo ser manifestado de diversas formas, para além das práticas internas ao estádio de futebol

⁵⁸ Elias e Dunning (1992) entendem que as atividades de lazer e descontração (incluindo as esportivas) levam as pessoas a formas de excitação que se tornaram quase inexistentes em sociedades industriais. Ao procurar por formas de excitabilidade, as pessoas buscam momentos para externalizar tensões e emoções recalçadas. Existe, em outras palavras, uma necessidade de externalização de sentimentos reprimidos pelo autocontrole excessivo dos indivíduos relacionado ao processo civilizatório cotidiano.

⁵⁹ Em artigo mais recente, Damo (2021, p. 223) destacou: “Todavia, não resta dúvida que o principal patrimônio dos clubes são seus torcedores, pois é deles que se pode esperar suporte emocional e econômico. São os torcedores fiéis, uma qualidade do pertencimento clubístico, a força motriz da reprodução do clube como instituição”.

(como é possível notar nas interações nas imediações do estádio, nas transmissões televisionadas e radiofônicas e, também, nas redes sociais virtuais)⁶⁰.

Desta maneira, o torcer pode ser visto como equiparado ao pertencer, ou exercer lealdade a um clube (uma espécie de totem moderno), “o que significa, literalmente, fazer parte, tomar partido, assumir certos riscos e vivenciar excitações agradáveis ou frustrações” (DAMO, 2002, p. 12). Não existe, diante disso, homogeneidade ao torcer, já que esse sentimento é vivenciado de forma diversa em cada torcedor, impulsionando manifestações individuais e coletivas. Impulsiona, também, relações de consumo, que perpassam as relações em um território permeado por eventos esportivos.

Apesar de não realizar a pesquisa de campo em dias sem jogos e eventos na Arena do Grêmio, algo que desdobre na presente dissertação, o trabalho de Martins aponta para a escassez de estudos que investiguem as possíveis conexões entre jogos de futebol em estádios e os moradores de suas imediações⁶¹. De fato, as territorialidades clubistas são desdobradas a partir de fluxos humanos que reproduzem formas estéticas, políticas e vínculos econômicos atrelados a enclaves comerciais específicos, os quais nutrem relações diretas com as temporalidades de uma partida de futebol, ou com outros tipos de eventos realizados em estádios e arenas multiusos.

Outro aspecto que pode ser retido do estudo de Daiane Martins é a sua evidência de que, para além das manifestações torcedoras, pontos de comércio também se estendem por todo o território de estudo, nas adjacências da Arena do Grêmio. A relevância do olhar acerca dos usos econômicos do território pode ser notada na seguinte descrição, genuína e elucidativa:

⁶⁰ O trabalho de Édison Gastaldo (2005) exemplifica como as manifestações torcedoras são plurais e traduzem noções de sociabilidade e de gênero atreladas aos universos do esporte. O autor apresenta resultados de uma investigação etnográfica em bares que transmitiam partidas de futebol televisionado, dando ênfase aos ambientes predominantemente masculinizados. Mobilizando noções como sociabilidade e performance de gênero, analisa aspectos que caracterizam as chamadas “relações jocosas futebolísticas”, demonstrando como formas lúdicas de interação entre pessoas do gênero masculino são forjadas a partir das mídias televisionadas e dos antagonismos e afinidades entre torcedores.

⁶¹ Neste sentido, destaco a dissertação de Mariana Mandelli (2019), que buscou compreender os efeitos, para as formas de torcer, da transformação de um estádio de futebol da Sociedade Esportiva Palmeiras (SEP), em São Paulo/SP, em uma arena multiuso. A autora analisou fluxos de práticas torcedoras, enfatizando como uma territorialidade palmeirense foi criada dentro e fora do chamado Allianz Parque, mesclando equipamentos como bares, sedes de torcidas organizadas e outros comércios, evidenciando o entrelaçamento entre clubismo e mudanças na cidade.

“Os pontos de comércio também se estendem por todo território, tanto que as extremidades são delimitadas por dois bares. São comerciantes locais e ambulantes que ocupam as calçadas, o canteiro e a parte abaixo da rampa de acesso à parte superior da Arena, se estendendo pelo entorno do estádio. Os/as guardadores/as de veículos ocupam lugares viáveis de estacionamento, sejam eles públicos (ruas ou calçadas) ou privados (pátios ou garagens). Catadores/as também circulam permanentemente com seus sacos ou carrinhos coletores, em busca, principalmente das latas deixadas pelos/as torcedores/as, após o consumo de bebidas. São homens e mulheres, jovens, adultos e idosos/as e algumas crianças. A maioria dos/as torcedores/as são homens jovens. As mulheres raramente estão sozinhas ou em duplas. Geralmente estão na companhia de homens e grupos de mais de três mulheres. São diversos sujeitos, funções e significados atribuídos que se configuram em múltiplas relações de apropriações do território” (MARTINS, 2019, p. 37).

A autora, em sua análise das apropriações comerciais do território em questão, classifica os públicos em dois grupos específicos: por um lado, um público de deslocamento, que não reside no território e que é caracterizado pelos “torcedores”, ou frequentadores dos jogos (protagonistas do pertencimento clubístico); por outro, o público permanente, caracterizado pelo grupo de moradores e de comerciantes locais. Destarte, é possível pensar como esses grupos estão imbricados não apenas pelos pertencimentos clubísticos (afinal, muitos moradores não são torcedores do Grêmio, como pude notar no trabalho de campo). Estão envolvidos, igualmente, em relações comerciais e em transações de dinheiro, possibilitadas pela mutabilidade de casas.

Assim, as relações de interdependência entre diferentes atores naquele território (nos termos de Norbert Elias), destacadas por Martins, passam pela presença de torcedores e comerciantes fixos e transitórios. Nas palavras encontradas no diário de campo da pesquisadora, ao se referir às “tonalidades” encontradas: “Ao longo da caminhada, me impressiono com a quantidade de bares, mercearias e lancherias existentes, em que a grande maioria faz alusão ao Grêmio, seja no nome e/ou nas cores do estabelecimento” (MARTINS, 2019, p. 42).

Nas descrições etnográficas que seguem, pretendo, também, abordar como o enclave comercial estudado é permeado por relações de apropriação do espaço-tempo vivido e pela formação de territorialidades que desvelam relações de interdependência, como a dissertação referida faz pensar.

Complementarmente, não deixo de observar que os estádios de futebol desempenham um papel na reprodução social urbana, tendo em vista que o calendário futebolístico demarca os tempos e define fluxos ordinários e extraordinários no cotidiano das cidades (MASCARENHAS, 1999).

Objetivo, contudo, dar ênfase às diferentes temporalidades mobilizadas pelos sujeitos e que surgem articuladas ao empreendimento etnográfico. Trato de temporalidades que compõem os fluxos e transações que modulam, alteram e produzem dinâmicas nas casas e comércios, retratando como o tempo é incorporado e mobilizado tendo em vista as relações comerciais, os pertencimentos clubísticos, as tessituras dos eventos e os vínculos familiares e de amizade. No que segue, destaco como o “dia de jogo” é um momento ímpar, em relação aos fluxos comerciais e econômicos do bairro. Ademais, retrato como o fazer pesquisa naquela localidade envolve deslocamentos pelo território, que geram interações diversas e conectam casas, comércios e pessoas.

O “dia de jogo”: descrevendo as temporalidades de um evento

Domingo de sol, 21 de agosto de 2022, em Porto Alegre faz cerca de 25° graus. Um dia atípico ao futebol gremista: o jogo é contra o Cruzeiro, líder e adversário direto na série B do Campeonato Brasileiro. Dois times considerados expressivos no futebol brasileiro e que caíram para a segunda divisão. A expectativa de público foi alcançada: aproximadamente, 52 mil torcedores no interior da Arena do Grêmio. Nos entornos do estádio, porém, acompanhei mais alguns milhares espalhados pelos comércios e ruas.

O jogo estava marcado às 16h da tarde. Saindo de ônibus do centro da cidade, chego no bairro Farrapos quase duas horas antes do jogo. O movimento de torcedores e trânsito eram enormes em relação a jogos anteriores. Desço na Av. AJ Renner. Ali, ao longo da calçada, muitos veículos encontravam-se estacionados e monitorados por “guardadores de carro”. Em geral, os “guardadores” são homens e mulheres jovens e que utilizam um colete específico (preto ou azul com listras verde neon).

Atravesso e escuto a negociação de um motorista, interessado em estacionar, com um guardador. O “guardador” afirma ao motorista: “Agora, só consegue achar lugar por aqui custando 80 a 100 reais a vaga. Pode ver e perguntar para outros aí”. Achei o valor um tanto elevado, pois em minhas observações prévias notava que o

custo para estacionar na calçada ou nas ruas do bairro com guardadores variava entre 30 e 50 reais. Com a demanda elevada e uma enorme quantidade de veículos, o valor subia consideravelmente. Era o “jogo do ano” e, para muitos, a hora de tirar um “extra”. Disse o guardador ao motorista: “Faço a 60 reais pra ti”. Mesmo contrariado, sabendo que o valor estava realmente alto, o motorista não pensou muito. A negociação ocorreu e carro estacionado.

Ao passar e ver essa cena, noto como a oportunidade e a demanda também inflacionam os valores para ir até o estádio. Ir ao estádio exige não é apenas ter dinheiro para o ingresso (geralmente, comprado pela internet ou nas bilheteria). Exige também ter dinheiro para o estacionamento ou outro tipo de transporte, alimentação, bebida e custos extras com produtos clubistas (camisetas, bonés, bandeiras; se chove, muitos compram capas de chuva). Ou seja, refere-se a um evento que envolve custos e que faz vários mercados locais girarem durante um determinado período.

Caminhando, chego próximo ao bar do Oti. Registro algumas fotos de um churrasco que estava sendo feito na calçada em frente, ao lado da parada de ônibus. Havia pouca quantidade de carne, o que indicava que havia sido feito para o almoço de torcedores, horas antes. Dois banheiros químicos haviam sido colocados na frente dos bares, naquele trecho da rua.

A placa presente no bar de Oti havia sido alterada, era diferente em relação ao mês anterior, assim como a do bar vizinho. Agora era uma placa da Brahma, com cores do Grêmio. No bar ao lado, cores pretas com símbolo da Amstel, outra marca de cerveja. Os fornecedores de bebida impactam diretamente nas mudanças estéticas externas das casas comerciais, como se vê nesses dois casos e em outros. Curiosamente, dois catadores de material reciclável chegaram próximos à figura de um homem, que manipulava os espetos do churrasco, pedindo um pedaço de carne assada, para comer ali mesmo. O churrasqueiro parecia conhecê-los e, em uma sacola plástica, adicionou pedaços de carne para que fossem levadas.



Imagem 33: Torcedores compartilham o churrasco. Grêmio x Cruzeiro, 21 de agosto de 2022 (acervo do autor).

Naquela tarde, via algo radicalmente diferente no território: uma invasão estética, política e sonora de propagandas eleitorais, sobretudo de candidatos com ligações diretas com o Grêmio, mas não apenas. O período eleitoral havia iniciado e o “tempo da política” se sobrepunha e se articulava, também, com o “tempo do jogo”, e com as demais temporalidades que circundavam o evento. Alguns candidatos eram velhos conhecidos da torcida, a exemplo do chamado Gaúcho da Geral, figura que se veste com trajes regionalistas mesclados às vestimentas gremistas. Outros ex-jogadores também tentam converter os capitais esportivos, suas representatividades na mídia local e no clube, em capital político: como o goleiro Danrlei e o meia Douglas, ambos candidatos a deputado federal. Um carro de som difundindo a campanha de

Douglas circulava entre a Av. AJ Renner e a Padre Leopoldo – onde se concentravam a maioria dos torcedores.

Seguindo a caminhada, encontrei outras duas barracas de candidatos, ambos sem identificação direta com o Grêmio. No chão, nas lixeiras ou nas mãos de torcedores, via panfletos, bandeiras e bilhetes de candidatos (santinhos) de vários partidos. E, também, panfletos de movimentos políticos gremistas, que iriam participar de eleições institucionais nos próximos meses. A política partidária e a política gremista apareceram através de inúmeros instrumentos e materiais, difundidos e promovidos durante aquele dia (antes e depois do horário do jogo, principalmente).



Imagem 34: Placa de publicidade político partidária e placa comercial combinadas. Grêmio x Cruzeiro, 21 de agosto de 2022 (acervo do autor).

No espaço da rua, ocupado também por pessoas concentradas em frente aos bares da avenida Padre Leopoldo, algumas barracas e ambulantes vendiam produtos do Grêmio, em maior quantidade do que em outros jogos (bonés, camisetas, bandeiras, faixas, gorros, todos com identificação do clube). Alguns ambulantes vendiam toalhas com o desenho de rostos de políticos, sobretudo de candidatos à presidência da república: Luiz Inácio Lula da Silva e Jair Messias Bolsonaro.

Ao chegar para conversar com um ambulante, questionei o valor de um boné. Ele me disse 30 reais e me alcançou o produto para que eu pudesse avaliar e experimentar. Tomei a decisão de realizar a compra, mas apenas tinha cartão de débito e crédito como modo de pagamento. Ele me contestou: “poxa, só trabalho com dinheiro, não tem nada aí?”. Respondi que não. Consternado, ele me explicou: “Estou sem a maquininha, só com dinheiro mesmo”. O fato de não ter aquele instrumento financeiro restringiu a sua venda. Do mesmo modo, poucos são os pontos de retirada de dinheiro e caixas eletrônicos 24 horas, existentes no bairro. Apenas conheço dois pontos, em supermercados distantes. Isso faz com que muitos comerciantes trabalhem com máquinas de cartão e com a modalidade PIX, além da transação com dinheiro.

Efetivamente, o acesso a esses instrumentos como “máquina para cartão de débito e crédito” ampliam ou restringem os ganhos dos ambulantes e dos comerciantes. São produtos financeiros que impactam diretamente nas vendas e, por consequência, na entrada e circulação de dinheiro nas casas.

Em dias de jogos, além do movimento massivo de torcedores, outro ponto é mais fácil de ser evidenciado: na frente de algumas casas residenciais (sem identificações comerciais permanentes, como placas e banners), a colocação de barracas/gazebos nas calçadas é realizada, transformando esses locais em pontos de venda de bebidas e comidas. São casos que revelam como o dia de jogo se converte em oportunidades para ganhar dinheiro, já que, em dias sem jogos, essas casas apenas são notadas por suas grades e portões fechados e muros altos. Famílias e gerações variadas são envolvidas nesses negócios temporários. Circulei mais um pouco e, nas ruas próximas a Padre Leopoldo, em algumas praças, torcedores gremistas estavam concentrados fazendo churrasco, consumindo produtos de sedes de consulados e dos bares adjacentes.

Me dirigi ao bar de Amélia e Pedro, meia hora antes do começo do jogo. Por lá, encontrei ambos, bem como um grupo de músicos fazendo uma roda de samba, na parte interna da garagem. Um dos músicos era o filho do casal. Após comprar uma cerveja e pagar no cartão de débito, questionei a ele se a televisão do bar iria passar o jogo. Fiquei mais um tempo ali, bebendo e observando. Poucos torcedores gremistas estavam no local. Já não notava mais movimentação no segundo pavimento. Pedro me disse que um grupo já havia feito churrasco no segundo piso e que o movimento havia sido bom. Na frente da fachada, uma bandeira de um

movimento político gremista havia sido pendurada. Era sinal que o segundo pavimento estava sim sendo apropriado, a partir de mediações econômicas e laços clubistas.

Nas proximidades, em frente ao Bar do Tonho, chama a atenção uma barraca/gazebo com produtos do Grêmio. Enquanto os músicos tocavam, mulheres amamentavam crianças nas mesas vizinhas. Eram, as duas, companheiras de dois dos músicos? Aparentemente, sim – pela forma como eles falavam com ela. A presença de pessoas negras, ali naquele ambiente, também me chamava a atenção. O samba praticado também criava identificações raciais importantes e aproximações entre classes distintas. A música seguia e, próximo das 16h, ninguém havia ainda ligado a TV para que o jogo pudesse ser assistido. A preocupação de Pedro era tocar um instrumento junto aos músicos, tentando performar uma participação na roda de samba.



Imagens 35 e 36: Torcedores circulando e consumindo na av. Padre Leopoldo Brentano. Grêmio x Cruzeiro, 21 de agosto de 2022 (acervo do autor).

Continuei caminhando e me direcionei a um bar próximo, o bar de João. Ali, um grupo de torcedores estava reunido, em mesas próximas à televisão, que transmitia o jogo. O barulho de fundo da torcida na Arena, ao lado do bar, era emblemático. Me sentei para acompanhar. Naquele momento, com a bola rolando, me converti em um

torcedor-pesquisador. A euforia do grupo de torcedores me contagiou. O horário do jogo, aos comerciantes, é o momento de comer e beber alguma coisa e reorganizar o ambiente para o aumento de clientes no pós-jogo. Também, passa por atender aos que ficam no estabelecimento assistindo à partida.

Durante o intervalo, circulei pela Av. Voluntários da Pátria. Encontrei com Adalton, que ouvia o jogo em frente a sua garagem, no rádio. Ele me cumprimentou e percebi que, tanto na sua garagem, quanto na frente da calçada, havia carros estacionados e sendo cuidados por ele. Os ganhos com estacionamento estavam garantidos. No bar ao lado, guardadores de carro e poucos torcedores viam o jogo. Ali, noto que os frequentadores costumam ser os moradores da comunidade também.

Em varais nos canteiros, mulheres vendem produtos gremistas. Em outros gazebos, homens e mulheres guardam e cuidam dos carros estacionados ao longo de boa parte da calçada verde da avenida. Retorno ao Bar de João. No início do segundo tempo, dois meninos chegam e ganham dois pasteis e um refrigerante, doados por um torcedor gremista desconhecido. As crianças moravam no mesmo bairro, usavam roupas maiores que seus corpos e conversaram comigo. Um deles me falou: “o Grêmio vai virar o jogo”. Após sua saída, o Grêmio faz 2 a 1 no Cruzeiro e a torcida delira. Muitos consomem cervejas, outros compram e consomem cigarros. Alguns se alimentam com lanches e refrigerantes.



Imagens 37 e 38: Varais e venda de produtos gremistas, na av. Padre Leopoldo Brentano, próximo a Av. A.J. Renner. Grêmio x Cruzeiro, 21 de agosto de 2022 (acervo do autor).

Dentro da Arena, no setor Norte, a televisão capta sucessivas brigas entre torcedores gremistas. A confusão é instaurada e televisionada amplamente. No bar, frequentadores desatentos se dirigem à televisão e ficam efervescentes com as cenas de violência. Notadamente, a espetacularização da violência também atrai atenções, ainda que seja reprovada pelos comunicadores. O clima fica tenso no território.

Após uma falha da defesa gremista, o Cruzeiro empata o jogo. E 2 a 2 é o placar final. Antes de terminar a partida, porém, noto grupos e facções aliadas reunidas na rua, ao lado do bar em que me encontrava. Esperavam que alguns brigões rivais saíssem da Arena e alertavam, com o que falavam, que as brigas poderiam continuar ali mesmo. Diante dos riscos e das promessas de conflito, me retirei antes do fim do jogo, em direção à estação de trem Farrapos. Fim de jogo, em um ano atípico (o Grêmio jogava a série B).

O ano 2022 marcou o retorno do público ao estádio, após as temporalidades pandêmicas alterarem expectativas e experiências, como demonstrarei a seguir.



Imagens 39 e 40: Torcedores no bairro Farrapos. Grêmio x Bahia, 16 de outubro de 2022 (acervo do autor).

Sem torcida e sem bar, mas com a família

Segundo Oti, a aglomeração de torcedores e suas manifestações e performances, junto ao consumo de bebida alcóolica, nem sempre favorecem a uma convivência lúdica e harmônica entre os envolvidos, no seu bar e nas ruas próximas: “Isso aqui dá uma grana, mas dá uma incomodação, que vou te dizer. Função de torcida, sempre tem estresse, ninguém tem o mesmo pensamento, tomando algo, muita gente fica alterado”.

A seguinte analogia, empregada por Oti, é ilustrativa sobre como o inesperado pode irromper durante os eventos: “Eu digo que isso aqui é uma granada sem pino. Pode explodir a qualquer hora. Tem jogo que passa sereno. Tem jogo que explode, dá briga, aparece a polícia”. O policiamento ostensivo, em dias de jogo, nem sempre garante a prevenção e contenção de brigas, desavenças e conflitos, que podem respingar nos que estão próximos, nos próprios comerciantes e em seus familiares - que buscam conter qualquer situação dentro dos espaços comerciais e apaziguar possíveis desavenças. Essas são situações extraordinárias, dentro de um funcionamento já rotinizado de bares e comércios nos entornos da Arena⁶². Veena Das (1995) já havia formulado, em outro contexto distinto, como o cotidiano é tecido e invadido pelos fluxos extraordinários dos eventos, mas também como eventos são incorporados às tessituras do cotidiano. Nesse caso também, notamos como as situações de violência irrompem nas rotinas dos bares, por vezes, gerando acontecimentos inesperados aos eventos rotinizados.

Cerca de quatro pessoas costumam trabalhar no bar do Oti em dia de jogo: além do dono, a sua filha mais nova, o genro e um amigo - todos com emprego fixo em outros locais, mas “ganhando um extra ali”. A sua esposa, Lourdes, contribui com atividades de limpeza e logística, mas não costuma trabalhar quando o comércio está aberto. Por outro lado, em uma das minhas incursões pelo bairro, observei Lourdes recebendo produtos e negociando com fornecedores de bebida, mas em um dia no qual o bar estava fechado e Oti havia saído para “resolver um problema familiar com

⁶² O horário de funcionamento do bar do Oti é diretamente atrelado ao dia e horário de jogo, tanto na Arena, quanto em um jogo Grenal no Beira Rio, estádio do Internacional, já que torcedores podem se concentrar no comércio referido, também nessas ocasiões. Em geral, o comerciante abre cerca de 6 horas antes de cada jogo e não possui um horário fixo para fechar, dependendo da demanda dos consumidores e da disponibilidade de estoque de bebidas. Os horários dependem de uma avaliação dos fluxos de consumo.

a sogra”, segundo a interlocutora. Obrigações familiares e econômicas estão continuamente imbricadas. Não apenas nesse caso, a imagem da casa moradia-comercial está atrelada ao parentesco e às relações de afinidade. Não há uma separação hostil e estanque das atividades econômicas com as atividades familiares, algo que a etnografia me revelou ao longo do tempo.

Durante o período sem a presença de público, por conta da pandemia de COVID-19, Oti observou seu estabelecimento fechado durante quase dois anos (de março de 2020 até novembro de 2021). O tempo passou a ser um objeto de racionalização constante, na perspectiva do comerciante. Dívidas no banco e contas fixas foram acumuladas. A impossibilidade de abrir o bar durante a pandemia afetou e diminuiu drasticamente a sua renda e modificou as formas de obtenção de dinheiro naquele contexto familiar.

Em 12 de março de 2020, um Grenal foi disputado na Arena do Grêmio, pela Copa Libertadores da América, com a presença de cerca de 50 mil torcedores⁶³. Foi o último jogo liberado com torcida, diante da propagação do novo coronavírus. Após, impedido de abrir o bar, Oti viu a atividade econômica que mais lhe dava lucratividade ser prejudicada. Curiosamente, ainda no final de 2019, havia iniciado um emprego com carteira assinada, no qual realizava entregas no ramo da construção civil. Ele tinha uma caminhonete, que lhe servia para trabalhar fora e na logística do seu negócio em casa. Como Oti disse, estava sem sua “galinha dos ovos de ouro”, isto é, impossibilitado de abrir o bar e ter ganhos consideráveis para o seu orçamento mensal. Menos de 30 dias após as mudanças no seu horário de trabalho, a empresa lhe chamou para assinar a demissão, juntamente com outros colegas. O mundo desabou em sua cabeça: “Dispensaram todas as caminhonetes. Eu fiquei sem o bar e sem meu emprego fixo”. Como lidar com as incertezas da pandemia e as instabilidades nas entradas de dinheiro? Quais estratégias eram possíveis para ter algum proveito econômico e ganhar a vida durante as impossibilidades que se produziram no período? Como conduzir a vida e imaginar soluções, nesse momento de incerteza e crise?

Desdobrando uma análise historiográfica, Reinhardt Koselleck e Michaela Richter (2006) situaram que o conceito de crise, ao longo do tempo, tem apresentado

⁶³ Presenciei esse jogo como torcedor (me considero hoje pesquisador-torcedor), recordando como o clima no estádio e no bairro era marcado pela “novidade pandêmica”. O assunto era tema comum entre torcedores.

uma flexibilidade metafórica e adentrado no cotidiano, envolvendo decisões em várias áreas da vida. Crise, refletem os autores, pode se referir a um estado de maior ou menor permanência, ou indicar uma transição para algo melhor, pior, ou totalmente diferente do que aquilo que é vivenciado. Por outro lado, em diferentes usos (na medicina e na economia, por exemplo), a identificação de uma crise implica a elaboração de diagnósticos e prognósticos (identificar problemas e propor soluções).

Durante os meses de maio, junho e julho de 2020, Oti passou um período conturbado, sem ter trabalho e uma fonte de renda fixa. Era um cenário nebuloso, as incertezas eram maiores do que sua capacidade de planejar o futuro: “O problema é ficar desempregado e não ter onde procurar emprego”. Como imaginar soluções para esse período de crise? Sua frase é um resumo, possivelmente, de um estado crítico compartilhado por muitas pessoas naqueles primeiros meses de pandemia no Brasil. Evidentemente, boa parte da população brasileira passava por um período equivalente ao de uma “emergência econômica” (NEIBURG, 2022), configurado pelas incertezas que articulam, primordialmente, vidas e economias⁶⁴.

Nesse período extraordinário, a aposentadoria de sua esposa e a de sua sogra foram cruciais para garantir as despesas com alimentações e outras contas básicas. Mas, retomando Carsten (2004), nem só de harmonia se faz parentesco e casa. Ao que pude notar, diante das instabilidades emocionais e subjetivas geradas nesse interlocutor, as crises também fomentaram rearranjos nas práticas econômicas e nas dinâmicas relacionais do parentesco, alterando ou refazendo conexões entre familiares, situados em uma rede de casas. Assim, na crise, Oti ajudou e, também, foi ajudado por familiares.

Oti conseguiu um novo trabalho já quase em agosto de 2020. Como tinha uma caminhonete grande, com espaço para frete, a solução encontrada passava pela capacidade de transporte do veículo. A partir do apoio de um amigo, começou a fazer frete para uma madeireira, ganhando por hora trabalhada. Em suas palavras: “foi o que me segurou quase um ano, enquanto não tinha jogo”. Já na metade de 2021, a empresa lhe dispensa novamente e a instabilidade volta a lhe bater à porta. Com

⁶⁴ Neiburg (2022) chamou a atenção ao fato de que “emergências econômicas” desenham experiências coletivas marcadas por horizontes temporais embaralhados e difusos. São experiências heterogêneas, distribuídas desigualmente e que colocam em evidência o caráter desigual das vidas (algumas necessitando maior volume de recursos do que outras, por consequência). Em outras palavras, os contornos temporais difusos e de difícil precisão das crises afetam as pessoas de forma discrepante e aprofundam as múltiplas desigualdades sociais.

algumas contas de casa atrasadas e um financiamento bancário retirado antes da pandemia, Oti não notou outra alternativa, que a de vender a sua caminhonete e comprar um carro popular usado, ganhando dinheiro na diferença entre ambos. O objetivo era, até o retorno dos jogos e o avanço da vacinação, ter uma forma provisória de sustento: trabalhar como motorista de aplicativos, como Uber e 99 Pop.

A ideia funcionou, principalmente entre agosto e novembro de 2021: “Com aplicativo não ganhava muito, mas conseguia pagar as contas. Mas quando liberaram de novo para começar os jogos com torcida, aliviou”. Com o retorno do funcionamento de seu bar, em dezembro de 2021 e, sobretudo, em janeiro de 2022, o trabalho de motorista ficou sendo realizado, paralelamente, mas como modo de obter uma renda extra. Com o Grêmio disputando a série B do Campeonato Brasileiro de Futebol, em 2022, Oti seguiu trabalhando como motorista. Restam dúvidas sobre os fluxos e movimentações de torcedores diante da situação técnica do time (que retornou à primeira divisão com dificuldades técnicas e econômicas). Em minhas observações em campo, porém, notei que a presença de participantes de grupos organizados foi constante no bar.

A vida de Oti foi atravessada por temporalidades extraordinárias marcadas por incertezas, compressão e aceleração do tempo: ter o comércio fechado, perder o emprego, endividamento bancário, ter que contar com ganhos da sogra e da esposa, virar motorista de aplicativo, lidar com as agruras da pandemia – tudo em aproximadamente dois anos! Olhar para como as pessoas navegam nas crises segue sendo um meio pertinente para entender a relação entre casa, memória e economia (L’ESTOILE & NEIBURG, 2020). Mas, o que é exemplar no caso descrito, é como as temporalidades dos eventos foram alteradas diante das temporalidades pandêmicas, percebidas como um momento extraordinário, que demandou soluções impensadas, diante da interrupção dos jogos e do funcionamento temporal rotinizados dos comércios nos entornos da Arena.

Pandemia, reformas na casa e eleições gremistas

Após tecer críticas sobre o racismo no mundo dos negócios e comentar sobre a atuação militante de seus dois irmãos, Pedro, 60 anos, informou como, em suas relações familiares, ocorre a predominância de torcedores do Sport Club Internacional: “Na minha família, a maioria é colorado. Eu sempre fui gremista. Meu pai era, minha

mãe também. Minha mãe tem 83 anos e é fanática, sempre olha o jogo”. Em sua biografia, as relações com o futebol foram variadas. Pedro chegou a jogar como profissional no futebol de salão, sendo contratado pelo Internacional, ainda quando era jovem. Anos depois, chegou a ser segurança do mesmo clube. Já sua esposa, Amélia, 61 anos, trabalhava como cuidadora e secretária doméstica. Atualmente, porém, encontra-se aposentada por conta de um problema de saúde. O dois são casados a mais de 40 anos.

Em 2018, ambos decidiram alugar uma casa na Avenida Padre Leopoldo Brentano, em frente à Arena do Grêmio. Foram incentivados por familiares de Amélia. O intuito, na ocasião, era a reforma do local e a abertura de um novo negócio, principalmente em dias de jogos. Com o espessamento das relações com a filha e a irmã de Amélia, Pedro foi se ambientando ao bairro Farrapos, ao longo do tempo, reconhecendo dinâmicas dos comércios na região desde a inauguração da Arena: “Do lado mora minha cunhada e do outro é minha enteada. É a irmã da minha esposa e filha dela. Elas moram aqui quase 40 anos. Eu estou nessa casa quatro anos. Desses quatro anos, não trabalhei nem dois, por conta da pandemia”. Antes de abrir seu próprio negócio, Pedro havia auxiliado o comércio da enteada, vizinho ao seu. As reciprocidades entre familiares sugerem como os laços de vizinhança, naquele recorte socioespacial, indicam configurações de casas altamente dinâmicas.

Notavelmente, Pedro dizia-se dono do comércio e se incomodava com a vizinhança (“parente é bom longe, sempre tem alguém olhando”)⁶⁵. Mas Amélia demonstrava gerir as relações familiares envolvendo a filha e irmã, sobretudo motivando o envolvimento de Pedro no controle das entradas e saídas de dinheiro e nos investimentos materiais que eram feitos na casa comercial-residencial. Dito de outro modo, a relação masculina com a gestão do dinheiro da casa não desestabilizava o protagonismo feminino na gestão das relações familiares e econômicas, tal como aludiu Viviana Zelizer (1989).

Desde a inauguração da Arena, Pedro reconheceu uma mudança radical nas casas vizinhas, nos estabelecimentos dos entornos e nas especulações imobiliárias

⁶⁵ Em mais de uma ocasião, enquanto almoçava com Pedro e Amélia, um dos sobrinhos do casal apareceu no local trazendo recados ou carregando um pote para pegar comida e levar para casa ao lado. Pedro me garantiu que o gesto era pago em dinheiro, mas não notei nenhuma ação monetária no ato por parte dos envolvidos. As trocas de dinheiro entre parentes não eram visíveis aos “de fora”? Ou, para Pedro, deveriam ser? Notei que Amélia também geria as trocas no interior da cozinha e a circulação de pessoas na casa.

na sua casa, alugada de outro proprietário: “Cresceu muito no entorno, aqui eram casinhas simples. Quando estavam fazendo a Arena, ofereceram 40 mil reais aqui para o dono e ele queria vender correndo”. E complementou: “Depois de um tempo, fizeram uma proposta para ele de 250 mil, sem ele oferecer”. Mesmo com as propostas, o proprietário manteve a casa alugada para Pedro e Amélia, que ampliaram a sua infraestrutura comercial e de moradia.

A situação de não ser um imóvel próprio dos atuais ocupantes é avaliada e considerada pelos mesmos, mas as reformas na casa são, também, um modo de garantir a permanência da família naquele espaço: “Estou investindo num imóvel que não é meu, mas eu tenho tudo que fiz aqui documentado. Amanhã ou depois, se sair, posso sair, mas eu vou deixar tudo isso aqui para o cara de graça? Pergunta para ele [proprietário], quanto vai voltar a valer essa casa?”. Pedro falava sobre o assunto demonstrando fotos de quando haviam se mudado para aquela residência, na época, com condições precárias de habitação. Por outro lado, não deixava de cogitar uma saída do local, já que “isso aqui toma muito tempo”, assumindo que as temporalidades dos fluxos comerciais da Arena não apenas se resumem ao dia de jogo.

Notadamente, as aspirações de futuro do casal implicam em uma maneira cautelosa de gerir o próprio negócio. Pedro afirmou não cogitar em tentar adquirir o imóvel em definitivo e virar o proprietário, tendo em vista que “a idade chega”, busca ter uma “vida mais sossegada” e “cuidar da saúde da esposa”. Temporalidades, noções de saúde e ideais de cuidado demarcavam seus objetivos futuros.

De fato, as preparações e organização do negócio não se resumem a poucas horas de dedicação, em face da concorrência na vizinhança. Trata-se de um investimento cotidiano, diante de temporalidades que são aprendidas e engendradas conforme o calendário de eventos na Arena do Grêmio. Tal dimensão implica um longo processo de aprendizagem, sendo o calendário uma espécie de quadro de referências a uma sequência ordenada de acontecimentos.

Por outro lado, o calendário e o planejamento de cada jogo e demais eventos, por si só, não determinam como serão as previsões de entrada e de circulação de dinheiro. Existem aspectos variados atrelados à sazonalidade dos ganhos, conforme destacou Pedro: “O Grêmio jogando na final ou semifinal de Libertadores, isso aqui enche, 50 mil pessoas. Diferente de um jogo de série B, que tem 8, 9 mil pessoas, segundona, adversário fraco e o Grêmio jogando mal. Mas tem muita coisa que influencia”. Para ele, além do desempenho esportivo, os negócios são afetados

pelo clima (“se chover é um público, se não é outro”), pela fidelização do público frequentador, pela situação econômica mais ampla da cidade e do país e pelos efeitos do período de pandemia - uma leitura complexa. Outro aspecto, como se vê na crítica que segue, são os custos com bilheterias do estádio, que promovem ou bloqueiam acessos de diferentes grupos.

A visão crítica de Pedro é contundente em relação a um efeito significativo da arenização no futebol brasileiro: “O público que sustenta o futebol aqui é o que tem dinheiro. O povão está louco para vir, mas não vem por qual motivo? Certamente porque não tem 150 pila para pagar em cada jogo”. Suas palavras, ditas em julho de 2022, não deixam dúvidas do que está sendo tratado: “Uma coisa que falo: criar umas Arenas para 50 mil e no último jogo do Grêmio ter 9 mil pessoas é porque eles [gestores do futebol] não querem ganhar na quantidade. O futebol ficou elitizado. O povo não deixou de gostar”. A propósito, a percepção sobre a elitização do acesso ao espaço arenizado, como veremos, voltará como fonte a um modelo de negócio ensejado pelo próprio interlocutor.

A historicidade da presença de Pedro e Amélia na casa alugada, aliás, merece uma descrição atenciosa. Antes de se mudar para o bairro Farrapos, o casal residia no bairro Agronomia, zona leste de Porto Alegre. A narrativa de Pedro ressaltou parte de seus esforços pessoais e familiares para fazer da casa um espaço comercial e de moradia, conjuntamente: “A gente veio para cá abrir o comércio, estamos em obra até hoje. Eu sou o pedreiro, eu que pinto, eu que boto a cerâmica, atendo aqui. Isso aqui era bem ruinzinho, era uma casa bem ruim. Mas fomos fazendo aos poucos”. A casa apresenta dois pavimentos. Na parte de baixo, uma garagem convertida em área comercial, reunindo balcões, freezers, mesas, banheiro e uma cozinha com fogão industrial. Na parte de cima, uma área coberta com churrasqueira, fogão a lenha, separada de dois quartos, uma sala pequena e uma área de fundos. Uma única cozinha é usada na casa e no comércio.

Após me falar de várias mudanças feitas no interior da casa (pinturas, troca da escada e das portas, reformas nos banheiros, colocação de azulejos na garagem, revisão e manutenção da fiação elétrica, dentre outras), Pedro me convidou para ir ao segundo andar e conhecer o que ele designou de “área para clientes mais VIP’s” (naquele mesmo momento, me perguntava quem eles eram...). Fiquei impressionado com a infraestrutura disponibilizada: mesas de madeira, churrasqueira, banheiro, fogão a lenha, talheres, copos, equipamentos que sugeriam o uso do espaço para

festas e encontros variados. Era, realmente, uma área que demandava um investimento temporal e financeiro considerável - nem mesmo o telhado era o original, já que Pedro havia trocado por um de alumínio. Contudo, o ambiente ainda estava em obras, os azulejos sendo colocados, outras paredes sendo pintadas (“amanhã o cara vem aqui instalar o WiFi”, “quero colocar uma televisão também”). Em julho de 2022, a reforma estava em andamento e a expectativa era de que até o mês seguinte tudo estivesse pronto. Em agosto de 2022, o cenário já era outro⁶⁶.

O interlocutor justificou: “Isso aqui, se não fosse a pandemia, já estava tudo pronto e eu diria: agora vamos colher”. As temporalidades da pandemia demarcam uma série de mudanças e rearranjos na vida familiar, com repercussões consideráveis para o seu negócio: é a partir da restrição de fluxos de frequentadores que Pedro e Amélia dedicam-se a investir nas reformas do segundo piso da casa. Mas apenas isso não explica tudo.

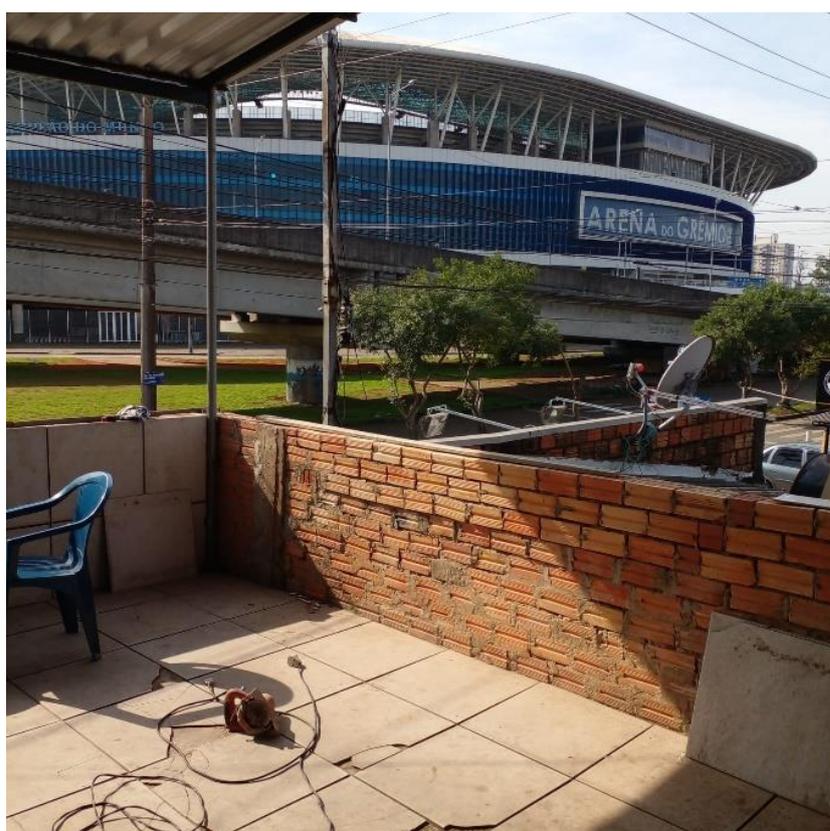


Imagem 41: reformas no segundo piso e vista para a Arena do Grêmio em 05/07/2022 (acervo do autor).

⁶⁶ Acompanhei o jogo entre Grêmio x Cruzeiro, no dia 21/07/2022 pela série B do Campeonato Brasileiro, também no bar de Pedro e em outros comércios da vizinhança. Notei avanços na reforma que ele planejava, como a colocação dos azulejos e pintura de boa parte do segundo pavimento. Na ocasião, o público presente no estádio passou dos 51 mil torcedores. Porém, uma boa quantia acompanhou o jogo nos seus entornos.

Não pude deixar de aventar como o “tempo da política” também adentra as casas e, como já classicamente outros antropólogos inferiram, permeia as relações entre “patrões e subordinados” (PALMEIRA & HEREDIA, 2010). 2022 foi considerado ano eleitoral no Brasil, mas não apenas na política nacional partidária. Localmente e institucionalmente também foi. Novas eleições ocorreram para o Conselho Deliberativo e, após, para a Presidência do Grêmio (em setembro e novembro, respectivamente). Diante das temporalidades da política institucional, Pedro faz questão de ressaltar a quem se destina o espaço em reforma: “Aqui é pro pessoal chique, médico, enfermeiro, advogado; tem um até que é candidato a presidente do Grêmio”. Trata-se, deste modo, de uma maneira de operar o seu modelo de negócio, que busca trabalhar “com quem tem grana para gastar”. Os citados figuram na narrativa como homens, desdobram a sua hegemonia em espaços masculinizados no interior de um clube de futebol e compartilham valores e visões de mundo atreladas ao gênero (DAMO, 2021). Com efeito, reservar o espaço do segundo piso para um grupo de torcedores revela como a circulação monetária ocorre a partir de critérios sociais e não apenas econômicos e, também, a partir de hierarquias estabelecidas nas construções sociais de gênero.

O interlocutor elucidou: “Em dias de jogos, vem uma turma de peso fazer churrasco aí, isso aqui estava bem feio antes, mas eles começaram a fazer e vieram comigo de parceria. Cobro deles 10 reais por pessoa, só para subir”. Os ganhos iniciam desde antes do dia do jogo, na confirmação do número de clientes que irão usufruir do espaço reservado. Além dessa entrada de dinheiro, os ganhos principais são obtidos a partir do consumo de bebidas, que acompanham os churrascos em dias de jogo.

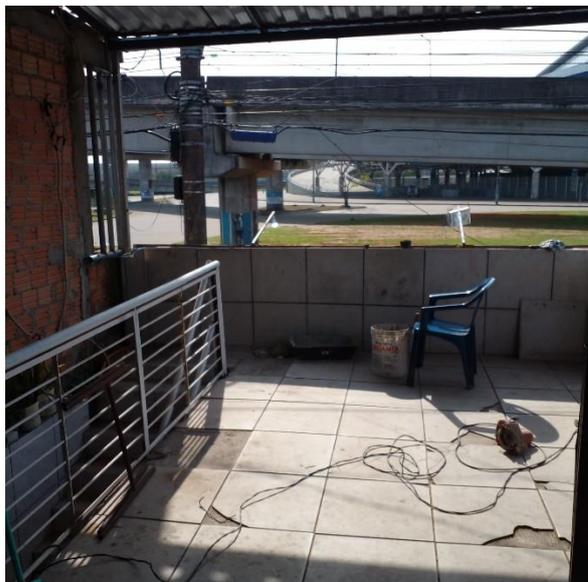
A estratégia de fidelização se dá com base em um julgamento de *status* e valor atribuídos aos frequentadores: “Eles têm uma turma de caras endinheirados. Então, na verdade, são uns caras diferenciados”. Em sua visão, mecanismos de distinção se coadunam com acordos de priorização. É possível lembrar como, em outro contexto etnográfico, trabalhando com comunidades camponesas indianas, Frederic Bailey (1971) utilizou a noção de “status” para traduzir o prestígio social de uma pessoa, conectado à reputação, a qual necessita de uma avaliação pública e de valores partilhados por um coletivo (uma “comunidade moral”, em seus termos).

Neste sentido, Pedro mantém relações com algumas lideranças de um movimento político constituído por torcedores gremistas, de modo a associar o seu espaço com a fidelização de um público consumidor que poderá “pagar sem reclamar” pelos produtos e serviços ofertados. A seletividade do público consumidor é valorizada pelo comerciante, que joga com os meios de manutenção da reputação dos candidatos da política gremista: “É isso que eu digo: se eu tenho um comércio, eu escolho quem eu quero aqui. Não estou competindo com os outros bares da volta”. A atribuição de valor monetário, para Pedro, se coaduna perfeitamente com avaliações morais e econômicas: “Para mim, ser humano não tem que ser diferenciado. Se o cara entrar aqui e tomar uma cerveja cara, ou uma mais barata, ganho igual. Mas quem tem dinheiro para tomar a mais cara, toma mais e não pensa que gasta mais”.

Dessa forma, dois objetivos são alcançados pelo comerciante: a lucratividade e a garantia de que um espaço valorizado da casa seja ocupado por um público diretamente pertencente à política institucional do Grêmio. Trata-se de uma estratégia de afirmação e manutenção do negócio que fideliza um grupo de torcedores consumidores a partir da transformação e mutabilidade de um dos espaços da casa planejado para lazer e fins comerciais alternadamente, com vista exclusiva para a Arena. Em outro encontro que tive com Pedro, ele detalhou como utiliza parte dos ganhos para distribuir mensalmente quentinhas para moradores de rua na cidade, a partir de valores associados à sua religiosidade: “eu sei que fazer o bem me retorna em proteção espiritual depois”. Notamos como futebol, política, economia, religião, família e casa estão entrelaçados pelos dinheiros e as moralidades. Visualizamos, ainda, como a multifuncionalidade dos espaços da casa está imbricada com as temporalidades dos eventos, da política e do cotidiano.

Mas essa mutabilidade da casa, materializada nas sucessivas reformas feitas por Pedro e Amélia, foram, também, fomentadas pelos frequentadores do local. Após acordos com um dos integrantes do movimento político gremista, o comerciante obteve apoios financeiros para poder concluir as melhorias no segundo pavimento da casa. Aqui, temos um importante achado etnográfico: a ocasião faz o bom comerciante. Por precisar de uma referência espacial para os eventos do coletivo, um dos líderes do grupo financiou uma parte das obras e assumiu a sua “palavra de honra” com Pedro sobre a frequência no local. Temporalidades da política, *status* e reputação também fomentaram mudanças na casa.

Antes do ano eleitoral, durante 2020 e 2021, com os bares e restaurantes fechados como medida estatal, Pedro optou por utilizar seu carro para trabalhar como motorista de aplicativo (algo semelhante ocorreu com Oti, como descrevi). Por outro lado, com o retorno mais contínuo do calendário de jogos e do público torcedor na Arena, a partir de fevereiro de 2022, o comerciante retomou relações que geraram condições financeiras para obter o dinheiro da casa: “Fiquei dois anos fechado, pagando aluguel. Fiz mais de 14 mil de corrida no app, uma experiência a mais, mas mantive meu negócio”. Além dos ganhos com os aplicativos no período pandêmico, a família contou com a aposentadoria de Amélia e valores pontuais de eventos feitos no final de 2021. Esse momento foi vivido como um tempo de espera e de investimento considerável.



Imagens 42 e 23: reformas no segundo piso, na casa de Pedro e Amélia em 5 de julho de 2022 (acervo do autor).

Em 2022, o comércio de Pedro e Amélia ganhou novos contornos. Por estarem em casa envolvidos com as reformas, eles resolveram abrir o bar e restaurante diariamente: “Agora, abrimos dia de jogo e sem jogo. Dá um movimento bom, mas sem jogo é mais sossegado, o poder aquisitivo do pessoal aqui é baixo. Morador aqui está circulando e comprando”. Durante os dias sem jogos, o local oferta lanches, comidas e bebidas em geral, principalmente para a vizinhança e trabalhadores da manutenção da Arena. O perfil do público consumidor muda, reiterou Amélia, em dias de jogos.

Ao longo do trabalho etnográfico, Pedro e Amélia revelaram expectativas conforme o calendário de jogos do Grêmio, a partir do segundo semestre de 2022. A ideia do casal, em setembro de 2022, era a de aproveitar a melhora no clima gaúcho (“vai começar a esquentar”), os jogos do final do Campeonato Brasileiro na série B (“a torcida vem para ver o Grêmio subir”) e o confronto com adversários diretos para o retorno do Grêmio na série A, além de maior controle biopolítico da pandemia e o cenário de efervescência nas eleições gremistas. Outro fato é temporalmente marcado: a Copa do Mundo no final do ano, que, na perspectiva de Pedro, iria atrair frequentadores aos comércios locais.

Por sinal, Pedro empregou a mesma metáfora que Oti para se referir ao seu negócio e classificar a sua importância: “Aqui é minha galinha dos ovos de ouro”. Ambos não se conhecem, apesar de morarem no mesmo bairro. A seguir, considero algumas semelhanças e diferenças entre os seus casos e em como vivenciaram o período pandêmico, ainda em curso – exaltando relações entre experiências e expectativas.



Imagem 44: Casa vizinha ao bar de Pedro e Amélia, na av. Padre Leopoldo Brentano, durante as eleições gremistas. A casa foi locada como base de campanha do candidato Alberto Guerra, que ganhou a concorrência e é o atual presidente do clube. 18 de outubro de 2022 (acervo do autor).

Um olhar comparativo às temporalidades pandêmicas

Para demonstrar como o tempo histórico está constantemente em mutação e como é possível reconstruir fatos a serem comunicados, Koselleck (2006) emprega duas categorias analíticas distintas, as quais entrelaçam passado, presente e futuro. São elas: espaço de experiência e horizonte de expectativa. Ambas fundamentam a possibilidade de uma narrativa histórica, que também remete a experiências vividas e constituídas pelas expectativas das pessoas. Desta forma, para Koselleck “não há expectativa sem experiência, não há experiência sem expectativa” (2006, p. 307).

Para o autor, a experiência traduz um passado atual, no qual acontecimentos foram assimilados e podem ser recordados. É a partir da experiência que se fundem formas de comportamento e de conhecimento. Já a expectativa se traduz como “futuro presente”, está ligada ao ato de esperar, voltada para o “ainda-não”, para o “não experimentado”, para o que “pode ser previsto”, sendo decomposta em uma infinidade de acontecimentos (KOSELLECK, 2006).

Desdobrando a categoria de espaço de experiência, notamos como o aglomerado de tempos vividos formam uma noção espacial de experiência, a partir da elaboração de acontecimentos passados. Vemos, também, como experiências passadas informam expectativas, que ainda não se converteram em experiências. Já no desdobrar da categoria de horizonte de expectativa temos uma forma de enxergar, esperar e imaginar futuros que produzem novos espaços de experiência, os quais ainda não podem ser contemplados – diante do devir, esperado como acontecimento distinto do que foi o passado. Em outros termos, a expectativa não pode ser adquirida sem a experiência.

Ao olhar para Oti e Pedro e Amélia, pessoas com faixas de idade semelhantes (52 e 60, 61 anos, respectivamente) mas com espaços de experiências raciais, de gênero, familiares e econômicas distintos, vislumbramos como eles organizaram seus negócios a partir da inauguração e funcionamento da Arena do Grêmio e de seus eventos esportivos e sociais.

Para Oti, morador antigo do bairro Farrapos, as iniciativas para a obtenção de ganhos com a abertura de um bar, em 2012, acoplado em sua casa, se transformaram em experiências elaboradas e incorporadas às práticas econômicas familiares – algo também visto nas histórias de Pedro e Amélia, mas de outro modo. Nos dois casos,

os comércios se converteram na principal atividade econômica familiar, envolvendo a casa, os laços de parentesco e o pertencimento clubístico em torno do negócio.

Outros espaços de experiência informaram a abertura do bar e restaurante de Pedro e Amélia, também acoplados à casa, em 2018. Antes de investir no imóvel alugado, ambos trabalharam auxiliando familiares, atualmente vizinhos, durante os eventos na mesma localidade. Além disso, o espaço de experiência remontado traduz como, ao abrir o próprio bar e restaurante, eles utilizaram saberes adquiridos no passado, mobilizados para informar o modelo de negócio do casal. Em outra ocasião, me comunicaram como havia sido trabalhar como caseiros, por quatro anos, na casa de inverno de um endinheirado, um empresário do ramo da comunicação.

Pedro declarou que “sabe lidar com gente rica”, apesar de ser originário de “família humilde”. As experiências de convívio entre classes e suas hierarquias sociais são espelhadas em escolhas no presente e traduzem “horizontes de expectativas”. Nesse contexto, a escolha por “trabalhar com gente endinheirada” e reservar o segundo piso da casa para lideranças de um movimento político gremista tornou-se uma estratégia à obtenção de ganhos e de inserção em uma rede de relações que desdobraram novos investimentos nos espaços da casa - convertidos em uma espécie de referência aos frequentadores do comércio. Do mesmo modo, a escolha do público para frequentar um “espaço exclusivo” está baseado em uma ideia segundo a qual determinados tipos de torcedores podem pagar por eventuais danos causados pela descontração.

No bar do Oti, por sua vez, o modelo de negócio abarca outros grupos de torcedores, ligados com as torcidas organizadas. O olhar para a concorrência com bares na vizinhança é inevitável: “Se o litrão de cerveja for um real mais barato no bar do lado, eles vão lá”, se referindo a como deve equiparar os preços com comércios vizinhos. Nesse caso, a venda de produtos e bebidas alcóolicas valoriza a quantidade do público consumidor, não necessariamente a capacidade econômica dos consumidores. O território também é um elemento central, tendo em vista que a localização do bar e sua relação com a rua, ainda não duplicada e com largo espaço de concentração de pessoas na calçada, torna-se um atrativo para que as manifestações torcedoras possam ocorrer – com cânticos, instrumentos, artefatos explosivos e símbolos clubistas. No bar do Oti, a busca pela excitabilidade e pela externalização das emoções é central para que o consumo ocorra e aglutine festa e trabalho em torno das casas.

A comparação dos casos demonstra como a heterogeneidade das torcidas, de suas manifestações e de suas práticas econômicas é algo que não se deve perder de vista e que deve ser aprofundado etnograficamente. Complementarmente, entre os dois exemplos de negócios, chama a atenção como os principais e mais constantes públicos frequentadores são fidelizados. Os comerciantes, nos dois casos, articularam comunicações e acordos tácitos com representantes de grupos organizados. No bar do Oti, “os cabeças” de torcidas organizadas buscaram uma referência; no bar de Pedro e Amélia, as lideranças de um movimento político buscaram um espaço de articulação e de descontração.

A pandemia de COVID-19, por sua vez, produziu novos arranjos e rearranjos nas casas e nos comércios analisados. Evidentemente, tal como alude Koselleck (2006), expectativas econômicas foram modificadas pelos espaços de experiências pandêmicas e vice-versa. Chama a atenção como Oti, Pedro e Amélia estabeleceram estratégias econômicas para lidar com as incertezas no decorrer das temporalidades da pandemia. Oti, buscando empregos com renda fixa, mas tendo dificuldades. Pedro utilizando aplicativos para ser motorista e obter ganhos diários sem garantias formais - estratégia usada por Oti, também, em 2021. Ambos com carro próprio. Um deles, porém, com dívidas e com dificuldades de manter as despesas básicas da casa-moradia-comércio. Outro, por sua vez, conseguiu realizar reformas e mudanças na casa, que não é sua. Os dois, também, contando com os ganhos financeiros das esposas e de suas aposentadorias, as quais, objetivamente, foram articuladas como “dinheiro da casa” - como sugere Motta (2014) - em tempos de crise, tendo em vista as construções culturais de gênero que incidem sobre a gestão do dinheiro.

No tocante aos processos de mutação das edificações analisadas, retomo a ênfase dada por Carsten quanto ao poder evocativo das memórias se articula, também, com representações intersubjetivas de que casas são lugares simbólicos de estabilidade, mas não apenas⁶⁷. Elas carregam consigo um “significado político mais amplo”, permitindo a percepção de deslocamentos da história e nas vidas das pessoas (CARSTEN, 2004, p. 34). Mas, quando a casa é, também, uma espécie de mercado, o que acontece? Ou, ainda, quando deixa de ser comércio por um tempo determinado e passa a ser apenas moradia, como se redesenham as dinâmicas do parentesco e

⁶⁷ Um olhar complementar para as relações entre memória e casas é lido em Mary Douglas (1991).

as práticas econômicas? Como viver em tempos de pandemia, diante das incertezas da crise?

À luz dessas indagações, também, busquei recuperar e reconstituir traços da memória de meus interlocutores sobre o período pandêmico. A declaração de ambos de que seus comércios são, em termos metafóricos, “galinhas que dão ovos de ouro” se associa às temporalidades que traduzem experiências pretéritas à pandemia e, também, expectativas, sobretudo de superação das crises e de retorno do Grêmio à primeira divisão do futebol brasileiro.

Como ganhar a vida na pandemia?

Além dos casos acima detalhados, através do *survey* realizado foi importante evidenciar que durante o período de março de 2020 até outubro de 2021 muitos comerciantes foram buscar outras ocupações como modo de ganhar a vida ou de manter entradas de dinheiro nas casas.

O Grêmio realizou iniciativas no bairro com contornos assistencialistas, mas não constantes. Cestas básicas foram pontualmente doadas aos moradores, mediante apoio de serviços assistenciais. Apenas no dia 3 de outubro de 2021 (depois de 570 dias de interdição de público no estádio), o torcedor voltou à Arena, produzindo modificações nos cenários e expectativas de moradores. O relato de um comerciante (acostumado a vender cerca de 50 caixas de cerveja em dias de jogo com torcida, conforme a reportagem), publicado em 01 de outubro de 2021 na matéria do jornal *Zero Hora*⁶⁸, é revelador e conta com certa dose de esperança: “O pior já passou, mas acho que vai melhorar ainda mais no ano que vem. O público vai voltar com mais tranquilidade em 2022. Espero que esse retorno seja com tranquilidade. As vendas ficaram muito paradas, mas deu para sobreviver. Se o Grêmio vencer, tudo vai melhorar também”. O interlocutor comunicou que passou a vender “marmitas” e “almoços” aos moradores e trabalhadores do estádio durante a pandemia, já que seus rendimentos baixaram significativamente.

⁶⁸ A matéria de João Praetzel, publicada no jornal Zero Hora (portal ZH), foi intitulada “Volta de público gera expectativa para estabelecimentos nos arredores da Arena do Grêmio” e apresenta depoimentos de comerciantes do bairro sobre o tema. Visualizada em 02 de dezembro de 2021. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/esportes/gremio/noticia/2021/10/volta-de-publico-gera-expectativa-para-estabelecimentos-nos-arredores-da-arena-do-gremio-cku8i97b30046019mjlm2b0te.html>>.

De fato, a pesquisa evidenciou que alguns comerciantes atuaram mudando o perfil do negócio e passaram a fazer entrega de lanches e comidas, para se adaptar às restrições pandêmicas. Um outro grupo, sobreviveu com os ganhos da aposentadoria e incrementando outras ocupações. Nenhum interlocutor declarou que viveu somente com a ajuda governamental, como o Auxílio-Emergencial⁶⁹ (o que pode ser um fator de reflexão sobre a memória das políticas, ou um fato representativo da falta de acesso aos benefícios sociais).

O quadro a seguir evidencia algumas pequenas diferenciações significativas:

O que você fez durante a pandemia para sustentar a sua família?		
Medidas / formas de sustento	Nº de casos	Atividade realizada
Abriu comércio durante a pandemia	2	- Bar e lancheria
Viveu com a aposentadoria e trabalhou em outras ocupações	8	- Comércio de rua /venda e entrega de alimentos; - Realizou bicos: obra, pintura e afins (3 casos); - Comércio de vidraçaria; - Confeção e costura; - Cuidadora de idosos; - Seguiu recebendo pelo aluguel de sua garagem, apoiado por torcedores.
Viveu apenas com a aposentadoria	7	- Tinha dinheiro poupado, também (1 caso);

⁶⁹ Conforme o portal do antigo Ministério da Cidadania do Brasil (2021), o “Auxílio Emergencial” foi “um benefício para garantir renda mínima aos brasileiros em situação mais vulnerável durante a pandemia de Covid-19, já que muitas atividades econômicas foram gravemente afetadas pela crise”. Os brasileiros (em sua maioria desempregados, ou autônomos) contemplados com o auxílio receberam parcelas mensais de valores distintos, ao longo do período pandêmico. Contudo, para ser contemplado, o solicitante não poderia ter recebido, no ano do auxílio, outros benefícios previdenciários, trabalhistas e assistenciais. Informações disponíveis em: < <https://www.gov.br/cidadania/pt-br/servicos/auxilio-emergencial>>.

Pediu dinheiro emprestado	1	- Recebeu ajuda de amigos torcedores.
Recebeu ajuda do governo e ajuda de familiares	2	- Apoio de familiares e recebimento de “auxílio-emergencial”;
Foi sustentado por outros familiares	2	- Esposa trabalhou em creche; - Esposo trabalhou como técnico em empresa de comunicação;
Trabalhou em outras ocupações, quais?	29	- Trabalhou como segurança e a esposa no comércio; - Vendeu e entregou lanches, através de tele-entrega e de aplicativos (3 casos); - Trabalhou na área comercial de uma empresa e, após demissão, recebeu benefícios trabalhistas/previdenciários; - Cuidadora doméstica; - Fez bicos na indústria de móveis; já sua esposa trabalhou como secretária doméstica; - Realizou trabalho informal como motorista de aplicativo, bicos em obra e deu aulas de dança; - Motorista de aplicativo (4 casos) - Foi empregada doméstica e recebeu ajuda de um amigo torcedor; - Trabalhou como autônomo, sem especificar (2 casos); - Agente comunitária de saúde; - Ficou em home office, na parte administrativa de uma empresa;

		<ul style="list-style-type: none"> - Consertos de máquinas de costura; - Trabalhou como vendedor; - Trabalho na área da saúde; - Garçom contratado em uma churrascaria; - Realizou entregas e eventos organizados pela marca (cervejaria). - Trabalhou como gráfico e esposa como advogada. - Trabalhou como taxista (2 casos). - Açougueiro. - Trabalhou em home office para um escritório de Advocacia; - Costureira.
--	--	---

Chamou a atenção, no momento da realização da pergunta, as formas pelas quais os interlocutores se referiam às temporalidades da pandemia. Para muitos, o retorno de jogos com a liberação do acesso ao público torcedor representava uma espécie de superação da pandemia, além do olhar ao avanço da vacinação e às medidas de proteção flexibilizadas. Para outros, poucos, a pandemia ainda não havia sido superada e exigia atenção e cuidados financeiros (como trabalhar com um número reduzido de estoque de produtos) para a manutenção do próprio negócio.

O retorno dos jogos, sobretudo na temporada de 2022, representou uma retomada mais certa do calendário de jogos e eventos e, com isso, uma perspectiva de que ganhos iriam ser assegurados. O horizonte de expectativas visualizado por Pedro e Amélia, que investiram em reformas no comércio e casa durante o período pandêmico, é representativo de como o tempo se articula com noções econômicas, valores e disposições residenciais. De modo mais amplo, a identificação da relevância dos ganhos foi também tema de interlocução do *survey*. Com efeito, as percepções

sobre a importância da lucratividade com o negócio foram mapeadas em uma avaliação qualitativa, que separou dois grandes grupos de respostas:

Qual a contribuição dos ganhos com o comércio ao orçamento doméstico?	
	N° de casos
Contribui bastante (ganho considerável)	31
Contribui um pouco (ajuda, mas poderia ser melhor)	18
Optou por não declarar	2

Vinculado aos ganhos, fez-se o questionamento sobre quantas pessoas acabam se beneficiando dos mesmos, já que os comércios estão inseridos em redes familiares e de afinidade que são amplas – sugerindo que os fluxos monetários entre casas e nas casas fazem parte da constituição das mesmas e dos laços de parentesco.

Quantas pessoas são beneficiadas e sustentadas diretamente pelos seus ganhos no negócio?	
N° de pessoas beneficiadas	N° de casos
1	7
2	10
3	12
4	13
5	4
6	1
7 a 8	2
10 a 15	1
Não Declarou	1

Segundo as entrevistas, aproximadamente 166 pessoas são economicamente beneficiadas nos 51 comércios que participaram da pesquisa. Reporto um número não definitivo, já que existem outras práticas comerciais que são mobilizadas no território, como pontuou Martins (2019).

Uma das questões na investigação etnográfica foi, justamente, em quais eventos os ganhos são maiores, isto é, quando que os comércios lucram mais e como isso se relaciona com o momento esportivo do Grêmio. Trata-se do período marcado por grandes espetáculos, isto é, dos jogos decisivos e que atraem maior presença de público, tal como descrito no trecho anterior. Além de jogos eliminatórios de campeonatos, ou classificatórios, os clássicos locais (sobretudo, Grenais) são considerados como eventos que produzem enormes expectativas, a partir do horizonte de experiências já identificado pelos comerciantes.

Muitos interlocutores da pesquisa, incluindo Oti, Pedro e Amélia, foram objetivos em traçar em quais eventos os ganhos econômicos são maiores e como as temporalidades estão revestidas de expectativas e da materialização de transações. A fala de Nildo é representativa: “O jogo com mais lucro sempre foi em Libertadores, jogo grande. Gauchão, dependendo de quem trabalha aqui, ganha muito pouco. É muito fraco o movimento”. Gauchão é a forma local de nomear o Campeonato Estadual de Futebol, que reúne times do interior e da capital gaúcha.

As competições internacionais, como era de se esperar, geram maior projeção do clube de futebol nas diversas mídias que cobrem o esporte e repercutem na fidelização de um público torcedor, que vai ao jogo disposto a uma verdadeira experiência. Nildo detalhou como foi o jogo no qual mais obteve lucro em seu bar: “As finais da Libertadores sempre deram muito lucro. Teve um jogo que o Grêmio jogou fora e encheu aqui, na final da Libertadores contra o Lanús. Aqui tinha gente que parecia que o jogo era aqui”. Relembrando como a torcida gremista compareceu na Arena para acompanhar a final da Copa Libertadores de 2017, que teve o segundo jogo e título sancionado em Lanús, na Argentina, Nildo detalhou um momento único em seu negócio: “A gente vendeu muito aqui e no outro dia o time do Grêmio ia chegar aqui. A gente virou e foi até as 2h da tarde do outro dia. A gente abriu num dia e fechamos num outro. Fiquei sem salgados e tive que ir buscar, cedo da manhã”.

Nildo precisou contar com o apoio de familiares para “virar a noite trabalhando” em seu comércio, vender mais de 500 pasteis em menos de 24h, além de um número considerável de bebidas. As comemorações dos títulos, como pude notar, instauram uma outra temporalidade em relação ao tempo dos jogos, que se traduz em festividade

e lazer, aos consumidores. Por outro lado, viram trabalho excessivo com perspectiva de lucratividade e abundância econômica, aos comerciantes e seus familiares.

Em livro sobre o dinheiro no futebol, José Eduardo de Carvalho (2013) destacou como lógicas afetivas e de pertencimento mobilizam investimentos e fortunas. O chamado “futebol de mercado”, ou “futebol espetáculo”, com enorme valor midiático, movimenta uma rede enorme de atores, atrelados a múltiplas escalas, que fomentam circuitos econômicos e de trocas variadas (além de identificações afetivas e emocionais).

As estratégias de marketing esportivo emergem como centrais na solidificação de laços emocionais e na fidelização do público frequentador. A separação entre associados e torcedores foi sendo engendrada como efeito do modelo padrão de fidelização (sócio como uma espécie de cliente personalizado). Ter um estádio identificado, projetado com clamor estético e sofisticação tecnológica, tornou-se um componente fundamental na relação de pertencimento clubístico e, sobretudo, na formação de torcedores enquanto consumidores do espetáculo do jogo e de suas dinâmicas (CARVALHO, 2013).

Além disso, gostaria de sugerir, a partir das descrições etnográficas feitas neste capítulo, que os entornos do estádio também promovem mudanças nas relações dos torcedores consumidores com esse equipamento, evidenciando como as socialidades torcedoras e de moradores comerciantes estão atravessadas por relações comerciais, espaciais e temporais.

A emergência de novas formas de torcer, a partir do conforto e da comodidade da arenização, veio associada a um novo modelo de gestão dos estádios - com tecnologias disciplinares explícitas e intenso uso de marketing -, que passaram a comportar restaurantes, shoppings, museus, serviços especializados aos sócios e demais torcedores e até mesmos bibliotecas dedicadas aos clubes, tornando a partida de futebol em uma “empreitada turística” com duração de várias horas e não apenas 90 minutos, como indica Carvalho (2013). Tais transformações tiveram efeitos no público, que passou a ser exigido economicamente, não somente afetiva e emocionalmente. Frequentar um estádio passou a ter um custo econômico considerável, o que produz e interdita possibilidades de experimentação. Para alguns antropólogos, a arenização representou a materialidade de um dispositivo, dentre

outros, de elitização do esporte (que se mescla com outras iniciativas de popularização do mesmo)⁷⁰.

Entretanto, nesse capítulo, procurei demonstrar como as experiências que exigem a produção de territorialidades torcedoras e a formação de um público consumidor fomentaram mudanças nos horizontes temporais de comerciantes nos entornos da Arena. Esta relação impacta diretamente a mutabilidade das casas investigadas, que tendem a ser permeadas não apenas pelas temporalidades dos eventos, mas, igualmente, temporalidades ligadas à organização prévia dos comércios e outros horizontes temporais sazonais, como o tempo da política e a própria situação climatológica, além da temporalidade extraordinária da pandemia de COVID-19, vivenciada de diferentes formas pelos agentes comerciais no território analisado.

No próximo capítulo, analiso como interlocutores combinam diferentes práticas econômicas para obter sustento e ganhos de dinheiro. Saliento, em seguida, como as casas comerciais estudadas coexistem com outras modalidades de comércio, nos entornos da Arena. Demonstro como as relações entre comerciantes e torcedores não se resumem apenas ao consumo e às trocas financeiras. E, além disso, apresento descrições etnográficas para comunicar como a construção da Arena modificou não apenas a paisagem comercial do bairro, mas também ampliou a valorização financeira e imobiliária das casas.

⁷⁰ Arlei Damo destaca nuances históricas do processo de arenização dos estádios de futebol e efeitos da curtição e das selfies aos torcedores, em texto específico. Disponível no portal do Nexo Jornal: <<https://www.nexojornal.com.br/externo/2018/05/05/Qual-a-hist%C3%B3ria-e-os-sentidos-da-%E2%80%98areniza%C3%A7%C3%A3o%E2%80%99-dos-est%C3%A1dios-de-futebol>> .

CAPÍTULO 4 - Formas de ganhar a vida e a mutabilidade das casas

Efetivamente, lidar com os efeitos da arenização em um território, como busquei expor no capítulo precedente, é tentar compreender práticas econômicas plurais e relações que ultrapassam as gestões dos próprios estádios. Além das dinâmicas econômicas clubísticas, sobressaem as práticas de consumo e de investimento realizadas por multidões de torcedores e de empresas variadas. Mas, como o futebol pode movimentar valores econômicos fora de um estádio? Qual o seu papel no âmbito das economias locais e nas dinâmicas de casas, famílias e territórios? Como o processo de arenização de estádios pode modificar os seus entornos, em termos de valores econômicos e na mercantilização de terrenos e casas? De que forma as pessoas podem combinar atividades diversas para ganhar a vida? Como os espaços, nas ruas e casas, podem ser usados de formas variadas?

Neste capítulo busco ressaltar como interlocutores desdobram e combinaram diferentes práticas econômicas para obter sustento e ganhos de dinheiro. Ademais, a partir de situações de mutabilidades de casas, pessoas e configurações familiares, exponho como as relações entre comerciantes e torcedores geraram mudanças significativas na paisagem do bairro Farrapos.

A presença de territorialidades torcedoras nas adjacências da Arena do Grêmio, também mediada por práticas econômicas temporalizadas, é uma marca constitutiva de modos de torcer, marcados pelo sentimento de pertencimento clubístico e pelo consumo, que traduzem formas de sociabilidade no bairro, tonalidades estéticas, políticas e identificações culturais específicas.

Segundo Damo (2021), o futebol espetacularizado e arenizado tem aprofundado a separação entre o jogar e o torcer. Mas o torcer não se restringe apenas ao interior dos estádios. A presença de torcedores em ruas e bares nos entornos das novas arenas tem sido, também, uma marca constitutiva do torcer, além de contribuir para compor novos fluxos econômicos.

Desta maneira, pretendo salientar que as casas comerciais estudadas neste trabalho coexistem com outras modalidades de comércio nos entornos da Arena. Proprietários disputam clientes em potencial com ambulantes e buscam regular o uso dos espaços adjacentes da casa em dias de eventos – por isso, as principais ruas e avenidas nos entornos da Arena são tomadas por ambulantes e vendedores informais. Em alguns casos, os espaços são negociados, mediante algum fluxo monetário. Em

outros, a disputa por clientes passa por critérios como a personalização do atendimento, ou a concorrência dos preços. Neste sentido, outras atividades comerciais são encontradas nos fluxos dos eventos na Arena, a saber: ambulantes de produtos clubistas (manufaturados como roupas e acessórios), ambulantes do ramo alimentício e de bebidas (com preços acima da média), cuidadores e guardadores de veículos, músicos, trabalhadores de materiais de reciclagem, cambistas, dentre outros.

Como destacou Daiane Martins (2019), o território costuma ser amplamente apropriado para fins comerciais, gerando cenas como a transformação de paradas de ônibus em varais de roupas a serem comercializadas. Além disso, algumas garagens e pátios de casas também recebem barracas e tendas para a venda de produtos. Os ambulantes, em larga medida, são intermediários que vendem produtos e bens manufaturados/industrializados, que residem no bairro ou em outros. As atividades comerciais relatadas acima traduzem temporalidades específicas de cada evento e práticas econômicas que transbordam as casas e invadem as ruas, algo a ser demonstrando.

Por outro lado, essas práticas econômicas e comerciais não são excludentes, ou isoladas. Existem combinações de ofícios praticados por comerciantes e moradores do bairro. Num primeiro momento, neste capítulo, pretendo focar no caso de Adalton, um comerciante que articula no cotidiano diferentes formas de obtenção de dinheiro e de circulação de bens entre seus familiares.

Num segundo momento, demonstro como as relações entre comerciantes e torcedores não se resumem apenas ao consumo e às trocas financeiras. Existem desdobramentos que interferem diretamente nas mutabilidades das casas, nas relações de parentesco e nas maneiras de operar diante de momentos de crise econômica e sanitária, como foi possível perceber durante a pandemia de COVID-19. Destaco os casos de Felícia e Rose, que tiveram suas casas e vidas alteradas pela atuação de torcedores gremistas.

Em seguida, busco trazer descrições etnográficas para demonstrar como a construção da Arena modificou não apenas a paisagem comercial do bairro, mas também a valorização financeira e imobiliária das casas. Para tanto, mobilizo dados do *survey* realizado nessa pesquisa e descrevo situações distintas envolvendo outros dois interlocutores: Sônia e Jonas.

A construção do estádio modificou as percepções e sentidos atribuídos ao bairro, desde o ponto de vista dos 51 comerciantes que participaram dessa investigação. Objetivo, próximo ao final do capítulo, desdobrar os aspectos positivos e negativos dos novos empreendimentos, na perspectiva dos entrevistados. Esse material analítico ressalta como noções de “progresso”, “futuro” e “desenvolvimento” podem ser mobilizadas por quem convive com as infraestruturas em questão, que mudaram a realidade socioeconômica de uma parcela de moradores do bairro.

Por fim, destaco nuances da relação institucional entre Grêmio e os comerciantes no Farrapos. Demonstro como, para fins de anuência do equipamento no bairro e aprovação de quem nele reside, o papel de atração de fluxos de torcedores e consumidores nas localidades adjacentes tem sido mais relevante do que propriamente as ações pontuais que o clube realiza, em sua visão comunitária e nas suas intervenções sociais.

Combinando formas de ganhar dinheiro

Conheci Adalton no amanhecer de uma manhã fria, era sábado, no dia 14 de maio de 2022. Antes disso, já havia lhe visto com seu carrinho de produtos, ao lado da entrada para a rampa oeste da Arena. Era um carrinho de supermercado adaptado, com produtos variados. Após me apresentar e querer conhecer mais do que comercializava, Adalton me contou que trabalha no local desde 2015, após se aposentar como motorista de ônibus. A partir de então, passou a vender produtos com símbolos clubistas aos torcedores gremistas e colorados, como camisetas, bonés, gorros, faixas, bandeiras, ursos de pelúcia, dentre outros. Os produtos custam um valor menor em relação aos “oficiais”, vendidos na parte superior da esplanada, na loja “Grêmio Mania”. Por exemplo, a camiseta do uniforme principal do Grêmio (tricolor em sua composição), cópia da original, era vendida por R\$ 40 pelo comerciante. Na loja do clube, custaria em média R\$ 300. Assim, os de Adalton, eram preços atrativos para muitos dos que circulavam ou iam no estádio.

Adalton contou que frequenta o local para realizar as vendas, religiosamente, quase todos os dias. A exceção é, justamente, em datas de jogos, pois, em suas palavras, “a polícia e os guardas não deixam”. Nesses dias, costuma guardar carros, vender os produtos do carrinho em frente à sua casa, na rua Voluntários da Pátria, além de apoiar a sua companheira nas funções com um bar, ao lado de sua garagem.

Antes de residir naquela casa, Adalton morava na Avenida AJ Renner, local onde residem dois de seus filhos. Um terceiro, vive com a esposa em outro bairro. Tendo um filho com “necessidades especiais”, Adalton disse que costuma ajudar diariamente a sua filha a cuidar do mais novo, além de dar dinheiro e “fazer supermercado” para eles.

Mas, em horário comercial costuma estar sempre ali, na entrada da Arena, principalmente das 9 horas até as 18 horas. Habitualmente, vende para pessoas que chegam em ônibus de turismo, ou de carro, como torcedores e simpatizantes.

Surpreso com a sua dedicação comercial, Adalton assegurou que “domingo é o dia que melhora vende”, já que aumentamos fluxos de frequentadores e visitantes. Chamou a atenção o fato de que guardas da Arena ficam no seu entorno e são “velhos conhecidos”. Adalton busca manter boas relações com eles. Ao lhe perguntar sobre o controle e como negociava a sua permanência no local, apenas me disse que não tinha problemas e que “aqui todo mundo se conhece”. Revelou que vendia produtos, também, a esses profissionais da segurança privada, mas por um preço ainda mais em conta, e que nunca teve problemas com representantes da Grêmio Mania. “Aquele ali me comprou um ‘cavalinho’ (boneco de pelúcia) do Inter, para levar para a mulher dele”, Adalton me informou sobre a relação comercial com o segurança. Os produtos do Internacional, principal rival gremista, eram mantidos escondidos no carrinho, na parte inferior de um isopor, para que o seu público-alvo não reclamasse ou criticasse as suas intenções. Seu foco, contudo, era agradar gremistas e colorados.

Adalton possui habilidades comerciais variadas. Após um tempo de conversa, confidenciou que consegue obter mais ganhos de dinheiro com seu carrinho e como guardador de carro, do que com sua aposentadoria. Ele recebe mensalmente cerca de R\$ 3000 como aposentado. Com o carrinho “ganha mais” vendendo, em média, quatro camisetas por dia, isto é, cerca de R\$ 150, no mínimo - fora o lucro com outros produtos. Quando questionei sobre onde e como compra as mercadorias, disse que costuma ir ao Centro de Porto Alegre, adquirindo tudo por um “preço de Atacado”, em lojas da Av. Voluntários da Pátria. Ali, um espaço de comércio popular, encontra camisetas e demais peças por um preço acessível, para depois revender com o valor que julga ser o melhor (no mínimo, buscando ter 100% de lucro).

Além disso, os ganhos em dias de jogos também são contabilizados. Em sua casa, com uma garagem ampla, Adalton guarda um veículo, além de cuidar de mais três na calçada em frente e na área externa do bar, gerido por sua companheira.

Cuidando de carros, ele ganha mais R\$100 por jogo. Isso significa uma média de R\$ 300 a R\$ 400 a mais de ganhos, se o Grêmio jogar de 3 a 4 partidas em casa, mensalmente. Em alguns jogos, pude vê-lo cuidando dos automóveis, anunciando as vagas com uma placa feita de papelão, que logo seriam preenchidas, antes do início das partidas.

O período de restrições de jogos com torcida por conta da pandemia de COVID-19 foi um momento de diminuição dos fluxos de dinheiro nas casas frequentadas por Adalton (a que compartilha com a sua companheira e as outras duas de seus três filhos). Ao falar acerca do período referido, expôs que foi um momento muito difícil, já que não tinha como obter as rendas com os eventos e produtos comercializados. Costumeiramente, antes do período pandêmico conseguia guardar uma boa parte de sua aposentadoria para outros objetivos. A situação mudou em 2022. Em geral, conseguia pagar as contas mensais (despesas básicas) com os ganhos de seu trabalho nos entornos da Arena, algo que não aconteceu de março de 2020 até o final de 2021. Nesse período, a aposentadoria foi usada mensalmente, além das economias anteriores.

Adalton mencionou que existiam outros vendedores com varal de camisetas na frente da Arena. Após a pandemia, tal situação não ocorreu mais com tanta frequência. Em outros momentos do trabalho de campo, de fato, encontrei poucos ambulantes nos entornos da esplanada, fora do dia de jogos. Já em maio de 2022, com a retomada do público frequentador ao estádio, Adalton expos que conseguiu juntar um dinheiro e investir na reforma da garagem de sua casa. Segundo ele, a garagem foi feita em desnível com a sua residência em uma parte mais baixa do terreno. Isso gerava problemas em épocas de chuva, já que costumava alagar e danificar o veículo estacionado, causando prejuízos inesperados. A reforma buscava melhorar o nível do solo da garagem e o acesso ao imóvel. De fato, inundações e alagamentos de ruas fazem parte do cenário de chuvas no bairro Farrapos e criam situações dramáticas em muitas casas.

As interlocuções com Adalton seguiram nos meses seguintes de trabalho de campo. Já em julho do mesmo ano, fui até a sua casa e conheci a parte interna da residência, além da nova garagem, após a reforma. Quando cheguei na frente da casa, ele estava de pé, escorado no muro ao lado e observando o movimento na rua. A porta da garagem estava aberta, deixando que os passantes vissem seu carro e, logo atrás, seu carrinho de produtos, ambos estacionados.

Ele me viu e nos cumprimentamos. Perguntei se não iria para a Arena naquele dia. Ele respondeu negando, dizendo que havia muito vento e não valeria a pena. O movimento andava fraco. Era o clima, o inverno gaúcho novamente marcando presença. Questionei o que andava fazendo. Olhando para o carro, um Mercedes Benz 2002 preto, Adalton me mostrou o resultado: havia limpado o veículo e disse que agora aquele era seu, já que trocara a caminhonete que tinha com o filho (motorista de uma empresa de ônibus): “Ele vai me pagar em 40 vezes de mil reais. Ele usa bastante”. Curiosamente, a negociação do carro entre pai e filho emerge como mais um episódio de circulação de bens na rede familiar de seu Adalton, que complementou: “Daqui um tempo, eu compro um carro novo e passo esse pra minha filha”. Adalton fez questão de mostrar como o Mercedes seminovo, comprado após a negociação com o filho, tinha o tamanho ideal para seus afazeres.

Alguns aspectos estão conectados na rotina de Adalton, compondo um emaranhado onde mesclam-se objetos articulados para fins econômicos: um carrinho de supermercado, mercadorias com potencial de revenda, a Arena do Grêmio, uma garagem, um carro trocado com o filho, a casa dos outros dois filhos, o bar e a casa que reside com Carla. Carros, casas, estádio, comércio, eventos e rotinas no bairro: todos conectados com as formas pelas quais Adalton “ganha a vida”.

Na ocasião de ida à casa de Adalton, pareceu que a demonstração do carro que havia adquirido era, também, o momento para falar da reforma na garagem. Perguntei se ele tinha ficado satisfeito. Disse que sim, que havia melhorado. Ele me explicou, na ocasião, que a casa era separada do bar ao lado, mas antes havia conexões com o comércio. As coisas mudaram justamente porque Adalton e Carla recentemente haviam resolvido se separar. Ele ficou com o “espaço da casa”, entrando pela garagem, e ela ficou com o “espaço do bar”, com entrada ao lado, pela rua. A separação do casal resultou na separação dos espaços da mesma casa – agora, ambos comercializados e feitos residência, mas separadamente. Perguntei a Adalton se a separação não lhe fez querer se mudar a outra casa, longe dali. Ele disse que não, que seguiria, tendo em vista que estava instalado e tinha suas atividades cotidianas de trabalho ali perto, na Arena.

A casa de Adalton é repartida em dois quartos (um com cama de casal e outro com cama de solteiro), uma cozinha conjugada com a sala e, antes da entrada, a garagem com banheiro ao lado. Nos fundos, um pátio, aproveitado principalmente pelos seus dois cachorros. Na cozinha, alguns produtos alimentícios e sacos com

ração. A casa azul é, em algumas paredes, adornada e enfeitada com símbolos do Grêmio.

Espontaneamente, ele me confidenciou que havia comprado a casa ainda antes da inauguração da Arena, por volta de 10 mil reais. “Era um casebre, estava tudo caindo e fui reformando ao longo do tempo”. Com o passar dos anos, calcula que tenha investido mais de 80 mil reais para fazer o espaço da casa e do bar.

Segundo ele, a vizinhança ali era tranquila, sem perigo. No lado esquerdo de sua garagem, disse que a vizinha também tinha um bar para trabalhar no dia de jogo. Citou que outros vizinhos cuidavam de carros e que “cada um tinha um espaço”. Perguntei como isso havia sido definido. Em sua resposta, inferiu que sempre tinha sido assim e que “cada um sabe até onde vai seu espaço para cuidar carros”, numa espécie de acordo tácito e relacionado às relações de poder entre os cuidadores. Uma coisa era certa: quanto mais próximo à Arena fosse o local de estacionamento, maior era a faixa de preço cobrada (variando entre 40 e 15 reais por carro estacionado).

Reclamou, também, que não era mais possível pendurar varais com produtos, como camisetas, faixas, bonés e gorros gremistas. Isso porque a cavalaria da Polícia Militar não permitia mais essa prática já que poderia atrapalhar o trânsito.

Por conta do clima frio de inverno, Adalton relatou que o movimento de visitantes na Arena havia caído drasticamente. Mas estava otimista para os meses seguintes. Após me despedir dele, fui falar com Carla, que estava instalada na mesma casa, mas na “parte do bar”. Fiz isso sem entender a gravidade do conflito entre eles, mas em seguida me arrependi. Ele se despediu e, rapidamente, baixou o portão automático da garagem. Antes reclamou: “o ruim é o controle dela, fica olhando aqui pra dentro”. Havia um desentendimento e conflito recente, ainda ecoando em ambos.

Chamei dona Carla para tentar agendar uma entrevista. Na porta do bar, havia uma grade que estava fechada com cadeado. Ela veio até o corredor e conversamos, mas eu fiquei do lado de fora, na rua. Carla, pouco otimista, disse que desejava se mudar, voltar para a sua família no interior, pois estava passando dificuldades após a separação. Além dos produtos e equipamentos do bar, ela havia ficado apenas com um colchão e roupa de cama. Reclamou por dormir no chão, além de demonstrar insatisfação pelo baixo movimento de torcedores nos últimos jogos: “a fase do time é ruim”, afirmou.

O caso de Adalton permite notar como, ao longo do tempo, organizou e articulou diferentes formas de ganhar dinheiro, mesclando rotinas e cuidados familiares, a multifuncionalidade dos espaços e as temporalidades dos eventos e do cotidiano sem jogos.

A sua renda, atualmente, é composta pela combinação de diferentes fontes: além aposentadoria, a venda de mercadorias clubistas, a atividade de guardador de carro em dias de jogos e, antes da separação, alguns o comércio de bebidas no bar de Carla, que ele auxiliava no funcionamento.

A circulação de dinheiro e de bens entre familiares também é um aspecto potencializado a partir das práticas econômicas moduladas pelas possibilidades de se viver nos entornos da Arena. Além de enviar remessas de dinheiro à filha que cuida do filho com “necessidades especiais”, Adalton também realiza trocas e negociações com o filho mais velho (como o parcelamento de um carro), evidenciando como as transações podem ser facilitadas no âmbito familiar.

Por outro lado, ao se separar de Carla, ele não renunciou ao espaço em que residia, já que se trata de um ponto estratégico para a organização de suas atividades e formas de ganhar dinheiro. O que é curioso é como o casal dividiu a casa, que já contemplava um espaço doméstico e um espaço comercial. Assim, Carla ficou com o espaço comercial, tendo em vista que recebe também uma aposentadoria de um salário-mínimo e tem ganhos com o bar durante os eventos. Como Adalton possui outras fontes de renda e uma aposentadoria maior, acabou ficando com o espaço de moradia mais consolidado. A reforma na garagem, neste sentido, retrata não apenas um investimento pontual na casa, mas também uma melhoria nas suas possibilidades de ganho de dinheiro e de valorização do imóvel.

Ao longo da pesquisa de campo pude notar como outros moradores, não necessariamente comerciantes, fazem das suas garagens espaços para “guardar carro”, principalmente em dias de jogos do Grêmio. É uma prática comum no bairro, uma forma de “tirar um extra”. Em alguns casos, flanelas recebiam e guardavam os veículos. Após serem pagos, iam embora e os deixavam na frente das casas, sem cuidados. Os moradores, ao verem problemas e alarmes acionados, tomavam providências variadas. Alguns deles começavam a exercer a função de guarda, para evitar incômodos e ganhar dinheiro diante da situação.

Adalton tem uma circulação negociada na esplanada da Arena. Além de possuir laços de amizade com os guardas, procura não estar próximo de outros vendedores. Um deles, com um varal na zona sul da esplanada, assegurou que havia discutido com Adalton certo dia, pois estavam disputando clientes que circulavam pela região. Isso faz com que tenha também uma média de ganhos diários, além de avaliar se “vale ou não a pena ir” até o acesso da zona oeste, principalmente em dias de frio e chuva.

Além de carrinhos e varais com mercadorias, ambulantes, barracas, comércios variados e lojas, foi possível notar outros comércios existentes nos entornos da Arena. Em algumas situações, mercados de ilícitos (substâncias psicoativas e afins) podem ser encontrados, comercializados em ruas menos movimentadas. Outro mercado, bastante efervescente em dias de jogos, é formado por cambistas de ingressos que negociam ingressos acima do valor estipulado em bilheteria. Devido a alta demanda de ingressos e o esgotamento dos lotes disponíveis, em alguns jogos os cambistas conseguem negociar valores acima do comum e lucrar com a diferença.

Em uma das tardes na Avenida Padre Leopoldo Brentano conheci um ex-policia militar, torcedor do Internacional, que admitiu lucrar muito com a prática de revenda de ingressos. Nas vésperas do jogo entre Grêmio e Vasco da Gama, em setembro de 2022, com previsão de estádio lotado, esse sujeito, com cerca de 40 anos, comunicou que se organizava para comprar vários ingressos. Segundo ele, aquele era “o verdadeiro dinheiro na mão, porque vai ter gente pra caramba atrás de ingresso”. A previsão era de que 60 mil pessoas fossem ao estádio. O homem afirmou que já havia vendido, em um jogo de final de Copa do Brasil, mais de 12 mil reais e lucrado cerca de 8 mil reais.

Próximo a mim e ao homem referido estava Nildo. Quando o sujeito foi embora, o comerciante disse que era justamente a prática de revenda, como cambista, que havia motivado a expulsão do referido da Polícia Militar. Segundo Nildo, vizinho do ex-policia, haviam filmado o sujeito vendendo ingresso e estacionando carro, piorando a sua situação disciplinar no interior da corporação. Em outros momentos, prévio aos jogos, encontrei alguns cambistas revendendo ingressos, especialmente nas principais avenidas de acesso ao estádio. É uma prática comum, que merece atenção em pesquisas futuras.

Casas e pessoas mutáveis em tempos de crise

O trabalho de L'Estoile e Neiburg (2020) propõe um apanhado de contribuições de autores/as que propuseram diferentes abordagens etnográficas sobre a casa e a gestão do espaço doméstico, valorizando as complexas costuras entre pessoas, casas e seus universos. O que é possível reter, nesse horizonte, não é o tratamento da casa como uma unidade fechada, delimitada e autocontida – um espaço de intimidade física, moral e afetiva isolado de outros. Em realidade, a potência dessa perspectiva reside na demonstração de como as casas são espaços dinâmicos, integrados em um contexto mais amplo e “sempre em processo e em relação, formando redes e configurações mutáveis” (L'ESTOILE & NEIBURG, 2020, p. 658).

Esses estudiosos mobilizam diferentes autores/as, já consagrados no exame atento das conexões de casas com diferentes domínios sociais, como parentesco, comensalidade, gênero, práticas econômicas, moralidades, temporalidades, dentre outras. Uma das referências citadas é Janet Carsten e Hugh-Jones (1995), os quais realizam um exame crítico da noção de “société à maison” (sociedade de casas), desdobrada por Claude Lévi-Strauss (1991) como algo complementar a sua teoria do parentesco e da aliança. Em seu *About the house*, Carsten e Hugh-Jones (1995) propõem uma visão mais holística e uma mudança de perspectiva em relação à noção de casa, que passa a comunicar um entrelaçamento entre a sua (i)materialidade arquitetônica, o corpo e a produção de pessoas (e, de modo complementar, de laços de parentesco).

Nessa visão, a ideia de que “as casas estão em nós, assim como nós estamos nela” torna-se um caminho fértil para se estudar as inter-relações entre edificações, pessoas e seus universos simbólicos e materiais. Ao atribuir uma dimensão dinâmica aos processos de constituição de pessoas e casas, ambos situam que circunstâncias mutáveis podem ser apreendidas e valorizadas na análise. Com efeito, a “casa surge como uma extensão da pessoa” (CARSTEN & HUGH-JONES, 1995), um vínculo íntimo e indissociável, por vezes. Em outros termos, os autores sublinham a vinculação íntima entre a qualidade corpórea das casas e os corpos que nelas habitam, que transcende, também, a uma ligação conceitual. Afinal, a co-constituição entre casas e pessoas (trans)formam universos, conceitos e ideias antropologicamente verificáveis.

Ao considerarmos a casa como uma entidade maleável, mutável e imprevisível - humana e não-humana -, modulada por fluxos, tensões, instabilidades, estabilidade e relacionamentos traduzimos uma visão dinâmica e mais holística da casa, como fio condutor para se pensar domínios sociais relacionados. Do ponto de vista etnográfico, é possível tratar a casa como um agente material e moral, com nexos instáveis e mutáveis, no qual processos macropolíticos e econômicos e eventos críticos se fazem presentes no cotidiano das vidas, enredadas em temporalidades múltiplas: passados instáveis, futuros incertos e narrativas singulares sobre os eventos críticos e acontecimentos cotidianos (BIEHL & NEIBURG, 2021).

Mas, afinal, diante das crises - como a que foi vista globalmente no período pandêmico, vivenciado desigualmente - como as casas, as pessoas e seus universos estão sendo feitos e refeitos no cotidiano? Quais decisões domésticas e práticas cotidianas estão sendo tomadas para enfrentar os problemas que surgiram nesses tempos críticos? Como a pandemia muda as formas pelas quais as pessoas “ganham a vida” e fazem a si mesmas, as suas casas e suas relações com o espaço e o tempo? De que forma viver nas proximidades da Arena do Grêmio, ter um espaço comercial e relações com pessoas de fora do bairro (torcedores e clientes), pode alterar formas de lidar com as tensões e dificuldades das crises?

Quando amigos ajudam a fazer casa

Após visitar algumas vezes Pedro e Amélia, conheci, também, Felícia, mulher negra e irmã da primeira referida. O caso da construção gradual da casa de Felícia exemplifica como a territorialidade é atravessada pela relação clubística, laços de afinidade e pelas práticas econômicas. Felícia já residia no bairro, antes da Arena, trabalhando como doméstica em outras casas. A sua presença na casa e naquele terreno, situado na Avenida Padre Leopoldo Brentano, foi mediada por ações do DEMHAB, diante de sua participação em ocupações, na década de 1990.

Em 2018, a ida de Pedro e Amélia à casa vizinha de Felícia também ocorre no contexto de aproximação das irmãs e do aumento das trocas existentes entre essas redes de casas e laços de parentesco. Ao lado das duas casas, há ainda uma terceira, constituída pela filha de Amélia, marido e filhos (sobrinhos de Felícia). As iniciativas de reforma e ampliação do comércio feito por Pedro e Amélia, por outro lado, incentivaram Felícia a buscar outras rendas, abrindo um bar na garagem de sua casa.

Em algumas ocasiões, presenciei os netos de Felícia circulando no bar de Amélia, sobretudo para pegarem marmitas para o almoço ou enviar recados familiares. Em outros momentos, observei a família reunida em frente às casas, sobretudo em feriados ou dias de fim de semana, sem jogos na Arena. As trocas e transações fazem parte da rotina, além dos momentos de trabalho e festividade.

Foi em 2019 que Felícia decidiu investir no bar e na sua casa, adaptando espaços para a abertura de um comércio, que funciona em dias de jogos do Grêmio. Antes disso, nas nossas interações, ela descreveu que sua casa era “apenas uma casa de madeira de um só andar”, o que me fez pensar diretamente para como as transformações das edificações podem ser reveladoras. Mas, afinal, como dar conta de sustentar a casa, reformar e abrir o comércio e ainda auxiliar a filha e os seus quatro netos? Foram desafios enfrentados por Felícia. As reformas e a edificação de um novo comércio, uma espécie de sonho antigo, foram possíveis graças aos investimentos de um torcedor gremista. Ao ceder o espaço da antiga casa de madeira a um grupo de torcedores, Felícia conquistou amizades que mudariam radicalmente a sua trajetória residencial e comercial.

A relação com Jorge, torcedor, cliente e amigo de Felícia, foi central para o que viria a partir de 2019. Nas nossas conversas, ela apontou que Jorge foi o principal apoiador econômico para a reforma da casa e a construção do comércio na parte da frente do prédio, que passou a ser de alvenaria. O bar foi concebido num espaço amplo, contando com banheiros, churrasqueira e espaço para a cozinha. Segundo Felícia, Jorge teria aportado mais de 50 mil reais para a obra, além de remessas de dinheiro pontuais, para a manutenção do local durante os jogos do Grêmio. O torcedor, além de amigo íntimo de Felícia, é dono de um posto de gasolina e de uma construtora na serra gaúcha - não sendo residente em Porto Alegre. Para ela, os valores investidos foram elevados, mas justificados por uma relação de amizade entre comerciante e cliente. Assim, as mutações na casa revelam como afinidades, relações clubísticas e práticas econômicas são modulados e, ainda, como laços de parentesco podem ser reconfigurados.

Com as reformas, finalizadas em 2021, a filha de Felícia pôde ir morar no segundo piso da nova edificação. A mãe mora nos fundos, em um conjugado com três peças (quarto, sala e cozinha, além do banheiro na parte de comércio). A parte da casa convertida em bar foi pintada com as cores azul, preto e branco, em alusão ao Grêmio. Além de ceder o local com churrasqueira, ela costuma comercializar bebidas

com os demais frequentadores do local, exceto Jorge, que pode consumir e, se desejar, não pagar as despesas – algo que, segundo ela, não acontece com frequência.

As mutabilidades na casa, como apontei, geraram reconfigurações nos laços de parentesco e novas zonas de produção de relacionalidades (CARSTEN, 2014). Antes da reforma, Felícia ajudava Priscila, sua filha, a pagar o aluguel em outra casa no bairro, o que lhe retirava boa parte dos seus ganhos mensais como empregada doméstica. A filha por sua vez tem quatro filhos, trabalha fora, mas não conseguia sustentá-los sozinha. A possibilidade de residir no segundo piso, compor outra casa, além de ter abrigo e apoio da mãe à criação das crianças, foi um fato economicamente relevante para Priscila, mas não apenas.

A partir da mudança na casa, conversão da edificação da madeira em alvenaria, abertura do bar e sua ampliação para o segundo piso, Felícia pôde se reaproximar dos netos e auxiliar Priscila, que trabalha fora, com mais tranquilidade e proximidade. Em alguns momentos na casa de Felícia, inclusive, chamou a atenção o fato de que uma de suas netas morava realmente com ela, no primeiro piso.

Janet Carsten (2014) apresentou um olhar sugestivo para valorizar as práticas concretas e as relações de substância, nas dinâmicas relacionais do parentesco. Deste modo, é possível sublinhar como os parentes são “intrínsecos” uns aos outros, compartilhando experiências e participando ativamente nas formas de subjetivação e constituição de pessoas/famílias. As relações de parentesco, para Carsten, são também relações substanciais, isto é, envolvem vínculos com substâncias corporais e atos concretos, tais como sangue, leite materno, expressão de emoções, atos de alimentação e comensalidade, dentre outras. Neste sentido, as substâncias participam ativamente das relações, acentuando modos específicos de fazer e desfazer vínculos. Com base no caso de Felícia, gostaria de acrescentar a essa reflexão que o caráter mutável e processual das casas, também, modifica e atua na produção de diluição ou espessamento de relacionalidades, como sugere Carsten (2014).

Além disso, as temporalidades das mudanças também devem ser consideradas. A autora pondera que a compreensão do parentesco passa por zonas que acentuam seu caráter dinâmico e contingente. Carsten mostra como gradações de proximidade ou inimizade marcam os laços entre parentes, não se preocupando tanto em definir o que é ou o que não é uma afinidade parental. Em sua perspectiva, a atenção está direcionada às formas como o parentesco se acumula ou se dissolve

ao longo do tempo, ou seja, em processos de “espessamento” ou de “diluição” de relacionais. Empiricamente, é a possibilidade de trazer a filha e os netos para a mesma casa, que passa a ter dois andares, que cria uma aproximação maior de Felícia com uma das netas e possibilita Priscila modular outra casa no segundo piso, na mesma edificação, financiada por Jorge, que não se insere nas relações de parentesco, mas, com o investimento de dinheiro realizado, influencia diretamente nas dinâmicas relacionais e intersubjetivas dessa família.

Aborda-se um exemplo que permite destacar formas pelas quais as casas estão atravessadas, além das relações mutáveis de parentesco e substância, por vetores de força externos, como sugere Janet Carsten (2004), a partir de processos diacrônicos variados. Como seria possível uma reforma em toda a casa de Felícia, durante o período de pandemia, sem o vínculo com um amigo torcedor naquele ambiente, resultante da localização em relação à Arena do Grêmio?

A partir das reflexões de Carsten (2014), é possível entender como as temporalidades influem nas zonas de produção ou de diluição de relacionais. A ênfase no aspecto temporal das relações, capturadas pelo empreendimento etnográfico, opera como meio e forma de apreender as gradações e acumulações do parentesco, bem como suas rupturas e dissoluções.

Já no caso aqui descrito, procuro salientar como, efetivamente, relações comerciais e de pertencimento clubístico, laços de amizade, práticas econômicas, parentesco, relações de cuidado, circulação de crianças e casas compõem quadros de relacionais altamente dinâmicos e que revelam aspectos atrelados às mutualidades das pessoas. Esse quadro, ademais, parece ser atravessado, também, pela vizinhança com outros familiares, que atualizam, cotidianamente, as configurações de casas e suas mutabilidades.

Assim como no caso de Amélia e Pedro na relação com outros torcedores gremistas, Felícia também costuma receber e acolher Jorge e seus amigos, revelando como a hospitalidade é resultado de processos não apenas baseados em cálculos econômicos e utilitaristas. Jorge costuma contribuir, até os dias atuais, com a manutenção, limpeza e reposição de estoque de bebidas no local - através de transferências bancárias. Felícia não detalhou os valores, mas reconheceu que muita coisa melhorou, após “um anjo ter entrado em sua vida”.

Em 2022, o desejo de Felícia era de ver o retorno do Grêmio à série A do Campeonato Brasileiro, tendo em vista que “o movimento melhora se o time subir”.

Dar seguimento nas reformas, abrir o comércio diariamente (vendendo comida como em um restaurante, a partir da estrutura do bar) se tornaram os seis objetivos, perspectivas que também foram compartilhadas por Amélia, sua irmã.

Quando amigos ajudam na reforma da casa

Nas incursões do trabalho de campo, encontrei outro caso semelhante ao de Felícia, embora com distintos desdobramentos diante da pandemia de COVID-19. Rose, seu marido e sua filha de 16 anos, residem em uma casa de três pisos, na rua Seiscentos e Noventa e Cinco, paralela à Voluntários da Pátria. Conheci essa interlocutora em uma barraca de lanches e bebidas, na frente da sua residência, ainda em 2022.

Desde a inauguração da Arena, Rose vende bebidas e espetinhos nos entornos de sua casa, como forma de “fazer um extra”. Em nossas conversas, curiosamente, ela relatou que o início de seu negócio foi difícil, porém viabilizado através de um dinheiro emprestado por seu pai para a compra de alimentos e demais produtos para a venda de bebidas e espetinhos de carne assada. Na época, já residindo no mesmo local, ela e o marido encontravam-se desempregados. Em suas palavras: “ele me disse: mana, vai ter a Arena. Por que tu não pega um dinheiro e vende umas bebidas aí?”. De fato, os R\$ 500 emprestados pelo pai foram centrais para que o negócio de Rose iniciasse e que ela pudesse ter alguma fonte de renda. Junto ao marido, ela também começou a guardar carros na garagem e na frente da sua casa, aumentando os ganhos e combinando atividades durante os jogos e demais eventos.

Ao longo do tempo, além de retribuir o apoio do seu pai, Rose foi acumulando dinheiro para investir na sua casa e, pouco antes da pandemia de COVID-19, iniciou uma reforma de ampliação dos pavimentos. A ideia, em 2019, era a de ampliar a área residencial, construir mais dois pisos e fazer um espaço de convivência com churrasqueira, aos torcedores e amigos frequentadores. A sua fala é explicativa: “A Arena me deu muita coisa que eu tenho, me deu amigos”. A impossibilidade de trabalhar com os eventos durante o período pandêmico se associou à falta de entrada e de ganhos econômicos, repercutindo não apenas nas obras, mas nas formas de sustento da família.

Emocionada e praticamente aos choros, Rose fez questão de dar detalhes sobre como a pandemia foi vivenciada como drama, mas atenuado com o “apoio dos

amigos gremistas”. A sua relação com o Grêmio tem ligações com traumas de sua infância. Seu irmão, colorado, costumava lhe agredir, sobretudo quando o Internacional perdia. Ao longo do tempo, a aversão aos episódios de violência com o irmão motivou a aproximação de Rose à torcida do Grêmio, o que se soma com o fato dela ser vizinha do estádio do clube.

Além de ganhar cestas básicas de conhecidos, Rose contou que muitos de seus clientes lhe ajudaram com doações de dinheiro, o que foi fundamental para que ela pudesse se virar num momento de instabilidade financeira e, também, para que pudesse concluir as obras da casa. Foi a partir dos aportes financeiros de um grupo de frequentadores que se reúnem no bar desde 2016, convertidos em “amigos fiéis”, que Rose conseguiu concluir, ou dar seguimento às obras de sua casa. Antes da Arena, a casa tinha apenas um andar com uma laje. Em 2022, três andares a tornam uma das residências mais altas da vizinhança.



Imagem 45: coletânea de fotos em banner impresso pelos torcedores amigos de Rose. Em algumas imagens, foram registradas as obras em sua casa.

Após retomar as obras, iniciadas em 2021, contando com aportes financeiros de amigos gremistas, Rose conseguiu extrair renda da nova edificação. Em 2022, ela residia no térreo com a sua família. Os outros dois andares foram convertidos em mais dois apartamentos, quitinetes, que já se encontram alugados. Além disso, há uma terceira área com churrasqueira e banheiro destinada ao uso dos “amigos gremistas”.

Como Rose prefere trabalhar com uma barraca e toldo instalados na frente da casa, o espaço que seria do bar acaba sendo usado para estacionamento, o que contrasta com outros comércios na vizinhança que costumam usar as garagens das casas como espaço comercial. Significa em termos econômicos que a utilização do espaço da casa por torcedores, durante os jogos, é central no modelo de negócio de Rose. Ela vende bebidas e lanches na barraca situada na rua, guarda carros na calçada e na garagem de sua casa, recebe e vende produtos aos amigos gremistas na área de churrasqueira no terceiro piso da casa e, ademais, consegue ter uma fonte fixa de renda a partir dos aluguéis de duas quitinetes feitas em outros dois pisos construídos durante o período pandêmico.

O caso descrito é emblemático e sugere que os usos criativos do espaço para fins econômicos podem ser combinados a fim de articular fontes de renda fixa (como aluguéis) e fontes de renda extra (os ganhos durante os eventos).

Como Marcella Araújo (2017) expõe (em tese sobre práticas econômicas cotidianas em uma família de trabalhadores urbanos no Rio de Janeiro), a estratégia de divisão de edificações aparece em contextos nos quais as pessoas buscam multiplicar unidades residenciais independentes para criarem casas novas – para sua família, ou para fins comerciais. Desta maneira, a expressão “botar casa” é acionada por seus interlocutores, para se referir ao “fazer casa”, mas também ao “alugar”, “comprar” e “ganhar” (ARAUJO SILVA, 2017, p. 108-109). Em seu trabalho, a autora evidencia como casas são feitas e destaca a necessidade de se compreender as distintas formas de gênese das casas e suas tipificações – quitinetes, apartamento, dentre outras. Essas tipificações, na perspectiva de Araujo, carregam sentidos morais distintos, explicitados por qualificações que, frequentemente, as acompanham.

Ao reconstituir a gênese das reformas da casa de Rose, em um recorte temporal recente, pude notar que ela se refere ao local que mora como “minha casa” e, nos locais alugados, como “quitinetes”, mesmo que todos sejam na mesma edificação de três pisos. Há um terceiro local chamado de “espaço para os torcedores”, que traduz uma relação de apropriação distinta - destinado a amigos e

clientes de Rose e com um uso marcado pela temporalidade dos jogos. Os atos de classificação, assim, demarcam diferenciações, usos e hierarquias entre os espaços.

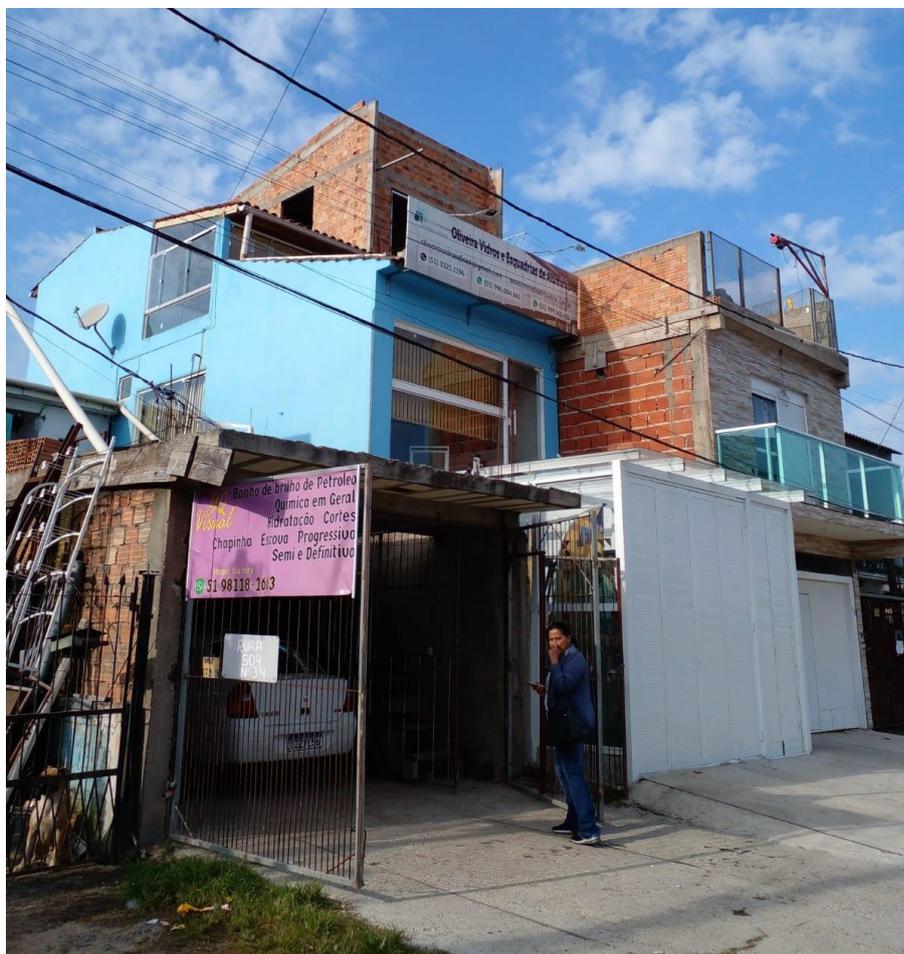


Imagem 46: Casas na vizinhança de Rose, na rua Seiscentos e Noventa e Cinco, paralela à Voluntários da Pátria. O comércio identificado por uma placa é uma loja de vidro e esquadrias, pertencente à João, comerciante do bairro. João possui, também, outros dois bares na vizinhança.

Caracterizando as casas com comércios

No *survey* realizado no decorrer da pesquisa, diante da possibilidade de saber como a arenização poderia estar atrelada às mudanças nas casas adjacentes, questionei aos participantes se haviam feito reformas após a instalação do estádio.

As percepções sobre mudanças no mercado imobiliário e nas formas de habitação e comercialização de casas no bairro estão atreladas ao espaço temporal de concretização da Arena. Além dos rumores de remoções, existem iniciativas variadas de valorização, ampliação e reforma das casas, tendo em vista a venda ou aluguel das edificações residenciais ou comerciais.

Num terceiro bloco do questionário aplicado, foram inseridas questões sobre as casas com comércio, de modo a capturar algumas de suas características mais gerais. Chama a atenção que em 32 casos as casas possuem dois pavimentos, concentrando, geralmente, o comércio no piso inferior e a moradia no piso superior:

Quantos andares tem em sua casa?	
N° de andares	N° de casos
1	13
2	32
3	6

No processo de observação foi possível notar um certo padrão arquitetônico nas residências com dois pisos, visto que muitas delas estavam inseridas em programas de construção de moradia popular, seguindo plantas e projetos pré-definidos, principalmente por órgãos a nível municipal e estadual.

Essas residências apresentam larguras médias de quatro a cinco metros e cerca de 30 metros de comprimento no terreno. As medidas aqui registradas não são exatas, apenas uma tendência aproximada. Na parte inferior, já na entrada, muitas permitiram a construção de garagens, não priorizando pátios ou áreas de lazer. Evidentemente, algumas casas não mantiveram a organização arquitetônica prevista nas plantas de origem, ou seja, passaram por reformas e modificações. Essa afirmação é embasada no seguinte dado:

Você modificou/reformou a sua casa para abrir o seu comércio?	
Sim	43 casos
Não	8 casos

Assim, cerca de 84% dos casos realizam reformas pontuais ou estruturais na casa tendo em vista a adaptação de parte de seus espaços para fins comerciais, após a inauguração da Arena. Além da adaptação de garagens, muitos estabelecimentos passaram a ter banheiros e espaços com churrasqueiras ainda no primeiro pavimento ou na área destinada ao comércio. Outros, concentraram a cozinha da casa e do comércio em apenas um cômodo. Curiosamente, nenhuma área destinada ao

comércio, no interior das casas, se transformou em área residencial, quando o espaço está fechado ao público externo. Apenas em um caso isso foi evidenciado, a partir da separação conjugal de duas pessoas (uma delas passou a usar o espaço do comércio como habitação).

Isso não significa, contudo, que as áreas comerciais, no âmbito das casas, não sejam empregadas para outros fins, como para o lazer entre familiares, ou como estacionamento, quando necessário.

No quesito quantidade de pessoas por habitação, foi possível estimar o número de pessoas por casa:

Quantas pessoas moram na casa, no total?	
N° de pessoas residindo por casa	N° de casos/casas
1	6
2	10
3	16
4	8
5	3
7	3
Nenhum residente	5

As casas acima de três pessoas são compartilhadas, muitas vezes, por um casal e filhos. Existem, também, casos nos quais irmãos e filhos residem na mesma moradia. Muitos adultos, por proximidade, acabam auxiliando no funcionamento dos comércios, o que facilita a organização das atividades. Em relação ao número de proprietários das casas com comércios próprios:

Você é proprietário do imóvel, ou aluga?	
Imóvel próprio	44 casos
Alugado	7 casos

A grande maioria, 86% do total de comerciantes entrevistados, possui seu comércio em imóvel próprio, não tendo gastos com valores mensais de aluguel ou de

manutenção predial como inquilino - o que influencia diretamente o valor final de ganho mensal.

De modo complementar, para a identificação de redes familiares, a questão “tem familiares no bairro?” evidenciou que 34 interlocutores (66% da amostra) possuem outros vínculos familiares e 15 deles não possuem (29%). Apenas dois não quiseram declarar (5%). Logo, as famílias não estão concentradas em uma única casa e sim conectadas através de diferentes moradias. A indagação seguinte teve relação com as redes familiares mediadas também pelos comércios:

Tem familiares com outros comércios em casas no bairro?	
Sim	15
Não	33
Não quis declarar	3

Combinando atividades em casas diferentes

Em uma tarde de março de 2022 caminhava, mais uma vez, pela avenida Padre Leopoldo Brentano. Por cima do viaduto, na chamada Esplanada da Arena, via homens e carros carregando ferros e equipamentos de proteção do estádio, seguramente desmontando as estruturas do show do dia anterior. Embaixo do viaduto, pessoas em situação de rua circulavam e dialogavam com alguns conhecidos do bairro. Quase em frente, uma parada de ônibus e, ao lado, a sede de um coletivo de torcedores gremistas, autointitulado “Grêmio mais Democrático”. Olhando ao interior daquela casa de três pavimentos, separada da rua por uma porta de ferro, avistei uma mulher. Gentil e disposta a conversar. Sônia, 62 anos, foi a primeira entrevistada daquele dia. Iniciamos pouco antes das 15 horas.

Em suas declarações, chamou a atenção que ela era responsável por cuidar, administrar e gerir aquele espaço, alugado pelos representantes do movimento mencionado. Ela não tinha um salário, ou um ganho fixo. Seu lucro vinha de comissões com a venda de garrafas e latas de cerveja aos membros do coletivo gremista (promovido por cerca de 80 contribuintes, fora seus convidados).

Reporta-se a um espaço amplo, situado no térreo. Segundo ela, é alugado por R\$ 1.400, sendo separado de mais três apartamentos quitinetes. O proprietário vive

com a renda de aluguéis de dois apartamentos e do espaço cuidado por Sônia, residindo em um terceiro piso. Ela explicou que, ainda em 2012, a sede foi inaugurada e com o dinheiro dessa locação, seu Alcindo, proprietário da casa, construiu mais um andar e dois quitinetes. Ela detalhou como procurou convencer Alcindo a investir na casa, ampliar a edificação e transformá-la em potencial fonte de renda fixa.



Imagem 47 e 48: Sede do “Movimento Grêmio Mais Democrático” no térreo da casa. Moradias no segundo e terceiro piso, vistas de fora na primeira foto.

Sônia, ao contrário do que vimos em outros casos, não foi tão afetada economicamente pelas restrições da pandemia. Sua principal atividade profissional é como costureira, em uma peça alugada na vizinhança de sua casa no mesmo bairro. Mesmo sem ter as comissões oriundas das vendas na sede do movimento gremista durante a pandemia, Sônia conseguiu se virar e ter ganhos significativos: “me virei vendendo máscara, vendia por atacado”.

Machado da Silva (2018, p. 15) destacou que o trabalho independente tem como aspecto fundamental a criação de demanda por uma atividade laboral pelas pessoas responsáveis - processo que o autor categoriza como “automobilização”. No caso de Sônia, veio associada com uma demanda não apenas criada, mas uma necessidade coletiva de proteção. Sem os ganhos no bar e sem poder exercer o trabalho de costureira com peças habituais, a iniciativa criativa de fazer máscaras de proteção para venda foi uma estratégia de obtenção de renda. Para Machado da Silva

(2018), essa automobilização do trabalho independente revela uma inevitável personalização da atividade laboral, vista não apenas na costuraria, mas principalmente no trabalho com o bar dentro do espaço coletivo de torcedores gremistas. Existem atributos experienciais aprendidos ao longo do tempo na gestão do espaço comercial e organizacional, que possuem efeitos econômicos diretos. O fato de Sônia ter comemorado títulos com torcedores, na casa que cuida, a aproximou e gerou relações de amizade.

Com os valores conquistados com a costura e a venda de máscaras de proteção pessoal, usadas e vendidas de forma ampla durante o período, Sônia disse que conseguiu ter uma boa renda (sem falar de valores) e, também, “sustentar sua família”, incluindo o marido, que é dono de outro bar nos entornos da Arena. Por consequência, os ganhos que deixou de obter com as vendas durante os jogos não lhe afetaram tão profundamente. Antes, formavam apenas uma parte de sua renda. Mas como a sua principal atividade econômica é a costura, relatou: “Pude comprar uma geladeira nova, inox, duas portas e outras mobílias para a minha casa. Ganhei dinheiro na pandemia, venho aqui na sede porque tenho amigos, uso o espaço para encontros com minha família, fora dos jogos, e porque me faz bem”. Preparando-se para alugar um espaço ainda maior para costurar, Sônia não escondeu sua satisfação em estar investindo num sonho antigo: refazer um ateliê com mais espaço para o seu trabalho artesanal.

A situação vivenciada durante o período pandêmico por Sônia e por seu marido Gabriel, aposentado e comerciante, anunciava um contraste significativo. Enquanto a costureira estava fazendo e expandindo negócios, ele fazia tratamentos para problemas de saúde graves. Já Sônia, me falava feliz de como havia tido muito trabalho e, a partir de seus lucros, estava investindo em sua casa e melhorando suas condições de trabalho.

Em outubro de 2022, ao conversar com seu Gabriel, marido de Sônia, soube que ela já estava instalada no novo ateliê, mais espaçoso, dando continuidade ao trabalho de costureira.

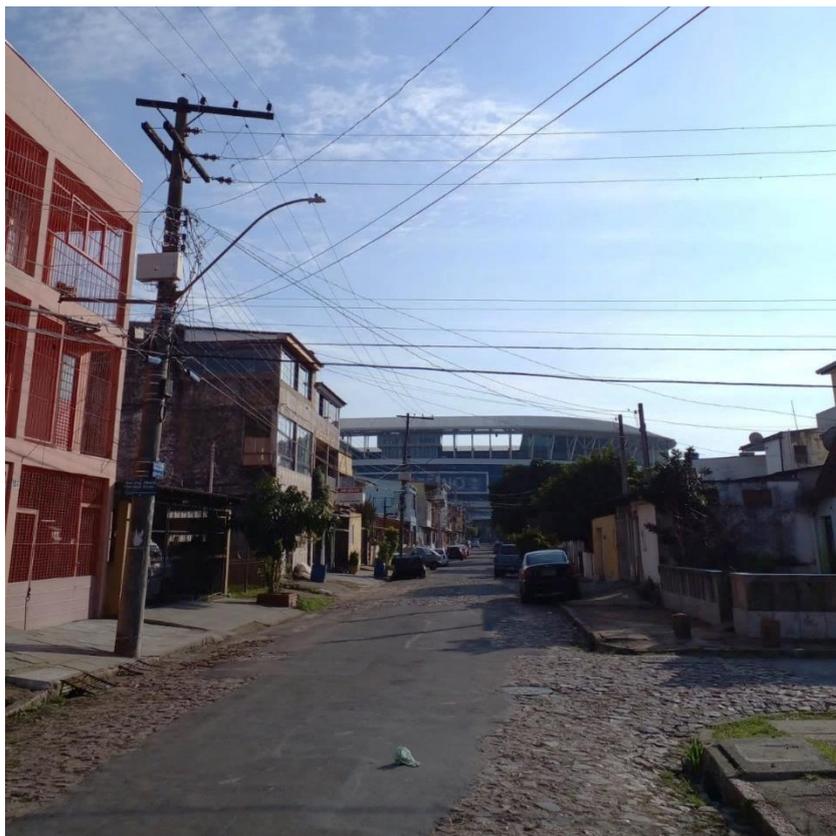


Imagem 49: Rua Luiz Carlos Pinheiro Cabral, nas proximidades do Ateliê de Sônia. Manhã de 14 de maio de 2022 (acervo do autor).

Mudanças no mercado imobiliário

Existiram outros casos de comerciantes que, no período pandêmico, tiveram que se reinventar profissionalmente e atuar de forma diversa em relação aos seus ofícios habituais.

Jonas, 27 anos, reside no bairro Farrapos em uma casa que divide com a esposa, Gabriela, a sogra e o sogro. Embaixo dessa residência, encontra-se um dos mercados mais frequentados do bairro.

Antes da pandemia, Jonas era motorista de táxi, trabalho que herdara do seu pai que possuía uma frota de veículos desse tipo. Com as restrições econômicas e sanitárias, a partir de 2020 viu sua ocupação declinar e gerar poucos ganhos econômicos. Sua esposa, igualmente, ficou desempregada. A saída passou pela capacidade de investimento da família em um novo espaço comercial, localizado na avenida Padre Leopoldo Brentano. O terreno foi comprado pela sogra de Jonas, que manteve uma pequena casa nos fundos e investiu na construção de um galpão, adaptado para contemplar um bar e uma área de pátio na parte da frente. A partir de

2021, Jonas e Gabriela passaram a organizar um novo bar no local, focado na venda de bebidas alcóolicas durante os dias de jogo do Grêmio. O exemplo desse casal serve para mostrar como os espaços podem ser apropriados de formas diversas.

No terreno e galpão gerenciados pelo casal constam, além do bar, espaço para outras atividades comerciais: nos fundos, uma quitinete é alugada; embaixo, localiza-se o bar e o equipamento básico (freezers, principalmente); na parte da frente, um espaço para a colocação de um food truck, que também é alugado. Na calçada existe, também, um ponto para a venda de chopes. Além disso, no contexto da eleição gremista, o espaço da grade de entrada também foi reservado e alugado para a colocação de uma placa de um consulado e de um candidato político, durante período eleitoral determinado. Assim, em um mesmo espaço observamos a combinação de cinco atividades ou modos de obtenção de dinheiro tendo em vista a monetização de espaços e dos pontos comerciais. Jonas e Gabriela passaram a ter renda mensal e a dividir os lucros do comércio com a sogra.

Ainda em outubro de 2022, Jonas conseguiu virar proprietário de um carro táxi que pertencia a seu pai. Na atualidade, voltou a trabalhar dirigindo táxi, além de seguir com as ocupações comerciais. O estoque de bebidas do bar não fica no mesmo local. Ele advém de outra casa que abastece igualmente o mercado gerido pelos sogros. A casa com estoques de bebidas fica no lado oposto da rua, onde se situa o mercado (que funciona como bar a noite e é aberto diariamente).

Essa casa é outro exemplo de investimento imobiliário com retornos consideráveis aos donos do mercado. Isso porque, na metade de 2022, dois novos espaços comerciais com áreas de convivência e churrasqueiras estavam sendo concebidas ali, além do cômodo amplo que já servia como estoque de bebidas. As áreas seriam destinadas para sedes de coletivos organizados da torcida gremista e, segundo a sua proprietária, já estariam ambas reservadas e alugadas. De tal modo, uma mesma família movimentou o mercado imobiliário do bairro a partir da modulação de três casas em espaços comerciais: uma primeira, que já existia antes da Arena, que serve de residência no segundo pavimento e é um mercado com atividades de bar, no primeiro piso; uma segunda, monetizada de formas distintas por Jonas e Gabriela; e uma terceira, a casa fragmentada em, no mínimo, três cômodos diferenciados: um que serve como estoque e armazenamento de produtos, outros dois que são destinados ao uso eventual de torcedores inquilinos.



Imagens 50 e 51: Casas para aluguel e venda nos entornos da Arena. 14 de maio de 2022 (acervo do autor).

As mudanças no mercado imobiliário do bairro são notadas e percebidas por muitos moradores. Próximo ao mercado mencionado, conversei certa vez com outra pessoa, que detém um bar no piso térreo de sua casa. Ela relatou um efeito surpreendente das dinâmicas de valorização imobiliária nas imediações da Arena. Citou que alguns proprietários estão desalojando inquilinos com aluguéis fixos e mensais, de modo a transformar os espaços das casas alugadas e convertê-las em sedes para consulados e coletivos de torcedores gremistas. Exemplificou a situação de uma vizinho: “ele quer fazer quatro sedes, quatro aluguéis de R\$ 1.500, ao invés de ganhar só um aluguel e se incomodar diariamente com um inquilino”. Segundo ele, o aluguel para os consulados e coletivos gremistas é mais vantajoso porque os frequentadores apenas se fazem presente durante os eventos, não incomodando os proprietários.

Na mesma rua, observei que algo semelhante ocorre com outra casa que abriga duas sedes de coletivos de torcedores. Conversei com a filha do proprietário, que disse residir no local, mas não saber como funcionam os aluguéis do pai. Apenas afirmou que são locais ocupados em dias de jogos.

Ademais, quais foram as outras mudanças no bairro, na perspectiva de quem nele mora e faz negócios?

As mudanças pós-Arena na percepção dos interlocutores

Na perspectiva dos 51 participantes da pesquisa, a construção e o funcionamento da Arena geraram aspectos positivos e negativos ao bairro. Convém situar, apesar disso, que as percepções se referem principalmente às ruas e avenidas nos entornos do estádio, não contemplando visões sobre as regiões interiores e mais afastadas, que apresentam disparidades nas infraestruturas públicas e nos tipos de moradias existentes, onde se encontram casas de alvenaria, de madeira, barracos de tapume, dentre outros materiais. A tabela a seguir sistematiza um conjunto de percepções:

Como notou a chegada da Arena no bairro? O que significou para você?	
Aspectos positivos	Aspectos Negativos
Aumento do número de comércios e de clientes/consumidores	Excesso de barulhos dos eventos (festas, jogos e shows no estádio)
Geração de empregos e de melhorias na renda de muitas famílias	Poluição das ruas e avenidas com resíduos e materiais variados, antes e após eventos no estádio
Produziu novas amizades e laços de parentesco	Inundações das ruas e casas aumentaram
Valorização das casas e maior especulação imobiliária (imóveis nos entornos da Arena dobraram ou triplicaram o valor, após 2012)	Maior movimentação de pessoas e possibilidades de tumulto/confusão
	Insegurança e violência patrimonial (furtos em casas e comércios)

<p>Aumento no valor dos aluguéis no bairro</p> <p>Ampliou a sensação de segurança</p> <p>Melhorias na infraestrutura das ruas, calçadas e demais vias públicas do bairro (revitalizou a região)</p> <p>Obras pontuais de saneamento básico e tratamento de esgoto</p> <p>Atraiu ações de projetos sociais</p> <p>Ampliou a visibilidade do bairro na mídia.</p> <p>Atraiu novos moradores, principalmente pessoas que residiam em outros bairros de Porto Alegre ou no interior do estado.</p>	<p>Violência nas ruas: mais assaltos pela noite</p> <p>Dificuldades de mobilidade e de transporte, principalmente em dias de jogos e eventos</p> <p>Aumentou a demanda por serviços públicos, que não foram viabilizados (como um hospital para a região)</p> <p>Ampliação no valor dos aluguéis no bairro (desfavorecendo inquilinos com menor faixa de renda).</p>
--	--

Chama a atenção como categorias como “progresso”, “melhoria”, “crescimento” e “desenvolvimento” foram mobilizadas por diferentes interlocutores, quando narraram suas perspectivas sobre aspectos positivos da construção e inauguração do estádio na localidade. Além do destaque para o aumento do número de comércio e de serviços públicos, outros dois pontos foram salientados: a valorização econômica de imóveis e ampliação da especulação imobiliária (“as casas pegaram preço”, disseram alguns, sinalizando novos valores para compra e venda, além de aluguel de casas e apartamentos); e, ainda, a ampliação da infraestrutura urbana (asfaltamento de vias, alargamento de calçadas, construção de viadutos, ampliação da rede elétrica e de tratamento de esgoto, dentre outros).

Surgiram também outras noções ligadas ao desenvolvimento: “a Arena veio e puxou a prosperidade para cá”, afirmou uma interlocutora. Após expor como havia problemas de saneamento básico na região e dificuldades com ruas sem pavimentação, para ela o bairro Farrapos era o equivalente ao “lado esquecido da cidade”, como se fosse uma “favela”. Há, evidentemente, um tom pejorativo ao emprego da categoria favela, que, nesse sentido, estaria vinculada a um território destituído de infraestrutura. Outra entrevistada, resumiu: “a Arena trouxe dinheiro, foi bom”. Uma terceira, ainda, declarou: “eu amo a Arena. O torcedor te traz alegria, emprego. O Grêmio me deu tudo isso”.

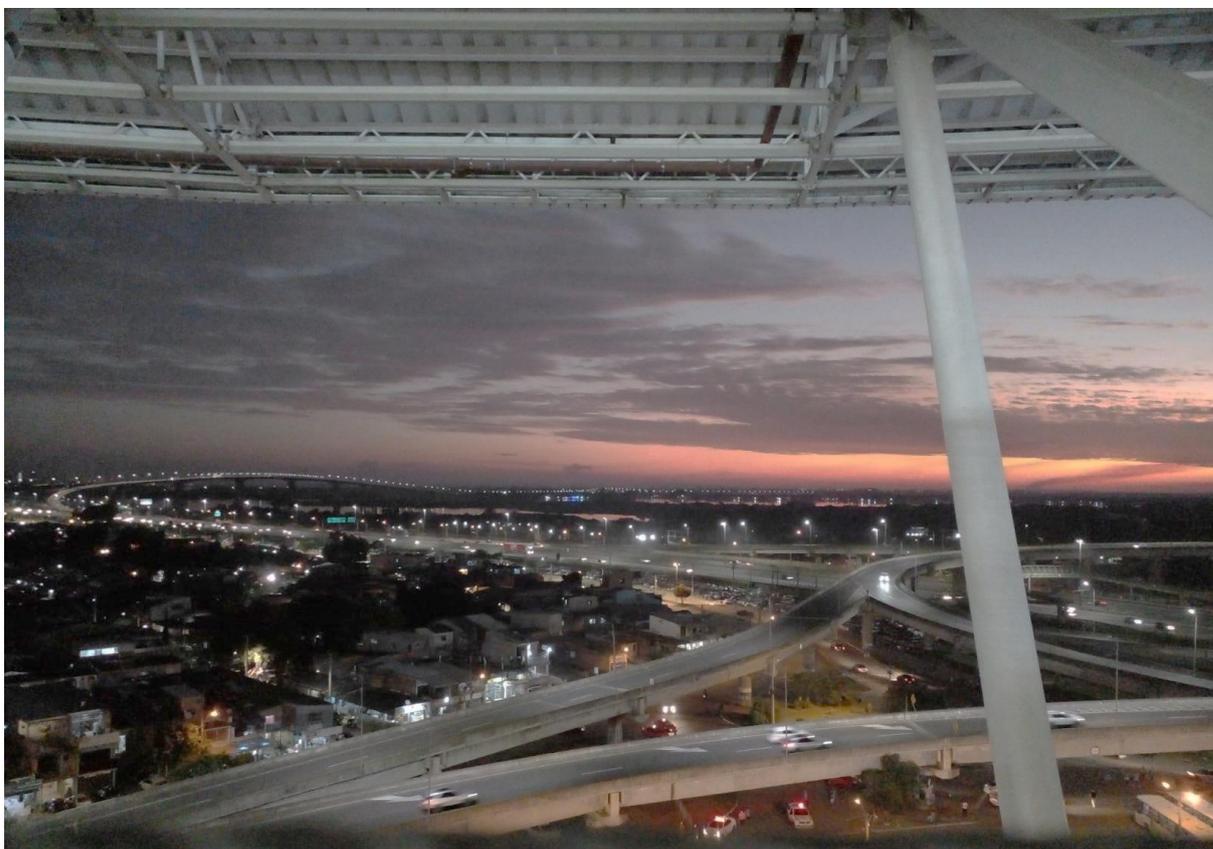


Imagem 52: Viaduto de acesso à BR-448, visto de dentro da Arena. Grêmio x Guarani, 21 de abril de 2022 (acervo do autor).

A análise das intervenções urbanísticas demonstra que, junto a elas, perspectivas de tempo e espaço parecem estar acopladas, conferindo sentidos às maneiras pelas quais elas são incorporadas ao território ou apropriadas pela comunidade. Como Akhil Gupta (2018, p. 63) alertou, investimentos formais e planejamentos de infraestruturas envolvem cálculos de futuro, ao mesmo tempo que buscam concretizar esse futuro imaginado, prometido e planejado. No entanto,

quando a incerteza se instaura, essa articulação entre o tempo presente e o tempo futuro pode ser desfeita. Diante da impossibilidade de conclusão de todo o projeto do Complexo Multiuso da Arena do Grêmio, que previa ainda mais infraestruturas no bairro, algumas materialidades ganharam novos significados e possibilitaram a construção de novos futuros. Isto é, as casas que não foram removidas hoje, potencialmente, puderam usufruir da sua permanência no bairro e, algumas delas, já se converteram em pontos de comércio, ou foram valorizadas pelo mercado imobiliário. Novos horizontes foram abertos, a partir da incerteza produzida por um projeto imobiliário que desconsiderou acordos pretéritos destinados à habitação social.

De modo complementar, escutam-se críticas quanto ao tratamento e interlocução do clube com os moradores e comerciantes do bairro. Um interlocutor, por exemplo, citou o trabalho do departamento de responsabilidade social do Grêmio, que teria “dado uma maquiada no bairro” através de ações pontuais e assistencialistas. Em sua perspectiva, a Arena teria atraído o olhar do “poder público e da cidade para a zona norte”, dando mais visibilidade ao 4º distrito. No tópico seguinte, discuto as percepções sobre a relação entre o clube e os moradores do bairro.

Relações entre clube e comunidade

Outro dado gerado a partir da aplicação dos questionários refere-se à percepção de comerciantes acerca da relação com o clube e de suas aproximações institucionais com os comércios do bairro.

Para você, como é a relação do Grêmio com os comerciantes?	
	Nº de respostas
Inexistente / nenhuma	46
Não é boa	1
Boa (por conta dos torcedores)	2
Pontual (o clube faz ações em datas festivas e de assistência social)	2

Notadamente, as interlocuções e aproximações com o clube não são expressivas. As relações entre representantes do Grêmio e comerciantes locais

revelam tensões, alianças e conflitos. A construção da Arena veio repleta de controvérsias e promessas por parte dos responsáveis pela obra e pelo clube. Havia, na época, um amplo projeto de medidas compensatórias para melhorias na região. Os desdobramentos da Operação Lava-Jato, contudo, envolveram a empresa construtora do empreendimento em situações judiciais sem precedentes: a OAS passou por um quadro de recuperação judicial e credores manifestaram pedidos sucessivos de falência. Na atualidade, a construtora busca restabelecer-se e dar sequência a projetos pendentes⁷¹.

O caso gerou implicações diretas às realizações de obras de melhorias de infraestrutura nos entornos da Arena: Grêmio, investidores, bancos, Ministério Público e governos locais disputam na justiça o redesenho do projeto e a necessidade de realização das obras (um acordo foi assinado em 2021, prevendo que as obras fossem retomadas)⁷². Como as obras de melhorias dos entornos não foram realizadas, o clube de futebol não realizou a permuta esperada, que estabelecia repassar a área do antigo estádio para a exploração imobiliária, para que ele pudesse gerir definitivamente a sua Arena.

Com efeito, poucas obras no bairro Farrapos foram realizadas. As ações só foram retomadas em 2021. Evidentemente, o novo estádio gerou impactos no bairro, que já tinha problemas de infraestrutura, sobretudo, no sistema de esgoto, drenagem da água da chuva e na sua infraestrutura urbana, de modo geral. Em dias de jogo, relatos indicam reclamações de moradores, em relação a ônibus cheios com torcedores e com os efeitos da superlotação do bairro (barulho, insegurança, trânsito, tráfico de drogas, prostituição, dentre outros)⁷³.

Para tentar reverter os prejuízos da situação à sua imagem institucional, o Grêmio iniciou uma série de ações com a comunidade local (nos bairros adjacentes ao estádio - Farrapos, Humaitá e Navegantes), como estratégia de marketing

⁷¹ Mais informações sobre a situação da empresa OAS estão disponíveis no portal UOL: <<https://noticias.uol.com.br/colunas/rogerio-gentile/2020/10/15/oas-enfrenta-novo-pedido-de-falencia-apos-sair-da-recuperacao-judicial.htm>>.

⁷² Conforme o site da Prefeitura de Porto Alegre: “As obrigações assumidas pela OAS Investimentos terão custo aproximado de R\$44 milhões e incluem a execução de obras na avenida A.J. Renner, avenida Padre Leopoldo Brentano e rua José Pedro Boéssio; a construção do quartel para o 11º BPM e da Estação de Bombeamento de Esgoto (EBE)”. Informações disponíveis em: <<https://prefeitura.poa.br/pgm/noticias/assinado-acordo-definitivo-para-obras-do-entorno-da-arena>>.

⁷³ A reportagem do portal “Editorial J” da universidade PUC-RS registra na sua chamada: “Euforia de comerciantes contrasta com queixas de vizinhos na Arena do Grêmio”. Matéria em: <<http://www.editorialj.eusoufamecos.net/site/noticias/acontece/euforia-de-comerciantes-contrastacom-queixas-de-vizinhos-da-arena-do-gremio/>> .

esportivo e aproximação e engajamento no clube⁷⁴. O projeto “Comunidade Tri” foi desenvolvido como forma de aprimorar as estruturas e áreas de convivência nos entornos da Arena e promover uma maior participação dos moradores nessas melhorias. Iniciativas de “ajardinamento, remoção de focos de lixo, regularização de comércios, reforço de sinalização, plantio”, dentre outras (doação de cestas básicas e eventos para o público infantil) já foram realizadas ao longo dos anos⁷⁵.

Uma das iniciativas, divulgadas em 2015, foi o envolvimento do Grêmio na pintura de 300 casas⁷⁶. A partir da cedência dos materiais e das tintas, representantes do clube propuseram aos moradores que suas casas e comércios fossem pintados com as cores de azul celeste, preto e branco, uma maneira criativa de tentar identificar o território a partir de identificações clubísticas. Em parte, a iniciativa deu certo. Mas foi questionada: muitos moradores, como pude ver no trabalho de campo, são torcedores do Internacional e não se sentem representados pelo clube rival (“Imagina se eu ia deixar pintarem a minha casa de azul!?”), reclamou um vizinho do estádio durante a pesquisa etnográfica).

A ação, como a mídia local divulgou na época⁷⁷, foi inspirada na relação do clube argentino Boca Juniors com o seu bairro de origem, “la Boca” (com casas coloridas, muitas em amarelo e azul). Na tese de doutorado de Antônio Cruz, Buenos Aires aparece como a cidade com maior número de estádios e equipes profissionais em atividade no futebol argentino. Cerca de 79 estádios eram, na época, encontrados naquela capital, o que a projeta nacional e internacionalmente, sendo reconhecida como “estadiolândia” na literatura especializada (CRUZ, 2010, p. 204).

A estratégia do Grêmio, de pintar casas do bairro com as cores do clube, foi uma iniciativa de marketing, o chamado “mutirão tricolor”, reconhecido pela imprensa local. Uma forma eficiente de compor territorialidades e pertencimentos clubísticos – expondo, mediante um apelo estético, a força do clube aos torcedores e moradores de toda a cidade.

⁷⁴ Em 2015, o diretor-executivo de marketing do clube participou de eventos na CBF, comunicando ações clubísticas para a ampliação do quadro de sócios e do projeto “Comunidade Tri”: <<https://www.cbf.com.br/a-cbf/informes/legado/diretor-do-gremio-no-curso-de-gestao-de-futebol>>.

⁷⁵ Sobre o projeto “Comunidade Tri”, no site do Grêmio, ver: <<https://gremio.net/conteudo/index/38>>.

⁷⁶ Informações sobre o projeto gremista e o chamado “mutirão tricolor” estão no portal Lance: <<https://www.lance.com.br/gremio/mutirao-tricolor-gremio-pinta-casas-entorno-arena.html>>.

⁷⁷ Nos discursos institucionais e midiáticos, o bairro “La Boca” era a inspiração às ações gremistas: <http://www.espn.com.br/noticia/564098_inspirado-no-boca-gremio-comeca-pintura-de-casas-no-bairro-da-arena> .

As observações etnográficas de Antônio Cruz foram realizadas no Brasil, na Argentina e em eventos da Copa do Mundo FIFA de 2006, na Alemanha. Um dos achados deste trabalho trata da localização geográfica dos estádios localizados nos tecidos urbanos das cidades como um “elemento importante na formação de laços afetivos e simbólicos entre a torcida, a população local e os espaços esportivos” (CRUZ, 2010, p. 163). A partir de conceitos como “topofilia” (que comunica elos afetivos entre pessoas e lugares) e “topofobia” (medo subjetivo de determinados espaços e lugares) presentes na literatura geográfica, o pesquisador ressalta como a noção de “casa” pode ser articulada para traduzir conexões entre torcedores e estádio:

“Para além da noção de que o estádio de futebol é a “casa”, não somente do clube e equipe de futebol, mas também de sua torcida, devendo ser defendida, portanto, com unhas e dentes, isto é, sua capacidade de representar uma comunidade (real ou imaginada) ou cidade inteira, uma série de fatores podem contribuir para a geração de sentimentos de *topofilia* e *topofobia* em relação ao estádio de futebol. Características arquitetônicas próprias de cada estádio; facilidade de acesso e oferta de transporte público; o tipo de ocupação de seu entorno (residencial, comercial, parques); a integração do equipamento ao cotidiano da população local; sua capacidade de gerar benefícios (ou prejuízos) econômicos para o comércio local (tais como donos de bares situados perto do estádio, vendedores ambulantes, donos de estacionamentos, lojas de material esportivo, entre outros), são todos fatores que podem afetar o sentimento positivo ou negativo que um estádio de futebol pode gerar nos seus usuários” (CRUZ, 2010, p. 163-164).

Interessante notar que Antônio Cruz, ainda em 2006, notou como os estádios da Copa do Mundo FIFA na Alemanha estavam situados em regiões afastadas dos centros citadinos, nos limites do perímetro urbano, distantes do cotidiano de zonas residenciais e centros comerciais. Os estádios estavam “de certa forma segregados da vida cotidiana das cidades, localizados dentro de grandes áreas verdes e parques municipais ou em grandes complexos desportivos/recreativos”, sendo acessados por veículos particulares ou transportes coletivos urbanos (CRUZ, 2010, p.164).

Em contraste, estádios no Rio de Janeiro (como o Maracanã) e em Buenos Aires (como “la Bombonera” ou “el Monumental de Núñez”) apresentam complexas ligações com as localidades e com as cidades nas quais se situam. Situações semelhantes são encontradas em outras cidades brasileiras, como em Porto Alegre

(Arena do Grêmio e estádio Beira Rio). No caso da Arena, me parece que os modos de funcionamento e socialidades resultantes dos comércios nos seus entornos despertam sentimentos de “topofilia” nos torcedores e visitantes, em relação a localidades específicas do bairro, destacadas ao longo da pesquisa.

Fazendo casas mutáveis

Neste capítulo, a partir da mobilização de um conjunto de descrições etnográficas, busquei demonstrar como, além dos comércios em casas variadas, outros mercados e práticas econômicas podem ser notados nos entornos da Arena do Grêmio.

Na relação com alguns interlocutores pude ponderar como diversas atividades podem ser combinadas, ampliando o leque de opções para se ganhar a vida e obter dinheiro, circulando e sendo investido.

Como boa parte da literatura ressalta, valorizei a abordagem da casa como “fio condutor” para se pensar processos e fluxos cotidianos e eventos extraordinários, já que quando as pessoas fazem casas e coisas, fazem a si mesmas e os mundos que habitam (CARSTEN, 2004; MOTTA, 2014). Notar as casas como espaços de vida de um conjunto de pessoas e suas transformações ao longo do tempo, mediante influências políticas e macroeconômicas mais amplas, traduz uma visão que as considera como parte de processos dinâmicos, atrelados a novas socialidades.

Ao retratar da mutabilidade das casas em períodos de crise, busquei demonstrar como as relações entre comerciantes e clientes não se resumem apenas a trocas monetárias. Há um componente de personalização, possibilitado também pela relação de pertencimento clubístico e pelas trocas econômicas relacionadas. Assim, torcedores podem ser “amigos”, “investidores”, ou “anjos” e, efetivamente, podem atuar economicamente nas construções, reformas e ampliações das casas e comércios – articulando dinheiro, socialidades e casas num espaço e tempo determinado.

Por fim, mostrei como mudanças na valorização das casas ocorreram, a partir dos novos empreendimentos planejados e formalizados no bairro. O mercado de venda e aluguel imobiliário, ao que pude notar, está aquecido nas localidades estudadas. Desta maneira, retrato novos modos de circulação de dinheiro e de obtenção de renda, aos proprietários dos imóveis que fragmentam, ou ampliam, casas

para a criação de quitinetes, ou para a composição de espaços de convivência para coletivos de torcedores.

Ademais, descrevi percepções dos comerciantes sobre outras mudanças no bairro, após o advento do estádio gremista. Esse enquadramento permitiu, ainda, a exposição de constatações pontuais sobre a relação institucional entre clube e comunidade.

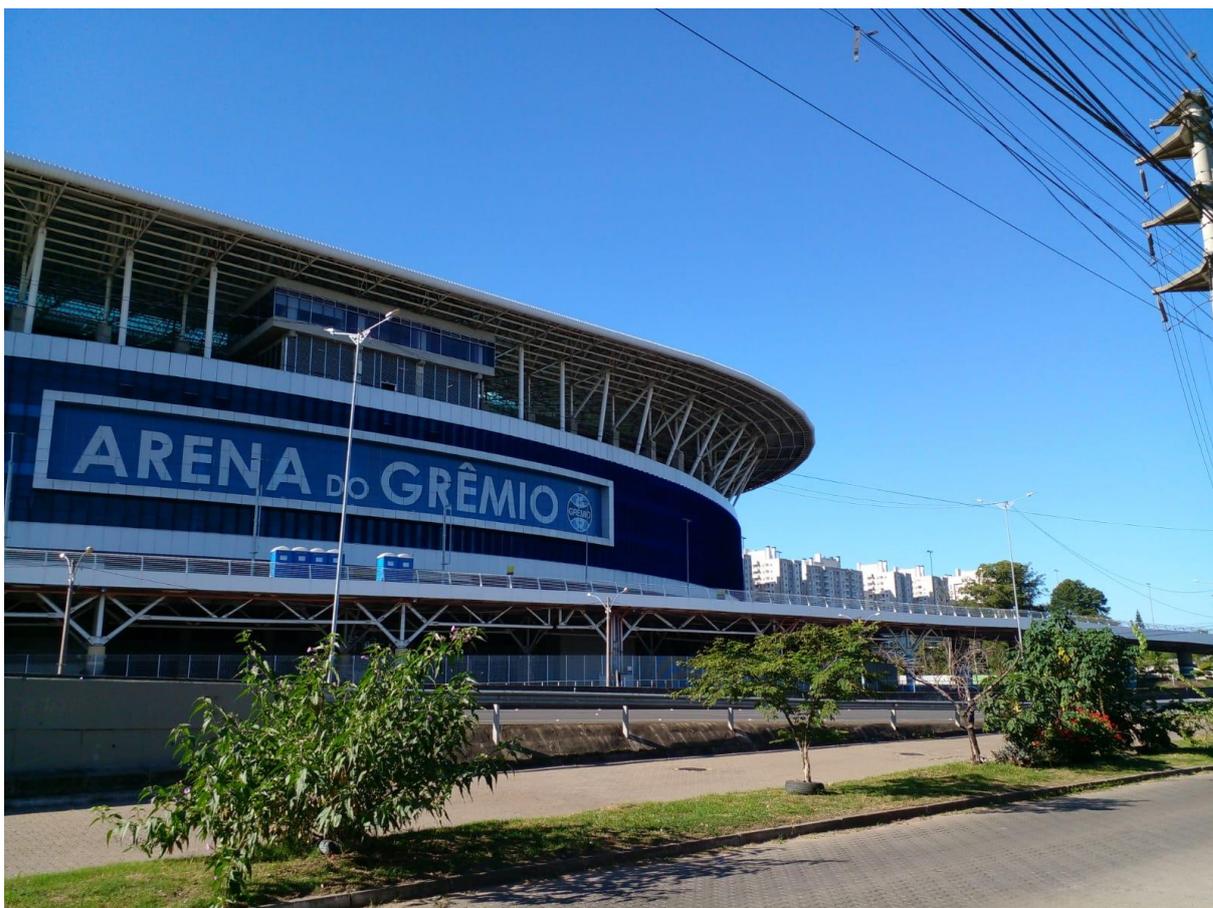


Imagem 53: Arena vista da av. Padre Leopoldo Brentano, 20 de abril de 2022 (acervo do autor).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

"O que sempre vemos e encontramos pode ser familiar, mas não é necessariamente conhecido e o que não vemos e encontramos pode ser exótico, mas, até certo ponto, conhecido. No entanto, estamos sempre pressupondo familiaridades e exotismos como fontes de conhecimento ou desconhecimento, respectivamente" (VELHO, Gilberto, p. 126, 1978).

Ao longo deste trabalho, procurei demonstrar como práticas econômicas são moduladas a partir de casas, que passaram a ser convertidas, também, em espaços comerciais, em localidades adjacentes à Arena do Grêmio.

A construção desse objeto ocorreu a partir de minhas aproximações com o estádio, ainda como torcedor e trabalhador naquele local. A conversão do meu olhar enquanto pesquisador possibilitou uma compreensão antropológica fundamentada sobre a relação entre casas, comércios e temporalidades.

Como introduzi nesta dissertação, para quem “é de fora da vila” e não reside no bairro Farrapos, como é o meu caso, a aproximação territorial costuma, também, ser mediada por definições temporais associadas aos eventos realizados na Arena. É a partir do pertencimento clubístico e de manifestações torcedoras variadas que os “de fora” conhecem e vivenciam o bairro, se apropriando de um conjunto de práticas que dão sentidos cognitivos e emocionais ao torcer. Esses sentidos, também, são mediados pelas trocas econômicas e pelas diversas transações, que ocorrem nas casas e nas ruas.

Entretanto, procurei analisar não como os torcedores, gestores e jogadores gremistas vivenciam o bairro e suas socialidades clubistas (compondo territorialidades e conexões com os espaços urbanos de fora do estádio). O foco do trabalho esteve nas perspectivas de moradores comerciantes do bairro, para os quais as obras, os megaempreendimentos e suas materialidades, produtores de fluxos sazonais de pessoas, representaram a abertura de um campo de possibilidades econômicas e vitais, até então inexistentes. Objetivei examinar efeitos de práticas clubísticas e de eventos na Arena sobre as casas e na modulação de práticas econômicas, privilegiando o ponto de vista das famílias que possuem negócios e múltiplas experiências de comércio.

Em dezembro de 2022, muitos gremistas e comerciantes exaltaram os 10 anos da Arena do Grêmio. Para alguns, o fato de “viver da Arena”, como sugerido por um

dos meus interlocutores, implicou na modulação de um complexo campo de ações e de maneiras de pensar. Esse campo conecta casas, comércios, transações e relações variadas entre familiares, parentes, amigos, vizinhos, torcedores do clube, além do público de outros eventos realizados no estádio.

Estruturei a pesquisa buscando responder as seguintes questões: a) Como a arenização do futebol e as transformações urbanas relacionadas, no região do bairro Farrapos em Porto Alegre/RS, modulam práticas econômicas, dinâmicas familiares e mudanças nos espaços e nas disposições das casas? b) De que forma práticas econômicas, parentesco e casas estão conectados com temporalidades e modificações urbanas no território? c) Como, do ponto de vista dos moradores comerciantes, é possível ganhar a vida (e tornar o cotidiano habitável) a partir de empreendimentos feitos no bairro, sobretudo da própria Arena do Grêmio?

Para responder à primeira questão, produzi e mobilizei evidências etnográficas nos capítulos 1 e 2 através da observação participante e do uso dos dados oriundos do *survey*. Desta forma, no primeiro capítulo, descrevi transformações em casas e no bairro Farrapos, antes e depois da Arena, como empreendimento e de outras obras de infraestrutura urbana. Valorizei historicidades descritas por determinados interlocutores de pesquisa, fontes em jornais e trabalhos acadêmicos, bem como registros fotográficos de casas e espaços comerciais.

Foi possível reconstituir como o bairro foi formado ao longo do tempo, não apenas como resultado de conjuntos habitacionais populares e de ocupações de áreas públicas por diferentes atores. Nessa direção, almejei compreender os sentidos e os caminhos da composição de trajetórias habitacionais como uma importante fonte de conhecimento sobre a vida social. Essas trajetórias e experiências vividas, efetivamente, se entrelaçam às temporalidades e espacialidades do presente e à percepção da casa como processo que entrelaça diferentes dimensões da vida social.

À luz de estudos especializados, constatei que a década de 1990 foi um período com um elevado número de ocupações nos bairros Farrapos e Humaitá, além de um alto número de ocupações irregulares de imóveis existentes na região. Temporalidades marcadas por demandas de moradia, por movimentos comunitários em torno de habitação e pela luta por melhores condições de vida. A circunscrição das áreas, como é possível apreender, foi mediada e legitimada pelos órgãos estatais e pela mobilização coletiva de trabalhadores.

O processo de financeirização da economia imobiliária e de especulação nas materialidades verticalizadas observados no bairro atualmente contrastam com lógicas comunitárias e estatais de produção de moradias populares, ainda na década de 1990. Rumores, reminiscências de ocupações, memórias sobre processos coletivos e individuais e violências que resultaram na constituição de formas de morar fazem parte do cotidiano de quem “luta” para ganhar a vida, nas adjacências da Arena. Como é possível depreender, a construção da nova arena - aclamada pelo imaginário clubístico e pelo teor popular atribuído ao futebol - foi central para que um novo regime de financeirização do espaço urbano fosse consolidado na área.

Novos problemas foram experimentados pelos “vizinhos da Arena”, mas, também, novas socialidades passaram a ser vivenciadas no bojo da execução de um megaempreendimento que mudou as rotinas e as formas de morar na região.

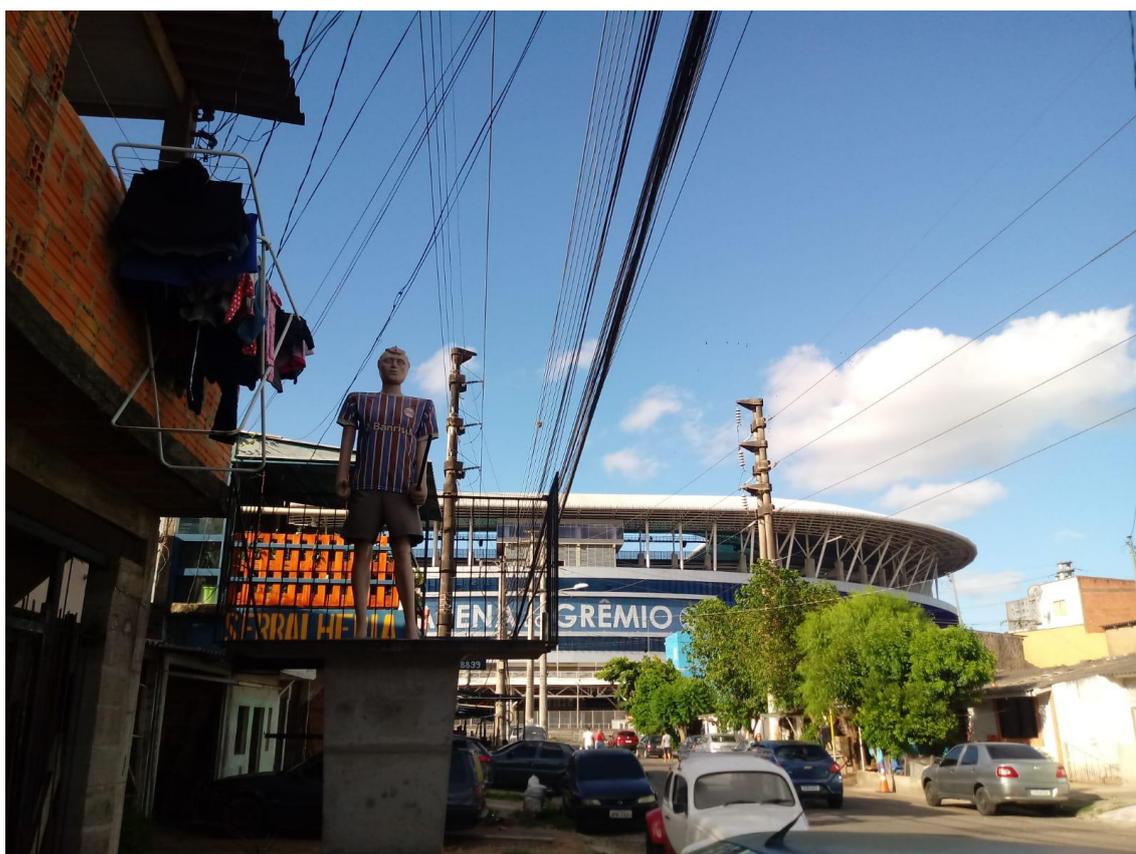


Imagem 54: Estátua (manequim gremista) na rua Frederico Mentz. 9 de dezembro de 2021 (acervo do autor).

Não obstante, o período de realização das obras do estádio foi de efervescência e da abertura de novos comércios. Muitos surgiram para suprir a demanda por alimentação, festividade e lazer dos trabalhadores oriundos de outros

estados. Aqui, um achado etnográfico merece ser destacado: nas práticas econômicas desdobradas no âmbito das casas, não apenas famílias engendraram novas formas de contabilizar e de organizar negócios. Mas, é possível observar como negócios e práticas econômicas também modularam novas relações familiares, a partir de fluxos ordinários e de trocas cotidianas variadas, não apenas mediadas por refeições, mas por relações de afinidade, afeto, cuidado e familiaridade.

Não almejei traçar uma história completa das ocupações e da produção de obras e moradias na região. O recorte temporal de transformações é relativamente recente: sobretudo, destaquei modificações a partir da década de 1990. Desejei modular uma perspectiva processual da constituição de moradias, ressaltando como a cidade e as casas são constituídas como processos sociais que envolvem investimentos cotidianos e de longo prazo, subjetivos e econômicos, com desdobramentos que desvelam lógicas mercantis nos territórios. Significa dizer, em outros termos, que além de vetores externos atuarem constantemente na modulação de casas, outros processos e fluxos definem valores e expectativas associados à construção social dos espaços e às pessoas na territorialização de moradias.

Deste modo, múltiplas temporalidades - associadas a memórias, eventos e à imaginação de futuros -, produzem tensões nos territórios, nas casas e nos comércios. É a partir do momento em que moradores do bairro Farrapos se estabelecem em suas moradias e com os terrenos formalizados, ou acordados com instituições estatais, que a casa passa a ser objeto de investimento, transformada também em espaço de comércio.

No capítulo 2, ampliando as formas de produção da pesquisa etnográfica, recorri a dados produzidos no *survey* com comerciantes moradores. Retraturei mudanças nas disposições e nas apropriações dos espaços das casas, que deixaram de ser apenas residenciais e foram convertidas em espaços comerciais ao longo do tempo. A inauguração da Arena para muitos marca uma data fundadora do seu próprio negócio.

As edificações e disposições das casas existentes antes do estádio contribuíram para a modulação de práticas econômicas, que traduzem modos específicos de compreender e de atuar no mundo econômico. A ideia, reproduzida por alguns interlocutores, de que “toda garagem vira um bar” ilustra como as disposições das edificações favorecem que transações comerciais e financeiras ocorram nos espaços da casa, envolvendo seus residentes e afins.

Sugerindo que o conjunto traduz uma espécie de “enclave comercial” diante da concentração de atividades econômicas em algumas ruas e avenidas do bairro, indiquei que dois modelos de negócios podem ser encontrados em espacialidades próximas à Arena. Um primeiro, no qual o comércio passou a ser a principal fonte de renda de uma família; um segundo, no qual o comércio é uma espécie de fonte de renda complementar, ou fonte de renda extra. Os dois modos são mediados pelas temporalidades dos eventos e, em alguns casos, do cotidiano do bairro (para quem decide abrir seu comércio diariamente).

A ativação deste circuito comercial está relacionada com mudanças nas formas sociais de agir e pensar em termos econômicos. O reconhecimento de moradores como “comerciantes” foi encontrado em muitas residências que modificaram ou ampliaram o leque das trajetórias ocupacionais das pessoas. Descrevi como em muitos comércios famílias inteiras se envolvem no trabalho e gerenciam os ganhos acumulados durante os eventos. Em alguns casos, os lucros fomentam projetos individuais; em outros, viabilizam projetos familiares.

Com ajuda dos dados oriundos do *survey*, reportei quais são os principais produtos comercializados e como eles são armazenados. Isso influencia diretamente a espacialidade e a estética das casas, que são afetadas pela disponibilidade de placas de identificação com publicidade dos fornecedores de produtos, bem como incorporam noções cromáticas e símbolos, nas suas paredes pintadas, que fazem referência ao clube de futebol.

Objetivei analisar como as casas são alteradas e dispostas para incorporarem espaços comerciais em suas áreas internas e externas. Foi importante reiterar como as casas estão imbricadas com os comércios, desestabilizando noções que apartam ou opõem os espaços domésticos com espaços de mercado. Essa imbricação casa-comércio é um aspecto fundamental da modulação das práticas econômicas nos entornos da Arena. Trata-se de um fato vital para que as economias das casas funcionem e para que os mercados de bens consumíveis (principalmente, de bebidas e alimentos) possam operar e permear as casas com fluxos de dinheiro. Saliento a coprodução e imbricação entre espaços domésticos das casas e os espaços comerciais de mercado como aspecto central do contexto analisado.

A descrição dos negócios evidenciou como, funcionando na mesma edificação, residência e comércio podem coexistir de forma imbricada (e não como “mundos hostis”, apartados, sem conexão). Isso produz alterações arquitetônicas e estéticas e

nos sentidos atribuídos aos espaços, permeados por zonas de intimidade, por transações de dinheiro e por redes familiares e de vizinhança, além de relações clubísticas e por práticas comerciais. Os espaços, ademais, podem receber múltiplas funcionalidades (ser garagem, bar, área de lazer e convivência, espaço de organização clubista) a partir de relações temporais manejadas pelos sujeitos em suas socialidades.

Para responder à segunda questão (as conexões entre práticas econômicas, parentesco e casas com temporalidades e transformações urbanas) enfatizei como as relações com o tempo são centrais na organização dos comércios. Assim, foi possível observar maneiras como os interlocutores analisam os horizontes temporais que compartilham.

A abordagem de diferentes temporalidades capturadas pela pesquisa etnográfica esteve associada com o período de sua realização (de 2021 a 2022). Além das temporalidades pandêmicas, vivenciadas de formas distintas e desiguais pelos interlocutores, outros marcadores cronológicos incidem sobre as casas e as práticas econômicas, vinculados como o tempo de realização dos jogos de futebol (que envolve uma preparação, um pré-jogo e um pós-jogo, além de sua realização) e de outros eventos ocorridos na Arena, como shows, por exemplo. Descrevi horizontes temporais que envolvem o dia de jogo ou de show, relações políticas partidárias e clubistas, períodos de reformas e construções de casas, temporalidades dos ganhos, e a sazonalidade de fatores climáticos, dentre outros.

As temporalidades pandêmicas foram ressaltadas. Coube notar como as consequências econômicas e sanitárias da pandemia foram vividas indissociavelmente, gerando diferenças e exprimindo desigualdades. Em um contexto estruturado em múltiplas escalas, mostrei como as temporalidades pandêmicas atravessaram experiências e expectativas de moradores comerciantes. Salientei a percepção de que tempos vividos formam uma noção espacial de experiência, a partir da elaboração de acontecimentos passados. Desdobrando “horizontes de expectativas” compreendi como formas de enxergar, esperar e imaginar futuros produzem, ao longo do tempo, novos espaços de experiência, os quais ainda não podem ser contemplados - diante do devir, esperado como acontecimento distinto do que foi o passado.

No capítulo 3 elucidei também a importância da heterogeneidade das torcidas, dos comércios e de suas práticas econômicas, algo que pode ser ainda aprofundado

etnograficamente. Complementarmente, expus dois exemplos de negócios, chamando a atenção para como os principais e mais constantes públicos frequentadores são fidelizados.

À luz dessas indagações, também busquei recuperar e reconstituir traços da memória de meus interlocutores sobre o período pandêmico. A declaração de que seus comércios são “galinhas que dão ovos de ouro” se associa às temporalidades que traduzem experiências pretéritas à pandemia e, também, expectativas, sobretudo de superação das crises e de retorno do Grêmio à primeira divisão do futebol brasileiro.

Uma das questões na investigação etnográfica foi, justamente, em quais eventos os ganhos são maiores, isto é, quando os comércios lucram mais e como isso se relaciona com o momento esportivo do Grêmio. A resposta reporta ao período marcado por grandes espetáculos, isto é, pelos jogos decisivos e que atraem maior presença de público. As competições internacionais, como era de se esperar, geram maior projeção do clube nas diversas mídias que cobrem o esporte e repercutem na fidelização de um público torcedor, que vai ao jogo disposto a uma verdadeira experiência emocional e de consumo.

Por outro lado, evidenciei como as experiências que exigem a produção de territorialidades torcedoras e a formação de um público consumidor fomentaram mudanças nos horizontes temporais de comerciantes. Esta relação impacta diretamente a mutabilidade das casas investigadas, que tendem a ser permeadas não apenas pelas temporalidades dos eventos, porém, igualmente, outros horizontes temporais sazonais, como o tempo prévio aos eventos, o tempo da política e a própria situação climatológica, além da temporalidade extraordinária da pandemia de COVID-19, vivenciada de diferentes formas pelos moradores e agentes comerciais.

Dediquei o capítulo quatro a responder à última questão: como, do ponto de vista dos moradores comerciantes, é possível “ganhar a vida” nos entornos da Arena. Saliento, como as casas comerciais estudadas coexistem com outras modalidades de comércio na área.

A combinação de diferentes formas de obtenção de dinheiro foi visualizada em diferentes descrições etnográficas durante a dissertação. Chamei a atenção à maneira pela qual interlocutores articulam modos de ganhar dinheiro, mesclando rotinas e cuidados familiares, a multifuncionalidade dos espaços e as temporalidades dos eventos e do cotidiano sem jogos.

A circulação de dinheiro e de bens entre familiares também é um aspecto potencializado a partir da combinação de diferentes práticas econômicas. A constatação de que remessas de dinheiro circulam entre as residências, nas redes e configurações de casas locais, revela como as transações podem ser facilitadas no âmbito familiar ou podem gerar negociações personalizadas com base na intimidade e confiança.

Outro aspecto importante foi a percepção de como as relações entre comerciantes e torcedores não se resumem apenas ao consumo e às trocas financeiras. Concretamente, os vínculos de afinidade e amizade entre torcedores e comerciantes repercutem de várias formas, como nas mudanças das casas que passam a ser objeto de investimento de sujeitos que não fazem parte da família dos próprios moradores comerciantes. Tal fato ficou manifesto quando retratei a mutabilidade das casas em períodos de crise, em reformas que foram financiadas durante a pandemia. Há um componente de personalização, possibilitado também pela relação de pertencimento clubístico e pelas trocas econômicas relacionadas. Assim, torcedores podem ser “amigos”, “investidores”, ou “anjos” e, efetivamente, podem atuar economicamente nas construções, reformas e ampliações das casas e comércios – articulando dinheiro, socialidades e casas num espaço e tempo determinado. Uma tendência, por outro lado, é a ampliação do acesso desses torcedores aos espaços íntimos das casas, ou até mesmo participando nas formas de gestão dos negócios.

Ademais, mostrei como a construção da Arena alterou não apenas a paisagem comercial do bairro, como também ampliou a valorização financeira e imobiliária das casas. As percepções sobre mudanças no mercado imobiliário e nas formas de habitação e comercialização de moradias no bairro estão atreladas ao espaço temporal de concretização da Arena. Além dos rumores de remoções, existem iniciativas variadas de valorização, ampliação e reforma das casas, tendo em vista a venda ou aluguel das edificações residenciais ou comerciais.

As mudanças no mercado imobiliário são notadas e percebidas por muitos moradores, como efeito direto dos novos empreendimentos no bairro. Categorias como “progresso”, “melhoria”, “crescimento” e “desenvolvimento” foram mobilizadas por diferentes interlocutores quando narraram suas perspectivas sobre aspectos positivos da construção e inauguração do estádio na localidade. Além do destaque para o aumento do número de comércios e de serviços públicos, outros dois pontos

foram salientados: a valorização econômica de imóveis e ampliação da especulação imobiliária (“as casas pegaram preço”, disseram alguns, sinalizando novos valores para compra e venda, além de aluguel de moradias); e, ainda, a ampliação da infraestrutura urbana (asfaltamento de vias, alargamento de calçadas, construção de viadutos, ampliação da rede elétrica e de tratamento de esgoto, dentre outros). Mostrei também aspectos negativos comunicados nas avaliações dos participantes da pesquisa, o que revela como o processo de materialização desses empreendimentos é visto como heterogêneo e vivido desigualmente.

De modo geral, na dissertação busquei ressaltar a casa-comércio como “fio condutor” para pensar processos cotidianos e eventos extraordinários, considerando a co-constituição entre pessoas e casas, visto que, quando as pessoas fazem casas e coisas, fazem a si mesmas e os mundos que habitam (CARSTEN, 2004; MOTTA, 2014). Notar as casas como espaços de vida de um conjunto de pessoas e de suas transformações ao longo do tempo, mediante influências políticas e macroeconômicas mais amplas, traduz uma visão que as considera como parte de processos dinâmicos, atrelados a novas socialidades.

A pesquisa esteve temporalmente marcada. O empreendimento etnográfico se concentrou no período de novembro de 2021 a novembro de 2022. Ressalto a relevância trabalhar com a observação participante, entrevistas, *survey*, produção de materiais fotográficos e com a investigação em fontes documentais e bibliográficas. Essa combinação, evidentemente, enriqueceu a dissertação, proporcionando novos pontos de vista sobre os processos analisados. O maior desafio, além de “conhecer melhor o que me era familiar”, foi desdobrar a investigação diante das incertezas e temporalidades da pandemia de COVID-19, que restringiu o trabalho de campo, em alguns momentos. O avanço da vacinação sem dúvida permitiu que a pesquisa fosse feita com segurança e conforme os protocolos sanitários. Evidência de que escalas mais amplas, sobretudo da política de saúde nacional e global, interferiram na elaboração do presente estudo. Por outro lado, pude apreender diferentes de como as pessoas navegam nas incertezas e buscam estabilizar seus planos.

Por fim, cabe apontar que a dissertação pode ser desdobrada em uma investigação futura. Durante a pesquisa, noções como “ganhar a vida”, “ganhar dinheiro”, “fazer um extra” foram acionadas pelos interlocutores, sendo categorias atreladas às suas práxis no mundo econômico. Uma investigação futura, portanto,

poderia refletir sobre como as formas de “ganhar a vida” podem ser desdobradas e analisadas em termos empíricos e teóricos.

Minha jornada para a fabricação da dissertação foi trabalhosa, porém gratificante. Encarei o processo gradualmente, sem entrar nos imediatismos acadêmicos, lidando com as ansiedades de viver em tempos de pandemia e buscando refletir sobre os diferentes modos de fazer a etnografia. Foi percorrendo casas, comércios e temporalidades que pude identificar perspectivas locais e analisar como diferentes práticas econômicas foram e são moduladas nos entornos da Arena Porto-Alegrense, ou, simplesmente, da Arena do Grêmio.

REFERÊNCIAS

ABRANTES, Felipe Vinícius de Paula. Quando o bar se torna estádio: um estudo acerca do torcer em bares de Belo Horizonte. *Dissertação de mestrado*. Belo Horizonte: Programa Interdisciplinar em Estudos do Lazer da Universidade Federal de Minas Gerais, 2015, 144 p.

ALVES, Cristina Cordeiro. “Posso morrer pelo meu time”: a construção social da rivalidade clubística entre Grêmio e Internacional e a sua relação com as violências no futebol. *Dissertação de mestrado*. Programa de Pós-Graduação em Sociologia - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

ANDRADE, Ignácio Dias de. "A gente já nasce lutando": a desocupação do Pinheirinho, a política entre o formal e o informal. *Revista De Antropologia*, 56(1), p. 45-79, 2013.

ARAUJO SILVA, Marcela M. Obras, casas e contas: uma etnografia de problemas domésticos de trabalhadores urbanos no Rio de Janeiro. Tese (Doutorado em Sociologia) – Instituto de Estudos Sociais e Políticos, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017, 292 p.

BAILEY, Frederic. Gifts and Poison. In: F.G. Bailey. (Ed.). *Gift and Poison: the Politics of Reputation*. New York: Schocken Books, p.1-25, 1971.

BABBIE, Earl. *Métodos de Pesquisas de Survey*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001, 519 p.

BOURDIEU, Pierre. *Argelia 60 - Estructuras económicas y estructuras temporales*. Buenos Aires: Siglo XXI Editores, 2006.

BIEHL, João e NEIBURG, Federico. Dossiê: “Oikography: Ethnographies of Housing in Critical Times”, *Cultural Anthropology* 36 (4), 2021.

CALDEIRA, Teresa, 2003, Cidade de Muros. São Paulo, Editora 34/Edusp.

CAMPOS, Marcos. Sobre o corre da arte: uma etnografia dos futuros vividos e do ganhara vida na cidade do Rio de Janeiro. Tese de doutorado, IESP/UERJ, 2022, 311 p.

CARSTEN, Janet. “Houses of memory and kinship”. *After Kinship*. Cambridge, Cambridge University Press. p. 31-56, 2004.

_____. A matéria do parentesco. *R@u - Revista de Antropologia da UFSCAR*, p.147-159, 2014.

CARSTEN, Janet; HUGH-JONES, Stephen. “Introduction”. In: Janet Carsten e Stephen Hugh-Jones (Eds.). *About the house*. Levi-Strauss and beyond. Cambridge, Cambridge University Press. p. 1-46, 1995.

CARVALHO, José Eduardo de. *Dinheiro: 150 anos de futebol*. São Paulo: SESI-SP Editora, 2013.

CAVALCANTI, Mariana. Do barraco à casa: tempo, espaço e valor(es) em uma favela consolidada. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 24(69), p. 69-80, 2009.

CELI, João Rodrigo Warlett. O impacto dos jogos da dupla GreNal na venda avulsa do jornal Zero Hora. Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação (Bacharel em Administração), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2011.

CORTADO, Thomas Jacques. “Casas feitas de olhares: uma etnografia dos muros em um loteamento periférico do Rio de Janeiro”, *Revista Etnográfica* [Online], vol. 24 (3), 2020.

CRUZ, Antonio Holzmeister Oswaldo. A virada econômica no futebol: observações a partir do Brasil, Argentina e uma Copa do Mundo. Tese de Doutorado em Antropologia Social/Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2010, 228 p.

DAS, Veena. “Critical Events: an anthropological perspective on contemporary India”. Nova York, Oxford University Press, 1995.

_____. “Vida e Palavras. A violência e sua descida ao ordinário”. São Paulo: Editora Unifesp, 2020.

DAMO, Arlei. Para o que der e vier: o pertencimento clubístico no futebol brasileiro a partir do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense e seus torcedores. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1998, 247p.

_____. *Futebol e identidade social: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.

_____. Do dom à profissão: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França. Tese de Doutorado em Antropologia Social - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005, 435 p.

_____. Dos Grounds às arenas – as quatro gerações de estádios brasileiros em perspectiva antropológica. *Museologia e Patrimônio*. Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, p. 212-246, 2021.

DOUGLAS, Mary. “The idea of a home: a kind of space”. *Social Research*, p. 287-307, 1991.

ECKERT, C. “A cultura do medo e as tensões do viver a cidade: narrativa e trajetória de velhos moradores de Porto Alegre”. In: MINAYO, MCS., and COIMBRA JUNIOR, CEA., orgs. Antropologia, saúde e envelhecimento [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, *Antropologia & Saúde*, p. 73-102, 2002.

ELIAS, Norbert. *Sobre o tempo*. Michael Schröter (ed.). Tradução de Vera Ribeiro e revisão de Andréa Daher. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1998.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. *A busca da excitação: desporto e lazer no processo civilizacional*. Tradução de Maria Manuela Almeida e Silva. Lisboa: Difel, 1992.

GEERTZ, Clifford. *Le souk de Sefrou: sur l'économie du bazar*. Trad. Daniel Cefai. Saint-Denis, Bouchene, 2003.

GIULIANOTTI, Richard. Sport Spectators and the Social Consequences of Commodification. *Journal of Sport and Social Issues*, 2005; 29; 386.

GUDEMAN, Stephen; RIVERA, Alberto. *Conversations in Colombia: The Domestic Economy in Life and Text*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

GUDEMAN, Stephen. *Anthropology and Economy*. Cambridge: Cambridge University Press, 2016. 233 pp.

GUPTA, Akhil. The Future in Ruins. Thoughts on the temporality of infrastructure. In: ANAND, Nikhil; GUPTA, Akhil; APPEL, Hannah (Ed.). *The promise of infrastructure*. Duke University Press, 2018.

GASTALDO, Édison. "O complô da torcida": futebol e performance masculina em bares. *Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre, v. 11, n. 24, p. 107-123, 2005.

HARAWAY, Donna. "Saberes Localizados: A Questão da Ciência para o Feminismo e o Privilégio da Perspectiva Parcial". *Cadernos Pagu*, 5, p. 7-41, 2009 [1995].

INGOLD, Tim. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 18, n. 37, p. 25-44, 2012.

KOSELLECK, Reinhart. "'Espaço de experiência' e 'horizonte de expectativa': duas categorias históricas". *Futuro passado*. Rio de Janeiro: Contraponto, p. 305-327, 2006.

KOSELLECK, Reinhart; RITCHER, Michaela W. "Crisis". *Journal of the History of Ideas*, 67(2), p. 357-400, 2006.

LEITE LOPES, José Sérgio. Le Maracanã, cœur du Brésil. In: *Sociétés & Représentations*. Football & Sociétés, n° 7, Paris: CREDHESS, 1998.

LOMNITZ, Larissa. *¿Como sobreviven los marginados?* Siglo XXI-Editores, 1973.

LÉVI-STRAUSS, Claude. 1991. "Maison". In: P. Bonté; M. Izard (orgs.), *Dictionnaire de L'Ethnologie et de L'Anthropologie*. Paris: PUF. pp. 434-436.

L'ESTOILE, Benoît de; NEIBURG, Federico. "Governing the house: an ethnographic approach (introduction)", *Revista Etnográfica*, vol. 24 (3), p. 655-664, 2020.

MACHADO DA SILVA, Luiz Antonio. *O Mundo popular: trabalho e condições de vida*. Organização Mariana Cavalcanti, Eugênia Motta e Marcella Araujo. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens, 2018.

MAGNANI, José Guilherme. "De perto e de dentro: notas para uma Etnografia Urbana". *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. vol. 17, n. 49, p. 11-29, 2002.

MANDELLI, Mariana. Allianz Parque e Rua Palestra Itália: Práticas torcedoras em uma arena multiuso. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. 224 p.

MARTINS, Daiane Grillo. Manifestações torcedoras e território: inter-relações das imediações de um estádio de futebol. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Federal de Pelotas, 2019, 101 p.

MARTINS, Daiane Grillo; KNUTH, Alan Goularte. Manifestações torcedoras e território: configurações das imediações da Arena do Grêmio. *Movimento*. Porto Alegre, v. 26, p. 1-15, 2020.

MARX, Vanessa; ARAÚJO, Gabrielle; SOUZA, Vitória de. "Relação global-local e transformação urbana no 4º distrito de Porto Alegre". In: *Revista Política e Planejamento Regional*. RPPR, Rio de Janeiro, vol. 8, nº 2, p. 273-296, 2021.

MARCELIN, Louis Hems. "A invenção da família afro-americana: família, parentesco e domesticidade entre os negros do Recôncavo da Bahia", Brasil. Tese de Doutorado em Antropologia Social/Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1996.

MARTINS, Daniella Paula. O Humaitá de ontem, de hoje e de amanhã. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2010, 126 p.

MASCARENHAS, Gilmar. À Geografia dos esportes. uma introdução. *Scripta Nova. Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales*. Universidad de Barcelona, nº 35, 1999.

MOTTA, Eugênia. "Houses and economy in the favela". *Vibrant - Virtual Brazilian Anthropology*, ABA, Brasília. volume 11 (1), p. 118-158, 2014.

NEIBURG, Federico. (2010), "Os sentidos sociais da economia". In: DUARTE, Luiz Fernando Dias (org.). *Horizontes das ciências sociais no Brasil: antropologia*. São Paulo, Anpocs/Barcarolla/ Discurso Editorial, pp. 225-258.

_____. Buscando a vida na economia e na etnografia. *Mana*, 28 (2), p. 1-31, 2022.

NORMANN, Tássia Coser. "A Arena do Grêmio e o Bairro Liberdade e sua relação com a financeirização da produção da metrópole de Porto Alegre". Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2020, 225 p.

PALMEIRA, Moacir. Feira e Mudança Econômica. *Vibrant – Virtual Brazilian Anthropology*, v. 11, n. 1. January to June 2014. Brasília, ABA.

PALMEIRA, Moacir; HEREDIA, Beatriz M. A. de. *Política Ambígua*. Rio de Janeiro: Ed. Relume-Dumará. Núcleo de Antropologia da Política (NuAP), 2010.

PINTO, Vinícius Teixeira. Sociedades do torcer – uma etnografia da política e dos faccionalismos a partir de clubes de futebol no Brasil. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. IFCH: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS, 2022, 408 p.

O'DONNELL, Julia; SAMPAIO, Lilian Amaral de; CAVALCANTI, Mariana. Entre futuros e ruínas: os caminhos da Barra Olímpica. *Dilemas*, Rev. Estud. Conflito Controle Soc. Rio de Janeiro, Vol. 13, n. 1, p. 119-146, 2020.

OLIVEIRA, Eduardo Minossi de. Do campo à arena: a transformação do papel dos estádios de futebol na dinâmica urbana em Porto Alegre, dos anos 50 aos dias de hoje. Porto Alegre. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Geografia), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

RIBEIRO, Gustavo Lins. “Bichos-de-obra: Fragmentação e reconstrução de identidades”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 18, p. 30-40, 1992.

SCHERER, Mathias Inácio. Construção e reforma: Viva a copa e adeus ao torcedor! Modernização dos estádios em Porto Alegre em tempos de políticas neoliberais, 1989-2011. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

SILVA, Fábio D. da. Os torcedores e o Novo Maracanã: emoção e espaço nas arenas esportivas contemporâneas. Tese de Doutorado, Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

SIMONE, Abdou Maliq. People as infrastructure: Intersecting fragments in Johannesburg. *Public culture*, v. 16, n. 3, p. 407-429, 2004.

TOLEDO, Luiz Henrique de. “Quase lá: a Copa do Mundo no Itaquerao e os impactos de um megaevento na socialidade torcedora”. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, 19, n. 40, p. 119-148, 2013.

VELHO, Gilberto. Observando o Familiar. In: NUNES, Edson de Oliveira. *A Aventura Sociológica*, Rio de Janeiro, Zahar, p. 121-132, 1978.

VIANNA, Adriana. 2020. “Vida, Palavras e Alguns Outros Traçados: Lendo Veena Das”. *Mana*, 26(3): 1-20.

ZELIZER, Viviana. “The social meaning of money: ‘special monies’”. *American Journal of Sociology*, 95 (2), p. 342-377, 1989.

_____. *A negociação da intimidade*. Coleção Sociologia. Tradução de Daniela Barbosa Henriques. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. 310 p.

ANEXOS

Anexo I - Survey



Survey - Caracterização dos comércios dos entornos da Arena do Grêmio

O questionário está dividido em três blocos temáticos: 1) Dados de identificação; 2) questões sobre o comércio; 3) perguntas sobre a casa e composição familiar.

BLOCO 1 – Identificação

Nome:	
Idade:	Identidade de Gênero:
Local de nascimento:	
Profissão:	Aposentado: () Sim () Não
Experiências profissionais:	
Estado civil:	
Local de moradia: () bairro Farrapos () outro bairro, qual?	
Localização da casa: () Av. PLB (Padre Leopoldo Brentano) () AJ Renner () Outra rua:	
Caso seja morador, quanto tempo mora no bairro Farrapos?	
Se for o caso, onde morava antes? () Outro bairro de POA () Interior - Qual bairro/município? _____	
Se não morava antes, como chegou a ir morar no bairro? (descritiva).	

BLOCO 2 - Comércio:

Nome do comércio (Você tem um... bar/restaurante/boteco/barraca)? - Priorizar a categorização do interlocutor.	
Você tem outros negócios? () Sim () Não Se sim, qual?	

Quando seu comércio foi aberto? Em que ano?
Quando (em que situação) o seu comércio abre? <input type="checkbox"/> Apenas em dias de jogos <input type="checkbox"/> Em dias de jogos e shows, eventos <input type="checkbox"/> Diariamente <input type="checkbox"/> Não tem frequência definida
Qual o horário de funcionamento?
Como você decidiu abrir o seu próprio negócio no bairro?
Por qual motivo você decidiu abrir o seu próprio negócio no bairro? (analisar resposta anterior). <input type="checkbox"/> Obter renda <input type="checkbox"/> Obter renda extra <input type="checkbox"/> Para realizar um projeto de vida, qual?
* Caso seja aposentado, como você escolheu abrir o comércio e voltar a trabalhar?
Quantas pessoas trabalham em seu negócio? <input type="checkbox"/> 1 <input type="checkbox"/> 2 <input type="checkbox"/> 3 <input type="checkbox"/> 4 <input type="checkbox"/> 5 Quem são? <input type="checkbox"/> familiares <input type="checkbox"/> amigos <input type="checkbox"/> vizinhos <input type="checkbox"/> Outros, quem? _____ (Colocar o número de cada grupo em parênteses).
Quem são os familiares que trabalham em seu negócio? <input type="checkbox"/> filhos <input type="checkbox"/> esposa <input type="checkbox"/> irmão/ã <input type="checkbox"/> outros, quem? _____
Quais produtos você vende em seu comércio? <input type="checkbox"/> bebidas (refrigerantes, cervejas, sucos, outras) <input type="checkbox"/> Alimentos, quais? <input type="checkbox"/> Outros, quais?
Como eles são armazenados em sua casa? <input type="checkbox"/> tem estoque/local próprio <input type="checkbox"/> sem local específico
Qual a contribuição dos ganhos para o orçamento doméstico? <input type="checkbox"/> Contribui bastante <input type="checkbox"/> Contribui um pouco <input type="checkbox"/> O dinheiro ganho é usado para outros fins
Em caso de seu negócio ser a sua principal fonte de renda, quantos são sustentados por ela?
O que você fez durante a pandemia para sustentar a sua família? <input type="checkbox"/> Viveu com a aposentadoria <input type="checkbox"/> Pediu dinheiro emprestado <input type="checkbox"/> Recebeu ajuda do governo <input type="checkbox"/> Trabalhou em outras ocupações, quais? _____

BLOCO 3 – Casa

Quantos andares tem em sua casa? () 1 () 2 () 3 () 4
Você modificou/reformou a sua casa para abrir o bar? () Sim () Não precisou.
O que tem em cada andar? 1° andar _____ 2° _____ 3° _____
Quantas pessoas moram na casa?
Antes de abrir o seu negócio, quem morava na casa?
Você é proprietário do imóvel, ou aluga? () imóvel próprio () alugado
Tem familiares no bairro? Moram na sua casa ou em outras?
Tem familiares com outros comércios no bairro? () Não () Sim, quais?

Questões qualitativas:

Como notou a chegada da Arena no bairro? O que significou pra você?

Como você é a relação do Grêmio com os comerciantes?

Que planos você tem planos para o negócio? Quais seus projetos para o futuro?

Roteiro de observação:

- Localização da casa:

- Arquitetura:

- Vizinhança:

- Disposições estéticas (placas, cores, portões, muros etc.):